

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA**

LUCIANA WIETCHIKOSKI

**A ATUAÇÃO INTERNACIONAL DO BRASIL NO SÉCULO XXI: AS VISÕES DOS
PRINCIPAIS *THINK TANKS* ESTADUNIDENSES (2003-2016)**

Porto Alegre

2018

LUCIANA WIETCHIKOSKI

**A ATUAÇÃO INTERNACIONAL DO BRASIL NO SÉCULO XXI: AS VISÕES DOS
PRINCIPAIS *THINK TANKS* ESTADUNIDENSES (2003-2016)**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Munhoz Svartman

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Wietchikoski, Luciana

A atuação internacional do Brasil no século XXI: as visões dos principais think tanks estadunidenses (2003-2016) / Luciana Wietchikoski. -- 2018.

287 f.

Orientador: Eduardo Munhoz Svartman.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. think tanks. 2. países emergentes. 3. política externa. 4. Brasil. I. Munhoz Svartman, Eduardo, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

LUCIANA WIETCHIKOSKI

**A ATUAÇÃO INTERNACIONAL DO BRASIL NO SÉCULO XXI: AS VISÕES DOS
PRINCIPAIS *THINK TANKS* ESTADUNIDENSES (2003-2016)**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciência Política.

Aprovada em: Porto Alegre, _____ de _____ de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Eduardo Munhoz Svartman – Orientador
UFRGS

Profa. Dr. André Luiz Reis da Silva
UFRGS

Prof. Dra. Camila Feix Vidal
FURG

Prof. Dr. Mark Steven Langevin
GMU

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao meu orientador, Eduardo Munhoz Svartman. Incentivando-me a prosseguir meus estudos para além da graduação, nossas conversas ao longo dos anos foram fundamentais para me manter perseverante e firme nos meus objetivos acadêmicos. Em uma década de orientação, ao mesmo tempo em que preservou minha autonomia, foi exemplarmente cuidadoso e comprometido com o meu desenvolvimento intelectual. Meu muito obrigada.

A minha família, em especial a minha mãe, Pelágia, minha irmã Lisiane, irmão gêmeo Lucas e minha sobrinha Carol. Quando tudo parecia dar errado, estiveram ao meu lado me apoiando.

Aos meus amigos que já estão no meu coração há muito tempo, Leo, Dora e Cris. Não importando a distância, sempre acreditaram, incentivaram e me apoiaram das mais diversas formas.

A Sandra, Juliano e a pequena (e muito encantadora) Camila, por todo o carinho e amor compartilhado comigo.

Aos amigos que ganhei ao longo desta pós-graduação, Marcus Hulk, Ossago, Conceição, Eduardo Garcia e Ana. Cada um merecia um agradecimento especial, mas minha tese já se alongou demais e vocês sabem o quanto estimo cada um!

A Renata, rara e pacienciosa amiga! Companheira de encontros e seminários, foi, junto com o orientador, a pessoa que mais leu e releu este trabalho.

A internacionalista Camila Vidal, de colega também se tornou uma amiga. E mais, participou do processo da construção e concretização desta tese, primeiramente com suas contribuições na qualificação e agora como membro da banca examinadora.

Ao grupo de pesquisa formado pelo professor Eduardo em 2014, André Moraes e Fernando Preusser. Grandes parceiros para trocas de informações, experiências e elaboração de trabalhos conjuntos sobre *think tanks*!

Aos professores Mark Langevin e André Reis que prontamente aceitaram fazer parte da banca examinadora desta tese.

A UFRGS, pelo ensino de alta qualidade. A CAPES, por me oportunizar ter dedicação exclusiva a este trabalho.

Também não poderia deixar de agradecer a Kotke e a Mima, minhas gatinhas companheiras fiéis nos momentos solitários da escrita.

Tommy fita em mim os olhos dum azul de lagoa parada em dia de céu limpo. Franze o cenho, entorta a cabeça e, mudando de tom:

— Perdoe a curiosidade, *sir*. Mas de onde é o senhor?

— Do Brasil. Conheces o Brasil?

— Oh...O país de onde vem o café.

— Isso mesmo, Tommy. O café. Mas toma nota do que te digo. Um dia ainda hão de falar muito do Brasil. Todo mundo.

Érico Veríssimo: Gato preto em campo de neve, 1941.

RESUMO

Esta tese apresenta e analisa as visões dos principais *think tanks* especializados em política externa dos Estados Unidos sobre a atuação internacional do Brasil de 2003 a 2016. Em específico, identifica quais foram os enquadramentos dados pelos institutos ao País na ordem global no período.

A primeira década e meia do século XXI foi caracterizada por mudanças na distribuição de poder global. Além do protagonismo chinês e russo, da criação de novos fóruns internacionais e da erosão da legitimidade dos Estados Unidos como líder da ordem, países intermediários buscaram maior independência internacional. O Brasil, com um discurso de crítica ao custo da globalização no final da gestão de Fernando Henrique Cardoso, o desenvolvimento de uma política externa voltada a uma maior diversificação e autonomia internacional na gestão de Lula da Silva e com uma manutenção — ainda que em níveis mais baixos de protagonismo — na gestão de Dilma Rousseff, elevou seu *status* global e foi reconhecido como um dos países intermediários acima apontados.

Esse ciclo de política externa do Brasil suscitou nos Estados Unidos uma série de iniciativas políticas para compreender e elaborar políticas a essa nova realidade. Partindo-se do principal pressuposto construtivista de relações internacionais, o qual afirma que os interesses nacionais são socialmente construídos, esta tese se focou em identificar e analisar quais foram as formulações estratégicas presentes em um dos importantes locais de formação, reprodução e divulgação de ideias vocacionadas para modelar o debate público e influenciar a formulação de políticas públicas nos Estados Unidos, os *think tanks*.

O resultado da análise do conteúdo nos trezentos e vinte e sete documentos identificados demonstraram que as ações externas do Brasil no período, combinados a fatores domésticos de estabilidade política e econômica, definiram o País como um ator regional fundamental e um ator global em ascensão. Contudo, não houve consenso em relação a contenção ou socialização do Brasil na ordem global. Ao contrário do que a literatura sobre *think tanks* induz, institutos ditos liberais não necessariamente defenderam a socialização do Brasil, como institutos considerados conservadores, também não defenderam tão somente a contenção do País.

Palavras-chave: Política externa. *Think tanks*. Países emergentes. Brasil.

ABSTRACT

This thesis presents and analyses the views of the main foreign policy think tanks in the United States of America on Brazil's international performance between 2003 and 2016. In particular, it identifies how these institutes portrayed Brazil's position in the global order during that period.

The first fifteen years of the 21st century were marked by changes in the global distribution of power. Besides the Chinese and Russian prominence, the creation of new international forums and the erosion in America's legitimacy as the leader of the international order, middle powers sought greater independence. With the critical stance towards the costs of globalization in the end of Fernando Henrique Cardoso's administration, the architecting of a foreign policy focused in greater diversification and international autonomy during the Lula da Silva years and the follow-up of this approach – although at lower levels of activism – during Dilma's government, Brazil had its global profile heightened and was recognized as one of such middle powers.

This cycle in Brazil's foreign policy prompted a series of political initiatives to try and comprehend this new reality, as well as to propose policy accordingly. Adhering to the Constructivist principle in International Relations that the national interest is a social construct, this thesis aims to identify and analyse what were the strategic concepts brought by one of the main centers of creation, reproduction and diffusion of ideas that model the public debate and influence the public policy-making in the United States: the think tank.

The results of the content analysis of 326 documents show that the international performance of Brazil in the 2003-2016 period, combined with domestic elements of political and economic stability, defined the country as an essential regional player and an international one on the rise. However, no consensus was found regarding the containment or international socialization of Brazil in the global order as a resulting policy. As opposed to what the think tank literature may suggest, divisions were not found on political lines. Both liberal and conservative institutes advocated for the containment or socialization strategies.

Key words: Foreign policy. Think tanks. Emerging powers. Brazil.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC- Agência Brasileira de Cooperação

AEI- American Enterprise Institute

BNDES- Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

BRICS- Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul

BROOKINGS- Brookings Institutions

CARNEGIE- Carnigie Endowment for International Peace

CASA- Comunidade Sul-Americana de Nações

CELAC- Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos

CFR- Council on Foreign Relations

CNAS- Center for a New American Security

CPLP - Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

CSONU- Conselho de Segurança da Organizações das Nações Unidas

FHC- Fernando Henrique Cardoso

FMI- Fundo Monetário Internacional

G20 FINANCEIRO- Grupo formado pelos ministros de finanças e chefes dos bancos centrais das 19 maiores economias do mundo mais a União Europeia, criado em 1999.

G20 GRUPO COMERCIAL- Grupo do 20, 2003, Genebra. Formado pelos países: África do Sul, Egito, Tanzânia, Zimbábue, China, Filipinas, Índia, Indonésia, Paquistão, Tailândia, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Cuba, Equador, Guatemala, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

G4 - Grupo formado por Alemanha, Brasil, Índia e Japão

G7- Grupo formado por Estados Unidos, Canadá, Alemanha, França, Itália, Japão e Reino Unido

IBAS- Índia, Brasil e África do Sul

LULA DA SILVA- Luiz Inácio Lula da Silva

HERITAGE- Heritage Foundation

DILMA ROUSSEFF - Rouseff

WOODROW WILSON INTERNATIONAL CENTER FOR SCHOLARS - Wilson Center

ZOOPACAS - Zona e Paz e Cooperação do Atlântico Sul

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	12
2 OS THINK TANKS E A INTERAÇÃO COM O PROCESSO DE FORMULAÇÃO DE IDEIAS DE POLÍTICA EXTERNA NOS ESTADOS UNIDOS.....	31
2.1 Uma breve história dos think tanks: os caminhos para consolidação como atores do debate político nacional estadunidense	32
2.2 Os fatores institucionais e culturais da política nacional estadunidense que possibilitaram a interação entre o espaço político e os think tanks	39
2.3 O cotidiano dos think tanks	42
2.4 Considerações finais	51
3 OS THINK TANKS SELECIONADOS E SUAS PRODUÇÕES DISCURSIVAS: CONTEXTUALIZANDO O DEBATE SOBRE A ATUAÇÃO INTERNACIONAL DO BRASIL.....	54
3.1 Os think tanks liberais	54
3.2 Os think tanks conservadores	70
3.3 Considerações finais	73
4 O BRASIL NA AMÉRICA LATINA: REGIONAL POWER ALIADO NA MANUTENÇÃO DA ORDEM LIBERAL?.....	77
4.1 Brookings Institution.....	77
4.2 Council on Foreign Relations	83
4.3 Wilson Center	91
4.4 Center for a New American Security.....	95
4.5 American Enterprise Institute.....	97
4.5 Heritage Foundation.....	102
4.6 Considerações finais	107
5 BRASIL NA ÁFRICA: ATOR GLOBAL ALIADO DOS ESTADOS UNIDOS?	111
5.1 Brookings Institution.....	112
5.2 Council on Foreign Relations	119
5.3 Woodrow Wilson Center.....	126
5.4 Center for New American Security	130
5.5 Considerações finais	132

6 ATUAÇÃO DO BRASIL NO ORIENTE MÉDIO: UM MEDIADOR GLOBAL ALINHADO AOS INTERESSES ESTADUNIDENSES?.....	134
6.1 Brookings Institution.....	135
6.2 Council on Foreign Relations	143
6.3 Wilson Center	151
6.4 Carnegie Endowment International for Peace	153
6.5 Center for a New America Security.....	158
6.6 Heritage Foundation.....	161
6.7 Considerações finais	169
7 O BRASIL E OS FÓRUNS MULTILATERAIS INTERNACIONAIS BRICS E IBAS: IMPLICAÇÕES À ORDEM GLOBAL.....	173
7.1 O Brasil e o grupo BRICS.....	173
7.2 Considerações finais sobre a atuação do Brasil no BRICS	187
7.3 O Brasil e o fórum IBAS	189
7.3 Considerações finais sobre o fórum IBAS	202
CONCLUSÃO	204
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	215
APENDICE I- LISTA DA PRODUÇÃO DISCURSIVA SELECIONADA POR THINK TANK.....	249
APENDICE II - LISTA POR THINK TANK DE DOCUMENTOS SELECIONADOS QUE FORAM PUBLICADOS NA MÍDIA NACIONAL E INTERNACIONAL.....	280
APENDICE III - LISTA DE DOCUMENTOS COM PÚBLICAÇÃO NA FOREIGN AFFAIRS E FOREIGN POLICY.....	287

1. INTRODUÇÃO

Durante a primeira década e meia do século XXI, o Brasil viveu um ciclo de maior protagonismo externo, o que resultou em uma elevação da sua atuação global e, em meio a uma nova dinâmica do sistema internacional, envolveu o País na construção de importantes espaços de uma ordem mais multipolar. Com os primeiros indicativos dados ao final do governo Fernando Henrique Cardoso, quando o País assumiu uma posição internacional bastante crítica ao custo da globalização, foi durante o governo de Lula da Silva (2003 a 2010) que este processo se expandiu e se desenvolveu (CERVO; LESSA, 2014; CERVO 2010; REIS; ANDRIOTTI, 2012; REIS, 2008, 2015; VIGEVANI; CEPALUNI, 2007).

Em busca de maior autonomia e diversificação, o Brasil se colocou como um dos líderes do Sul Global, mobilizou a comunidade internacional para discutir possíveis reformas das principais instituições multilaterais, participou da criação de novas coalizões internacionais — tais como BRICS (Brasil, Rússia, China e África do Sul), G-20 Comercial e IBAS (Índia, Brasil e África do Sul) —, conduziu a criação de fóruns regionais como a União das Nações Sul-Americanas (UNASUL) e Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC). Ademais, além de intensificar as relações na América do Sul, também ampliou seu entorno estratégico projetando o País política e economicamente à África e ao Oriente Médio (AMORIM, 2015; CERVO; LESSA, 2014; CERVO 2010; FLEMES, 2010; REIS; ANDRIOTTI, 2012; REIS, 2015; VIGEVANI; CEPALUNI, 2007; VIZENTINI, 2016).

Essa visão de mundo e estratégias se mantiveram por mais cinco anos, durante a presidência de Dilma Rousseff — também do mesmo partido de Lula da Silva, o Partido dos Trabalhadores (PT). Porém, em razão de uma crescente crise política e econômica doméstica, um cenário internacional mais desfavorável e uma mudança no próprio perfil presidencial — então menos proativo internacionalmente —, o ciclo se retraiu a níveis mais baixos de protagonismo. Nesse contexto, por exemplo, o Brasil continuou sua busca pela ampliação do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSONU), mas seu impulso foi menor, a prioridade de projeção ao continente africano se manteve, mas os recursos orçamentários à assistência técnica e as trocas comerciais diminuíram (CERVO; LESSA, 2014; CORNETET, 2014; SARAIVA, 2014).

Este ciclo se encerrou em abril de 2016, quando o vice Michel Temer assumiu a presidência da república — primeiramente como interino e findo o processo de *impeachment* de Rousseff, como presidente oficial até o final de 2018. A partir da sua administração, houve a troca dos principais cargos-chave de política externa e realizou-se uma nova interpretação do sistema internacional. Nesse ambiente, o Brasil abandonou o discurso reformista, distanciou-se da África e América Central, privilegiou a solução de conflitos regionais via organismos multilaterais regionais tradicionais e assumiu um discurso voltado a priorização de acordos de livre comércio com a Europa e os Estados Unidos (CASARÕES, 2016; SVARTMAN; SILVA, 2016; NUNES; RODRIGUES, 2017).

Em termos de inserção global do Brasil, verifica-se que o conjunto das ações externas desenvolvidas entre 2003 a 2011 e mantidas até 2016, colocou o País em um dos principais debates do sistema internacional na primeira década do século XXI: os rumos do ordenamento global liberal¹. O Brasil, com seu ciclo de ações externas mais protagonicas e elevado crescimento econômico registrado na primeira década dos anos 2000 (somado aos tradicionais fatores de tamanho territorial, populacional e recursos naturais), foi considerado um dos chamados “novos” atores globais (HURREL, 2006; FLEMES, 2010; KAHLER, 2013; SVARTMAN, 2016; VEZIRGIANNIDOU, 2013).

Estes atores — compostos principalmente pela Rússia que retomou seu protagonismo, pela China que ascendeu economicamente e por países intermediários (afora o Brasil), como Índia, Turquia e em menor medida África do Sul — ao longo do período desenvolveram ações individuais ou através de articulações políticas em bloco (como os já citados BRICS e IBAS) que lhes projetaram ou intensificaram sua presença a diversas regiões e, alteraram os rumos dos processos decisórios multilaterais importantes, como a Rodada Doha da Organização Mundial do Comércio (OMC), por exemplo. No seu conjunto, esta nova dinâmica estava conduzindo a uma redistribuição

¹ Conceito o qual se refere a organização internacional promovida pelos Estados Unidos a partir de 1945 que até o final da Guerra Fria estruturou as relações internacionais do Ocidente e, após este período, se tornou a principal forma de organização do sistema internacional. Baseada em leis acordadas e instituições multilaterais, este ordenamento se caracteriza pela liderança dos Estados Unidos que garante sua liberdade e mantem-se como *primus inter pares* através das cláusulas de escape, peso do voto e direito a veto nos acordos e negociações nestas instituições que dominam as relações entre os Estados (IKENBERRY, 2011). É um conceito desenvolvido principalmente pela corrente liberal institucionalista, aceito pelas demais correntes de análise e amplamente utilizado pelos tomadores de decisão em política externa nos Estados Unidos tanto liberais como conservadores, bem como é um conceito-pressuposto base dos *think tanks* analisados para definir a ordem internacional contemporânea.

do poder político e econômico global no período (HURREL, 2006; FLEMES, 2010; KAHLER, 2013; SVARTMAN, 2016; VEZIRGIANNIDOU, 2013).

Diretamente interessada em qualquer alteração na dinâmica das relações internacionais, a potência líder da ordem global pós 1945 elevou o interesse a respeito desses “novos” atores e passou a elaborar estudos e iniciativas políticas para assimilar e formular linhas de ação a essa nova realidade em configuração. O debate se centrou em definir se os emergentes eram forças acomodadas a ordem liberal e possíveis parceiros dos Estados Unidos na sua manutenção (o que conduziria a aceitação e legitimação por parte dos Estados Unidos de um ordenamento internacional multipolar onde o país permaneceria como *primus inter pares*) ou ao contrário, se os emergentes eram forças desafiadoras a ordem e pretendiam modifica-la ou criar outra ordem (visão esta que conduziria os Estados Unidos a adotar a contenção das ações/reivindicações internacionais dos emergentes, ideia esta, alinhada a uma perspectiva unipolar da ordem).

O presente trabalho se propõe a compreender qual foi o debate circulante sobre essas transformações em curso em um dos espaços privilegiados de discussão e formulação de políticas públicas em política externa nos Estados Unidos: os *think tanks*. Em específico, se dedica a investigar quais foram as respostas dadas por esses institutos sobre a atuação de um desses atores: o Brasil; e, como o País foi enquadrado no ordenamento global. Em outras palavras, quais foram as recomendações políticas feitas pelos *think tanks* estadunidenses ao governo, Congresso, Burocracia, opinião pública e ao meio empresarial daquele país.

Assim, a pergunta central que orientou esta tese foi: como os *think tanks* enquadraram o ciclo de maior protagonismo externo brasileiro desenvolvido entre os anos de 2003 a 2016? Seguidas pelos questionamentos: qual foi o enquadramento do Brasil na ordem liberal? O País foi definido como um emergente aliado e parceiro dos Estados Unidos na ordem liberal ou uma força desafiadora?

Ao analisar as diretrizes políticas estadunidenses e o debate especializado a respeito da temática, verificamos, contudo, que a maneira com a qual os Estados Unidos lidaram com as transformações em curso, em especial em relação ao Brasil, não foi de toda clara (SVARTMAN, 2016; VEZIRGIANNIDOU, 2013). Em um conjunto de ações Washington indicou um possível engajamento do Brasil ao ordenamento global liberal. Neste sentido, foi formalizado um Diálogo Estratégico em 2005, no ano seguinte a potência reconheceu o maior protagonismo internacional do Brasil em seu *National*

Security Strategy (NSS), o qual foi reafirmado em 2010, quando o mesmo documento elevou o Brasil a um dos importantes parceiros dos Estados Unidos na manutenção do ordenamento (PECEQUILO, 2013; 2015).

Em ações práticas, essa socialização do Brasil se manifestou, por exemplo, nas Operações de Paz no Haiti (MINUSTAH) em 2004 e no Líbano em 2011, quando os Estados Unidos — distinguindo essa maior proatividade brasileira — passaram a trabalhar em conjunto com o Brasil. Ou mesmo na atuação do Brasil no continente africano, quando, devido ao reconhecimento da importância do trabalho de assistência técnica desenvolvido pelo País na região Subsaariana, agências governamentais estadunidenses passaram a firmar parcerias com agências brasileiras para atuação conjunta em prol do desenvolvimento regional (PECEQUILO, 2010; ANUNCIATO, 2014; ITAMARATY, 2011).

Ao mesmo tempo, esse engajamento compartilhou espaço com ações de contenção das atividades internacionais do Brasil, evidenciando-se formulações políticas estadunidenses aparentemente contraditórias. Como o próprio Diálogo Estratégico acima citado, que na prática não trouxe avanços concretos. Estados Unidos e Brasil também apresentaram dificuldade de coordenação em crises internacionais, como a de Honduras, Líbia e Síria. As declarações oficiais dos Estados Unidos para afastamento do Brasil das negociações — junto com a Turquia — de um possível acordo nuclear com o Irã, também denotou que o engajamento do Brasil era no mínimo limitado.

A literatura acadêmica também foi ambivalente em suas respostas sobre como os Estados Unidos deveriam agir ao maior protagonismo internacional brasileiro. As três principais vertentes desse debate — liberal institucionalista, primazia e engajamento seletivo — além de não apresentarem consenso em suas hipóteses para o enquadramento dos “novos” atores na ordem global por parte dos Estados Unidos, produziram contundentes críticas uma as outras.

Por exemplo, para a perspectiva liberal institucionalista, Washington deveria inserir esse grupo de países na ordem global liberal. A ideia desenvolvida é de que os Estados Unidos, ao envolver especialmente a China na atual ordem — mas também Índia, Rússia e Brasil —, os tornariam partes interessadas à manutenção da estrutura, já que estes também teriam a ganhar com sua manutenção. Nesse contexto, a ordem que se propõe é uma configuração multipolar em que os Estados Unidos sejam o primeiro entre os iguais (IKENBERRY, 2003; 2008; 2010). Assim, por essa corrente sugere-se que a

atuação do Brasil, tanto em organismos multilaterais como em seu entorno estratégico, passe a ser reconhecida e responsabilidades ao País sejam definidas.

Uma segunda corrente também ofereceu uma possibilidade à atuação global do Brasil, apesar de não deixar essa perspectiva tão explícita quanto aos liberais institucionalistas. Defendida principalmente entre os neorrealistas defensivos, a perspectiva do engajamento seletivo defendeu que os Estados Unidos não deveriam se envolver em problemas sem uma ameaça direta, como, por exemplo, questões sobre fome ou conflitos étnicos regionais. Assim, para os teóricos do engajamento seletivo, os Estados Unidos deveriam retirar suas representações militares de diversas regiões do mundo (POSEN, 2009; 2014). Nesse ínterim, essa perspectiva sugere que o Brasil teria maior espaço de atuação em seu entorno estratégico, desde que suas ações não colidam diretamente com os interesses estadunidenses (SVARTMAN, 2016).

Já uma terceira corrente acadêmica defendeu uma visão bem diferente em relação aos emergentes: advogaram pela contenção. Desenvolvida especialmente entre os neorrealistas ofensivos, esta perspectiva partiu do pressuposto que toda potência com capacidade de competir com os Estados Unidos teria em sua essência uma concepção revisionista da ordem vigente, tornando-se, portanto, grande ameaça a manutenção do *status* global do país. Destarte, em salvaguarda ao unilateralismo, recomenda-se cercar todas as iniciativas que fortaleçam o surgimento de novas potências (MERSHEIMER, 2001; 2014). Embora apenas a China seja considerada um país com esse potencial, essa teoria sugere que a atuação mais protagônica do Brasil, por procurar ampliar o espaço de atuação do País e, também, por geograficamente se encontrar em uma região onde os Estados Unidos exercem sua hegemonia, deveria ser contida (SVARTMAN, 2016).

Desse modo, diante de um contexto de transformações globais e da ausência de um claro padrão de conduta dos Estados Unidos em relação aos atores intermediários e em especial ao Brasil, para apreender a maneira com que a potência líder lidou com um dos países intermediários que estavam alterando a distribuição de poder, evidenciamos a necessidade de compreensão mais aprofundada do universo ideacional que moldou tanto as opções que surgiram no horizonte de possibilidades dos tomadores de decisões como da opinião pública. Essa perspectiva de análise se torna particularmente viável nos Estados Unidos. Em razão de seu sistema político e uma cultura de valorização do privado em relação ao público, o caráter do processo de formulação de políticas públicas em política externa é complexo e não só incentiva como conta com a

participação de vários setores da sociedade civil, que, com o objetivo de influenciar a tomada de decisão, se organizam, elaboram e apresentam linhas de ação aos governos (ABELSON, 2006).

Como expomos acima, esta tese identifica e analisa as formulações políticas para os Estados Unidos a respeito da atuação global do Brasil em um desses atores: os *think tanks*. Considerados parte do cotidiano político nacional, em diferentes momentos históricos estas organizações desempenharam papel ativo nas produções de opções de política externa aos legisladores (ABELSON, 2006; MEDVETZ, 2006, 2012; STONE, DENHAM, 2004).

Contando atualmente com mais de mil e oitocentos institutos nos Estados Unidos, os *think tanks* podem ser definidos como organizações que operam na construção, reprodução e circulação de ideias vocacionadas para modelar o debate público e influenciar a formulação de políticas públicas através da expertise. Para tanto, os *think tanks* apresentam suas recomendações aos tomadores de decisões por meio de *policy briefings* ou em audiências públicas no Congresso; fornecem suas opiniões a legisladores através de encontros privados; organizam eventos para discutir determinados temas; promovem ideias específicas em redes compostas pela elite política, dos negócios, da mídia e do meio intelectual nacional e; atuam ativamente na mídia nacional, se posicionando como interpretes de grandes questões políticas em pauta. Além do mais, em cada ciclo eleitoral acolhem e fornecem quadros a governos (ABELSON, 2006; MACGANN, 1018; SMITH, 1991; PARMAR, 2004; RICH, 2004; TEIXEIRA, 2007; SVARTMAN, 2016).

Os *think tanks* são classificados em dois grandes grupos: liberais e conservadores². De modo geral, os *think tanks* conservadores promovem um sistema de livre mercado, governo limitado, defesa das liberdades individuais, de expressão religiosa e dos valores familiares tradicionais. Nesta classificação se encontram *think*

² Esta classificação dos *think tanks* utilizada pela literatura especializada sobre a temática é baseada no espectro político-ideológico mais amplo vigente nos Estados Unidos. São classificados como liberais os grupos que, de um modo geral, se caracterizam pela defesa de uma agenda social (acesso a saúde, direito ao aborto, direito ao casamento de pessoas do mesmo sexo) maior intervencionismo estatal (regulamentação de atividades econômicas), restrição do porte de armas e defesa de políticas para o meio ambiente, por exemplo. Em termos de política externa, os liberais tendem a defender os direitos humanos internacionais, intervenção em defesa da paz e são contra os ataques preventivos. São representados no campo político pelo partido Democrata. Já os grupos definidos como conservadores se caracterizam por ter uma agenda voltada a defesa do livre-mercado (contrários a intervenção estatal na economia), contrárias ao direito do aborto, do casamento de pessoas do mesmo sexo e da restrição ao aporte de armas. Na política externa, os conservadores tendem a apoiar e defender o aumento dos gastos militares, a intervenção preventiva e o envolvimento dos Estados Unidos apenas em casos internacionais de interesses matérias concretas, excluindo assim, as intervenções humanitárias, por exemplo. São representados pelo partido Republicano.

tanks como a *Heritage Foundation* e o *American Enterprise Institute*. Já os *think tanks* classificados como liberais, tem uma agenda voltada a promoção de políticas governamentais ligadas à superação das desigualdades econômicas e sociais, e, defendem a diminuição dos gastos em defesa. Nesta categoria estão *think tanks* como a *Brookings Institution*, *Carnegie Endowment for International Peace* e o *Council on Foreign Relations* (RICH, 2004).

Produzindo opções políticas concretas as quais circulam em espaços privilegiados que ao mesmo tempo precede e modela a formulação de políticas, consideramos os *think tanks* como institutos firmemente engajados na construção de identidades e significados a respeito do papel dos Estados Unidos e dos outros atores internacionais, que concomitantemente com demais participantes do processo de formulação de políticas, disputam as opções dos tomadores de decisões a fim de tornar suas visões as identidades e interesses oficiais do Estado. Esta afirmação encontra seu embasamento na Teoria Construtivista de Relações Internacionais, mais especificamente nas perspectivas desenvolvidas por Jutta Weldes (1996), Jeffrey Legro (2000, 2007, 2009) e Ted Hopf (1998, 2002).

Ao apresentar uma nova compreensão sobre a dinâmica do sistema internacional, Weldes defende que as noções que informam as formulações estratégicas, a identificação de oportunidades e ameaças, aliados e inimigos, e, por fim, o desenho das políticas delas decorrentes, não são apenas resultados da estrutura do sistema internacional, mas trata-se de percepções socialmente construídas. É por meio das identidades e interesses nacionais que se formam padrões possíveis de comportamento das relações internacionais. Um Estado compreende outros de acordo com a identidade que lhes atribui, enquanto simultaneamente reproduz sua própria identidade através da prática social cotidiana. Este é o processo pelo qual se constrói a política internacional. As ideias passam por diversos níveis até se tornarem identidades e interesses nacionais que pela prática social formam as relações internacionais (WELDES, 1996).

Tanto os interesses quanto as identidades emergem de significados coletivos que constituem as estruturas as quais organizam a ação do Estado. Por sua vez, estes dois conceitos se formam pelas representações que tomadores de decisões e outros participantes interpretam o mundo (WELDES, 1996).

Assim, as identidades desempenham três funções necessárias em uma sociedade. Elas dizem ao Estado e aos outros quem ele é e dizem-lhe quem os outros são (1); ao contarem quem o Estado é, identidades implicam fortemente um determinado conjunto

de interesses ou preferências no que diz respeito às escolhas e ações em domínios específicos (2); identidades de um Estado implicam suas preferências e consequentemente suas ações (3) (HOPF, 1998, P.174-175).

Destas representações emergem os interesses nacionais. Mas como se formam essas representações? Defendendo a identidade como uma questão empírica que deve ser teorizada e tem um contexto histórico, cultural, político e social, Weldes apontou dois processos analíticos que a envolvem: a articulação e a interpretação. O resultado final é a fixação do significado intersubjetivo.

A articulação,

[...] refere-se ao processo através do qual cada significado é produzido fora do material cultural bruto existente ou recursos linguísticos. O significado é criado e fixado temporariamente pelo estabelecimento de correntes de conotações junto aos diferentes elementos linguísticos. Desta forma, diferentes termos e ideias conotam uma a outra e se envolvem dentro de uma corrente associativa. Muitos dos termos e ideias — o que estou chamando de elementos linguísticos ou recursos linguísticos — já têm uma extensão dentro de uma cultura [...]. Ou seja, eles já fazem sentido dentro de uma determinada sociedade. O processo de articulação é o momento em que tais recursos linguísticos são combinados para produzir um contingente e contextualizar representações específicas do mundo. A linguagem do interesse nacional fornece as regras segundo as quais são forjadas essas articulações (WELDES, 1996, p. 284, tradução nossa)³.

Nesse processo, seja um fenômeno particular, objetos, eventos ou relações sociais adquirem uma representação numa forma específica e com significados particulares, nos quais são baseadas as ações. Com o repetido sucesso dessa articulação ao longo do tempo, estes elementos parecem conectados de forma a parecerem que são inerentes ou naturais e, necessários. Mas, apesar dessa aparente naturalidade, as conexões ou redes de associações estabelecidas entre tais elementos linguísticos “[...] são socialmente construídos e historicamente contingenciados, mais do que logicamente estruturados ou necessários (WELDES, 1996, p.285, tradução nossa) ⁴”.

Nesse sentido, Weldes apresenta a razão pelas quais articulações devem continuamente ser reproduzidas e os interesses nacionais devem ser contextualizados

³ [...] refers to the process through which meanings is produced out of extant cultural raw materials or linguistic resources. Meaning is created and temporarily fixed by establishing chains of connotations among different linguistic elements. In this way, different terms and ideas come to connote one other and thereby to be welded into associative chains. Most of these terms and ideas — what I am calling linguistic elements or linguistic resources — are ones already extant within a culture [...]. That is, they already make sense within a particular society. The process of articulation is one in which such extant linguistic resources are combined to produce contingent and contextually specific representations of the world. The language of the national interest furnishes the rules according to which these articulations are forged.

⁴ [...] socially constructed and historically contingent rather than logically or structurally necessary.

em seus níveis histórico, cultural e político. Pois para o autor, os elementos linguísticos podem ser desarticulados ou rearticulados em diferentes formas ou até mesmo podem ser diferentemente representados e construídos (WELDES, 1996).

Em tal processo de articulação, um fenômeno particular (exemplo: objeto ou evento social) é representado em formas específicas e dados significados particulares em que então a ação é baseada. Para termos uma noção mais prática desse processo, vamos citar o exemplo fornecido pelo próprio autor. Nas representações da política externa dos Estados Unidos durante a Guerra Fria, o objeto “totalitarismo” foi persistentemente articulado e veio a conotar “expansionismo” e “agressão”. E, quando estes elementos linguísticos foram articulados com “comunismo”, eles vieram a constituir uma representação parcial do sistema internacional, onde o comunismo se tornou uma ameaça na medida em que era considerado totalitário e intrinsecamente expansionista e agressivo (WELDES, 1996).

Uma parte do processo de fixação do significado intersubjetivo se consolida pela articulação (a articulação de elementos linguísticos em correntes cognitivas). A outra parte se dá pela interpelação (questionamento de afirmação) de temas-sujeito. É formado pelo processo dual pelo qual identidades (ou posição-sujeito) são criadas e indivíduos concretos são interpelados por eles (WELDES, 1996).

Em primeiro lugar, nota-se que pelo processo de interpelação, as identidades específicas só são criadas quando relações sociais são representadas. E diferentes representações do mundo, implicam diferentes identidades, trazendo consigo diferentes formas de funcionamento do mundo, de relações de poder e de possíveis interesses. Em segundo lugar: os indivíduos concretos (tanto os tomadores de decisão como a população envolvida) vão vir a se identificar com essas posições-sujeitos: as representações fazem sentido para eles e as relações de poder e interesses inerentes neles se naturalizam. O resultado desse processo é que as representações parecem ser senso comum e refletem o mundo como ele realmente é (WELDES, 1996).

Segundo Weldes, as identidades precedem e informam a formação do interesse nacional. Definido o que é e como se desenvolve a identidade nacional, o autor especifica então, como se processam a formação dos interesses nacionais. Nas discussões de interesse nacional do Estado, uma variedade de posições-sujeitos é criada, como de diversos Estados e não estatais (“nosso Estado”, “o seu Estado”, “nós”, “eles”). O objeto sujeito central criado em qualquer representação sobre o interesse nacional é

obviamente, o do próprio Estado (é a partir do seu ponto de vista que ele constrói) (WELDES, 1996).

Exemplificando, dentro das discussões do interesse nacional dos Estados Unidos, os Estados Unidos ocupam o objeto-posição central. Estas representações provam a existência dos Estados Unidos como um assunto, e é criada uma antropomorfização, ou seja, algo abstrato é dado como concreto, onde um assunto abstrato se transforma em concreto na medida em que o Estado reconhece e se identifica com ele e passa a agir de acordo com suas diretrizes. Estas representações estabelecem que os Estados Unidos são um tipo particular de sujeito, com uma identidade específica e atendendo interesses sobre essa identidade (WELDES, 1996).

Como resultado da interpelação desta posição - assunto, os Estados Unidos se tornam o objeto central das discussões de política externa e interesse nacional. Onde os indivíduos, cidadãos estadunidenses são o objeto primário do interesse nacional do país, simultaneamente, é o interesse dos Estados Unidos que está em discussão (WELDES, 1996).

Ao mesmo tempo em que cria a posição sujeito, a interpelação aponta para que indivíduos concretos se reconheçam nessas representações do mundo: as ações dos Estados Unidos são identificadas por seus cidadãos como seu interesse. Assim, na linguagem do interesse nacional, a tarefa de interpelação, de gerar reconhecimento e identificação, é realizada por um Estado relevante, os Estados Unidos, por exemplo, mas não só como assunto, mas também como um assunto de representações de um imaginado de uma comunidade nacional.

As representações “os Estados Unidos”, no centro das representações ortodoxas da política internacional estadunidense, trazem consigo um sentimento de pertencer a uma comunidade nacional “estadunidense”. Através desta representação, auxiliados pelos funcionários do Estado, pelo uso do “nós” ao descrever as políticas e ações do dos Estados Unidos, os indivíduos interpelados se reconhecem nas ações descritas (WELDES, 1996).

Nesse processo, se forma uma linguagem comum, por meio da qual as ações do Estado devem se fazer legítimas tanto para os tomadores de decisão como para o seu público, no caso, a população. Esta linguagem comum, compartilhada, é o interesse nacional (WELDES, 1996).

Por esta perspectiva se desnaturaliza o mundo social, que empiricamente descobre e revela como as instituições, as práticas e as identidades — que pessoas

tomam como naturais, dadas — são na verdade produtos da agência humana, uma construção social. Há uma realidade subjetiva e significados são dados críticos para a compreensão do mundo social. Assim, com o objetivo de compreender seu significado, os dados devem ser contextualizados, isto é, eles devem ser relatados e situados dentro de um ambiente social em que foram engajados. Há um nexos entre poder e conhecimento, poder e prática, e, significado produzido (HOPF, 1998).

O poder ganha uma dimensão maior, além do material e militar, pois as ideias manifestadas pelos discursos e ações do Estado são importantes à compreensão das teorias de Relações Internacionais. No discurso reside a prática de reprodução de significados intersubjetivos que se encontram na prática social cotidiana. Estas práticas não podem implicar interesses não consistentes com as práticas e estruturas sociais que constituem essa identidade. Seguindo o exemplo dado acima, a intervenção dos Estados Unidos estava consistente com o número de suas identidades: grande poder, imperialista, inimigo, aliado. Os países compreendiam - atribuíam esse significado e a intervenção (WELDS, 1996).

Desnaturalizando as identidades e interesses nacionais dos Estados, podemos compreender como as ideias elaboradas pelos *think tanks* circulam no meio político, econômico, social e cultural nos Estados Unidos. O processo de fixação do significado intersubjetivo nos demonstra como as ideias são criadas e como elas se tornam a identidade do Estado. Demonstra a importância de que os cidadãos se reconheçam nela.

Como veremos ao longo da tese (mais explicitamente nos capítulos II e III), os *think tanks* atuam em meio a esse processo. Estes institutos fornecem determinadas identidades e interesses nacionais aos tomadores de decisões e ao debate público. Através de recursos linguísticos os *think tanks* criam representações específicas do que é o Estado e o que representa os outros atores. Com um conjunto de estratégias — como a participação junto aos principais debates midiáticos nacionais e entre legisladores e a elite econômica — procuram “naturalizar” suas visões frente a esses atores políticos, inserindo suas visões em importantes espaços que precedem e formulam as identidades do Estado.

Já Jeffrey Legro, ao apresentar uma lógica da continuidade ou mudança dos interesses nacionais, fornece os elementos que dimensionam a disputa entre ideias concorrentes desenvolvidas entre os próprios *think tanks* e como outros atores que atuam nessa dinâmica. Para Legro (2007), embora haja uma identidade e interesse oficial, o qual os Estados seguem em suas ações, há sempre a circulação de ideias

alternativas a respeito de como seus Estados se relacionam com os outros e/ou dos meios para se chegar ao interesse nacional.

Nesse contexto, consideramos que os *think tanks* são um dos locais que tanto manifestam as ideias apoiando o paradoxo atual, como também são centros que produzem ideias alternativas a respeito das relações internacionais dos Estados Unidos. Eles também funcionam como avaliadores das ações políticas internacionais, emitindo posições positivas ou negativas em relação aos resultados obtidos ou desejados (ABELSON, 2006; STONE, DENHAM, 2004; MEDVETZ, 2012).

A tese de Legro defende que o elo fundamental à compreensão da mudança ou continuidade de uma identidade está em saber como interação internacional afeta as lutas internas dos Estados sobre a definição do interesse coletivo (LEGRO, 2007). Nesse ínterim, Legro aponta a existência de diversas correntes ou ideias circulantes de política internacional dentro de um Estado. Seja em defesa do paradoxo vigente ou de sua substituição, em determinadas circunstâncias de crise essas ideias podem se tornar pautas de discussão coletiva e envolverem-se na formulação de novas visões nacionais sobre a forma de abordar a sociedade internacional (LEGRO, 2007).

Ideias dominantes quase nunca são entidades monolíticas, reproduzidas e aceitas por todos os cidadãos. Sempre há divergências de opinião a respeito de qual política é apropriada, “enquanto elas podem servir como a pedra de toque para a coletividade, e têm o estatuto de ‘tradição’, elas também são muitas vezes questionadas e politicamente contestadas por pelo menos alguns indivíduos ou subgrupos (LEGRO, 2007, p.7, tradução nossa) ”.

Estas ideias, tradicionais e de contestação, são consideradas pelo autor como ideias coletivas, pois são propriedades de grupos, de Estados e, portanto, não individuais. São discussões que perpassam pela esfera política, onde o debate se encontra no Estado Nação (LEGRO, 2007). Legro coloca que as interações entre as expectativas das ideias dominantes e o resultado dos eventos podem ou não provocar questionamentos e oportunidades de debates sobre a eficácia e/ou a continuidade das ideias vigentes.

A mudança é um processo que envolve duas fases analíticas separadas: o colapso e a consolidação (LEGRO, 2007). A primeira etapa envolve o colapso da ortodoxia vigente. Ideias coletivas geram um conjunto de prescrições de como o Estado deve se comportar e o que ele pode esperar como resultado. Assim, o colapso é impulsionado pela interação das expectativas sociais e as consequências experimentadas

de um evento crítico. Na contradição entre expectativas e consequências é que a sociedade se questiona sobre suas ideias.

Legro aponta que tal fato não é suficiente para a consolidação de uma nova ortodoxia. Isto por que as ideias vigentes têm um grupo de apoiadores do núcleo duro e um número expressivo de indivíduos que podem não estar interessados na mudança. Aqueles que buscam a modificação podem sempre estar dispostos a pensar e a agir para mudar, mas permanecem em minoria. Assim, sem o apoio de partidários da ortodoxia dominante ou do meio desinteressado, os seus esforços serão frustrados (LEGRO, 2007).

A segunda fase de mudança de representações requer a consolidação de uma nova ortodoxia. Os atores políticos devem não só retirar a velha ortodoxia, mas precisam substituí-la por uma nova. Para tanto, dois fatores devem ser levados em conta: o número de ideias proeminentes em uma sociedade que podem servir como substituto para a ortodoxia dominante e os resultados iniciais percebidos dessas novas ideias (LEGRO, 2007).

Para Legro, não são todas as ideias que “disputam” a definição do interesse nacional, mas sim aquelas que são socialmente relevantes. Nesse ínterim *think tanks* com suas estratégias de atuação, as quais inserem suas ideias em espaços privilegiados do poder, se tornam atores socialmente relevantes nessa dinâmica. Como Legro apontou:

Quando surgem problemas sérios, os políticos vão à procura de novas ideias, [...] mas tem que escolher entre a oferta existente daqueles que tem relevância social, isto é, aquelas apoiadas por círculos eleitorais importantes ou subgrupos ativistas e que têm a capacidade para disputar nova ortodoxia dominante. A distribuição de tais ideias salientes de ‘substituição’ varia de acordo com a situação, e isso tem consequências: pode não haver substitutos práticos (isto é, as velhas ideias são hegemônicas), uma alternativa clara, ou mais de uma alternativa. Em cada caso grupos de interesse e ativistas tentam construir o apoio para sua orientação privilegiada, seja para manter a ortodoxia existente ou substituí-lo por sua alternativa preferida (LEGRO, 2005, p.35, tradução nossa)⁵.

⁵ When serious problems arise, policymakers go looking for new ideas [...] but instead those that have social salience that is, those backed by important constituencies or activist subgroups and that have the ability to vie for new dominant orthodoxy. The distribution of such salient "replacement" ideas varies depending on the situation, and this has consequences: there might be no practical replacements (that is, the old ideas are hegemonic), one clear alternative, or more than one alternative. In each case motivated interest groups and activists attempt to build support for their favored orientation, either to maintain the extant orthodoxy or to replace it with their preferred alternative.

Assim, através da teoria construtivista de Relações Internacionais é possível identificar os mecanismos concretos que levam ideias a se tornarem referências à condução das ações externas do Estado. Nessa discussão, também compreendemos tanto a dinâmica na qual os *think tanks* se inserem, bem como a sua relevância na construção das identidades e interesses nacionais estadunidenses.

Como Legro expôs (2005), nem todas as ideias são importantes tanto à construção das identidades e interesses nacionais quanto às suas modificações. Apesar de todos os *think tanks* praticarem as mesmas estratégias de atuação, entre eles existe um grupo de institutos voltados a questões de política externa e internacional estadunidense que se destaca em virtude do maior envolvimento e acesso aos espaços privilegiados que precedem e modelam a formulação de políticas públicas. Esta tese, portanto, analisa este grupo de *think tanks*.

Para se chegar a esse grupo, nos baseamos na publicação anual do *Think Tanks and Civil Societies* da Universidade da Pensilvânia: o *Global Go To Think Tank Index* de 2015. Indexador dos *think tanks* mais influentes do mundo por área de pesquisa e localização geográfica, este relatório organizado por James MacGann tem seu trabalho reconhecido pelos próprios *think tanks* como também pela comunidade política e midiática estadunidense. Neste, nos guiamos por três *rankings*: *Top think tanks in the United States* (p. 77), *Top Foreign Policy International Affairs think tanks* (p.101) e *Top Defense and National Security Think Tanks* (p. 91). Através destes *rankings* chegamos a quinze *think tanks* pré-selecionados⁶.

A partir desta primeira seleção, voltamo-nos a identificação dos *think tanks* que reconheceram e elaboraram quantidade significativa de recomendações políticas (estudos, relatórios, artigos, entre outros) a respeito da temática em questão. Para tanto, através dos marcadores: *Brazil; Brazil relations United States; Latin America; South America; South Atlantic; Africa; BRICS; G-20; G-4; G-3; IBSA; UNASUR; MERCOSUR; IRSSA* e *BRICS*, realizamos um levantamento extensivo da produção desses *think tanks* entre os anos 2003 a abril de 2016 nos próprios *sites* dos institutos — locais estes, responsáveis pela disponibilização de grande quantidade de relatórios, editoriais, artigos de opinião em jornais de grande circulação, seminários e conferências.

⁶ Os *think tanks* pré-selecionados foram: *Cato Institute (Cato); Hoover Institution (Hoover); Pew Research for American Progress (CAP); National Bureau of Economic Research (NBER); Atlantic Council. American Enterprise Institute (AEI), Brookings Institutions (Brookings), Carnegie Endowment for International Peace (Carnegie), Center for a New American Security (CNAS), Council on Foreign Relations (CFR), Heritage Foundation (Heritage), Peterson Institute for International Economic (PIIE), Woodrow Wilson Center e World Resources Institute (Woodrow Wilson Center).*

Dos quinze *think tanks*, sete deles foram selecionados. São eles: *American Enterprise Institute (AEI)*, *Brookings Institution (Brookings)*, *Carnegie Endowment for International Peace (Carnegie)*, *Center for a New American Security (CNAS)*, *Council on Foreign Relations (CFR)*, *Heritage Foundation (Heritage)*, *Woodrow Wilson Center (Wilson Center)*.

Identificado e justificado o problema de pesquisa, o objeto e as fontes a serem analisadas, retomamos o objetivo central desta tese que é: identificar quais foram as visões dos principais *think tanks* de política externa/internacional dos Estados Unidos a respeito da atuação global do Brasil de 2003 a 2016. Deste, outros objetivos específicos se somaram:

(a) verificar como as visões sobre a atuação internacional do Brasil inseriram o País na ordem global liberal: o Brasil foi considerado um aliado e um parceiro responsável para divisão dos custos da sua manutenção? Ou o Brasil foi visto como uma força desafiadora, e, portanto, um adversário dos interesses internacionais estadunidenses?

(b) verificar a qual perspectiva as representações sobre o Brasil apontavam: uma relativa aceitação e legitimação pelos Estados Unidos de uma ordem multipolar, onde o país reconhecia os interesses dos emergentes e estava em busca de parceiros para divisão dos custos da manutenção da ordem ou; defesa da unipolaridade, onde os Estados Unidos teriam disposição limitada para inserir/engajar os “novos” atores globais;

(c) verificar como foi avaliada a retração da política externa brasileira do período Dilma;

(d) verificar se *think tanks* de diferentes espectros ideológicos desenvolveram visões distintas a respeito do Brasil;

(e) caracterizar o debate e a produção sobre a atuação global do Brasil realizada em cada um dos sete *think tanks* analisados;

Para apoiar o processo de pesquisa, a análise dos documentos e o diálogo com o debate especializado sobre a temática, definimos as seguintes hipóteses:

(a) de uma maneira geral a atuação global do Brasil não foi definida como ameaça a ordem global liberal.

(b) o processo de transição do governo Lula da Silva para Dilma Rousseff alterou a visão dos *think tanks*: a partir de 2011 o País foi definido com menor

capacidade de global e, por conseguinte, descrito como um parceiro com potencial mais limitado para divisão dos custos da manutenção da ordem;

(c) *think tanks* liberais tenderam a inserir/socializar o Brasil na ordem global liberal;

(d) *think tanks* conservadores tenderam a defender uma socialização mais restrita do Brasil a ordem, aproximando-se da tese de contenção dos emergentes explorada pelos neorrealistas ofensivos;

Para análise da documentação levantada, utilizamos a metodologia *Análise do Conteúdo* desenvolvida pela Laurence Bardin (2004). Destinada principalmente para análise de comunicações escritas, esta metodologia orienta a pesquisa, organizando, sistematizando e retirando-se os dados a partir de um determinado objeto e objetivo de pesquisa definido pelo pesquisador (BARDIN, 2004).

Com os objetivos definidos, para a abordagem e extração das informações das produções discursivas selecionadas, seguimos os cinco passos indicados pela autora. São eles: preparação, unitarização, categorização, descrição e interpretação.

O primeiro passo consistiu em realizar a seleção dos documentos que fariam parte da análise. Para tanto, realizamos uma nova leitura flutuante de todos os documentos pré-selecionados. No final, chegamos a trezentos e vinte e sete produções discursivas relevantes para o trabalho proposto (APENDICE I).

De modo geral, estas produções compreenderam textos de em média duas a três páginas, denominados pelos próprios institutos de *issues briefs*, *policy briefs*, *testimony*, *opinion*, *op-ed*, *brief analysis*, *article*. Muito comuns nos *think tanks*, estas produções visam atingir a opinião pública e têm como característica básica a sintetização e proposição política em relação ao tema em questão, neste caso, relacionados a algum aspecto da atuação internacional do Brasil. Além deste formato, também identificamos os chamados *reports* (textos de em média quarenta páginas), livros, vídeos e transcrição/resumos de eventos.

Devido a grande quantidade de documentação, para auxiliar o processo de unitarização, categorização e descrição utilizamos o *software* NVIVO. Com esta ferramenta, organizamos a retirada dos dados e significados do conteúdo do material selecionado.

Primeiramente realizamos o processo de unitarização, o qual consistiu em codificar por afinidade temática o conteúdo dos documentos pertinentes à pesquisa, são as chamadas unidades de registro. Nesta etapa obtivemos cento e três unidades de

registro, divididos em três grandes grupos temáticos: (1) dados gerais da produção (exemplos: produção por *think tank*; ano das publicações; tipo de documento, autores, publicação em mídias externas) (2) atuação internacional (exemplos: Brasil potência Sul Global; Brasil *rising power*, Brasil e seu *soft power*, Brasil potência agrícola, Brasil na África, no Oriente Médio, Brasil e mudança climáticas, Brasil e questões de desenvolvimento nuclear, Brasil na ONU, na OMC, no CSONU, Brasil e os fóruns multilaterais internacionais BRICS, IBAS) e (3) atuação regional (exemplos: Brasil potência regional, Brasil como mediador político, relações bilaterais Estados Unidos Brasil, Brasil e a OEA, Brasil líder da UNASUL).

Já com as unidades de registro, realizamos uma nova leitura do material a fim de estabelecer a categorização e descrição dos dados. O objetivo destes dois processos foi fornecer uma representação simplificada dos dados brutos por intermédio da condensação de partes em comum entre as unidades de registro. Segundo Bardin, a regra para este agrupamento pode ser estabelecida *a priori* bem como a partir dos dados (BARDIN, 2004).

No caso deste trabalho, realizamos a partir dos dois guias possíveis. *A priori*, baseamo-nos nas informações da literatura especializada sobre a atuação internacional do Brasil e, por meio da leitura do material, identificamos a quais temáticas o assunto da atuação global do Brasil esteve relacionado. Assim, chegamos a cinco grandes categorias de análises: (1) os *think tanks* selecionados e o perfil da produção ideacional a respeito do Brasil; (2) o Brasil na América Latina; (3) O Brasil na África; (4) O Brasil no Oriente Médio e; (5) o Brasil e os novos fóruns multilaterais internacionais.

Como utilizamos o NVIVO, quando definimos as categorias automaticamente já foi possível elaborar as “fichas” de cada uma dessas grandes temáticas, ou seja, o conteúdo de cada uma das cinco grandes temáticas — o que Bardin chamou de descrição das categorias ou a quarta fase de extração de dados. O quinto e último processo foi a interpretação dos dados obtidos, ou seja, as respostas aos objetivos desta tese.

A apresentação desta tese está dividida em oito capítulos, sendo o primeiro esta introdução. O segundo capítulo apresenta os elementos mais aprofundados para compreensão dos *think tanks* como importantes atores em espaços que, ao mesmo tempo, precede e modela o processo de formulações de política externa nos Estados Unidos. Para tanto, abordamos sua trajetória histórica; os fatores institucionais e culturais da política nacional estadunidense que possibilitaram aos *think tanks* construir

canais de interação com o ambiente político e, por fim; exibimos as atividades atuais comuns a todos os *think tanks*, identificando assim, as estratégias e os espaços que esses institutos utilizam para moldar o debate público e influenciar a formulação de políticas públicas por parte de governantes.

O capítulo III trata de caracterizar os *think tanks* selecionados e as suas produções a respeito da atuação global do Brasil. Neste, além de uma inicial apresentação dos *think tanks* e sua importância ao debate de política externa e internacional estadunidense, apresentamos quantas produções discursivas cada *think tank* gerou, quando houve, quais foram as iniciativas/projetos específicos empreendidos para se debater e formular políticas em relação a atuação global do Brasil e, por fim, quais foram os principais articulistas se dedicaram ao tema. Portanto, trata de cumprir o primeiro dos objetivos específicos desta tese.

Os Capítulos IV, V, VI e VII tratam de apresentar as análises das produções discursivas, ou, as visões dos *think tanks* sobre a atuação global do Brasil. Para tanto, optamos por seguir a organização gerada pela análise do conteúdo, a qual se associa aos objetivos do trabalho. Nestes — com exceção do sexto capítulo — as análises das temáticas foram expostas por *think tank*, onde partiu-se dos institutos classificados como liberais aos conservadores. O sexto capítulo, devido a menor quantidade de produções, seguiu-se a exibição da análise das visões pelas duas temáticas abordadas, o Brasil no BRICS e, em seguida, o Brasil no IBAS.

O Capítulo IV apresenta as visões dos *think tanks* em relação a projeção do Brasil na América Latina, região esta prioritária a inserção internacional do País. Neste, os *think tanks* voltaram-se principalmente a analisar as intenções/ações da expansão política e econômica do Brasil, tais como as iniciativas de integração como UNASUL e CELAC e o financiamento estatal para ampliação de um conjunto de empresas multinacionais privadas brasileiras.

O Capítulo V discorre as visões sobre a atuação do Brasil na África, a segunda região prioritária a atuação global do Brasil e para os *think tanks*, visto como uma estratégia do País para elevar seu *status* global por meio da prática do seu *soft power*. De uma maneira geral, o conteúdo das produções de todos os institutos com produção a respeito centrou-se em identificar se o Brasil seria ou não um parceiro estadunidense a manutenção dos seus interesses no continente, principalmente na região Subsaariana.

Já o Capítulo VI trata da atuação do Brasil no que foi a sua terceira região prioritária: o Oriente Médio. Nesta temática, observamos que cada *think tank* com

produção a respeito elaborou um determinado perfil, na maioria dos casos bastante limitados em relação à agenda diplomática, voltadas quase exclusivamente a análises da iniciativa brasileira-turca para a questão nuclear iraniana entre 2009 e 2010. O que não diminuiu a importância das produções, já que as ações identificadas foram densamente determinantes à construção da visão dos institutos em relação às intenções e objetivos globais do Brasil e, em específico, no que diz respeito às recomendações aos Estados Unidos de apoiar ou não as ambições brasileiras de ser um membro permanente em um dos principais organismos multilaterais, o CSONU.

O último capítulo trata da atuação do Brasil nos dois novos fóruns multilaterais internacionais criados no período e com produção pertinente: BRICS e IBAS. Em relação ao BRICS, os *think tanks* se voltaram principalmente à identificação de quais seriam as intenções do Brasil com o grupo e sua relação com os demais membros. Já quanto ao IBAS, os institutos além de identificar o Brasil como o grande líder, também se dedicaram a identificar quais seriam os potenciais do fórum à manutenção de uma ordem global multipolar. Por fim, apresentamos as conclusões do trabalho.

2 OS *THINK TANKS* E A INTERAÇÃO COM O PROCESSO DE FORMULAÇÃO DE IDEIAS DE POLÍTICA EXTERNA NOS ESTADOS UNIDOS

Atualmente os Estados Unidos tem mais de mil e oitocentos *think tanks* que abordam temáticas de interesse doméstico e internacional (MCGANN, 2018). Apesar da história, atividades e envolvimento com o debate público e político ser o mesmo, este capítulo prioriza como exemplificação os *think tanks* com temáticas de política externa, objeto geral da nossa pesquisa.

Think tank é um fenômeno essencialmente estadunidense, que principalmente a partir da década de 1940 também se expandiu para outros países, como a Inglaterra, por exemplo. Os primeiros institutos surgiram nas décadas iniciais do século XX. Financiados por grandes magnatas da época, como Andrew Carnegie e John Rockefeller, visavam à racionalização da administração pública através da produção de aportes à formulação de políticas. Com base em valores de cientificidade, neutralidade, racionalidade e pragmatismo, replicavam princípios e métodos acadêmicos, produzindo extensos textos de em média cem páginas. Hoje conhecidos como *university without students*, no seu início esses *think tanks* não tinham interesse algum em influenciar qualquer debate político, mas apenas servir como uma fonte “neutra” e disponível aos tomadores de decisões (ABELSON, 2014; SMITH, 1991).

Nos anos finais da década de 1940, com a ampliação das funções do Estado, novos institutos foram criados em paralelo as atividades dos primeiros. Financiados pelo próprio Estado, produziam pesquisas encomendadas pelos governos. Também apresentados em extensos relatórios, o propósito e a base de suas produções mantiveram como as instituições anteriores: produzir subsídios aos tomadores de decisões que fossem baseados em valores de cientificidade, neutralidade, racionalidade, pragmatismo tendo como modelo os trabalhos acadêmicos.

No final da década de 1960 e início de 1970, em meio a uma reação nacional contrária aos avanços do papel do Estado e dos valores liberais, uma nova geração de *think tanks* se formou. A fim de frear a expansão da agenda progressista e Keynesiana predominante, estes institutos que eram financiados por grandes corporações ou doações individuais de empresários e ficaram conhecidos como *advocacy think tanks*, tinham como objetivo não só elaborar formulações políticas, mas também, influenciar o debate

público e a tomada de decisões com suas ideias que se baseavam em valores morais e religiosos.

Para isso elaboraram novas formas de interação com seus públicos-alvo. Incorporando a linguagem midiática e política, estes *think tanks* passaram a produzir pequenos textos, com recomendações políticas voltadas aos tomadores de decisões. Elaborando novos canais de comunicação tanto com a burocracia, legislativo e executivo, passaram a manter contínuo contato com os tomadores de decisões, através de reuniões privadas, convidando-os a participar de reuniões nas suas sedes, recebendo-os como integrantes após o término de seus mandatos, expondo suas ideias nas audiências públicas no Congresso e, a cada ciclo eleitoral também passaram a fornecer quadros para governos, por exemplo. A mídia nacional, vista como um grande instrumento para divulgação de suas ideias no meio público, se tornou um grande alvo desses institutos os quais buscaram estar nos principais debates no meio midiático nacional, publicando breves artigos sobre os fatos recorrentes.

Com o passar dos anos, os *think tanks* da primeira e segunda gerações absorveram muitas das estratégias e características dos *advocacy think tanks* e hoje, todos os institutos das diferentes gerações, mesmo com suas diversidades de tamanho, formas financiamento e posições ideológicas, possuem características em comum que de uma forma geral desenvolvem um conjunto de atividades que interagem com a Burocracia, o legislativo, o Executivo e a mídia nacional. As elites políticas, econômicas, midiáticas e intelectuais também estão envolvidos com esses institutos, seja através de demandas como também emprestando aos *think tanks* algumas de suas lógicas.

2.1 Uma breve história dos *think tanks*: os caminhos para consolidação como atores do debate político nacional estadunidense

Baseado no ideal do *laissez-faire*, até meados de 1900 o papel do governo na regulamentação das atividades sociais e econômicas era muito reduzido. Com um setor público muito pequeno, não havia demandas para o emprego de conhecimento especializado para definir políticas. A própria figura do *expert* ou do especialista em política era muito mal vista pelo mundo político desse período, sendo sua participação no processo de formulação de políticas comumente associada a uma ameaça às instituições democráticas. Contudo, ao longo do século XX o papel do Estado e do

especialista na política se transformou, abrindo espaço para o desenvolvimento dos *think tanks* (MEDVETZ, 2012; SMITH, 1991).

A Era Progressista⁷ marcou o início dessas mudanças. Influenciados pelo pensamento progressista o qual defendia, entre outras iniciativas, a ampliação das funções do Estado e a tomada de decisões políticas baseadas na racionalidade, os governos das décadas de 1900 a 1920 expandiram a esfera pública e o Estado começou a atuar em espaços antes considerados privados, como a regulamentação do comércio e das atividades trabalhistas, por exemplo. Nesse ínterim, os chefes de Estado passaram regularmente a se aconselhar sobre diferentes questões políticas com intelectuais especializados. Woodrow Wilson, presidente dos Estados Unidos de 1913 a 1921, por exemplo, acreditando que especialistas acadêmicos estavam acima dos partidos e isentos de interesses privados, frequentemente procurou especialistas para orientação em diversas questões (NUGENT, 2010; SMITH, 1991; RICH, 2004).

É nesse contexto de ampliação do papel do Estado e da abertura para intelectuais que os primeiros *think tanks* foram criados. Entre 1900 e 1930 grandes magnatas da época como de John Rockefeller, Andrew Carnegie e Russell Sage financiaram — através de suas fundações — a criação de alguns centros que incentivavam estudiosos das então incipientes Ciências Sociais a traduzir aconselhamento acadêmico em propostas legislativas (ABELSON, 2006; RICH, 2004; SMITH, 1991).

Desta primeira geração, um grupo importante ainda mantém suas atividades na atualidade e, em virtude de sua relevância à dinâmica de formulação de políticas, estão entre os *think tanks* selecionados para a nossa análise. Como é o caso da *Carnegie Endowment for International Peace*. Criado em 1910 com um fundo de 10 milhões de dólares doados por Andrew Carnegie, suas atividades iniciais eram voltadas a investigação das causas da guerra e promoção de acordos pacíficos. Ou o *Council on Foreign Relations*, que de um clube de jantares mensais entre grandes empresários, se transformou em 1921 num instituto de estudos sobre política externa e hoje é considerado um dos maiores *think tanks* de política externa do mundo. E por fim, também podemos citar a *Brookings Institution*, inicialmente preocupado com questões para melhorar a gestão e eficiência do Estado, foi criada em 1927 pelo grande estímulo financeiro de Robert Brookings (ABELSON, 2006). Como se pode observar, a começar

⁷ Termo utilizado para designar o movimento político, social e filosófico que orientou a formação de políticas públicas nos Estados Unidos entre as décadas de 1880 a 1920. Ampliando o papel do Estado, a base desse movimento envolveu a defesa de um governo voltado à regulamentação de problemas econômicos, melhoramento dos males sociais e conciliação entre as mudanças que estavam ocorrendo com os valores tradicionais da sociedade estadunidense (NEGENT, 2009).

de seu nascimento os *think tanks* podem ser considerados um movimento de elite (ABELSON, 2006; MACGANN, WEAVER, 2000).

Fundamentados em muitos princípios advindos do mundo acadêmico, bem como do próprio ideal progressista de racionalidade e eficiência governamental, estes primeiros *think tanks* tinham como principal atividade a produção de extensos relatórios semelhantes a trabalhos acadêmicos que ficavam à disposição da consulta dos tomadores de decisões. Ou seja, nas primeiras décadas os *think tanks* não tinham por objetivo interferir no processo político decisório e muito menos incluir em seus perfis intensas estratégias de *marketing*. Assim, nenhum *think tank* se envolvia em controvérsias de alto perfil ou debates políticos ideologicamente carregados, como ocorre hoje (ABELSON, 2006; MACGAN; WEAVER, 2000; RICH, 2004).

Além do mais, apesar de serem instituições com grandes orçamentos e envolver a elite econômica e acadêmica nacional, nesses primeiros trinta anos de história os *think tanks* não eram superiores a uma dezena de institutos e ainda não tinham um papel definido e relevante no debate político nacional. O que se transformou nas décadas de 1930 a 1950, quando se desenvolveu a segunda fase da história dos *think tanks*, que em seu resultado, consolidou esses institutos como atores na política nacional estadunidense (SMITH, 1991).

A década de 1930 marcou uma nova fase na interação dos *think tanks* com o meio político. A primeira delas se deu em meio ao processo de elaboração e implementação dos programas do *New Deal*. Com seu conhecimento especializado em diversas áreas e um setor público carente de expertise, os membros dos *think tanks* foram convidados e participaram — apresentando suas elaborações políticas — em diversas comissões de discussão e implementação dos projetos. Assim, se em 1900 a expansão das funções do Estado criou um ambiente para os *think tanks* serem fundados, a década de 1930, com o *New Deal*, marcou a entrada dos *think tanks* no processo de elaboração e implantação de políticas públicas (ABELSON, 2006; MACGAN; WEAVER, 2000; RICH, 2004).

Nesta mesma década de 1930, membros dos *think tanks* também começaram a interagir mais intensamente nas atividades políticas. Passaram, por exemplo, a fornecer assessoria em campanhas eleitorais, elaborando discursos políticos e formulando programas de governo. Já após os processos eleitorais, se tornou cada vez mais comum esses membros, também denominados de *policy experts*, ocuparem cargos públicos, embora fosse só a partir da década de 1960 que estes estariam em cargos importantes (SMITH, 1991).

A participação dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial e a consequente maior exigência de conhecimento técnico especializado para tomada de decisões políticas em curtos espaços de tempo, intensificou ainda mais a interação dos *think tanks* com o processo de formulação de políticas. *Policy experts* dos *think tanks*, juntamente com intelectuais do meio acadêmico, forneceram suas expertises para administração da guerra, participando ao lado dos militares do processo de gestão dos recursos financeiros e de pessoal, reconhecimento das características dos inimigos e escolhas de estratégias de batalhas, por exemplo (SMITH, 1991).

O envolvimento dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial também foi responsável pela criação de uma nova geração de *think tanks*. Durante a guerra foram criados projetos não governamentais cujo objetivo específico era fornecer, mediante encomenda e financiamento estatal, soluções políticas técnicas. Ao final da guerra, alguns desses projetos se transformaram em instituições que, como os primeiros *think tanks*, tinham por objetivo traduzir conhecimento acadêmico em aconselhamento político. Mantendo suas atividades até hoje, são instituições que contam basicamente com o financiamento do Estado e as temáticas abordadas advêm da demanda governamental, por isso também são conhecidos como *government contractors think tanks* (ABELSON, 2006; MACGAN; WEAVER, 2000; RICH, 2004).

O mais conhecido desses *think tanks* é o *Rand Corporation*, que se originou do *Project RAND*, criado em 1945 com o objetivo de interligar planejamento militar com decisões políticas. Em 1948, levando o nome, o projeto se tornou uma organização independente, sem fins lucrativos dedicada a pesquisa para projetos das agências do Departamento de Defesa, particularmente da Força Aérea (ABELSON, 2006; MACGAN; RICH, 2004).

Produzindo novas técnicas de análise — advindas do campo de conhecimento das Exatas, como a Engenharia e a Física — a *Rand Corporation* ao longo das décadas desenvolveu a metodologia análise sistêmica (*system analysis*) a qual foi muito utilizada pelo governo estadunidense durante a Guerra Fria, por exemplo. Com sua sede em Santa Monica, Califórnia, desde 1970 tem uma faculdade e atualmente possui um orçamento médio de 200 milhões de dólares, contando com mais de 1600 pesquisadores (ABELSON, 2006; RICH, 2004).

Contudo, é preciso ponderar o poder e influência dessa interação. Apesar de próximos, a dinâmica do processo político nos Estados Unidos era e é muito complexo e envolve diversos atores e interesses. Assim, por mais que a proximidade entre o

governo e os *government contractors* fosse intensa, isso não deu aos *think tanks* poder de influenciar diretamente os rumos das tomadas de decisões. Como foi o caso da construção dos mísseis balísticos intercontinentais (*ICBMs*, sigla em inglês) na década de 1960. A *Rand Corporation*, em seus estudos concluiu que seriam suficientes 400 *ICBMs*, no entanto, em virtudes de interesses políticos dos tomadores de decisões, aprovou-se a criação de mil *ICBMs* (SMITH, 1991).

Ainda sobre a década de 1940, é preciso mencionar que o próprio termo *think tank* foi resultado desse período. Para as tomadas de decisões mais importantes sobre planos de invasão e outras estratégias militares durante a Segunda Guerra Mundial, civis e militares se reuniam em salas de máxima segurança e sigilosas. Estas eram conhecidas como *think tanks* ou numa tradução livre, tanques de pensamento. Passada a guerra, os grupos ou projetos que se transformaram em instituições de pesquisa política para o governo — como a *Rand* — herdaram o termo que antes era apenas uma referência ao local de decisões políticas secretas (ABELSON, 2006; SMITH, 1991; MACGANN, WEAVER, 2000; MEDTVETZ, 2012; RICH, 2004).

Ao longo dos anos essa expressão passou a ser usada no cotidiano político e midiático para designar os institutos de recomendações políticas baseadas na expertise. A medida que a popularidade desses institutos foi crescendo, a fixação desse jargão também se popularizou, até que em 1960 o termo já estava consolidado como denominação tanto dos institutos criados entre 1900 a 1930, como dos *contract think tanks* (ABELSON, 2006; SMITH, 1991; MACGANN, WEAVER, 2000; RICH, 2004).

Como o grande país vitorioso da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos expandiram seus interesses internacionais e fundaram uma ordem global baseada em organismos multilaterais liberais sob sua própria liderança (IKENBERRY, 2011). Aliada a esta perspectiva, até meados do final da década de 1980 os Estados Unidos também disputaram a liderança no sistema internacional com a União Soviética, no que ficou denominado de Guerra Fria.

Muitas vezes, a tomada de decisão exigia grande conhecimento especializado, como por exemplo, definir quais países eram aliados e inimigos ou até mesmo técnico, como o caso das opções de aprovação de compra de determinados armamentos militares. Tomadores de decisões e o próprio governo, com uma agenda complexa e intensa, estiveram abertos para orientação externa (MEDVETZ, 2012; SMITH, 1991).

Os *think tanks* aproveitaram essa oportunidade e tantos os institutos da primeira como da segunda geração, se debruçaram em elaborar e deixar disponíveis a consulta

dos tomadores de decisões as definições do que consideravam ser os problemas bem como as soluções políticas para o País em relação as mais diversas questões que envolviam os Estados Unidos internacionalmente. Essas produções, bem como os *policy experts* geralmente eram bem-vindos no meio político nacional (MEDVTEZ, 2012; SMITH, 1991).

Assim, os *think tanks* chegaram ao final da década de 1950 como um dos atores comum na política nacional estadunidense. Circulavam em diferentes ambientes do processo de formulação de política e seus *policy expert* eram figuras conhecidas dos tomadores de decisões. Porém, ainda não possuíam o perfil comum dos *think tanks* da atualidade (MEDVETZ, 2012; SMITH, 1991; RICH, 2004).

Nesse período é o governo ou legisladores que procuravam os institutos e por mais que estes estivessem muito próximo do processo decisório político, os *think tanks* não visavam interferir no processo de tomada de decisões. Esse era um comportamento que os *policy experts* se mantinham orgulhosamente firmes. Ademais, o envolvimento com o debate público através da presença nas principais mídias nacionais era apenas pontual e não fazia parte das estratégias de atuação dos institutos. As transformações que moldaram o perfil atual dos *think tanks* só ocorreram a partir do final das décadas de 1960 e início de 1970, quando uma terceira geração de *think tanks* se desenvolveu e trouxe grandes inovações que influenciariam todos os institutos (SMITH, 1991).

No campo político nacional, os Estados Unidos vivenciaram no final da década de 1960 a formação de um amplo movimento de reação ao que seus idealizadores denominaram de monopólio dos valores liberais na sociedade e nas políticas governamentais. Maciçamente presentes nos principais ambientes políticos, econômico e intelectual nacional da época, este movimento, o qual estava firmemente engajado na consolidação dos valores morais e religiosos como base para ações políticas diminuição significativa da presença do Estado nas atividades da sociedade, foi denominado de movimento neoconservador (RICH, 2004; SMITH, 1991).

Um grupo de intelectuais e empresários comprometidos com o movimento, a fim de divulgar as ideias neoconservadoras, traduzi-las em elaborações e novos consensos políticos, fundaram novos *think tanks*. Envolvidos com a promoção ideológica, entretanto, o perfil desenvolvido por esses institutos foi muito diferentes daquele das primeiras duas gerações (ABELSON, 2006; RICH, 2004; SMITH, 1991).

O cientificismo e pragmatismo que orientaram as produções dos primeiros institutos, foram substituídos por princípios conservadores de individualismo, economia

de livre mercado, Estado mínimo e a condução política embasada em valores morais e religiosos. Estes *think tanks*, que ficaram conhecidos como *advocacys*, a fim de tornar essa visão predominante, passaram a elaborar intensas estratégias para moldar o debate público e influenciar os tomadores de decisões.

Assim, a mídia — que até então tinha um papel secundário — se tornou um grande instrumento muito visado pelos *think tanks* dessa terceira geração. O objetivo era ter suas ideias presentes nos principais debates públicos, transformando-se num consenso na sociedade. Nesse contexto, a produção dos trabalhos escritos se adaptou, tornando-se mais curtas e muito parecidas com a linguagem jornalística (ABELSON, 2006; RICH, 2004; SMITH, 1991).

A relação entre os *think tanks* com o ambiente de tomada de decisões também mudou. Os *advocacys*, a fim de influenciar as decisões políticas, buscaram intensamente divulgar suas ideias aos tomadores de decisões. Para tanto, passaram a convidá-los a participar de eventos em seus institutos, acolher quadros políticos após seus mandatos legislativos e seus *policy experts* começaram a expor nas audiências públicas das diversas comissões do legislativo suas visões e sugestões de política quanto a temas de interesse da Câmara e do Senado (ABELSON, 2006; FONSECA, 2004; RICH, 2004).

Esta nova atividade foi acompanhada de uma transformação no formato de apresentação de suas ideias. Para melhor ter atenção dos tomadores de decisões, os *advocacys* elaboravam a esses políticos e seus assessores, pequenos resumos de uma a duas páginas contendo em síntese as recomendações políticas, documentos estes, conhecidos popularmente por *policy briefs* (ABELSON, 2006; FONSECA, 2004; RICH, 2004).

A classificação dos *think tanks* também ganhou novas perspectivas. É a partir deste período que os *think tanks* passaram a ser agrupados não somente pela sua filiação geracional, mas também por sua interpretação ideológica. Comparando-se a agenda de pesquisa dos *think tanks* e abordagens do movimento conservador ou liberal, os institutos se tornaram liberais ou conservadores. Nesta classificação, *Council on Foreign Relations*, *Carnegie* e *Wilson Center* passaram a ser definidos como *think tanks* liberais, já *American Enterprise Institute* e *Heritage Foundation* como *think tanks* conservadores (RICH, 2001, 2004).

Ao mesmo tempo em que os *advocacys* se proliferavam, no final da década de 1960 houve uma diminuição drástica dos orçamentos de todos os *think tanks*. Em 1969 foi aprovada pelo Congresso a Lei de Reforma Tributária a qual restringiu as atividades

políticas de fundações privadas, como apontado anteriormente, as principais financiadoras dos *university without students*, como a *Brookings Institution*. Os recursos doados pelas fundações, como a *Ford Foundation* também se reduziram em virtude do seu processo de diminuição do interesse em patrocinar *think tanks*. O Departamento de Defesa, um dos principais financiadores dos *government contractors*, como a *Rand Corporation*, também diminuiu nesse período o volume de doações (SMITH, 1991).

Esses fatores, concomitantemente com um maior ativismo dos *advocacys*, levaram os *think tanks* mais antigos a se transformar, adaptando-se a uma nova realidade em que os recursos financeiros se tornaram mais escassos e o espaço de atuação mais competitivo. Como uma das consequências desse contexto, muitas das inovações trazidas pelos *advocacys* foram incorporadas pelos institutos da primeira e segunda geração e hoje fazem parte das características dos *think tanks* em geral, em maior ou menor grau (MEDVETZ, 2006; SMITH, 1991; RICH, 2004).

Conquanto a literatura a respeito dos *think tanks* não incorpore como novas gerações, na década de 1980 ex-presidentes aderiram a fundação de *think tanks*. Com uma agenda específica, geralmente voltada a um tema que foi destaque em seus mandatos, destacam-se o *Carter Center*, Geórgia, criado em 1992, e o *Nixon Center for Peace and Freedom*, fundado em 1994. Entre suas características, combinam pesquisa política com estratégias dos *advocacys*, organizam conferências e seminários, possuem publicações e participam da mídia (ABELSON, 2006).

Por último, devemos destacar a internacionalização dos *think tanks* ocorrida a partir da década de 1990, e com mais intensidade nos anos 2000. Nesse período diversos institutos voltaram-se à abertura de filiais em continentes e países que consideraram estratégicos. Por meio dessas filiais, os *think tanks* ampliaram sua rede de atuação e temáticas. Tais iniciativas são vistas pelos próprios institutos como fundamental para a expansão a realização das chamadas redes políticas, as quais envolvem governo, iniciativa privada e sociedade civil. Destes *think tanks* que realizaram sua internacionalização está o *Hoover Institution*, a *Carnegie* e a *Brookings Institution* (MACGANN; SABATINI; 2011).

2.2 Os fatores institucionais e culturais da política nacional estadunidense que possibilitaram a interação entre o espaço político e os *think tanks*

O grande sucesso dos *think tanks* nos Estados Unidos não se deve unicamente ao ativismo de segmentos da elite da sociedade civil, que como exibimos acima, organizaram, financiaram e desenvolveram as atividades dos *think tanks*. Fatores culturais e institucionais da política nacional são muito importantes para compreender como esses institutos tiveram grande acesso ao ambiente político e assim, se consolidaram como importantes atores do debate político nacional (ABELSON, 2006).

Nos Estados Unidos, mesmo com o desenvolvimento de uma Burocracia capaz de oferecer aos legisladores elementos técnicos para a tomada de decisão, políticos são bastante abertos para receberem ideias externas em razão de uma cultura política de desconfiança em relação ao governo e ao mesmo tempo de valorização dos meios privados sobre o público para a solução de problemas políticos. Desse modo, ideias produzidas ou/e reproduzidas nos *think tanks* são valorizadas e muitas vezes consideradas importantes pelos tomadores de decisões (ABELSON, 2006).

Aliada a essa cultura política, o sistema político estadunidense é descentralizado, o que cria espaços distintos de atuação para os *think tanks* no processo decisório nacional, aumentando a presença desses institutos no ambiente político nacional. Na Casa dos Representantes, por exemplo, em virtude de legisladores estarem abertos a opiniões externas, os *think tanks* tem a oportunidade de influenciar o processo de formação de leis — uma das principais funções dessa Casa. Para tanto, os *think tanks* concebem diferentes ambientes para ter acesso aos deputados e seus assessores, seja via pública, quando publicam artigos em importantes jornais de alcance nacional (onde são lidos por essas pessoas), ou/e nos bastidores da ação política, quando os *think tanks* articulam redes de contatos pessoais com os congressistas simpáticos a suas formulações (ABELSON, 2006).

Já no Senado — Casa responsável por confirmar, por exemplo, as indicações do presidente para diversos cargos importantes, como secretários de gabinetes, embaixadores, conselheiro de Segurança Nacional e ratificar ou rejeitar tratados internacionais — os *think tanks* procuram se envolverem na própria administração, buscando através de contatos pessoais, a indicação de seus membros a esses cargos, e assim, de alguma maneira ter suas ideias representadas nas administrações (ABELSON, 2006).

Outro fator que incentiva os *think tanks* a produzirem e divulgarem intensamente suas formulações políticas é o fato que os próprios legisladores sentem a necessidade de ter ao alcance de suas mãos soluções políticas prontas. Os legisladores têm muito

interesse em recomendações políticas que acompanham a dinâmica do tempo político a respeito de questões que surgem no momento ou de interesse do seu eleitorado, bem como argumentações para justificar o ponto de vista por ele adotado (ABELSON, 2006).

Essa abertura aos diversos âmbitos do processo político decisório também é ampliada pelo fato de nos Estados Unidos não haver uma unidade partidária. Tal fato permite aos *think tanks* criar canais para estabelecerem relações com os decisores e o processo político. Pois ao contrário do que acontece no Brasil, os legisladores ficam livres para votar de acordo com seus interesses e não do partido. Isso proporciona uma maior abertura e relevância dos tomadores de decisões para as ideias políticas dos *think tanks*, que aproveitando essa oportunidade estabelecem diversas estratégias para chegar até eles e de alguma maneira influencia-los (ABELSON, 2006).

Nos Estados Unidos, ao contrário do Brasil, também não há um serviço público de alto escalão permanente, como secretários adjuntos e seus postos acima. A cada nova administração é o presidente a autoridade responsável por nomear mais de dez mil cargos públicos, entre eles posições importantes em setores da política externa. Essa característica oferece um incentivo significativo para que *think tanks* disponibilizem seu pessoal para assumirem cargos importantes, e assim, de alguma maneira estar no processo decisório e influenciar as decisões ou as questões a serem debatidas ou postas como problemas políticos (ABELSON, 2006).

Assim, os *think tanks* elaboram estratégias para que seus *policy experts* tornem-se indicados seja em forças tarefas de transições ou serem de alguma forma, por contatos pessoais, lembrados pelo presidente e sua equipe nesses momentos de indicação a importantes cargos administrativos-consultivos. Este fenômeno pelos quais os membros dos *think tanks* se tornam membros do governo é conhecido como *revolving door* ou porta giratória (ABELSON, 2006; PARMAR, 2004).

É importante destacar que pelo enquadramento do *Revenue Code*, os membros dos *think tanks* são proibidos de participar de partidos e de cargos públicos. Assim, quando o fazem, o indicado não se apresenta formalmente como membro de um *think tank*, mas como indivíduo sem filiação alguma. Na prática, continuam e fortalecem vínculos entre os institutos, os políticos e o processo decisório (ABELSON, 2006).

A Burocracia é outro espaço que é de interesse dos *think tanks* e ao mesmo tempo possível de estarem presentes por haver canais para isso. Entre outras atribuições, a Burocracia é a responsável por supervisionar e garantir a segurança nacional dos

Estados Unidos. Assim, os diversos cargos de importantes agências ligadas a política externa estão em disputa pelos *think tanks*, os quais podem ser conseguidos por nomeações presidenciais. Além desta possibilidade, a Burocracia tem uma abertura bastante ampla para receber as publicações dos *think tanks* que são usadas, muitas vezes, para corroborar e legitimar certas ideias desenvolvidas nesse ambiente (ABELSON, 2006).

2.3 O cotidiano dos *think tanks*

Apesar da diversidade de financiamento, orçamento, tamanho e posições ideológicas, atualmente todos os *think tanks* têm um perfil comum de atividades, que no seu conjunto visam moldar o debate público e influenciar os tomadores de decisões. Estas ações introduzem as produções discursivas desses institutos em importantes ambientes do processo de formulação de políticas nos Estados Unidos, tornando-as uma das opções de escolha que estão no universo de possibilidades dos atores políticos e do debate público.

Nesse sentido, a exposição das evidências dessa dinâmica justifica uma das afirmações basilares deste trabalho. A de que as formulações políticas a respeito da atuação global do Brasil expostas na produção discursiva dos principais *think tanks* de política externa são relevantes fontes para identificar e compreender mais aprofundadamente os modelos e argumentações de enquadramento do Brasil na ordem global disponíveis no universo ideacional que informaram as decisões que foram tomadas.

Assim, organizamos essa subseção de forma a exibir as atividades contemporâneas e comuns a todos os *think tanks*. Ao mesmo tempo aproveitamos o espaço para já introduzir evidências concretas de que a produção ideacional selecionada esteve em circulação nos diferentes ambientes que comumente moldam e se definem as formulações políticas. Para tanto, como exemplo das atividades cotidianas dos institutos, utilizamos as próprias produções sobre a atuação global do Brasil.

De uma maneira geral a literatura acadêmica divide as atividades dos *think tanks* em dois tipos: as atividades públicas, aquelas de conhecimento compartilhado e uma outra mais reservada, não divulgada e baseada principalmente no contato interpessoal entre políticos, empresários e membros dos *think tanks* (ABELSON, 2006; WEAVER; MACGANN, 2002; MEDVETZ, 2006). Primeiramente exibiremos as ações de cunho

público, como os eventos promovidos em suas sedes e artigos publicados em jornais. No segundo momento exporemos as ações reservadas dos *think tanks*, as quais são desenvolvidas através de relações interpessoais dos *policy experts* com políticos, jornalistas, empresários e em geral não são muito divulgadas pelos institutos.

Uma das principais atividades dos *think tanks* é a organização de eventos em suas sedes. Ocorrendo quase que diariamente, os *think tanks* mantém fóruns, seminários, conferências e *workshops* para discutir questões de política externa. Abertas ao público, estes eventos geralmente têm como pauta questões do momento ou controvérsias que surgem no universo político, e frequentemente, suas audiências são compostas por jornalistas, acadêmicos, políticos e representantes do mundo dos negócios.

Nesses eventos, também é habitual políticos, representantes da Burocracia, jornalistas e acadêmicos estarem entre os debatedores convidados. Para os *think tanks*, essas atividades têm múltiplas funções: promovem pautas determinadas; divulgam suas ideias; estabelecem laços e interações com os participantes e convidados. Esta estratégia dos *think tanks* para divulgação e popularização de suas visões a um público-alvo envolvido com a tomada de decisões e com a formação da opinião pública foi muito comum quanto ao que se referiu a temática atuação global do Brasil em seus mais diferentes aspectos (ABELSON, 2006).

Por exemplo, identificamos mais de quarenta desses eventos desenvolvidos na sede do *Wilson Center*. Um deles foi a conferência *Brazil as a regional power: views from the Hemisphere*. Ocorrida em 12 de março de 2010, o *Wilson Center* reuniu diversos convidados para discutir as ações externas do Brasil no ambiente global, em particular na América Latina. Como debatedores, além de seu *policy expert* Leslie Bethell, contou com a presença, do então Ministro da Embaixada do Brasil em Washington Achilles Zalar, do assessor especial do Secretário-Geral da OEA Dante Caputo, do diretor do *Western Hemisphere Studies* da *John Hopkins University School*, Riordan Roett, entre outros (SOTERO; ARNSON, 2010).

Outro exemplo dessas atividades que tiveram como pauta a atuação global do Brasil foi a conferência realizada pela *Brookings Institution* em 9 de fevereiro de 2015. Com o título *Brazil and the shaping of a cooperative multipolar Order*, o *think tank* convidou o Embaixador brasileiro Antonio de Aguiar Patriota para expor as visões que o Brasil definia da ordem global, das instituições multilaterais, das relações Brasil-Estados Unidos e das ações externas do País (BROOKINGS INSTITUTION, 2015a).

Embora a disputa pelos diversos espaços de atuação entre *think tanks* seja frequente, estes institutos também estabelecem canais de colaboração. Geralmente reunindo *think tanks* do mesmo espectro ideológico, é comum os institutos coproduzirem conferências, *workshops* e seminários. O objetivo dessas atividades é ampliar os espaços de circulação de determinadas ideias em comum e ao mesmo tempo criar consensos (ABELSON, 2006; MEDVETZ, 2006).

Apesar de menos comum do que as atividades acima apresentadas, também identificamos estas ações de interação entre *think tanks* no debate sobre as definições do que seria a atuação global do Brasil. Por exemplo, em 28 de setembro de 2007 *Wilson Center* e a *Brookings* coproduziram a conferência *New directions in Brazilian Foreign Relations*. Realizado na sede da *Brookings*, o evento contou com convidados brasileiros, como o Embaixador Antonio Patriota, Sergio Amaral, Amaury de Souza, acadêmicos estadunidenses, como o professor Riordan Roett e *policy experts* da *Brookings* como Carlos Pascual e de outros *think tanks*, como Peter Hakim, do *Inter-American Dialogue*. É interessante observar que apesar da presença do Embaixador, o relatório produzido pelo *Wilson Center* a partir das falas dos convidados enfatizou uma posição de críticas a condução da política externa brasileira, argumentando-se que a priorização das relações globais subvalorizou a relevância da América do Sul para as relações exteriores brasileiras (WILSON CENTER, 2007a).

Por convite de universidades e outras organizações interessadas no debate sobre política internacional, os *think tanks* realizam palestras e conferências fora de seus centros. Por exemplo, em 12 de outubro de 2012 Julia Sweig — *policy expert* do *CFR* — a convite do *Center for Latin American Studies* da *University of California* apresentou suas considerações a respeito do que afirmava ser o perfil de atuação global do Brasil e suas consequências à manutenção da ordem global liberal. Com o título da palestra *The practical power: Brazil's far-flung global agenda*, Sweig defendeu a perspectiva da socialização do Brasil a ordem global liberal (UC BERKELEY CENTER FOR LATIN AMERICAN STUDIES, 2012). Para os *think tanks*, além destas atividades externas serem ótimas oportunidades para tornar suas instituições e ideias mais populares e também uma forma de moldar a opinião sobre um determinado assunto, são estratégias que visam legitimar suas ideias em diferentes ambientes (ABELSON, 2006).

Com o objetivo de tornar suas ideias conhecidas aos tomadores de decisões e de alguma maneira também influenciar as tomadas de decisões, os *think tanks*

frequentemente aproveitam os espaços públicos fornecidos pelas comissões e subcomissões da Câmara e do Senado para exibir suas visões e sugestões políticas aos parlamentares, nas chamadas *legislative hearings*. Estas atividades, além de possibilitar aos *think tanks* influenciar a tomada de decisões ao expor suas recomendações diretamente aos legisladores, também promovem uma maior visibilidade pública de suas ideias, pois as apresentações dos *policy experts* são incluídas como parte dos registros oficiais e muitas vezes são citados por jornalistas e acadêmicos (ABELSON, 2006; WEAVER; MCGANN, 2002).

Os *think tanks* se utilizaram dessa atividade para expor e influenciar o que consideraram ser as melhores opções políticas a respeito de alguns aspectos da atuação global do Brasil. Paulo Sotero, do *Wilson Center*, em 3 de abril de 2014 foi ao plenário do Senado no *Committee on Foreign Relations and National Defense* para defender uma parceria entre Estados Unidos e Brasil em questões de biocombustíveis. Sotero argumentou que o estabelecimento de uma parceria com o Brasil traria benefícios a ambos países e ao desenvolvimento da América Latina, portanto, de interesse dos Estados Unidos (SOTERO, 2014a).

Pouco mais de um ano depois, Roger Noriega, *policy expert* do *American Enterprise Institute*, também levou ao Congresso a pauta Brasil potência internacional. Noriega apresentou no *Subcommittee on the Western Hemisphere* do Congresso o que considerava ser os possíveis cenários dos países latino-americanos nos anos seguintes. Ao abordar o Brasil, confirmou-o como um importante ator regional, contudo, Noriega destacou um cenário deveras pessimista para o Brasil. Para o *policy expert*, em virtude do que considerou ser uma má administração de Dilma Rousseff, o Brasil cada vez mais perderia o espaço global antes conquistado, o que em suas recomendações levava a uma importância secundária do Brasil para os Estados Unidos (NORIEGA, 2015c).

A conquista de espaços para exposição de ideias na mídia é, ao lado da organização de eventos em suas sedes, uma das atividades públicas mais praticadas e visadas pelos *think tanks* (ABELSON, 2006; WEAVER; MCGANN, 2002). Estas ações, que foram mais intensamente empreendidas a partir da década de 1970, tornaram os *think tanks* parte do cotidiano do debate público gerado nos meios de comunicação estadunidense na atualidade. Para se ter uma ideia de suas participações, em 2003, no calor dos debates sobre a Guerra ao Terror, a *Brookings* foi mencionado 846 vezes no meio midiático nacional (ABELSON, 2006). Apesar de um dado um pouco antigo, Abelson (2006) também dimensiona a importância que os *think tanks* entregam a esse meio. Segundo

seus dados, em 2003 a *Heritage Foundation* gastou cerca de 19,3% do seu orçamento nas relações com a mídia, cerca de \$6,6 milhões de dólares.

A participação na mídia nacional tem múltiplos significados para os *think tanks*. O principal deles é o fato dos institutos utilizarem como uma das principais estratégias para moldar as agendas do debate público, que o fazem conquistando os espaços disponíveis e injetando temáticas e argumentações pré-determinadas. Aos assuntos correntes, os *think tanks* também procuram moldar a opinião pública, como o exemplo acima, quando a *Brookings* procurou emitir, tanto quanto possível, sua visão a respeito da Guerra ao Terror quando esta estava em destaque no debate nacional (ABELSON, 2006).

Além do público mais amplo, os *think tanks* também consideram que, através da participação na mídia, conseguem levar suas ideias aos tomadores de decisões. Isto por que, estando nas principais mídias, decisores e assessores leem ou veem suas ideias. Ademais, a disputa por espaço na mídia também tomou a dimensão de um indicador de influência entre os *think tanks*, que é muito mais simbólico do concretamente comprovado. Entre os *think tanks*, há uma prática de medir suas participações nos meios de comunicação a fim de demonstrar seu nível de influência. Para os institutos, quanto maior a participação, maior seria a influência no meio político nacional. O que sabemos ser muito difícil de ser comprovado na realidade, já que, entre outras tantas razões, o processo de tomada de decisão é complexo e envolve inúmeros atores. De qualquer modo, a visibilidade que a mídia proporciona aos *think tanks*, garante grande prestígio nos meios sociais em que atuam, inclusive entre seus financiadores (MEDVETZ, 2006).

Esta atividade foi muito utilizada pelos *think tanks* para divulgar suas visões a respeito da atuação global do Brasil. Dos trezentos e vinte e sete documentos selecionados, noventa e cinco são artigos que foram publicados em meios de comunicação nacionais e internacionais. Destes, trinta e oito foram publicados nos Estados Unidos, em jornais como o *The New York Times*, *Financial Times* e *Washington Post* (APÊNDICE I, II)

Um exemplo é o artigo publicado no *New York Times* em março de 2011 pela *policy expert* do CFR Julia Sweig e o pesquisador convidado do instituto, Matias Spektor. Descrevendo o Brasil como um ator global, os autores defenderam a ideia que a atuação internacional mais autônoma do Brasil não significava uma ameaça aos Estados Unidos e sua ordem global. Os dois autores ainda argumentaram que e a eleição

de Dilma Rousseff abria novas possibilidades de um diálogo estratégico entre os dois países (SPEKTOR; SWEIG, 2011).

Think tanks também produzem outras formas de comunicação com o público através da mídia, como a produção de áudios ou vídeos de curta duração apresentados por seus membros sobre uma determinada questão, seja no meio televisivo, realístico. Objetivando estar presente nos principais meios de comunicação, muitas vezes as ideias políticas são adotadas por importantes formadores de opinião nacional em diversos canais de comunicação, como televisão e o rádio (ABELSON, 2006; MEDVETZ, 2006).

Outra atividade muito comum dos *think tanks* é a produção de materiais escritos, os quais tem por objetivo a divulgação e circulação das suas ideias dentro e fora dos seus centros, moldando o debate público e influenciando as decisões políticas. Com uma diversidade grande de formatos e tamanhos, visam divulgar as ideias dos *think tanks* nos mais diferentes público-alvo. Os principais formatos são os boletins informativos, as revistas especializadas, os relatórios e os livros (ABELSON, 2006; WEAVER; MCGANN, 2002).

Compostos de artigos curtos de autoria de seus *policy experts*, aonde além de um pequeno texto têm-se em forma de tópicos a exibição das recomendações políticas sobre o assunto abordado, os boletins informativos são muito populares nos *think tanks*. Os *think tanks* procuram colocar essas suas produções em circulação intensa entre seus membros; no meio político nacional (com a entrega de exemplares aos legisladores e seus assessores) e ao público em geral (com a disponibilização de suas versões digitais nos *sites* dos *think tanks*).

Esse formato de apresentação de formulações políticas foi comum entre as produções discursivas selecionadas. Por exemplo, na *Heritage Foundation*, identificamos trinta e quatro documentos no total, destes, doze foram artigos produzidos para o *The Daily Signal*, o jornal eletrônico do instituto (APENDICE I). Outro destaque entre as atividades de produção discursiva dos *think tanks* é a edição de revistas cuja legitimidade do conteúdo está muito associada ao conhecimento acadêmico, inclusive são utilizadas como fontes por muitos pesquisadores da área.

Entre as revistas mais conhecidas estão a *Foreign Policy* que até 2008 foi editada pela *Carnegie* e a *Foreign Affairs*, de responsabilidade do *CFR* (ABELSON, 2006). Artigos selecionados para análise, como por exemplo, *Brazil's big moment a South*

american giant wakes up, de Juan Onis ou *A new global player* de Julia Sweig foram publicados pela *Foreign Affairs* (APENDICE III).

Cada vez menos comum, mas não de menor importância, os *think tanks* também se dedicam a produções mais extensas, como são os casos dos livros. Estas se tornaram mais raras a partir da década de 1970, quando o perfil de atuação dos *think tanks* mudaram. Não acompanhando o tempo político, deixaram de ser uma grande prioridade para os *think tanks* na atualidade, mas ainda produzidos principalmente no grupo de *think tanks university without students* (ABELSON, 2006; WEAVER; MCGANN, 2002).

Sobre a atuação global do Brasil, dois livros em específico tiveram destaque à nossa pesquisa, principalmente por que suas extensões permitem apreender mais argumentos sobre as temáticas abordadas. Um produzido pela *Brookings* em 2016, de autoria de David Mares e Harold Trinkunas cujo título é *Aspirational power: Brazil on the long road to global influence* (MARES; TRINKUNAS, 2016) e outro, foi o livro produzido pela *Carnegie* em 2014, de autoria de Togzhan Kassenova, intitulado *Brazil and the Global Nuclear Order* (KASSENOVA, 2014).

Por fim, uma última atividade pública dos *think tanks* é manutenção de sofisticados *Web sites*, pelos quais divulgam e disponibilizam todas as atividades públicas realizadas pelos institutos. Assim, estão disponíveis para *download* transcrições de conferências, seminários e *workshops* realizados em suas sedes, falas e resumos políticos dos membros nos comitês e subcomitês, todos os materiais impressos e mídias produzidas pelos institutos, os artigos publicados nos meios de comunicação, bem como a divulgação dos eventos, projetos e programas que a instituição desenvolveu e desenvolve. Também estão presentes informações sobre suas missões, membros e equipe diretiva (ABELSON, 2006).

Para esses institutos os *sites* também têm a função de fornecer informações sobre como as suas temáticas são recebidas, através da quantidade de acessos de suas publicações, podendo assim identificar as temáticas e debates mais interessantes para seus visitantes os *think tanks* podem estabelecer estratégias para mais atenção, dando mais ênfase a determinados assuntos, por exemplo (ABELSON, 2006).

Os *think tanks* também possuem um conjunto de atividades que visam influenciar os decisores políticos de forma reservada, através de relações interpessoais com os políticos. Todas essas estratégias apontadas abaixo têm por objetivo fortalecer os laços com os decisores políticos e deixar os *think tanks* mais próximo do processo decisório:

[1] aceitando posições administrativas em gabinetes, sub-gabinetes ou posições burocráticas; [2] servindo em forças-tarefas e times de transição durante eleições presidenciais e em conselhos consultivos presidenciais; [3] mantendo ligações com escritório oficiais da Casa dos Representantes e do Senado; [4] convidando seletos decisores políticos para participar de conferências, seminários e *workshops* fechados; [5] permitindo que os burocratas trabalhem nos *think tanks* em uma base tempo limitada; [6] oferecendo posições nos *think tanks* a ex-decisores políticos (MEDVETZ, 2006, p. 153, tradução nossa).

Como apontamos na análise histórica, os *think tanks* a partir de 1930 e com mais intensidade a partir da década de 1950 passaram a estabelecer vínculos com o processo decisório através da participação de seus membros nas administrações. Hoje uma estratégia comum entre os grandes *think tanks* é (1) tornar seus membros um ator político. É muito comum na política estadunidense atual a participação de pessoas com vínculos com *think tanks* serem membros de governos como Secretários de Defesa, por exemplo. São centenas de pessoas associadas a um dos *think tanks* e que em algum momento estiveram em cargos administrativos importantes ao longo das últimas décadas⁸ (ABELSON, 2006; WEAVER; MCGANN, 2002).

Com isso os *think tanks* estabelecem relações muito próximas com o processo decisório político. Ter um membro indicado para uma administração têm grandes benefícios para suas estratégias de influenciar o processo decisório, pois os *think tanks* aumentam seu prestígio, pela alta visibilidade que isso lhes proporciona, bem como acabam estabelecendo fortes laços interpessoais com os principais decisores políticos-chave nacionais (ABELSON, 2006).

Alguns exemplos famosos são de Lincon Gordon, membro da *Brookings Institution*, trabalhou para o Departamento de Estado como Diretor da Missão do Plano Marshall e Ministro da Economia e na Embaixada dos Estados Unidos em Londres na década de 1950 e na seguinte como embaixador dos Estados Unidos no Brasil, ou mais recentemente, Condoleezza Rice, da *Council on Foreign Relations*, Secretária de Estado na administração Bush filho a partir de 2005. Também podemos citar Richard Haass, presidente da *Council on Foreign Relations*, o qual desempenhou vários postos no Departamento de Defesa na década de 1970 e 1980 e mais recentemente, a partir de 2003, foi diretor da política de planejamento no Departamento do Estado e principal assessor do Secretário de Estado Colin Powell (MEDVETZ, 2006).

⁸ Abelson (2006, p.238-258) apresenta uma extensa lista contendo informações de pessoas vinculadas aos principais *think tanks* de política externa e internacional e seus respectivos cargos públicos ao longo do século XX e XXI.

Outra forma dos *think tanks* estabelecerem canais de influência direta com os decisores políticos-chave é por meio de convite dos próprios políticos (2) para *think tanks* servirem em forças-tarefas e times de transição durante eleições presidenciais e em conselhos consultivos presidências (ABELSON, 2006). Nesses canais os *think tanks* consideram uma grande oportunidade para moldar a agenda política e as diretrizes do governo durante a gestão. A participação de membros dos *think tanks* nessas atividades é uma ação comum e faz parte do cotidiano político nacional. A medida de exemplo, na última transição presidencial estadunidense, onde Donald Trump elegeu-se presidente (2016), o ex-presidente da *Heritage Foundation*, Edwin Feulner foi um dos membros do grupo de transição do governo, inclusive aparecendo ao lado de Trump em diversas fotos de reportagens jornalísticas (WASHINGTON POST, 2016).

Já nas administrações, os membros de *think tanks* participam com importantes cargos consultivos presidenciais, em áreas como inteligência, economia e de política externa. Como foi o caso de Jeanne Kirkpatrick da *American Enterprise Institute*, que além de embaixadora dos Estados Unidos na ONU na década de 1980, foi uma das responsáveis pela elaboração política no que se refere a relação dos Estados Unidos com regimes ditatoriais na década de 1980 e também serviu em comissões presidências e no conselho consultivo de Inteligência Externa Presidencial na administração de Ronald Reagan (ABELSON, 2006; MEDVETZ, 2006; WEAVER; MCGANN, 2002).

Os *think tanks* (3) mantem ligações pessoais com decisores políticos tanto da Casa dos Representantes como do Senado. Nos Estados Unidos o sistema político e partidário é fragmentado. Como a eleição é distrital, exige dos políticos a atualização constante sobre as demandas dos seus eleitores e ao mesmo tempo não há uma fidelidade partidária, assim os políticos tem maior liberdade para a escolha de suas decisões. Nesse contexto, os políticos têm uma maior abertura para receber elaborações e demandas políticas de fora do sistema, bem como a necessidade de fontes de elaborações políticas, devido a grande diversidade e muitas vezes complexidade de questões a que estão envolvidos (ABELSON, 2006).

Identificando esta oportunidade, os *think tanks* aproveitam esse espaço para estabelecer e manter contatos próximos com o legislativo, objetivando que suas questões e elaborações políticas sejam de conhecimento e até adotadas pelos políticos. Para tanto, membros dos *think tanks* procuram estabelecer relações interpessoais com congressistas chaves, o que lhes permite ter encontros regulares para discutir e apresentar as preocupações dos *think tanks* e ouvir as principais necessidades dos

políticos, permitindo preparar recomendações políticas. Esta relação também possibilita manter os *think tanks* sempre bem informados sobre quais são as questões de maior importância das duas casas legislativas, o que proporciona estarem discutindo e elaborando recomendações políticas para as mesmas (ABELSON, 2006).

Para aproximar ainda mais os decisores dos institutos, os *think tanks* (4) promovem conferências ou seminários fechados. Geralmente são eventos com poucas pessoas, contando com alguns membros-chaves dos institutos com políticos proeminentes. Nesses encontros estabelecem pautas específicas às quais são discutidas e os *think tanks* apresentam medidas legislativas concretas (ABELSON, 2006).

Os *think tanks* também (5) estabelecem canais de comunicação com a Burocracia pela qual permite a troca de ideias entre ambos. O contato entre departamentos burocráticos e agências governamentais é muito próximo e comum. Uma das mais visíveis formas é através do programa de residência do Departamento de Estado, o qual possibilita diplomatas residir temporariamente em um *think tanks* e neles participar de algumas atividades como, por exemplo, escrever artigos de opinião ou participar de seminários. Estes intercâmbios são comuns na *Council on Foreign Relations*, *Brookings Institute*, *Carnegie Endowment for International Peace* e na *Heritage Foundation* (ABELSON, 2006)

Por fim, como os políticos recebem membros dos *think tanks* para atuarem na administração, os *think tanks* também recebem (6) políticos egressos de suas atividades para fazer dos institutos sua casa de discussões e se manterem envolvidos e ativos no debate político. Os políticos egressos de seus cargos ficam um tempo nos *think tanks* até voltarem suas atividades políticas ou também tem aqueles que decidem se aposentar da vida política, mas acabam escolhendo um desses institutos para tornar a sua casa e assim de alguma maneira continuar suas atividades políticas. Além de estabelecer e desenvolver vínculos interpessoais com políticos, a vinda deles para seus institutos significa maior visibilidade e prestígio ao mesmo tempo em que esses políticos geralmente trazem consigo patrocinadores (ABELSON, 2006; WEAVER; MCGANN, 2002).

2.4 Considerações finais

Legalmente, os *think tanks* são reconhecidos pelo Estado como instituições filantrópicas enquadradas na seção 501 (c) (3) do código da Receita Federal dos Estados

Unidos. Integradas na mesma seção que igrejas, organizações não governamentais e associação de defesa dos animais, não podem participar de atividades políticas (como fazer campanhas e doações a candidatos), gerar lucro para particulares e fazer *lobby*.

Contudo, pela análise da trajetória histórica e do conjunto de atividades cotidianas comuns a todos os *think tanks*, atualmente podemos definir os *think tanks* como organizações, que dentro de seus limites legais, operam na construção, reprodução e circulação de ideias vocacionadas para modelar o debate público e influenciar a formulação de políticas públicas por parte de agentes governamentais. São instituições muito diversas, com diferentes tipos de orçamentos e visões ideológicas, mas possuem estratégias comuns de atuação e legitimação. No final podemos afirmar que os *think tanks* circulam em importantes ambientes no processo de formulação de políticas públicas nos Estados Unidos.

Esses elementos que compõem as diversas atividades dos *think tanks* nos apontam o intenso intercâmbio e interconexões que esses institutos estabelecem com a opinião pública e o processo decisório nacional. Portanto, podemos afirmar que estes institutos de pesquisa em políticas públicas são importantes fontes a serem consideradas como uma das principais formuladoras de políticas nos Estados Unidos. Elas procuram moldar o debate público nacional, as preferências políticas, estão o tempo todo interagindo e identificando as demandas dos políticos, da sociedade e do poder econômico.

Embora os *think tanks* sejam presença cotidiana na política nacional, aparecendo, por exemplo, na sessão de opinião de importantes jornais, dando entrevistas para televisão e rádio de rede nacional, testemunhando nos principais comitês e subcomitês do Congresso ou ocupando cargos públicos proeminentes, isso não expressa influência em todas as questões ou que moldam todas as políticas públicas. Saber ou não a influência de *um think tanks* exige estudos de caso, como os apresentados por Abelson (2006). Isso se deve a muitos fatores como, por exemplo, o debate político nacional contar com muitos outros atores governamentais ou não, como grupos de interesse, firmas de advocacias, lobistas, associações profissionais e empresarias, ficando, portanto, difícil afirmar que uma política pública ou uma agenda política foi moldada por determinado *think tank*, pura e simplesmente.

Como Abelson destaca (2006) é preciso ter prudência ao afirmar e medir a influência de um *think tank*, pois ainda não há ferramentas metodológicas suficientes. Assim, quando apresentamos as atividades que manifestam as estratégias de influência

dos *think tanks*, estamos admitindo a sua possibilidade, indicando quais mecanismos utilizam para exercê-la e como suas ideias circulam em diferentes ambientes políticos, sendo vistos e ouvidos por jornalistas, políticos, empresários e até mesmo acadêmicos em nível nacional.

3 OS *THINK TANKS* SELECIONADOS E SUAS PRODUÇÕES DISCURSIVAS: CONTEXTUALIZANDO O DEBATE SOBRE A ATUAÇÃO INTERNACIONAL DO BRASIL

Este capítulo realiza uma breve apresentação dos *think tanks* selecionados e centra-se especialmente em caracterizar o debate sobre a atuação internacional do Brasil nesses institutos. Direciona-se, portanto, a responder ao primeiro objetivo específico desta tese: contextualizar a produção a respeito da temática em cada um dos institutos.

Para tanto, além de expor a importância dos *think tanks* no debate sobre política externa e internacional estadunidense, construímos um perfil para cada *think tank*. Nestes, apresentamos informações sobre as produções discursivas selecionadas (como quantidade, características e espaços públicos externos de circulação), quando presente, apontamos e caracterizamos as iniciativas/projetos específicos criados pelos institutos para estimular e promover suas ideias a respeito da atuação global do Brasil e, por fim, identificamos os principais articulistas que se dedicaram a produzir formulação políticas a respeito da temática. Conforme a sistemática adotada para a organização dos capítulos, dividimos a apresentação entre os *think tanks* liberais (*Brookings*, *CFR*, *Wilson Center*, *Carnegie*) e em seguida os *think tanks* conservadores (*Heritage* e *American Enterprise Institute*).

3.1 Os *think tanks* liberais

Fundada em 1924, a *Brookings Institution* é um espaço de pesquisa politicamente orientada de grande proporção em diversos aspectos. Dividido entre análises de política doméstica e política externa/internacional estadunidense, tem orçamento anual médio de \$100 milhões de dólares, mais de trezentos pesquisadores, centros na China (*Brookings-Tsinghua Center for Public Policy*), Catar (*Brookings Doha Center*) e na Índia (*Brookings India*) (BROOKINGS, 2015e).

Esta grande dimensão reflete suas posições no *ranking* dos *top think tanks*. Ao longo dos treze anos abarcados nessa pesquisa, foi o melhor *think tank* em todas as áreas de interesse que definimos no *Global Go To Think Tank Index*: melhor *think tank* do mundo, dos Estados Unidos e também na temática política externa/internacional (MACGANN, 2016).

No total, identificamos sessenta e quatro produções discursivas, compostas por *op-eds*, *policy briefings*, transcrições de falas de eventos, *reports* e publicação de livros (APÊNDICE I). Nestes, a expressão mais utilizada para se referir ao Brasil foi *emerging power* ou *rising power*, seguidas pelas definições *global player*, *South South global player* e *regional power*. Em termos de divulgação externa, identificamos que destes documentos, onze foram artigos publicados na mídia estadunidense, em jornais como, por exemplo, *The Boston Globe*, *Huffington Post*, *The Miami Herald Opinion* e *Yale Global* (APÊNDICE II).

Pela investigação do conteúdo da produção discursiva, identificamos que a atuação global do Brasil foi inserida em um contexto mais amplo de análises sobre a distribuição de poder e de governança global no século XXI. Para a *Brookings*, a ordem global liberal estava em transformação, o que exigia dos Estados Unidos novas formulações políticas para lidar com essa realidade. Nesse contexto, o instituto investiu em compreender quais seriam as intenções e as consequências da maior atuação global do Brasil, já que o País foi considerado pela *Brookings* como um dos atores que estavam alterando a distribuição de poder.

Por exemplo, o Brasil foi objeto de análise em quatro artigos do projeto *Order from Chaos*. Força tarefa abrangendo todas as linhas de pesquisa de política externa/internacional do *think tank*, o *Order from Chaos* foi proposto para formular recomendações políticas a respeito dessa nova realidade global. Nesses artigos, o Brasil foi definido como um *rising power* e a atuação do País na questão dos direitos humanos durante a gestão Dilma foi objeto de investigação (BROOKINGS, [2017?]).

Outro exemplo da relevância crescente do Brasil para a *Brookings* pode ser observado pela identificação de formulações políticas voltadas à atuação global do País em dois memorandos ao Presidente. Estes documentos — que têm por objetivo apresentar as recomendações políticas gerais às novas administrações — abordaram o Brasil como importante ator no contexto de segurança na América Latina (FELBABBROWN, 2008) e importante aliado estadunidense na manutenção da ordem internacional liberal (INDYK; KAGAN, 2013).

Observamos que a atuação internacional do Brasil no século XXI também foi objeto de prioridade da *Brookings* ao identificarmos o esforço do *think tank* em ter um articulista dedicado exclusivamente a formular, produzir e divulgar ideias/visões a respeito da temática. De 2013 (quando entrou na *Brookings*) até 2016, o venezuelano Harold Trinkunas produziu nove documentos voltados exclusivamente a definir quais

seriam as intenções e o papel do Brasil na ordem internacional (APÊNDICE I). Entre eles destacamos três relatórios: *Brazil's Rise: seeking influence on Global Governance* (2014), *Brazil's prescription: Collaborative diplomacy for a more stable global order* (2015) e *Converging on the future of global Internet governance: The United States and Brazil* (2015) e um livro, publicado em 2016 em parceria com David R. Mares, intitulado *Aspirational Power: Brazil on the Long Road to Global Influence*.

Além destes trabalhos, também identificamos que Trinkunas procurou divulgar suas ideias fora do instituto. Como por exemplo, em um painel intitulado *Brazil, Development and the Global Political Economy* na *Elliot School of International Affairs da George Washington University* (ELLIOTT SCHOOL OF INTERNATIONAL AFFAIRS, [2015?]).

Em termos de articulistas destaques, afora Trinkunas, verificamos a expressiva participação do professor de Relações Internacionais da *University of Southern California*, especializado em estudos sobre América Latina e Caribe e na *Brookings fellow do Latin American Initiative* Abraham Lowenthal (quatro documentos); o político e vice-diretor de política externa da *Brookings* de 2008 a 2013 Ted Piccone (seis documentos); o economista colombiano e diretor do *Latin America Initiative* até 2011 (quando assumiu como Ministro das Energias da Colômbia) Mauricio Cardenas (sete documentos). Também identificamos a participação dos brasileiros João Castro Neves (dois documentos), que na época de sua participação, em meados de 2010 a 2011, era consultor da *CAC Political Consultancy* e Carlos Pereira (dois documentos), professor da FGV, *visiting fellow* no *Latin America Initiative* de setembro de 2010 a setembro de 2011 (APÊNDICE I).

Ao lado da *Brookings*, o *Council on Foreign Relations* também é considerado um dos maiores *think tanks* do mundo. Fundado em 1921, têm suas atividades voltadas exclusivamente a questões de política externa/internacional estadunidense. Atualmente tem mais de cinco mil membros⁹, em torno de setenta *fellows* em *full time* ou *adjunct fellows* e orçamento anual médio de 77 milhões de dólares (COUNCIL, [2017?] a). No relatório *Global Go To Think Tanks Index* o *CFR* é o segundo melhor *think tank* dos Estados Unidos, décimo melhor do mundo e quinto melhor *think tank* em política externa e relações internacionais (MACGANN, 2016).

Embora nos 3 primeiros anos não tenha havido produção discursiva a respeito da temática, nos demais, principalmente entre 2009 e 2014, o *CFR* demonstrou grande

⁹ Ao contrário dos demais *think tanks*, o *CFR* é uma “membership organization”.

interesse. Pode-se visualizar pela quantidade de produções e temas, como pelo desenvolvimento de uma importante iniciativa com duração de quatro anos voltada especificamente a análises e produção de recomendações políticas sobre a atuação global do Brasil no século XXI.

No total identificamos cinquenta e uma produções (APÊNDICE I). Destas, vinte e quatro foram vinculadas a mídias nacionais/internacionais (APÊNDICE II). Nesse contexto identificamos um fato importante: o interesse do *think tank* em divulgar suas ideias no ambiente nacional brasileiro. Isto por que durante os anos de 2011 a 2015, o *CFR* — por intermédio da articulista Julia Sweig — manteve uma coluna quinzenal no jornal A Folha de São Paulo justamente para apresentar impressões relacionadas ao cotidiano das relações bilaterais Estados Unidos - Brasil e da atuação internacional do Brasil no período (FOLHA DE SÃO PAULO, [2017?] a). Destes artigos, os quais também foram divulgados no *site* do *think tank*, dez foram incorporados a nossa análise (APÊNDICE II). Além do meio jornalístico, também identificamos nove produções selecionadas publicadas na revista especializada *Foreign Affairs* entre os anos de 2006 a 2012 (APÊNDICE III).

De modo geral, os conceitos mais utilizados para definir o Brasil internacionalmente foram *global player*, *major power*, *emerging power*, *strategic partnership*, *regional power* e *Global South*. Comparando-se com os assuntos e perspectivas indicadas nos outros *think tanks* selecionados, o *CFR* foi o instituto com maior diversidade de assuntos e regiões abordadas, desenvolvendo recomendações políticas em todos os quatro grandes temas que serão analisados nos próximos capítulos.

A atuação do Brasil durante os anos abarcados foi objeto não só de reconhecimento como uma das prioridades do *CFR*, isto se evidenciou com o lançamento do *Global Brazil Initiative* em 2009. Com a justificativa de que o Brasil no século XXI se tornara um ator global emergente indiscutível e cada vez mais influente em questões de comércio, finanças, governança global, energia, meio ambiente, mudanças climáticas, agricultura, manutenção da paz, pandemia e pobreza, o *CFR* — patrocinado pela *Alcoa Foundation* e coordenado pela *senior fellow* Julia Sweig — criou o *Global Brazil Initiative* para promover de forma mais intensa o debate a respeito da atuação global do Brasil e produzir formulações políticas aos legisladores estadunidenses e aos espaços midiáticos nacionais e internacionais (COUNCIL, [2010?]).

No âmbito dessa iniciativa, tanto para elaboração, mas principalmente para a

divulgação de suas ideias, identificamos a realização de nove mesas redondas, a publicação de um extenso relatório e a coluna quinzenal acima referida (COUNCIL, [2010?]). Fomentando uma determinada agenda/recomendações políticas, estas atividades promoveram o diálogo do *CFR* com um amplo grupo de atores externos, como ocorreu nas nove mesas redondas. Nestas, verificamos a presença de acadêmicos brasileiros, como Ricardo Sennes, Matias Spektor e estadunidenses como Green James, Andrew Hurrell e Albert Fishlow; de articulistas de outros *think tanks*, como Bethell do *Wilson Center* e; de representantes do governo dos Estados Unidos, como Samantha Power e Todd Chapman (COUNCIL, 2013b).

Nesse contexto também se inseriu o principal trabalho do *Global Brazil Initiative*: o *Independent Task Force Report* (Nº 66) intitulado *Global Brazil and U.S.-Brazil Relations*. Lançado em julho de 2011, este relatório com cento e dez páginas foi coordenado pela diretora da iniciativa — Julia Sweig —, presidido pelo ex-Secretário de Energia dos Estados Unidos Samuel W. Bodman e pelo ex-presidente do Banco Mundial James D. Wolfensohn (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011).

Além destes, o relatório contou com uma “força-tarefa” com mais de trinta colaboradores. Esta, mobilizou grande diversidade de representantes dos setores governamentais como, por exemplo, o diplomata Thomas Shannon; do setor privado como Timothy M. Kingston do *Goldman Sacks* ou Donna Hrink da *Pepsico, Inc. RobertL. Hutchings*; do meio acadêmico como Riordan Roett da *The John Hopkins University* e; de outros *think tanks* estadunidenses, como G.John Ikenberry do *Woodrow Wilson Center* ou Louis E. Caldera do *Center for America Progress*. Até mesmo contou com o envolvimento do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, dado pelas conversas estabelecidas por Sweig com o Ministro Antônio Patriota e o embaixador dos Estados Unidos em Washington no período, Mauro Vieira (BODMAN, WOLFENSOHN e SWEIG, 2011).

Como veremos ao longo dos próximos capítulos, de modo geral esse relatório se destacou pela clara posição de defesa da socialização do Brasil a ordem global. Como afirmaram os autores na introdução,

[...] a mensagem deste relatório dificilmente poderia ser mais clara: a importância do Brasil não é apenas regional, mas global. Suas decisões e ações afetarão a economia, o meio ambiente e o futuro energético mundial, bem como as perspectivas de diplomacia e estabilidade. O Brasil está na pequena lista de países que mais moldarão o século XXI. A política externa

dos EUA e do Brasil devem estar em conformidade (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p. X, tradução nossa).¹⁰

Os articulistas destaques do *CFR* em relação à temática foram Julia Sweig, Shannon O’Neil e o brasileiro Matias Spektor, todos com perfil de formação acadêmica de alto nível. Entre estes, Sweig foi a principal articulista do *CFR* na promoção e divulgação das visões do *think tank* em relação a atuação global do Brasil.

Com mestrado e doutorado pela *John Hopkins University*, Julia Sweig se especializou em América Latina e política externa dos Estados Unidos para essa região. Participando do *CFR* desde 1998, em 2005 se tornou *senior fellow* e diretora do *Latin America Studies Program*, onde passou a coordenar e promover o debate sobre a América Latina. Com trabalhos sobre o Brasil a partir de 2008 (APÊNDICE I), também foi responsável pela divulgação das ideias defendidas pelo *think tank* no meio externo, seja publicando artigos na mídia, como participando de conferências fora do *CFR*, como ocorreu em encontro no *Latin America Studies* da Universidade da Califórnia em outubro de 2012 (UC BERKELEY CENTER FOR LATIN AMERICAN STUDIES, 2012) e no programa de Jin Zin em maio de 2011 (JIMZIRINTV, 2011; COUNCIL, 2005).

A *senior fellow* Shannon O’Neil foi outra articulista de destaque nas produções sobre o Brasil. Além da autoria de seis trabalhos sobre o assunto (APÊNDICE I), coordenou o *blog Latin America’s Moment* — um dos espaços no *think tank* responsáveis por grande divulgação de artigos, eventos e iniciativas referente a temática em análise (COUNCIL, [2017?]b). Afora estas duas articulistas, também identificamos a importante participação do brasileiro e atual professor da FGV de São Paulo Matias Spektor, particularmente entre os anos de 2010 a 2012. *Visiting fellow* do *CFR* em 2010, estabeleceu vínculo com o instituto e ao longo dos dois anos participou dos debates sobre a atuação internacional do Brasil.

Como o *CFR*, a *Carnegie* também tem sua agenda voltada exclusivamente a política externa/internacional para os Estados Unidos. Atualmente é considerado um *global think tank*¹¹ com cerca de cem pesquisadores em mais de vinte países

¹⁰ [...] the message of this report could hardly be clearer: Brazil matters not just regionally but globally. Its decisions and actions will affect the world’s economy, environment, and energy future as well as prospects for diplomacy and stability. Brazil is on the short list of countries that will most shape the twenty-first century. U.S. and Brazilian foreign policy must adjust accordingly.

¹¹ Tem cinco centros fora dos Estados Unidos: o *Carnegie Moscow Center*, em Moscou; *Carnegie Middle East Center*, em Beirute; o *Carnegie Europe*, em Bruxelas; o *Carnegie-Tsinghua Center for Global Policy*, em Beijing e; o *India Carnegie*, em Nova Deli. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/about/?lang=en>>. Acesso em 12 jul. 2017.

(CARNEGIE, [2017?]a). Através de seus nove programas e quatorze projetos, identificamos e selecionamos vinte e nove documentos sobre a atuação internacional do Brasil, os quais foram compostos por *op-eds*, relatórios e um livro (APÊNDICE I).

Do total de produções discursivas, verificamos que doze delas — grande parte de autoria de Moisés Naím — foram artigos publicados em jornais externos ao *think tank*, como o *Financial Times* e *Huffington Post* (APÊNDICE II). Sobre a atuação global do Brasil, o País foi referenciado principalmente com a expressão *emerging power* e, em menor frequência, como *global player* e *regional power*.

Em relação aos temas abordados, observamos uma grande ênfase do *think tank* em produzir análises sobre a política nuclear do Brasil e sua implicação à ordem internacional nuclear. Nesse sentido, além de artigos de diversas autorias (APÊNDICE I), o *think tank* manteve a *fellow* Togzhan Kassenova em uma pesquisa de mais de dois anos para analisar quais seriam as intenções internacionais da política nuclear brasileira do período ¹². Deste esforço, Kassenova publicou dois artigos e um livro (KASSENOVA, 2014, 2015, 2016).

No livro *Brazil's Nuclear Kaleidoscope: an evolving identity* (2014) — principal trabalho resultante da investigação da autora sobre a política nuclear — observamos uma grande interação da *fellow* com atores brasileiros envolvidos com a temática, por meio de entrevistas realizadas tanto no Brasil, como no exterior. Além do mais, em cento e vinte e sete páginas, Kassenova abordou expressiva quantidade de temas relacionados a política nuclear brasileira, delimitada pela autora pelo ciclo avançado de combustível nuclear, programa de submarinos nucleares, acordo nuclear Brasil-Argentina e atuação internacional do Brasil nessa área, seja pela crítica a ordem estabelecida, a não assinatura do Protocolo Adicional da AIEA sobre salvaguardas nucleares e a atuação do Brasil no que ficou conhecido como a Declaração de Teerã (KASSENOVA, 2014).

Outro aspecto importante das produções da *Carnegie* foi o artigo intitulado *Uncertain Future of IBSA* publicado em fevereiro de 2015 pelo professor da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, Oliver Stunkel (STUNKEL, 2015). Abordando as origens e objetivos iniciais do IBAS em um contexto de fórum de diálogo das potências emergentes envolvidas com a Cooperação Sul-Sul, este foi um dos únicos artigos entre

¹² Como política nuclear, o *think tank* definiu tanto as ações diplomáticas externas, como o próprio programa nuclear brasileiro (KASSENOVA, 2014).

todos os *think tanks* o qual se dedicou exclusivamente a compreender e definir o IBAS e, o papel/intenções do Brasil nesse fórum.

Assim, em termos de articulistas destaques da *Carnegie*, identificamos os *fellows* Togzhan Kassenova e Moises Naím. Jornalista e professora no Cazaquistão, Kassenova, antes de ingressar para a *Carnegie*, fez pós-doutorado no *James Martin Center for Nonproliferation Studies da University of Georgia's Center for International Trade and Security* em Washington, D.C. e, de 2011 a 2015 serviu no Conselho Consultivo sobre Assuntos de Desarmamento da Secretária-Geral da ONU. Na *Carnegie*, além dos trabalhos acima referidos, Kassenova tratou de questões relacionadas ao papel dos emergentes na ordem internacional nuclear, na não proliferação, na segurança nuclear e na gestão comercial estratégica (CARNEGIE, [2017?] b)

Já Naím, se destacou por seus artigos produzidos e pela presença nos debates públicos. Vinculados ao *site* da *Carnegie*, identificamos seis artigos, todos publicados no ambiente midiático (APÊNDICE II). De origem venezuelana, Naím desempenhou cargos públicos em seu país de origem na década de 1990 e nos Estados Unidos, a partir de 1996, se tornou o editor chefe da revista *Foreign Policy* — cargo que exerceu até 2010, quando se tornou *fellow* da *Carnegie*. Atualmente (2017), além de editor contribuinte da revista *The Atlantic*, Naím tem um programa de televisão semanal em língua espanhola sobre assuntos internacionais, transmitida para todo o país *via DirectTV* (CARNEGIE, [2017?] c; O ESTADÃO, 2017).

Como medida de reconhecimento e circulação na elite nacional estadunidense, marcadores de influência como a revista britânica *Prospect*, em 2013, nomeou Naím como um dos principais pensadores do mundo, e o Instituto *Gottlieb Duttweiler* da Suíça classificara-o como uns cem pensadores líderes de 2014 e 2015 (CARNEGIE, [2017?] c). Desta maneira, consideramos que as ideias defendidas por Naím obtiveram ampla circulação no meio externo, em espaços como a mídia, o mundo dos negócios e o político.

Dentre os *think tanks* selecionados, o instituto de maior vínculo com o governo dos Estados Unidos foi o *Wilson Center*. Ligado ao *Smithsonian Institution*, foi criado pelo Congresso em 1968 com a missão de ser um centro de pesquisa independente sobre questões globais e servir como uma das fontes de apoio à comunidade política estadunidense. Atualmente, com cento e cinquenta pesquisadores e colaboradores, o

Wilson têm orçamento anual médio de \$10 milhões de dólares — dos quais um terço advém do governo federal (WILSON CENTER, 2015b).

Considerado um dos mais importantes *think tanks* sobre relações internacionais nos Estados Unidos, segundo o *Global Go to Think Tanks Index* o *Wilson Center* está em quinto lugar no *ranking* dos melhores *think tanks* estadunidenses, em oitavo lugar no *ranking* geral dos mais importantes *think tanks* do mundo e na mesma posição na temática política externa/assuntos internacionais (MACGANN, 2016). Dentre os *think tanks* selecionados, identificamos que o *Wilson Center* foi o instituto com maior número de atividades para promoção de ideias/visões a respeito da atuação global do Brasil, o que refletiu no número de produção discursivas selecionadas: cento e três (APÊNDICE I).

Entre as razões para tal número, consideramos a crescente prioridade dada pelo *think tank* ao tema Brasil, de forma geral, e em específico, a respeito da sua atuação internacional. Essa perspectiva se evidencia quando observamos a organização do *think tank* e a inserção do País em importantes iniciativas no instituto. O *Wilson Center* concebe a sua agenda de pesquisa entre programas e projetos que são ou temáticos ou por regiões, além de ter um pequeno número de institutos dedicados a alguns países específicos. Até 2006, no âmbito do *Latin America Institute* a temática Brasil tinha um projeto específico, o *Project Brazil* e, a partir de 2006, passou a ter um instituto próprio, o *Brazil Institute* ¹³.

Nesse contexto, ao contrário dos demais *think tanks* selecionados — onde não encontramos nenhuma evidência do reconhecimento/debate do Brasil como um importante ator global nos primeiros anos das análises — no *Wilson Center* o debate já estava em andamento. Como a própria justificativa do *Brazil Project* apontou, o projeto foi criado devido a:

[...] convicção de que o Brasil e o relacionamento Brasil-EUA merecem receber mais atenção em Washington. A população, o tamanho e a economia do Brasil, bem como sua posição única como líder regional e ator global justificam plenamente esse interesse (THINKING.BRAZIL, 2004 N9, tradução nossa). ¹⁴

¹³ Para consulta de todos os programas, projetos e institutos ver: <<https://www.wilsoncenter.org/research>>. Acesso em: 18 jun. 2017.

¹⁴ “[...] conviction that Brazil and the U.S.-Brazilian relationship deserve to receive better attention in Washington. Brazil’s population, size, and economy, as well as its unique position as a regional leader and global player fully justify this interest.”

No âmbito deste projeto, o Brasil também ganhou um boletim informativo exclusivo para divulgação das ações desenvolvidas pelo *think tank* em relação ao País, o *ThinkingBrazil Uptade*. Foi principalmente por meio desse boletim que identificamos os dois primeiros anos de atividades do *Wilson Center* referente a temática da pesquisa, com informações sobre os eventos, convidados, temáticas e resumo das discussões (THINKING BRAZIL, 2003, 2004).

É interessante observar que nesse período inicial identificamos tanto em algumas atividades, como no *ThinkingBrazil Uptade*, o apoio formal do Brasil através do Ministério da Cultura e da Embaixada do Brasil em Washington, o que nos mostrou o interesse do governo brasileiro em fomentar o debate nesses centros de pesquisas politicamente orientadas e o diálogo entre os dois agentes. Também verificamos o envolvimento de empresas privadas como patrocinadoras, como *DM, Cargill, Chevron Texaco, FMC e a GE Foundation* ¹⁵.

O debate sobre a atuação internacional do Brasil ganhou dinâmica e reconhecimento ainda maior do *Wilson Center* a partir de 2006, quando o *think tank* criou o *Brazil Institute* ¹⁶. Centro destinado exclusivamente a promoção e elaboração de visões sobre o Brasil, consideramos essa iniciativa um importante exemplo de como no *Wilson Center* o debate sobre a temática em questão se elevou ao longo dos anos. Esta afirmação também é corroborada quando consultamos a justificativa da fundação do Instituto, no qual afirma que o *Brazil Institute* — ligado ao *Latin American Program* — foi criado devido:

[...] a convicção de que o Brasil e a relação EUA - Brasil merecem maior atenção dentro da comunidade política de Washington. [O seu objetivo é] fomentar o diálogo sobre questões-chave de preocupação bilateral entre o Brasil e os Estados Unidos, enquanto promove a compreensão em Washington sobre as complexidades do Brasil como uma potência regional, democrática e um ator global (WILSON CENTER, 2017c, tradução nossa). ¹⁷

Espaço responsável por toda produção/reprodução de visões no *think tank* a respeito da atuação global do Brasil de 2006 a 2016, observamos durante todo o período

¹⁵ As informações foram retiradas dos boletins selecionados. Para tanto, ver Apêndice I (em específico as edições selecionadas do boletim).

¹⁶ Mais uma evidencia que o Brasil é considerado pelo *Wilson Center* como um país importante para ser estudado está no fato que além do *Brazil Institute*, há apenas outros tres institutos (*Canada Institute, Mexico Institute e China Institute*) dedicados exclusivamente a estudar um país em específico. Para maiores informações acessar: <<https://www.wilsoncenter.org/research/Latin%20American%20Program>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

¹⁷ “[...] the conviction that Brazil and the U.S.-Brazilian relationship deserve greater attention within the Washington policy community. [O seu objetivo é] to foster dialogue on key issues of bilateral concern between Brazil and the United States, while advancing Washington's understanding of the complexities of Brazil as a regional, democratic power, and a global player.”

a grande ênfase do *Brazil Institute* em divulgar suas ideias em diferentes meios. Nesse contexto, ainda em 2006 o *Brazil Institute* lançou o boletim *Thinking Brazil* e, a partir de 2009, contou com um *blog*, o *Brazil Portal*, uma página no *Facebook* e uma conta no *Twitter* (WILSON CENTER, [2017?]d).

Para coordenação das atividades, desde o seu início o *Wilson Center* colocou a frente do instituto o jornalista brasileiro Paulo Sotero. Acreditamos que sua escolha tenha refletido as intenções claramente definidas do *Wilson Center* em tornar o *Brazil Institute* um espaço de articulação entre a comunidade política, econômica e governamental dos dois países, já que Sotero foi correspondente internacional em Washington, DC, por mais de vinte anos¹⁸ e na época do convite, o jornalista já era uma figura reconhecida no meio político e midiático estadunidense.

Esta intensa articulação ficou evidente nas atividades de Sotero, o que também nos aponta a intensa circulação das visões do *Wilson Center* sobre a temática em importantes ambientes que ao mesmo tempo precede e modela a formulação de políticas nos Estados Unidos. Enquanto diretor, por intermédio de constantes eventos promovidos na sede do *think tank*, bem como em atividades externas, Sotero obteve contato como, por exemplo, com grandes empresários ou representantes de corporações nacionais, como Rex Tillerson ou Donna Hrink; representantes de congressistas, como Carl Meachman; embaixadores com intensas atuações na América Latina, como John Danilovich e Thomas Shannon; pessoal de departamentos governamentais, como Marcella Sysmanski e Arturo Valenzuela do Departamento de Estado, ou até mesmo; o conselheiro do presidente Obama para Assuntos Hemisféricos, Dan Restrepo¹⁹.

Da mesma forma, estabeleceu diálogo com professores pesquisadores de diversas universidades estadunidenses, afora acesso a mídia nacional, como *The Washington Post*, *The New York Times* ou *The Wall Street Journal*. Ademais, esteve em

¹⁸ Sotero começou sua carreira no final da década de 1960 como jornalista da *Veja*, trabalhando no Brasil, França e Portugal. A partir dos anos 1980 até assumir o cargo no *Wilson Center* em 2006, tornou-se correspondente em *Washington* da revista *Isto É* e dos jornais *Gazeta Mercantil* e o *Estado de São Paulo*.

¹⁹ Rex Tillerson: Ex-CEO Exxon e ex-Secretário de Estado; Donna Hrink: foi embaixadora no Brasil e CEO da *Boeing* no Brasil; Carl Meachman: consultor do Senador Richard Lugar no Comitê de Relações Exteriores do Senado, também atuou como assessor sênior para a América Latina e o Caribe no Comitê; John Danilovich: embaixador dos Estados Unidos na Costa Rica entre 2001 a 2004 e no Brasil de 2004 a 2005; Thomas Shannon: embaixador dos Estados Unidos no Brasil de 2009 a 2013; Marcella Sysmanski: diretora adjunta do *Agricultural Policy Office* do Departamento do Estado; Arturo Valenzuela: Departamento de Estado; Dan Restrepo: serviu como o principal assessor do presidente Barack Obama em questões relacionadas à América Latina, Caribe e Canadá, atuando como assistente especial do presidente e diretor sênior para assuntos do Hemisfério Ocidental no Conselho de Segurança Nacional de março de 2009 a julho de 2012 e como um conselheiro e representante de Obama para a América durante as campanhas de 2008 e 2012.

contato com pessoas envolvidas em instituições multilaterais como Otaviano Canudo ou Erik Fernandes, ambos do Banco Mundial ²⁰. Sotero também participou de eventos em outros *think tanks* (como na *Brookings*, *CFR* e no *American Enterprise Institute*) e realizou palestras em universidades, como na *American University*, *George Washington University* e a *Pittsburg University*. Também identificamos a presença de Sotero no *Committee on Foreign Relations and National Defense of the Brazilian Federal Senate* em 2014, com o testemunho *Directions for Brazil-United States Relations* (SOTERO, 2014a ²¹).

Da mesma forma que observamos a intensa promoção das visões do *Wilson Center* em espaços sociais privilegiados nos Estados Unidos, reconhecemos grande esforço do *think tank* em inserir suas visões em diferentes ambientes brasileiros. Um dos exemplos foi a manutenção, por intermédio de Sotero, de uma coluna no jornal O Estado de São Paulo. Destes, dezesseis artigos foram selecionados para a análise (APÊNDICE II).

Seguindo essa interação, ao longo dos anos o *Brazil Institute* teve em torno de doze *fellows*, dentre eles identificamos os brasileiros Leonardo Avritzer, Luis Bitencourt, Carlos Eduardo Lins da Silva e Monica de Bolle (WILSON CENTER, [2017?]). Porém, ao contrário dos outros *think tanks*, os pesquisadores filiados raramente produziram materiais escritos para o *think tank*. Com exceções dos poucos relatórios elaborados a partir dos eventos no *Brazil Institute*, os documentos escritos reconhecidos estiveram em grande parte em nome de Paulo Sotero.

Este diálogo com agentes do mundo político, governamental, midiático, dos negócios e intelectual brasileiro, também pode ser verificado nos eventos promovidos pelo *Brazil Institute* na sede do *Wilson Center*. Além dos participantes de atores sociais estadunidenses, encontramos grande participação de brasileiros e a frequente presença de atores e agências governamentais como IPEA e BNDES; de políticos, como Eduardo Suplicy e Marina Silva; acadêmicos como Cristina Pecequillo, Monica Herz, Antônio Carlos Pereira, Matias Spektor e Roberto Gianneti; jornalistas como Carlos Eduardo Lins da Silva e; consultores como Ricardo Sennes e João Castro Neves.

Nesta presença brasileira no instituto, tomou destaque tanto nas iniciativas de criação do instituto como ao longo dos anos, a existência de um grupo de intelectuais/políticos brasileiros afinados com um conjunto de ideias coesas e

²⁰ Informações retiradas das diversas produções discursivas selecionadas (ver Apêndice I).

²¹ Os dados apresentados foram retirados das diversas produções discursivas selecionadas. Ver Apêndice II.

convergentes a respeito da inserção internacional brasileira no período em análise e muito próximos ou filiados ao Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). São eles Pêrsio Arida, reconhecido economista e presidente do Banco Central em 1995; o ex-presidente do Brasil Fernando Henrique Cardoso; os embaixadores Roberto Abdnur, Rubens Barbosa e Sergio Amaral. Inclusive Arida e FHC são considerados pelo próprio *Brazil Institute*, figuras chave à sua criação (WILSON CENTER, 2017c).

De forma geral, como é de amplo conhecimento, estes atores quando não desempenhando suas atividades profissionais, foram críticos da política externa do Brasil no período abarcado. Esta coesão em relação a composição do grupo de brasileiros presentes no *Wilson Center* se torna mais notório quando verificamos no decorrer dos anos a ausência, por exemplo, do Ministro das Relações Exteriores Celso Amorim ou do assessor do presidente Lula para assuntos internacionais, Marco Aurélio Garcia. Assim, embora houvesse uma participação de brasileiros com origens profissionais distintas, observamos uma coesão e homogeneidade em relação ao grupo de brasileiros — muito ligados ao PSDB — que participou das atividades a respeito da inserção internacional brasileira no *Wilson Center*.

Observamos ainda em relação as atividades do *Brazil Institute*, um conjunto de ações à promoção de suas ideias através de concessões de premiação anual a indivíduos que consideraram de destaque. As entregas da premiação ocorreram em grandes jantares em Washington ou São Paulo, contando com a presença de pessoas de destaque no meio empresarial e político de ambos os países. Como ocorreu, por exemplo, na entrega do prêmio de 2009 ao presidente do Brasil Luis Inácio Lula da Silva no Hotel *Waldorf-Astoria*, em Nova York, onde Rex Tillerson, então presidente da CEO da *Exxon Mobile* e Ike Batista, presidente do Grupo EBX, foram co-presidentes do referido jantar, consideramos que o assunto Brasil no *Wilson Center* envolveu intensamente as elites política e econômica de ambos os países ²².

O quinto e último *think tank* liberal selecionado para a nossa pesquisa foi o *Center for a New American Security*. Neste, duas características o distinguem dos demais *think tanks*. Em primeiro lugar, o CNAS foi criado em 2007, portanto, três anos após o marco temporal inicial dessa pesquisa. Em segundo lugar, o CNAS produziu um único documento, um *report* de cinquenta e duas páginas intitulado *Global Swing states*:

²² Sobre o *Brazil Institute Wilson Center Award* com todos os homenageados durante o período acessar: <<https://www.wilsoncenter.org/2015-woodrow-wilson-awards-dinner>>. Sobre o prêmio concedido ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva: <<https://www.wilsoncenter.org/article/president-lula-to-receive-woodrow-wilson-public-service-award>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

Brazil, India, Indonesia, Tukey, and the future of international order (KLIMAN, FONTAINE, 2012).

A primeira impressão nos pareceu que este *think tank* seria pouco relevante para ser incluído nas análises deste trabalho. Porém, quando identificamos a importância do CNAS no debate de política externa/internacional estadunidense no período e investigamos os autores, os espaços que o documento circulou e a sua extensão, consideramos o CNAS com seu *report* importantes atores/visões que circularam em espaços privilegiados do processo de formulação de políticas públicas nos Estados Unidos.

Dedicado exclusivamente a análises politicamente orientadas sobre segurança nacional e política externa estadunidense, no *ranking dos think tanks* o CNAS é o quinto melhor *think tank* dos Estados Unidos, o quarto melhor em política externa/internacional e sexto melhor na temática defesa e segurança nacional (MACGANN, 2016). Para estar entre os *melhores think tanks* dos Estados Unidos e um dos melhores *think tanks* do mundo na temática de defesa e segurança em menos de dez anos de existência, observamos que o CNAS se caracteriza por ter uma intensa agenda voltada a interação com tomadores de decisões, sobretudo aqueles envolvidos com questões de segurança e defesa nacional.

A começar pelos seus próprios fundadores, Michele Flournoy e Kurt M. Campbell. Por exemplo, antes de fundar o CNAS em 2007, Flournoy serviu como Subsecretária Adjunta do Departamento de Defesa para Estratégia e Redução de Ameaças e Secretária Adjunta de Defesa para a Estratégia na década de 1990, após foi professora da *National Defense University*, além de ter sido *senior fellow* do *think tank* CSIS. Já em 2009, se afastou do cargo de diretora executiva CNAS para voltar a desempenhar funções públicas, então com o cargo de Subsecretaria de *Defense for Policy*, tornando-se uma das principais assessoras do Secretário de Defesa na formulação da política nacional de segurança e defesa na administração Obama (CENTER FOR A NEW AMERICA SECURITY [2017?]a).

Já Kurt M. Campbell, antes de fundar o CNAS, foi vice-secretário assistente de Defesa para a Ásia e o Pacífico, diretor da Equipe Nacional do Conselho de Segurança, conselheiro especial adjunto do presidente para Acordo de Livre Comércio da América do Norte da Casa Branca e pesquisador do Departamento do Tesouro da Casa Branca. Também foi oficial da reserva da Marinha, professor na Universidade de Harvard e *senior fellow* do CSIS. Em 2009 se afastou das atividades do CNAS para voltar a

administração federal, então como Secretário de Estado Adjunto para os Assuntos do Leste Asiático e do Pacífico, cargo que exerceu até 2013 (CENTER FOR A NEW AMERICA SECURITY, [2017]b).

Além destes, foi muito comum identificar nomes muito presentes nos debates políticos nacionais como membros efetivos ou membros não residentes do *CNAS*, como Colin Kahl, o qual foi de 2014 a 2017 assistente adjunto do presidente e assessor de segurança nacional do Vice-Presidente dos Estados Unidos; Shawn Brimley, conselheiro Especial do Subsecretário de Defesa para a Política no Pentágono de 2009 a 2011 ou; Richard Fontaine, que foi conselheiro do senador John MacCain e membro da Comissão das Relações Exteriores do Senado, presidente do próprio *CNAS* e um dos autores do relatório selecionado para análise neste trabalho (CENTER FOR A NEW AMERICA SECURITY, [2017?] c).

Esta rede intencional entre o *CNAS* e atores da política nacional também foi reconhecida no ambiente jornalístico, quando colunista como Carlos Lozada do *The Washington Post* afirmou em junho de 2010 que o *CNAS* era o *think tank* com maior influência na administração Obama em questão de segurança e defesa (LOZADA, 2009). Apesar desta afirmação ser impossível de se comprovar, como Abelson (2006) nos indica em seus trabalhos, a presença deste *think tank* no debate político nacional nas questões de segurança e defesa foi visível. Outro exemplo desse reconhecimento como um *think tank* no debate nacional foi a afirmação do Secretário da Defesa, Robert Gates, sobre a importância do *CNAS* para o melhoramento e promoção de políticas na área militar (GATES, 2011).

Portanto, em termos de visibilidade e interação com espaços e atores relevantes do processo decisório nacional estadunidense, consideramos o *CNAS* um importante *think tank* a ser analisado. Esta perspectiva é corroborada quando buscamos caracterizar a produção discursiva do *CNAS* a respeito da atuação global do Brasil, o então *report Global Swing states: Brazil, India, Indonesia, Tukey, and the future of international order*. Com cinquenta e duas páginas, esse relatório foi uma coprodução entre o *CNAS* com o *think tank* alemão *German Marshal Fund* dos Estados Unidos (*GMF*) e patrocinado pela *GE Foundation* (KLIMAN; FONTAINE, 2012). Em termos de conceito, este trabalho lançou um novo termo para o Brasil internacionalmente, chamando-o, de *global Swing States*. Foi o único *think tank* a usar esta expressão e

também o único a justificar seu uso. Termo inspirado da política nacional estadunidense²³, no documento definem Brasil, Índia, Indonésia e Turquia como países que:

[...] pode proporcionar um uma grande recompensa geopolítica, porque sua abordagem à ordem internacional é mais fluida e aberta do que a do que aquelas de China ou Rússia. Além disso, as escolhas que esses quatro países fazem - sobre assumir novas responsabilidades globais, free ride nos esforços dos poderes estabelecidos ou complicar a solução dos principais desafios - podem, juntos, influenciar decisivamente a trajetória da atual ordem internacional. O conceito de *global swing states* oferece um novo enquadramento para pensar sobre esses quatro poderes. Descreve sua posição no sistema internacional; no entanto, isso não sugere um bloco emergente [...] (FONTAINE, KLIMAN, 2012, p. 5, tradução nossa)²⁴.

Três características nos chamaram a atenção para a sua relevância. A primeira delas foi a de que este relatório, segundo afirmação do próprio CNAS, foi a base de orientação do *think tank* em relação a atuação global do Brasil nos anos em que se seguiram sua publicação. Portanto, foram ideias que obtiveram bastante circulação no *think tank* que como apontamos, foi um dos mais influentes em termos de política externa estadunidense (CENTER FOR A NEW AMERICA SECURITY [2017?]d).

Outro aspecto sobre sua relevância foi a divulgação do relatório em diferentes ambientes e formatos. Por exemplo, além do CNAS e do *German Marshal Fund*, identificamos que a *Brookings* dispôs em anexo o relatório na íntegra em uma postagem de divulgação do trabalho no seu próprio *site* (BROOKINGS, 2012). Em versões menores, o relatório também foi publicado na revista acadêmica da *The Washington Quarterly*²⁵ e outra na *The Diplomatic Magazine*²⁶.

Por último, outra característica relevante à inclusão do relatório ao grupo de produções discursivas analisadas foi a grande interação das ideias/visões expostas no trabalho com diferentes atores e ambientes. Isto por que durante a elaboração do documento os autores realizaram uma série de atividades, como consultas a colegas dos seus respectivos *think tanks*, interagiram com articulistas de outros institutos, como Ted

²³ *Swing states* define os estados que devido a sua população e poder econômico são responsáveis por definir as eleições presidenciais estadunidenses.

²⁴ [...] can deliver a large geopolitical payoff, because their approach to the international order is more fluid and open than those of China or Russia. In addition, the choices that these four countries make – about whether to take on new global responsibilities, free ride on the efforts of established powers or complicate the solving of key challenges – may, together, decisively influence the trajectory of the current international order. The concept of global swing states offers a new framework for thinking about these four powers. It describes their position in the international system; however, it does not suggest an emerging bloc [...].

²⁵ FONTAINE, Richard; KLIMAN, Daniel M. International Order and Global Swing States. *The Washington Quarterly*, 17 dec. 2012, p. 93-109. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/toc/rwaq20/36/>>. Acesso em 27 jul. 2017.

²⁶ Disponível em: <<http://thediplomat.com/tag/global-swing-states/>>. Acesso em 27 jul. 2017.

Piccone da *Brookings*, além de acadêmicos dos países em análise no relatório (KLIMAN; FONTAINE, 2012).

3.2 Os *think tanks* conservadores

Criado em 1938 na cidade de Nova York por um grupo de grandes industriais e transferida em 1943 para a capital Washington, DC, desde seus anos iniciais o *American Enterprise Institute* estabeleceu seu compromisso com os valores conservadores, afirmando como objetivo promover o “maior conhecimento público e compreensão das vantagens sociais e econômicas acumuladas para os cidadãos estadunidenses através da manutenção/permanência do sistema de liberdade empresarial competitiva (AMERICAN, [2017?]a, tradução nossa²⁷)”. Contudo, foi só a partir da metade da década de 1970 — quando acompanhando o fortalecimento de grupos civis contra a expansão do papel do Estado — que o *AEI* assumiu a sua forma atual de *advocacy think tank*, passando então, a adotar as estratégias de maior presença no meio midiático e político nacional (SMITH, 1991; STONE, 1996).

Com receita anual de U\$ 46 milhões de dólares, duzentos e vinte pesquisadores e funcionários, mais de duas mil e trezentas entrevistas para o rádio e televisão, setenta e um testemunhos no Congresso e cinco milhões de visitas em seu *site*, o *AEI* esteve na décima primeira posição no *ranking* dos melhores *think tanks* estadunidenses e em vigésimo quinto colocado no *ranking* geral dos maiores e mais importantes *think tanks* do mundo (MACGANN, 2016; AMERICAN, 2016a).

Sobre a atuação global do Brasil, reconhecemos e analisamos quarenta e cinco produções (APÊNDICE I). Além dos tradicionais *op-eds*, identificamos documentos mais extensos, de sete a quatorze páginas, os *reports*; transcrição de depoimento em Comitê do Congresso e; vídeo de evento na sede do *AEI* — o que nos revela uma diversidade de formatos e de possíveis meios/atores em que as ideias/visões desenvolvidas pelo *AEI* circularam.

Nesse enquadramento, observamos a grande ênfase do *think tank* em ter suas visões expostas em meios de comunicação, sejam ele próprios ou externos. Dos quarenta e cinco documentos selecionados, dezoito foram vinculados a mídias editadas pelo próprio *AEI* (*Latin America Outlook*, o *AEI* *Ideas* e o *The American*) e vinte em

²⁷ greater public knowledge and understanding of the social and economic advantages accruing to the American people through the maintenance of the system of free, competitive enterprise.

mídias externas, como no *Tech Central Station*, *Bloomberg*, *Washington Examiner*, *Fox News*, *The Financial Times* nos Estados Unidos, no *Panorama latino-americano* e *Agência Interamericana de Prensa Económica* na América Latina e em específico no Brasil, na *Folha de São Paulo* e no *O Estado de São Paulo* (APÊNDICE I, II). Como pode se notar acima, uma das características dessas publicações foi procurar vincula-las a meios marcadamente conservadores, como *Fox News* e *Tech Central Station*.

Com vinte e quatro documentos selecionados de sua autoria/coautoria, o principal articulista do *AEI* foi Roger Noriega. Ao observar a sua carreira profissional, verificamos o grande e extenso vínculo de Noriega com importantes ambientes e atores do processo decisório nacional, especialmente aqueles voltados a políticas à região latino-americana.

Funcionário dos Estados Unidos, a partir da década de 1980 atuou na administração Reagan como membro da *Agency for International Development (USAID)*. Na década de 1990, Noriega foi conselheiro sênior na missão dos Estados Unidos na OEA (1990 a 1993), membro do Comitê de Relações Internacionais da Câmara dos Deputados dos Estados Unidos (1994 a 1997) e membro do Comitê de Relações Exteriores do Senado (1997 a 2001). Já na década de 2000 foi embaixador dos Estados Unidos na OEA (2001 a 2003) e Secretário de Estado adjunto para Assuntos do Hemisfério Ocidental do Departamento de Estado durante a administração Bush (2003 a 2005).

A partir de 2005, além de participar no *AEI* como *visiting fellow*, também desenvolveu atividades de *lobby* através de sua empresa de consultoria *Visión Américas LLC*, a qual têm como clientes o governo dos Estados Unidos e empresas privadas (NORIEGA, 2015d; AMERICAN, 2017b). Portanto, Noriega circulou em espaços privilegiados de poder e, consideramos que estas experiências construíram uma rede a qual lhe proporcionou acesso a importantes ambientes tanto na mídia como entre os tomadores de decisões estadunidenses.

Outros dois articulistas, Mark Falcoff e Desmond Lachman, se destacaram entre os articulistas do *AEI*. Isto por que nos forneceram visões sobre temas que Noriega não tratou em seus artigos, como, por exemplo, a atuação do Brasil em instituições multilaterais internacionais, como G8, G20 e BRICS.

O segundo *think tank* conservador selecionado foi a *Heritage Foundation*. Fundada em 1973, tornou-se um marco na história dos *think tanks* ao introduzir novas características a dinâmica do relacionamento desses institutos com o processo político

decisório e com o debate público (SMITH, 1991; STONE, 1996). Atualmente com mais de cem pesquisadores divididos em duas grandes linhas de análise, uma dedicada a política doméstica e outra a política externa e defesa, tem uma renda anual média de cem milhões de dólares, advindos de doações individuais, fundações, corporações e da venda de publicações (ANNUAL REPORT, 2014, 2015, 2016²⁸).

Com grandes influxos no meio político, econômico e social conservador estadunidense, segundo o *Global To Think Tank Index*, a *Heritage* está em sétimo lugar no *ranking* dos melhores *think tanks* dos Estados Unidos, em décimo segundo no *ranking* mundial e em vigésimo quarto no *ranking* dos melhores *think tanks* de política externa/ internacional (MACGANN, 2016). Para se ter uma compreensão da presença deste *think tank* no debate público nacional, em 2016, a *Heritage Foundation* realizou oitocentas e dez entrevistas para a televisão e três mil para o rádio. Seu principal boletim informativo, *Daily Signal*, recebeu mais de dezessete milhões de visitas e seu *site* oficial doze milhões (HERITAGE, [2017?]a; 2016).

Nomes importantes do conservadorismo político e econômico estadunidense são membros ou participam das atividades deste *think tank*. Como o próprio presidente do instituto, o ex-senador Jim DeMint, o empresário e membro do conselho consultivo, Steve Forbes ou o economista e *distinguished visiting fellow*, Stephen Moor.

Ao longo dos treze anos identificamos e selecionamos trinta e quatro produções discursivas da *Heritage*, a maioria vinculada a um dos *newsletters* editados pelo *think tank* intitulados *Issue Brief*, *Webmemo* e *Daily Signal* (APÊNDICE I). Caracterizando-se pela brevidade, estes documentos destacam-se pelo seu caráter político, verificado quando logo no início dos documentos há a apresentação das recomendações políticas para os Estados Unidos em relação à questão abordada.

Além destes, também identificamos a produção de cinco documentos um pouco mais extensos, denominados pela *Heritage* de *backgrounder*, com em torno de oito a dezesseis páginas e os *special report* com em média vinte páginas. Embora esses dois formatos sejam um pouco mais extensos do que o primeiro grupo acima apresentado, também destacamos o seu caráter político, com os denominados *talking points*, onde os articulistas, com quadros a parte do texto apresentaram em forma de tópicos as recomendações políticas para os Estados Unidos em relação a temática abordada (APÊNDICE I).

²⁸ Disponível em: <<http://www.heritage.org/article/the-heritage-foundations-financial-information>>. Acesso em 4 set. 2017.

Dois articulistas, Ray Wasley e James Roberts, se destacaram na *Heritage*. Veterano do Serviço Externo estadunidense, com treze documentos de sua autoria ou em coautoria, Ray Wasler foi o articulista com maior quantidade de produções a respeito da atuação global do Brasil (APÊNDICE I; WASLER, 2010e).

O segundo articulista de destaque foi James Roberts, com quatro documentos selecionados (APÊNDICE I). Mestre em economia internacional e de desenvolvimento pela *Yale University*, Roberts foi membro da *American Political Science Association*. Antes de entrar para a *Heritage* em 2007, serviu no Departamento de Estado por vinte e cinco anos, atuando como oficial do *Foreign Service*, em embaixadas como México, Portugal, França, Panamá e Haiti. Entre suas atividades, participou de programas de assistência dos Estados Unidos, como reformas econômicas da Europa Ocidental e reconstrução do Iraque (HERITAGE, 2017b).

Roberts também serviu como oficial de inteligência na Marinha, durante o período de 1982 a 1993. Na *Heritage*, Roberts é o responsável pela edição do indexador anual sobre a liberdade econômica dos países do mundo coproduzido com o *The Wall Street Journal*, o *Law and Monetary Freedom sections of Index of Economic Freedom* (HERITAGE, 2017b).

Outros articulistas também ganharam proeminência na *Heritage* devido mais aos assuntos que abordaram, do que a quantidade de produção. Nesse grupo está a dupla Nile Gardiner e Brett D. Scheafer. Produzindo dois artigos, ambos de 2005: *U.N. Security Council expansion is not in the U.S interest* e *The United States should oppose expansion of the U.N* se destacam por abordar e deixar muito clara suas posições em relação a uma possível reforma do Conselho de Segurança da ONU, assunto este, muito caro a diplomacia brasileira, principalmente do governo Lula (GARDINER; SCHEAFER, 2005a,b).

3.3 Considerações finais

Por meio da apresentação de como cada *think tank* inseriu a temática em questão nas suas atividades cotidianas e pelas análises das características de suas produções discursivas, consideramos ser possível estabelecer algumas conclusões a respeito da formulação de ideias políticas nos principais *think tanks* estadunidenses em relação a atuação global do Brasil entre os anos de 2003 a abril de 2016.

Todos os *think tanks* selecionados são reconhecidamente importantes á formulação do debate sobre política externa/internacional estadunidense. Todos eles têm grandes orçamentos e número de pessoal.

As visões ideacionais da atuação internacional do Brasil produzida/reproduzida pelos *think tanks* estiveram concatenadas com o objetivo geral dos *think tanks* de moldar a opinião pública e influenciar a formulação de políticas públicas por parte de agentes governamentais. Ao longo do capítulo identificamos que as visões ideacionais defendidas pelos institutos circularam em diferentes espaços privilegiados do poder político, econômico e intelectual estadunidense. Todos os *think tanks*, independentemente da classificação ideológica, desenvolveram atividades como eventos em suas sedes, elaboração de relatórios e contatos interpessoais com políticos, empresários, intelectuais e jornalistas estadunidenses para promover ideias em relação a temática.

Contudo, um dos espaços visados por todos os *think tanks* (alguns mais intensamente que outros) para inserção de suas visões a respeito da atuação global do Brasil não é descrita na literatura especializada sobre *think tanks*. Durante todo o período, os *think tanks* selecionados procuraram expor e promover suas ideias/visões não só nos espaços/atores estadunidenses, mas no ambiente/atores brasileiros.

Tal perspectiva ficou evidente quando identificamos durante todo o período de análise as diversas iniciativas dos *think tanks* em introduzir suas ideias na imprensa brasileira, na manutenção de diálogo com agentes governamentais, políticos e intelectuais brasileiro e mesmo, envolvendo brasileiros de distintos espaços sociais/profissionais nas atividades sobre a temática nos seus centros. Neste enquadramento destacamos o esforço do *Wilson Center*. Ao longo dos anos foi central nas atividades do *Wilson Center*, a participação de um grupo específico de políticos/intelectuais brasileiros, inclusive com o próprio *think tank* declarando oficialmente a importância desses atores brasileiros na criação e desenvolvimento do *Brazil Institute*.

Outro exemplo dos esforços dos *think tanks* em inserir suas ideias no ambiente brasileiro foi a manutenção, por intermédio de seus articulistas, de colunas em dois importantes jornais de circulação nacional no Brasil. O *CFR*, através de Sweig, na Folha de São Paulo e o *Wilson Center*, através de Sotero, no O Estadão. Portanto, podemos afirmar que os *think tanks* desenvolvem estratégias para que suas ideias circulem/

moldem visões não somente no espaço estrito dos Estados Unidos, mas também a região do tema em questão.

Identificamos que a partir de 2010, todos os *think tanks* liberais desenvolveram ou uma iniciativa ou projeto ou força-tarefa para produzir exclusivamente sobre a atuação global do Brasil. Na *Brookings* houve a o empreendimento de análise que resultou no livro *Aspirational Power: Brazil on the Long Road to Global Influence*. Já o *CFR* criou e manteve por quatro anos uma iniciativa exclusiva para produzir/reproduzir e promover as visões do think tank, o *Brazil Global Initiative*. Na *Carnegie*, Kassenova se dedicou por mais de dois anos a um projeto a fim de produzir/ reproduzir e promover uma visão sobre a atuação global do Brasil no âmbito de questões nucleares. O *CNAS*, produziu o *report Global Swing states: Brazil, India, Indonesia, Turkey, and the future of international order* e o *Wilson Center* primeiramente manteve o *Brazil Project* e, em seguida, o *Brazil Institute*.

Este fato nos permite fazer duas afirmações. A primeira delas é de que a atuação global do Brasil ao longo dos anos recebeu mais espaço e prioridade dos principais *think tanks* estadunidenses. Consideramos que tais iniciativas foram resultado do crescimento econômico brasileiro somado ao conjunto de ações externas do País nos dois mandatos de Lula da Silva, o que tornou o Brasil mais visível internacionalmente (afirmação esta que é corroborada pela análise do conteúdo das produções discursivas).

A segunda afirmação é de que *think tanks* liberais investiram mais tempo e recursos financeiros, já que não identificamos nenhuma iniciativa ou projeto específico sobre a temática no *AEI* e *Heritage*. Nesse contexto, dentre os *think tanks* selecionados, em termos de estrutura organizacional formal, consideramos o *Wilson Center* o *think tank* com maior investimento em relação a temática. Isto por que foi o único *think tank* a produzir e reconhecer o Brasil como um *global player* já nos anos iniciais da pesquisa, evidenciado pelo *Brazil Project* e o boletim informativo *Thinking.brazil*. E a partir de 2006 seu reconhecimento e prioridade cresceu com a criação do *Brazil Institute* — único *think tank* a criar um instituto próprio sobre o Brasil.

Identificamos que em todos os *think tanks*, ao menos um articulista se dedicou a produzir/reproduzir visões a respeito da temática de forma mais organizada, composto por: Harold Trinkunas (*Brookings*), Julia Sweig (*CFR*), Togzhan Kassenova (*Carnegie*), Richard Fontaine (*CNAS*), Roger Noriega (*AEI*), Ray Wasker e James Roberts (ambos do *Heritage*). Isto é um indicativo de preocupação dos institutos para com a temática. Contudo, o perfil profissional e a dedicação ao tema foram diferentes.

Enquanto nos *think tanks* liberais os principais articulistas caracterizaram-se pelo seu alto nível de profissionalização acadêmica (com exceção de Sotero, todos os outros articulistas eram doutores), nos *think tanks* conservadores os três principais articulistas construíram suas carreiras no Estado, desempenhando cargos públicos e administrativos, voltados especialmente para políticas estadunidenses à América Latina.

Nos próximos capítulos, analisaremos a produção discursiva dos *think tanks*.

4 O BRASIL NA AMÉRICA LATINA: *REGIONAL POWER* ALIADO NA MANUTENÇÃO DA ORDEM LIBERAL?

Em termos de política externa, as ações do Brasil na América Latina resumidamente incluíram a criação de novas embaixadas na América Central; a formação e liderança em novos fóruns regionais como a UNASUL e CELAC; o comando da Missão de Paz da ONU no Haiti (MINUSTAH); o papel de relevante mediador em litígios locais como na crise política da Venezuela em 2003 e Honduras em 2009 e, entre países como no incidente diplomático entre Colômbia e Equador em 2008; por fim, a intensificação das relações econômicas realizada principalmente pela atuação de um grupo de empresas brasileiras — geralmente financiadas pelo BNDES (CEPALUNE, 2007; FLEMES, 2010, 2013; FLEMES; COOPER, 2013; LIMA; PRAUSE, 2015; REIS, 2012).

Neste Capítulo apresentamos as análises dos *think tanks* em relação a essa atuação. Entre os *think tanks* selecionados, a *Carnegie* foi o único a não ter produção sobre a temática. Acreditamos que isso se deva a ausência na organização do *think tank* de uma agenda voltada a análises de questões sobre América Latina.

4.1 *Brookings Institution*

A maior parte da produção da *Brookings Institution* em relação a atuação do Brasil na América Latina se dedicou a analisar questões de âmbito político. Mais precisamente, apresentar definições sobre as intenções, estratégias e consequências do que considerou ser a integração regional desenvolvida pelo Brasil a partir da administração de Lula da Silva (PICCONE, 2011; TRINKUNAS, 2014a, 2015a, b, c; ZAMORA, 2010).

Através destas análises a *Brookings* defendeu uma visão em que a atuação do Brasil intencionou enfraquecer a presença estadunidense na região, relativizou os valores ocidentais tradicionais de democracia e direitos humanos e absteve-se de assumir compromissos básicos de um líder, como o financiamento e o uso do *hard power*, por exemplo (PICCONE, 2011; TRINKUNAS, 2014a, 2015a, b, c; ZAMORA, 2010). Portanto, conduzindo a uma perspectiva do Brasil como um parceiro e aliado

bastante limitado, para a *Brookings* o movimento do Brasil na América Latina não foi definido de forma positiva.

O destaque dado pelo instituto as investigações em relação a integração regional podem ser exemplificadas na maioria das produções sobre a atuação do Brasil na América Latina. Para os autores, tal perspectiva se justificava pelo que identificaram ser uma ênfase dada pela própria diplomacia brasileira. No importante artigo *Brazil's global ambitions*, publicado no *Americas Quarterly* em 2015, Trinkunas — já em meio a um tom de crítica — exemplificou essa visão em relação a importância destas novas instituições ao projeto regional do Brasil no período em análise:

Embora seus diplomatas gostem de negar qualquer ambição à liderança regional, o Brasil fez um esforço significativo para se estabelecer como a maior potência na América do Sul, embora usando uma abordagem cooperativa baseada na construção de novas instituições regionais (TRINKUNAS, 2015a, não paginado, tradução nossa)²⁹.

Trinkunas e Zamora exploraram as intenções dessas novas instituições em relação a presença estadunidense na região. Diferentemente da visão da articulista do *CFR* Sweig — a qual identificou como natural e até mesmo necessária a exclusão dos Estados Unidos desses novos arranjos — Trinkunas e Zamora exploraram outras interpretações. Para eles, as exclusões da participação estadunidense tiveram por objetivo enfraquecer ou limitar a influência estadunidense na região (CASAS ZAMORA, 2010; TRINKUNAS, 2014a, b, c; 2015a).

Tal fato se processou já na própria criação da UNASUL e CELAC, quando, segundo os articulistas, o Brasil intencionalmente excluiu os Estados Unidos como membro (CASAS ZAMORA, 2010; TRINKUNAS, 2014a, b, c; 2015a). Como colocou Zamora:

As novas iniciativas, que intencionalmente excluem os EUA e o Canadá, são sinais tangíveis da intenção do Brasil de redesenhar a arquitetura diplomática do hemisfério ocidental, adequando-a ao papel de liderança que ao país visa na América do Sul (CASAS ZAMORA, 2010, não paginado, tradução nossa)³⁰.

²⁹ Although its diplomats are fond of denying any ambition to regional leadership, Brazil has made a significant effort to establish itself as the major power in South America, albeit using a cooperative approach based on building new regional institutions.

³⁰ The new outfits, which pointedly exclude the U.S. and Canada, are tangible signs of Brazil's intention to redraw the Western Hemisphere's diplomatic architecture, suiting the leadership role that the country envisions playing in South America.

Essas intenções também ficaram bem-postas para os dois autores em meio às atividades dessas organizações (CASAS ZAMORA, 2010; TRINKUNAS, 2014a, b, c; 2015a). Como expressou Trinkunas ao analisar a atuação da UNASUL nos principais conflitos regionais em seu relatório de 2014 *Brazil's rise: seeking influence on global governance*. Segundo o articulista, a UNASUL foi um dos instrumentos do Brasil para liderar respostas a crises sub-regionais, e, por não incluir intencionalmente os Estados Unidos no diálogo, teve por objetivo limitar ou enfraquecer a presença estadunidense na região:

As instituições regionais da América do Sul mostraram-se úteis ao Brasil durante a crise de 2008 entre Colômbia, Venezuela e Equador, na qual os três países se mobilizaram após um ataque aéreo colombiano a um acampamento rebelde das FARC em território equatoriano. Elas também desempenharam um papel na resolução da crise gerada pelo golpe de 2009 em Honduras. Em ambos os casos, o Brasil pôde usar suas instituições regionais alternativas para liderar a resposta à crise, limitando o papel dos Estados Unidos (TRINKUNAS, 2014a, p.17, tradução nossa)³¹.

Expandindo as críticas, Trinkunas explorou o compromisso brasileiro com os valores Ocidentais. Conforme o autor, uma das grandes características do comportamento brasileiro nessas instituições — simultaneamente um dos fatores responsáveis pelos problemas dos fóruns — foi a sua relativização aos compromissos e regras pré-estabelecidas. Evitando restrições quando seus interesses econômicos e comerciais estavam em jogo, estas ações brasileiras levavam ao enfraquecimento dos potenciais institucionais desses fóruns (TRINKUNAS, 2014a, b, c; 2015a).

Como exemplo Trinkunas citou o processo de assentimento da Venezuela ao MERCOSUL. Constrangido por interesses econômicos e comerciais do Brasil, o bloco acabou por violar sua cláusula democrática para admissão do novo membro. Nesse contexto — como consequência —, tais ações levavam ao enfraquecimento da capacidade de ação como um bloco, resumindo-se assim, a apenas reuniões de cúpulas presidências sub-regionais:

O Brasil também tem estado disposto a minar ou ignorar os padrões do MERCOSUL quando isso for conveniente, seja em disputas de mercado sobre exportações de automóveis ou na admissão da Venezuela em 2012 em violação aos padrões de adesão. Isso destaca um problema essencial no

³¹ South American regional institutions proved useful to Brazil during the 2008 crisis between Colombia, Venezuela, and Ecuador, in which the three countries engaged in military mobilization following a Colombian airstrike on a FARC rebel encampment in Ecuadorean territory. They also played a role in resolving the crisis over the 2009 coup in Honduras. In both cases, Brazil was able use its alternative regional institutions to lead the response to the crisis while limiting the role of the United States.

multilateralismo do Brasil: uma relutância em se comprometer com as regras das instituições que cria. Na ausência de capacidade e comprometimento, as novas instituições multilaterais se transformaram em oportunidades para cúpulas presidenciais na região (TRINKUNAS 2014a, p.17, tradução nossa)³².

Portanto, nota-se nas análises de Trinkunas uma crítica aberta ao modo de condução dessa liderança promovida pelo Brasil, argumentando-se pelo seu pouco comprometimento com os valores da ordem liberal. Piccone — um articulista bastante engajado nos temas de democracia e direitos humanos da *Brookings* — também desenvolveu essa apreciação ao comportamento brasileiro (PICCONE, 2011, 2012, 2015).

Abordando não só a conduta dentro das organizações multilaterais regionais paralelas às tradicionais, mas também as relações desenvolvidas pelo Brasil com determinados países da região, o articulista definiu as ações brasileiras como muito ambivalente e imprevisível:

Diplomatas brasileiros frequentemente creditam a consolidação democrática e o progresso econômico do país por sua crescente credibilidade e influência no cenário mundial. Quando se trata de exercer essa influência no apoio à democracia em outros países, no entanto, o Brasil tem sido ambivalente e muitas vezes imprevisível (PICCONE, 2011, p.140, tradução nossa)³³.

Para Piccone, o Brasil não estabeleceu a democracia e direitos humanos como valores fixos, mas sim como instrumentos a serviço de seus interesses particulares. Quando favorável a suas intenções de se tornar um líder regional, promover sua candidatura ao CSONU ou dar-lhes ganhos econômicos, o Brasil se posicionou a favor de reformas democráticas (PICCONE, 2011).

Mas em certos casos, como nas discussões internacionais sobre o cumprimento desses valores em países da região como Cuba e Venezuela, o Brasil, segundo Piccone, evitou realizar críticas sobre o que definiu como sendo países com práticas de violações dos direitos humanos. Para o autor, em uma postura bastante ideológica, o Brasil se colocava então contra os interesses estadunidenses:

³² Brazil has also has been willing to undermine or ignore Mercosul standards when it was convenient, whether it was in market disputes over auto exports or in the admittance of Venezuela in 2012 to membership in violation of accession standards. This highlights an essential problem in Brazil's multilateralism: a reluctance to commit to the rules of the institutions it creates. In the absence of capacity and commitment, the new multilateral institutions have essentially devolved into opportunities for presidential summitry in the region.

³³ Brazilian diplomats often credit the country's democratic consolidation and economic progress for its growing credibility and influence on the world stage. When it comes to wielding that influence in support of democracy in other countries, however, Brazil has been ambivalent and often unpredictable.

Se o apoio à democracia ou aos direitos humanos for ajudar a promover seus próprios objetivos de consolidar a liderança regional, proteger interesses comerciais ou conquistar um assento no Conselho de Segurança da ONU, o Brasil geralmente favorece estratégias multilaterais voltadas para resultados pró-reforma. Mas nos casos recentes de Cuba, Irã, Venezuela [...], o Brasil adotou uma abordagem mais ideológica ou de ‘soft-balancing’, tomando partido contra os Estados Unidos e a Europa, evitando críticas às violações dos direitos humanos e escondendo-se por detrás da defesa do não intervencionismo preferido por diplomatas no Ministério das Relações Exteriores (PICCONE, 2011, p.140, tradução nossa)³⁴.

Essa visão a respeito do Brasil também se manifestou no projeto de integração regional do Brasil. No relatório de 2011 *The Foreign Policies of Emerging: Market Democracies- What Role for Human Rights and Democracy* Piccone explorou a relação entre UNASUL e Venezuela. Para o articulista, o modelo de integração do Brasil se mostrou pouco comprometido com os valores ocidentais basilares. Para tanto, Piccone argumentou que o Brasil não medindo esforços para concretizar seu projeto de integração regional, trabalhou lado a lado com a Venezuela — país este considerado por Piccone como um violador de princípios democráticos e dos direitos humanos. Como consequência, o grupo não desenvolveu nenhuma cláusula democrática:

O Brasil não hesitou em trabalhar com regimes não democráticos em seus esforços para mediar e promover a integração regional. Em 2008, o governo Lula trabalhou de mãos dadas com a Venezuela do presidente Chávez para estabelecer a UNASUL, a União das Nações Sul-Americanas. Esta nova e ambiciosa organização visa a criação de uma ampla integração regional. Devido à influência da Venezuela, o tratado constitutivo da UNASUL carece de referências à democracia e aos direitos humanos (BROOKINGS INSTITUTION, 2011, p.15, tradução nossa)³⁵.

Continuando as extensas críticas de Trinkunas ao projeto regional desenvolvido pelo Brasil, o articulista — comparando a um perfil de ações que o autor considerou ser necessário para um país exercer liderança — também definiu o exercício de autoridade brasileira como limitado. Para Trinkunas, a relutância do País em usar o *hard power*

³⁴ If supporting democracy or human rights will help it to further its own goals of consolidating regional leadership, protecting business interests, or winning a seat on the UN Security Council, Brazil generally favors multilateral strategies geared toward pro-reform outcomes. But in the recent cases of Cuba, Iran, Venezuela [...], Brazil has taken a more ideological or “soft-balancing” approach, siding against the United States and Europe by avoiding criticism of human-rights abuses and ducking behind the defense of noninterventionism favored by diplomats in the foreign ministry.

³⁵ It [Brazil] has not hesitated to work with nondemocratic regimes in its efforts to mediate and foster regional integration. In 2008, the Lula government worked hand-in-hand with President Chavez’s Venezuela to establish UNASUR, the Union of South American Nations. This ambitious new organization is aimed at creating broad regional integration. Due to the influence of Venezuela, the constitutive treaty of UNASUR is lacking in references to democracy and human rights.

levava a sua incapacidade de obrigar e convencer outros Estados a seguir sua liderança de forma consistente, exercendo assim, uma autoridade esvaziada:

No entanto, sua relutância em usar o hard power e evitar restrições ou compromissos custosos limitou sua capacidade de fazer valer os novos arranjos. Assim, embora o Brasil pode apontar para qualquer número de iniciativas regionais que estabeleceu, sua liderança é esvaziada por sua incapacidade de compelir, convencer ou compensar outros estados do Hemisfério Ocidental a seguirem seu exemplo de forma consistente (TRINKUNAS, 2015a, não paginado, tradução nossa)³⁶.

Aliada a estas ideias, o autor também argumentou para a falta de investimentos do Brasil nesses fóruns. Segundo o articulista, “MERCOSUL, UNASUL e CELAC, todos têm orçamentos e pessoal limitados e liderança inconsistente. Depois de mais de uma década, a IIRSA construiu muito pouca infraestrutura para a integração regional (TRINKUNAS 2014a, p.16, tradução nossa) ³⁷”.

Para além dessa abordagem sobre a projeção política do Brasil na América Latina através da integração regional, um artigo em especial, publicado em junho de 2011 por Pereira e Aramayo reconheceu um papel regional brasileiro muito pouco notado e não analisado nos outros *think tanks*: a intervenção brasileira em assuntos domésticos externos. Os autores identificaram e analisaram o que teria sido a influência do Brasil, mais precisamente do Partido dos Trabalhadores, nas eleições presidenciais peruanas de 2011 (ARAMAYO; PEREIRA, 2011).

Segundo os autores, o Partido dos Trabalhadores esteve diretamente envolvido na eleição de Ollanta Humala por meio de conselhos e estratégias políticas durante a campanha, o que foi considerado pelos autores como ações fundamentais para o resultado eleitoral:

Surpreendendo a muitos, o Partido dos Trabalhadores (PT), partido da presidente do Brasil, Dilma Rousseff, tem apoiado firmemente o nacionalista Humala, inclusive enviando assessores políticos de campanha ao Peru no início de janeiro. De fato, os estrategistas políticos brasileiros foram os mestres por trás da dramática transformação política que Humala sofreu desde o início da campanha presidencial no Peru [...]. Estrategicamente, o Brasil reformou um político de extrema esquerda para um político mais moderado e, ao fazê-lo, apresentou à região um novo paradigma; O Brasil é uma potência regional que demonstra a disposição de intervir na América

³⁶ However, its reluctance to use hard power and its avoidance of constraints or costly commitments have all limited its ability to enforce the new arrangements. So while Brazil can point to any number of regional initiatives it has established, its leadership is hollowed out by its inability to compel, convince or pay off other states in the Western Hemisphere to follow its lead consistently.

³⁷ Mercosul, UNASUR and CELAC all have limited budgets, personnel, and inconsistent leadership. After more than a decade, IIRSA has in fact built very little infrastructure for regional integration.

Latina quando os interesses do país estão envolvidos (ARAMAYO; PEREIRA, 2011, não paginado, tradução nossa)³⁸.

Os articulistas, questionando os motivos para essa interferência política do Brasil na política doméstica do Peru, destacaram os interesses econômicos do País no Peru, como grandes investimentos na infraestrutura e em acordos comerciais entre os dois países. Assim, para o Brasil a vitória de Humala garantiria o prosseguimento dessas atividades:

Existem muitas empresas brasileiras que operam no Peru e as relações estreitas entre o governo brasileiro e a nova administração do Peru são importantes para essas empresas. O Brasil e o Peru também assinaram um acordo de cooperação energética em 2010 e este permite que o Brasil construa seis usinas hidrelétricas, incluindo uma em Inambari, que fica próxima à fronteira peruana-brasileira e vai gerar energia para o Brasil [...]. O Brasil também investiu bilhões na infraestrutura do Peru e está em vias de construir duas rodovias interoceânicas - uma já terminada e a outra ainda em construção - para ter acesso direto ao Pacífico através dos portos peruanos [...]. De fato, de acordo com a Câmara de Comércio e Integração Brasil-Peru, o investimento brasileiro no Peru tem o potencial de alcançar mais de US \$ 30 bilhões na próxima década (ARAMAYO; PEREIRA, 2011, não paginado, tradução nossa)³⁹.

4.2 Council on Foreign Relations

Entre os *think tanks* analisados, o CFR foi o instituto com maior quantidade de produção a respeito da temática e também o que mais amplamente reconheceu e se utilizou das características do ciclo de política externa desenvolvidos a partir de 2003 para alimentar sua produção ideacional sobre a atuação do Brasil na América Latina e as implicações ao ordenamento global liberal (O'NEIL, 2010; 2012; ONIS, 2008; SPEKTOR, 2011; BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011; SPEKTOR; SWEIG,

³⁸ Surprising many, the Worker's Party (PT), the party of the Brazilian President Dilma Rousseff, has sternly supported nationalist Humala, including by sending campaign political advisors to Peru in early January. In fact, Brazilian political strategists were the masterminds behind the dramatic political transformation that Humala underwent since the beginning of Peru's presidential campaign [...]. Strategically Brazil reformed a far left politician into a more socially moderate one and in doing so it has presented the region with a new paradigm; Brazil is a regional power that is demonstrating a willingness to intervene within Latin America when the country's interests are involved.

³⁹ There are many Brazilian companies that operate in Peru and close relations between the Brazilian government and the new incoming administration of Peru is important for these companies. Brazil and Peru also signed an energy cooperation agreement in 2010 and the agreement allows Brazil to build six hydroelectric plants, including one in Inambari, which is close to the Peruvian-Brazilian border and will generate power for Brazil [...]. Brazil also has invested billions in Peru's infrastructure and is in the process of building two Inter-Oceanic highways — one is already finished and the other is still under construction — in order get direct access to the Pacific through Peruvian ports [...]. In fact, according to the Brazil-Peru Chamber of Commerce and Integration, Brazilian investment in Peru has the potential of reaching above \$30 billion over the next decade.

2011). Em *Brazil as an emerging power: the view from the United States*, O’Neil exemplificou essa compreensão amplamente difundida entre os articulistas:

Os Estados Unidos sempre viram o Brasil como uma potência regional significativa, mas sua importância aparente aumentou na última década. Devido à sua força econômica, sua liderança hemisférica e seu crescente papel geoestratégico através de fóruns internacionais multilaterais, tornou-se um ator vital na política regional e global em inúmeras dimensões (O’NEIL, 2010, não paginado, tradução nossa)⁴⁰.

No seu conjunto, o *think tank* desenvolveu dois grandes blocos de atividades para fundamentar sua visão. Um foi de cunho econômico, delimitado pelas investigações da expansão dos investimentos brasileiros por meio da internacionalização de empresas nacionais. E um segundo, de caráter político, especificamente sobre o que definiram ser um intenso esforço do Brasil em formar e liderar uma integração regional (HAKIM, 2006; O’NEIL, 2007; 2010; 2011; 2012; SPEKTOR 2011; SPEKTOR, SWEIG, 2011; BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011; SWEIG, 2012b; 2013b; 2014b).

Para o *CFR*, analisar a atuação do Brasil na América Latina significou compreender e dimensionar as consequências do que os articulistas definiram ser um conjunto de ações de investimentos desenvolvidas e coordenadas pelo País na região a partir do século XXI (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011; SWEIG, 2012b; 2013b; 2014b). O relatório da força tarefa *Global Brazil and U.S. – Brazil relations* tratou de expor esse perfil e o objetivo de tal esforço:

Com liderança significativa de Dilma durante sua liderança na Casa Civil, o governo Lula deliberadamente realizou uma consolidação e capitalização sem precedentes dos campeões nacionais do Brasil - Braskem, Vale, Bunge, JBS e Petrobras, para citar alguns - para incentivar sua crescente internacionalização e competitividade na América Latina e em todo o mundo (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p.58, tradução nossa)⁴¹.

Segundo os articulistas, uma das consequências desse agrupamento de ações foi que durante o período, o Brasil acabou se tornando um ator vital as economias dos países da região “as nações latino-americanas precisam e saúdam [...] o papel ativo do

⁴⁰ The United States has always seen Brazil as a significant regional powerhouse but its perceived importance has risen in the last decade. Because of its economic strength, its hemispheric leadership and its growing geostrategic role through multilateral international forums, it has become a vital player in regional and global politics across numerous dimensions

⁴¹ With significant leadership from Rousseff during her leadership of the Casa Civil, Lula’s government deliberately carried out an unprecedented consolidation and capitalization of Brazil’s national champions — Braskem, Vale, Bunge, JBS, and Petrobras, to name a few — to encourage their increased internationalization and competitiveness in Latin America and throughout the world.

Brasil em suas economias (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p. 58)⁴². É interessante e importante observar que essa expansão sempre foi associada a uma coordenação estratégica estatal, dada pelo financiamento do BNDES. Intencionando dimensionar o expressivo tamanho desses investimentos, por exemplo, o relatório da força tarefa de 2011 apresentou alguns dados, tal qual a comparação do montante desses empréstimos com os ofertados pelo Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento:

Os investimentos do Brasil são importantes para muitas economias latino-americanas. Em 2009, o BNDES estendeu o valor recorde de US \$ 8,3 bilhões em crédito para projetos fora do Brasil. Em 2010, os desembolsos gerais do BNDES alcançaram mais de US \$ 100 bilhões, 23% a mais que em 2009, superando os do Banco Interamericano de Desenvolvimento e do Banco Mundial. Investimento brasileiro também pode trazer expertise bem-vinda (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p.57, tradução nossa)⁴³.

Para o *CFR* — visão disponível no relatório supracitado — essa intensificação dos investimentos ampliou a presença brasileira na América Latina para regiões pouco tradicionais à sua diplomacia, como o Caribe e o Golfo do México; mais além, estava transformando o papel global do País, definindo-se como um importante ator nessa área:

A Odebrecht, uma empresa brasileira de construção, com financiamento do BNDES, está investindo mais de US \$ 400 milhões para renovar o porto de Mariel, em Cuba, o que aumentará as relações globais do Brasil e com os Estados Unidos e a presença do Brasil no Golfo do México e na Bacia do Caribe (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p.57, tradução nossa)⁴⁴.

Como podemos notar acima e associando-se a outras produções, Cuba se tornou o grande exemplo dessa expansão — devido grandemente a especialista em política cubana Julia Sweig. Diferentemente dos demais *think tanks* que analisaram as relações Brasil – Cuba, o *CFR* construiu uma argumentação baseada no que estabeleceu ser uma política externa pragmática, definindo ser os investimentos brasileiros no país caribenho como a manifestação da grande habilidade do País em perceber e aproveitar as novas oportunidades regionais para impulsionar seu desenvolvimento (SWEIG, 2012b; 2013b;

⁴² Latin American nations need and welcome [...] Brazil's active role in their economies.

⁴³ Brazil's investments are important to many Latin American economies. In 2009, BNDES extended a record \$8.3 billion in credit for projects outside Brazil. In 2010, overall BNDES disbursements reached more than \$100 billion, up 23 percent from 2009, exceeding both those of the Inter-American Development Bank and the World Bank. Brazilian investment can also bring welcome expertise.

⁴⁴ Odebrecht, a Brazilian construction company, with financing from BNDES, is investing upward of \$400 million to renovate Cuba's port of Mariel, which will increase Global Brazil and U.S.-Brazil Relations Brazil's commercial and investment presence in the Gulf of Mexico and the Caribbean Basin.

2014b). No artigo *Dilma in Cuba* — disponível no *site* e também publicado na sua coluna na Folha de São Paulo em 29 de janeiro de 2012 — Sweig expressou de forma bastante contundente essa perspectiva:

Uma confissão: a viagem da presidente Dilma a Cuba me dá ‘inveja de política externa’. Tendo viajado e escrito sobre a ilha nos últimos 25 anos e [...] pressionado Washington por um fim às nossas políticas fracassadas, eu fantasiei sobre ter a chance de ver meu próprio presidente fazer essa viagem. E eu esperava que os roteiros que muitos de nós elaboraram para uma política de engajamento com Cuba o orientassem (SWEIG, 2012b, não paginado, tradução nossa).⁴⁵

Em meio a busca por identificar o perfil da atuação econômica regional do Brasil, o *CFR* — em especial o relatório supracitado — apontou o que considerou ser o próprio posicionamento diplomático brasileiro frente a essa sua projeção. Para o *think tank*, a fim de não alimentar desconfianças e pensamentos contrários à sua expansão, a diplomacia manteve um discurso discreto. Segundo o *Global Brazil and U.S. – Brazil relations*, “raramente as autoridades brasileiras se referem a uma estratégia coordenada de investimento na América do Sul, tentando evitar a reputação de uma hegemonia exploradora (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, p. 58)⁴⁶”.

Já o segundo grande bloco de atividades que compôs a atuação do Brasil na América Latina para o *CFR* foi o que os articulistas definiram ser a liderança brasileira em criar e manter novas instituições ou fóruns multilaterais sub-regionais, nomeadamente a UNASUL e seu CSD, a CELAC, além do então já existente no período, MERCOSUL (ONEIL, 2012; SPEKTOR, 2010; SPEKTOR, 2011; BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011). Em claro reconhecimento à socialização das iniciativas do Brasil ao ordenamento global, os mais de trinta colaboradores da força tarefa destacaram uma perspectiva muito positiva da integração regional promovida pelo Brasil:

À medida que o Brasil aprofunda suas raízes na América do Sul e fortalece instituições multilaterais como o MERCOSUL e a UNASUL, a Força-Tarefa dá as boas-vindas ao crescente papel do Brasil na diplomacia sul-americana, prevenção de conflitos, paz e esforços de segurança. O Grupo de Trabalho apoia a criação e consolidação de instituições regionais efetivas e entende

⁴⁵ Uma confissão: a viagem da presidente Dilma a Cuba me dá "inveja de política externa". Tendo viajado e escrito sobre a ilha nos últimos 25 anos e [...] pressionado Washington por um fim às nossas políticas fracassadas, eu fantasiei sobre ter a chance de ver meu próprio presidente fazer essa viagem. E eu esperava que os roteiros que muitos de nós elaboraram para uma política de engajamento com Cuba o orientassem.

⁴⁶ [...] rarely do Brazilian officials refer to a coordinated strategy of investment in South America, trying to avoid the reputation of an exploitative hegemon [...].

que a ênfase do Brasil e da região no multilateralismo é uma dimensão intrínseca de suas políticas externas, necessária para assegurar um ambiente democrático estável e pacífico (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, p.59, tradução nossa)⁴⁷.

Esta visão foi baseada numa série de argumentações pelas quais os articulistas identificaram as atividades desses fóruns como ações muito convergentes com os valores e objetivos da ordem regional liberal e conseqüentemente aos interesses estadunidenses, a começar pela mais antiga organização sub-regional: o MERCOSUL (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011). Para os pesquisadores, essa instituição sul-americana foi promotora do diálogo regional. Como exemplo, os autores citaram a muito polêmica inclusão da Venezuela ao grupo. Partindo do pressuposto que, longe dos países-chave do bloco concordarem com algumas políticas do governo venezuelano que colocavam em dúvida a democracia do País, os articulistas interpretaram as ações de aproximação do MERCOSUL com a Venezuela como uma vontade dos seus membros estabelecerem um diálogo a fim de distanciar um possível potencial de conflito na região:

A inclusão da Venezuela pode refletir um julgamento do Brasil e outros membros plenos do MERCOSUL que a integração avança as metas comerciais da região e ‘traz a Venezuela para perto’, facilitando a conversa e a negociação e tirando as atenções da Venezuela de potenciais conflitos na região andina (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p.56, tradução nossa)⁴⁸.

Já a UNASUL — fruto do período em análise — recebeu destaque entre as instituições analisadas pela quantidade de investigações e argumentações desenvolvidas. Observamos que para o *CFR*, abordar a UNASUL significou automaticamente referenciar o Brasil (O’NEIL, 2012a, b; SWEIG E TAL, 2011). Isto por que para o instituto, a criação da UNASUL esteve intrinsecamente ligada aos objetivos, interesses e valores da política externa brasileira, identificadas em passagens como “O Brasil foi

⁴⁷ As Brazil deepens its roots in South America and strengthens multilateral institutions like Mercosul and Unasul, the Task Force welcomes Brazil’s growing role in South American diplomacy, conflict prevention, peace, and security efforts. The Task Force supports the creation and consolidation of effective regional institutions and understands that Brazil’s and the region’s emphasis on multilateralism is an intrinsic dimension of their foreign policies, necessary to ensure a stable and peaceful democratic environment.

⁴⁸ The inclusion of Venezuela may reflect a judgment by Brazil and other full members of Mercosul that integrating it advances the region’s trade goals and brings Venezuela ‘inside the tent’, thereby facilitating conversation and negotiation and diffusing Venezuela’s attentions away from potential conflict in the Andean region.

fundamental na formação de 2004 da UNASUL [...] (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p.59, tradução nossa) ⁴⁹”.

Entre as principais atividades da UNASUL, a força tarefa ressaltou a promoção do desenvolvimento econômico e de infraestrutura, como descrito nesse trecho: “[A UNASUL] visa criar um único mercado sul-americano e promover a cooperação econômica e de infraestrutura e desenvolvimento [...] (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p. 59, tradução nossa)⁵⁰”. Outro ponto de destaque que levou o instituto a definir a UNASUL como uma importante instituição à manutenção da ordem vigente foi o que estabeleceram ser o seu eficiente papel na resolução de conflitos regionais (O’NEIL, 2012a; BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011). Exemplificando, O’Neil defendeu que a UNASUL, trabalhando junto com a OEA, foi fundamental no estabelecimento de diálogo na crise diplomática entre Colômbia e do Equador em 2008; entre Colômbia e Venezuela em 2010; na crise política em Honduras em 2009 e no Equador em 2010:

Muitos descartam esses numerosos organismos como meras oportunidades para se falar de trabalho. No entanto, fornecer fóruns contínuos para discussão e reuniões tem se mostrado útil, especialmente quando surgem conflitos. A UNASUL trabalhou ao lado da OEA durante a crise andina de 2008, quando a Colômbia atacou um acampamento das FARC em solo equatoriano, durante os protestos da polícia (que alguns viram como golpe) no Equador em 2010 e durante o golpe de Honduras em 2009 (O’NEIL, 2012a, não paginado, tradução nossa)⁵¹.

Mesmo em casos onde a instituição não conseguiu evitar o conflito, a atuação da UNASUL foi considerada importante, pois resultou na minimização da possibilidade de embate de grande violência. A medida de exemplificação, O’Neil citou a crise política de Honduras, ocorrida em 2009: “mesmo quando os esforços não foram totalmente bem-sucedidos - como no caso de Honduras - eles [UNASUL] ajudaram a manter os conflitos internacionais curtos e relativamente sem violência (O’NEIL, 2012a, não paginado) ⁵²”.

⁴⁹ Brazil was instrumental in the 2004 formation of Unasul.

⁵⁰ [UNASUL] aims to create a single South American market and to foster economic and infrastructure cooperation and development [...].

⁵¹ Many dismiss these numerous bodies as merely talk shops. Yet providing ongoing forums for discussion and meetings has proven useful, particularly when conflicts emerge. UNASUR worked alongside the OAS during a 2008 Andean crisis, when Colombia attacked a FARC camp on Ecuadorian soil, through the police protests (which some saw as a coup) in Ecuador in 2010, and during Honduras’ coup in 2009.

⁵² even when the efforts have not been entirely successful — such as in the case of Honduras — they [UNASUL] have helped keep international conflicts short and relatively violence free.

Ainda em relação a UNASUL, o *CFR*, foi um dos únicos *think tanks* a reconhecer e apontar análises sobre o Conselho Sul Americano de Defesa (CSD). Descrito como fomentador da segurança sub-regional, o organismo foi identificado como possuidor de valores similares a OEA e complementar a esta organização tradicional: “em 2008, o Brasil liderou o processo da formação do Conselho de Defesa Sul-Americano enquanto uma suborganização no âmbito da UNASUL. A UNASUL funciona como uma alternativa a OEA e busca prover soluções regionais para problemas regionais (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p.59)⁵³”.

A CELAC também fez parte das investigações, principalmente nos dois anos subseqüências a sua criação (O’NEIL, 2012a, b; SWEIG E TAL, 2011). Segundo o *CFR*, ao articular uma união dos países latino-americanos através da CELAC, o Brasil estava tornando a região mais coesa, atrativa a investimentos e conseqüentemente mais competitiva globalmente (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011). Assim, intencionando o fortalecimento do desenvolvimento regional, tanto para a Força Tarefa como para O’Neil, as intenções e proposições da CELAC estavam em consonância com os interesses estadunidenses para a região (O’NEIL, 2012a, b; BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011).

De uma forma mais geral, o *CFR* desenvolveu duas argumentações relativas ao perfil dessas instituições que no seu conjunto influenciaram a condução da visão positiva sobre a integração regional promovida pelo Brasil. Uma primeira, foi a então polêmica exclusão dos Estados Unidos de todas as iniciativas nesse âmbito. Para o *CFR*, a exclusão dos Estados Unidos e do Canadá dos principais organismos sub-regionais liderados pelo Brasil foi definida como natural e necessária para o próprio desenvolvimento latino-americano. A Força Tarefa deixou clara essa visão ao afirmar que:

Embora os Estados Unidos não sejam, nem devam ser, um membro formal dessas instituições sub-regionais, a Força-Tarefa incentiva os Estados Unidos a trabalharem com a UNASUL, o MERCOSUL e, eventualmente, a CELAC para estabelecer e definir canais de comunicação (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p. 59, tradução nossa)⁵⁴.

⁵³ in 2008, Brazil led the way to form the South American Defense Council as a cooperative security suborganization under Unasul. Unasul serves as an alternative to the OAS and seeks to provide regional solutions to regional problems.

⁵⁴ Though the United States is not, nor should it be, a formal member of these subregional institutions, the Task Force encourages the United States to work with Unasul, Mercosul, and eventually CELAC to establish and define channels for communication.

O segundo argumento presente foi a defesa dessas instituições como alinhadas aos valores dos organismos tradicionais da região, como a OEA:

As organizações mais recentes compartilham muitos dos objetivos da OEA, enfatizam a integração política e econômica e promovem a cooperação para projetos de energia, desenvolvimento sustentável e iniciativas educacionais, bem como a necessidade de um diálogo de alto nível entre os líderes (O'NEIL, 2012a, não paginado, tradução nossa)⁵⁵.

Por fim, além desses dois grandes blocos o *CFR* também definiu a atuação do Brasil como um promotor da estabilidade regional, conseguida através da sua liderança na Missão de Paz da ONU (MINUSTAH) (SPEKTOR, 2011; BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011). Para Spektor, a participação do Brasil na MINUSTAH refletiu o pensamento brasileiro de país emergente, o qual se considerava ter maiores responsabilidades na região: “o Brasil, como potência emergente, vê um papel maior para si na região (SPEKTOR, 2011, não paginado, tradução nossa)⁵⁶”.

Sete anos após o início da Missão, a Força Tarefa supracitada realizou um balanço dessa participação brasileira. Para os autores, a presença do Brasil no Haiti significou para além do compromisso do Brasil com o País e a estabilidade regional, a reafirmação do compromisso do País a estabilidade global através das Missões de Paz da ONU:

Em 2004, o Brasil se ofereceu para liderar a MINUSTAH. O Brasil respondeu ao terremoto haitiano de janeiro de 2010 com o aumento do apoio financeiro e de pessoal no Haiti, reafirmando seu compromisso com o desenvolvimento do Haiti e com a manutenção da paz da ONU (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p.47, tradução nossa)⁵⁷.

Para Spektor, a MINUSTAH foi um exemplo real de diálogo intenso e coordenado entre Estados Unidos e Brasil, tornando-se base para recomendação de cooperação bilateral em outras questões de âmbito global onde esses países seriam atores fundamentais:

O Haiti é, na verdade, um exemplo muito positivo do potencial da cooperação EUA-Brasil. Os dois lados trabalharam juntos muito bem no

⁵⁵ The newer organizations share many of the OAS's objectives; all stress political and economic integration and promote cooperation for energy projects, sustainable development, and educational initiatives, as well as the need for highlevel dialogue between leaders.

⁵⁶ Brazil, as an emerging power, sees a greater role for itself in the region.

⁵⁷ In 2004, Brazil volunteered to lead Minustah. Brazil responded to the January 2010 Haitian earthquake with increased financial and personnel support in Haiti, reaffirming its commitment to Haiti's development and to UN peacekeeping.

Haiti. O Brasil é hoje um grande doador para o Haiti e tem o comando das forças da ONU no país. O Brasil e os Estados Unidos precisam uns dos outros para lidar com os hercúleos problemas que exigem uma cooperação muito profunda no século XXI: mudança climática, comércio, estabilidade financeira, segurança alimentar. Todos esses são grandes problemas em que você não consegue chegar a um acordo sem ter os Estados Unidos e o Brasil à mesa (SPEKTOR, 2011, não paginado, tradução nossa)⁵⁸.

4.3 *Wilson Center*

Ao longo do período analisado identificamos duas visões distintas em relação a atuação do Brasil na América Latina no *Wilson Center*. Em uma das perspectivas observamos a defesa do Brasil como um líder regional alinhado aos valores liberais internacionais e um ator fundamental a manutenção da ordem regional. Exemplo dessa visão foi reconhecida na fala do convidado diplomata Thomas Shannon por ocasião de uma conferência a qual realizou no *Wilson Center* em 2014 — o qual embora não tenha falado em nome do *think tank*, manifestou uma ideia muito comum nos documentos. Para o convidado:

Pela minha experiência, tenho notado que o Brasil tenta ser muito cuidadoso em termos de como lida com seus vizinhos. Em grande parte, porque reconhece que suas maiores ambições, expressas através da UNASUL e, em certa medida, da CELAC, devem ser gerenciadas com respeito e compreensão pelas preocupações de outros países. Ele constantemente tenta se apresentar, não como uma força hegemônica, mas como uma força aglutinadora na região (SOTERO, 2014a, p.21, tradução nossa)⁵⁹.

Para o diplomata, as ações de integração do Brasil como UNASUL e CELAC eram grandes demonstrações do esforço brasileiro em reforçar o diálogo e intercâmbio regional, demonstrando o compromisso do País com a estabilidade na América Latina e, em especial, na América do Sul:

Isso não é fácil quando você é tão grande quanto o Brasil e quando faz fronteira com todos os países, exceto o Chile e o Equador [...]. Os brasileiros trabalham muito nisso. Em primeiro lugar, os esforços para formar unidades

⁵⁸ Haiti's actually a very positive example of the potential for U.S.Brazil cooperation. The two sides have worked together pretty effectively in Haiti. Brazil is now a large donor to Haiti and has command of the UN forces there. Brazil and the United States need each other to cope with the daunting problems that require very deep cooperation in the twenty first century: climate change, trade, financial stability, food security. These are all big issues where you cannot reach a deal without having the United States and Brazil at the table.

⁵⁹ From my experience, I have noticed that Brazil tries to be very careful in terms of how it deals with its neighbors. Largely because it recognizes that its bigger ambitions, which are expressed through UNASUR, and to a certain extent CELAC, have to be managed with respect and understanding for the concerns of other countries. It consistently tries to present itself, not as a hegemonic force, but as a coalescing force in the region.

de integração regional, do nosso ponto de vista, são positivos. Quer seja a UNASUL [...], seja a comunidade do Caribe, todos esses esforços facilitam o diálogo e facilitam os intercâmbios que, em última análise, são para o bem-estar das sub-regiões e do hemisfério mais amplo (SOTERO, 2014a, p.21, tradução nossa)⁶⁰.

No relatório *Brazil as a regional power: views from the hemisphere* (referente a uma conferência realizada em 2009 com o mesmo nome) o conferencista convidado Johanna Mendelson Forman (representando o CSIS) defendeu uma visão em que o Brasil era uma liderança regional responsável e com claras intenções de atuar junto a estrutura da ordem liberal. Para tanto citou a participação do Brasil na MINUSTAH, onde expôs que:

A liderança regional do Brasil é, de longe, mais visível no Haiti [...]. Ao lado dos Estados Unidos, o Brasil tem sido o principal ator e motor no comprometimento da reconstrução e recuperação econômica do Haiti, um complemento ao seu papel de mantenedor da paz sob os auspícios das Nações Unidas. Nesse sentido, Mendelson Forman argumenta que o papel do Brasil no Haiti demonstra o dual desejo de Brasília em exercer uma liderança regional, porém num contexto institucional multilateral (SOTERO; ARNISON, 2010, p.12, tradução nossa)⁶¹.

Neste mesmo relatório, do mesmo modo que Shannon, o subsecretário adjunto para assuntos do Hemisfério Ocidental do Departamento de Estado Christopher J. McMullen (em 2010) também defendeu uma visão positiva da liderança regional brasileira. McMullen colocou que a maior presença do Brasil na região não era uma ameaça aos Estados Unidos, mas ao contrário, uma força aliada ao país. Para o subsecretário:

[...] a emergência do Brasil enquanto um poder global – assim como o seu papel de liderança na promoção da integração regional – tem sido francamente saudada pelos Estados Unidos. A sabedoria convencional que sustenta que os esforços de integração sul-americanos são danosos para os interesses dos EUA é infundada; o multilateralismo é um jogo de soma positiva (SOTERO; ARNISON, 2010, p.21, tradução nossa)⁶².

⁶⁰ This is not easy when you are as big as Brazil, and when you border on every country except Chile and Ecuador [...]. The Brazilians work very hard at this. First of all the efforts to fashion regional integration units, from our point of view, are positive. Whether it is UNASUR [...], whether it is the Caribbean community, these are all efforts that facilitate dialogue and facilitate exchanges that are ultimately for the wellbeing of the sub-regions and the broader hemisphere.

⁶¹ [...] Brazil's regional leadership is by far most visible in Haiti [...]. Alongside the United States, Brazil has been the main actor and engine of commitment to Haiti's economic recovery and reconstruction, a complement to its leading peacekeeping role under the auspices of the United Nations. In this sense, Mendelson Forman argued that Brazil's role in Haiti demonstrates Brasília's dual desire to exert regional leadership, but within a multilateral, institutional context.

⁶² [...] Brazil's emergence as a global power — as well as its leadership role in promoting regional integration — has been wholeheartedly embraced by the United States. The conventional wisdom that

Nesse interim, McMullen defendeu uma visão bastante alinhada a perspectiva de socialização dos emergentes na ordem liberal. Segundo o relatório:

McMullen insistiu que Washington não vê a emergência do Brasil como uma derrota dos Estados Unidos. Os Estados Unidos apoiam ativamente um maior protagonismo de Brasília na América do Sul; de fato, os Estados Unidos têm trabalhado incansavelmente para aprofundar as relações Brasil-Colômbia. Isso é porque os Estados Unidos querem que as questões regionais sejam resolvidas internamente. O papel dos EUA deve ser secundário, enquanto um facilitador das discussões; os Estados Unidos são bem-sucedidos em reunir países nas mesas de negociações. Como o Brasil vem efetuando isso cada vez mais, as relações bilaterais têm apenas a melhorar com o tempo (SOTERO; ARNSON, 2010, p.13, tradução nossa)⁶³.

Contudo, esta perspectiva mais positiva da atuação do Brasil na América Latina conviveu com outra visão bastante negativa sobre as ações do País e suas consequências ao ordenamento liberal. Defendida principalmente pelo grupo de brasileiros que participou ativamente das atividades do *think tank* na temática em análise, com grande vinculação com o Partido Social Democrata Brasileiro (PSDB) e na figura de FHC (e referido no segundo capítulo), esta visão defendeu uma visão em que o Brasil conduzia uma política externa ideológica; sem uma clara orientação e com poucas capacidades (*hard power*) para exercer liderança na região.

Sergio Amaral, na conferência realizada em 2007 intitulada *Novos Rumos nas relações exteriores brasileiras*, descreveu a política externa do Brasil do primeiro mandato de Lula como ideológica, contrária as diretrizes estadunidenses e aos organismos tradicionais na região como OEA e o Banco Interamericano de Desenvolvimento. Diretrizes estas, ditas como contrária a visão do próprio empresariado brasileiro:

Ele advertiu, porém, que as políticas ideológicas do primeiro mandato do presidente Lula com seu alinhamento com países como Venezuela, China e Cuba, e também o seu confronto com os EUA na ONU, a OEA e o Banco Interamericano de Desenvolvimento provocaram irritação da comunidade empresarial brasileira (WILSON CENTER, 2007a, p.5).

holds that South American integration efforts are harmful to U.S. interests is unfounded; multilateralism is a positive-sum game.

⁶³ McMullen insisted that Washington does not see Brazil's rise as the United States' loss. The United States actively supports a greater role for Brasília within South America; in fact, the United States has been working relentlessly to facilitate improved Brazilian-Colombian relations. This is because the United States wants regional issues to be resolved from within. The U.S. role should be secondary, as a facilitator of discussion; the United States excels in bringing countries together to the negotiating table. As Brazil is increasingly doing this itself, the bilateral relationship is only improving with time.

Amaury e Souza foi ainda mais enfático nas críticas. Para o conferencista, o Brasil não tinha capacidades, tanto políticas como econômicas para exercer uma liderança regional. E mais ainda, não tinha sequer uma política clara e coerente em relação aos problemas regionais. Segundo o relatório:

Amaury de Souza foi mais cauteloso na sua avaliação do papel do Brasil nos assuntos internacionais. Com base em uma força tarefa recente e em um relatório publicado pelo Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI), ele acreditava que o Brasil não dispõe de recursos econômicos e políticos para exercer um papel de liderança no hemisfério. A Venezuela agora desafiava o Brasil para se tornar líder da América do Sul e, conseqüentemente, a pretensão do Brasil a uma liderança global fora, em grande medida, retórica. Em face das afirmações da Venezuela como potência petrolífera e o aumento da turbulência política na região, o Brasil precisava esclarecer seus interesses nacionais e desenvolver uma estratégia realista. Na busca cotidiana de seus interesses nacionais, o Brasil não havia conseguido desenvolver uma estratégia realista e coerente para a América (WILSON CENTER, 2007a, p.5).

Amaury de Souza ainda destacou a falta de uma política clara do Brasil quanto ao que considerou ser um expansionismo armamentista venezuelano, o qual foi definido como uma ameaça a estabilidade regional. Para o conferencista:

O governo havia fechado os olhos para as compras venezuelanas de armas – o que era perigoso considerando os mísseis muito sofisticados e a capacidade naval que o presidente Chávez tentava adquirir. Em vez de assumir um alcance global, os líderes de política externa do Brasil precisavam melhor compreender as mudanças no hemisfério e dedicar mais atenção às relações com seus vizinhos (WILSON CENTER, 2007a, p.5).

Nesse ínterim, o professor da *Johns Hopkins University*, Riordan Roett, reforçou essas perspectivas críticas da atuação do Brasil na América Latina. Para o pesquisador, o Brasil não havia investido suficientemente em capacidades de *hard power*:

O Brasil, que tem fronteiras com quase todos os países da América do Sul e não investiu numa grande força militar, precisava se concentrar nas tendências e ameaças hemisféricas potenciais à estabilidade que forneceu a base de seu êxito econômico corrente (WILSON CENTER, 2007a, p.6).

Leslie Bethell também foi crítico em suas análises. Para o historiador e professor da *University of London*, a ausência de vontade e ações políticas para construir um diálogo estratégico com os Estados Unidos dificultava o reconhecimento do País como uma liderança:

Estão os Estados Unidos preparados para permitir que o Brasil assuma um papel de liderança, pelo menos na América do Sul, especialmente se o Brasil for capaz de controlar seus vizinhos problemáticos e manter a estabilidade em uma região de baixa prioridade – um papel, que diga-se de passagem, o Brasil tem historicamente se negado a cumprir. Não será fácil para a administração Obama agora transformar o Brasil num parceiro estratégico tanto nas questões regionais quanto globais, se isso é o que ela pretende fazer, ainda mais porque o Brasil, sob o governo Lula tem demonstrado pouco interesse em fazer das relações aprofundadas com os Estados Unidos a sua principal prioridade (SOTERO; ARNISON, 2010, p.13, tradução nossa)⁶⁴.

4.4 Center for a New American Security

No CNAS, a atuação do Brasil na América Latina — especificamente na América do Sul — apresentou sua importância circunscrita ao fato de ter se tornado um dos pressupostos-base para elevar o País a um ator global e um importante aliado e parceiro estadunidense na região (FONTAINE, KLIMAN, 2012). Para se compreender essa visão, faz-se necessário apontar o contexto em que foi construída.

Segundo o CNAS⁶⁵, a partir do início do século XXI estava em curso a ascensão de novos atores com consequente reestruturação do poder global. Os Estados Unidos, para manter a ordem por eles elaborada e liderada desde 1945, necessitavam ampliar seus apoiadores. Quatro desses novos atores foram identificados como promissores aliados estadunidenses. Brasil, Índia, Indonésia e Turquia, ao terem seus perfis domésticos e de atuações externas congruência aos valores liberais, poderiam ser parceiros na manutenção do ordenamento vigente. Como escreveram os responsáveis pela produção base do *think tank* em relação a temática, Fontaine e Kliman:

Os Estados Unidos devem aproveitar a oportunidade para preservar a ordem internacional, ampliando seu círculo de apoiadores. Neste esforço, Brasil, Índia, Indonésia e Turquia representam parceiros particularmente promissores. Todos possuem economias grandes e em rápido crescimento. Todos ocupam posições centrais em uma região ou ficam na interseção de múltiplas regiões. Todos abraçam o governo democrático em casa, o que lhes dá o potencial para apoiar plenamente uma ordem definida por valores e normas liberais. Por último, todos são cada vez mais influentes a nível

⁶⁴ Is the United States prepared to allow Brazil to assume a leading role in South America at least, especially if Brazil is able to control its more troublesome neighbors and maintain stability in a region of low priority – a role, it should be said, Brazil has historically always been reluctant to play. It will not be easy for the Obama administration now to make Brazil a strategic partner in both regional and global affairs, if this is what it wishes to do, not least because Brazil under the Lula administration has shown little interest in making closer relations with the United States a top priority.

⁶⁵ Como já contextualizado na segunda parte deste trabalho, a base de análise do conteúdo do CNAS em relação a atuação global do Brasil se deu no âmbito do relatório. Quando nos referimos a visão do CNAS em relação a atuação global do Brasil, temos como base o único documento produzido sobre a temática, o *Global Swing states: Brazil, India, Indonesia, Tukey, and the future of international order*, publicado em 2012. No Capítulo III contextualizamos a sua importância.

regional e global e, embora desejem mudanças na ordem internacional, não buscam descartá-la (FONTAINE, KLIMAN, 2012, p.13, tradução nossa)⁶⁶.

Como se pode identificar na passagem acima, uma das razões para os autores identificar o Brasil como um aliado estadunidense foi o que consideraram ser seu *status* de potência regional. Nesse contexto é interessante e importante observar que para Fontaine e Kliman o crescimento do poder de influência brasileira foi consequência de um conjunto de ações prioritariamente desenvolvidas a partir da gestão de Lula da Silva. Como evidente na descrição dos autores sobre a atuação regional do País:

O Brasil emergiu como líder regional e influente poder global. Regionalmente, o Brasil expandiu a união aduaneira do MERCOSUL para além dos membros fundadores originais, apoiou a criação da União das Nações Sul-Americanas, liderou a missão de manutenção da paz da ONU no Haiti e melhorou a integração com seus vizinhos financiando projetos de infraestrutura (FONTAINE, KLIMAN, 2012, p.13, tradução nossa)⁶⁷.

Com base nessa perspectiva, Fontaine e Kliman recomendaram aos Estados Unidos tornar o Brasil como um parceiro efetivo na manutenção de um dos pilares da ordem liberal: a ordem marítima. Para os autores, os Estados Unidos deveriam “reduzir as barreiras existentes às transferências de tecnologia militar para o Brasil, aumentar a frequência de exercícios navais conjuntos e explorar uma iniciativa marítima regional (FONTAINE, KLIMAN, 2012, p.38, tradução nossa)⁶⁸”.

Se entre os *think tanks* liberais houve a produção de perspectivas distintas em relação a atuação do Brasil na América Latina, também podemos dizer o mesmo dos dois principais institutos conservadores abarcados nesse trabalho: *American Enterprise Institute*, com uma visão majoritariamente positiva, e *Heritage Foundation*, fortemente crítico da projeção regional brasileira. Começaremos pela visão positiva.

⁶⁶ The United States must seize the opportunity to preserve the international order by enlarging its circle of supporters. In this endeavor, Brazil, India, Indonesia and Turkey represent particularly promising partners. All possess large and rapidly growing economies. All occupy central positions in a region or stand at the hinge of multiple regions. All embrace democratic government at home, which endows them with the potential to fully support an order defined by liberal values and norms. Lastly, all are increasingly influential at the regional and global level, and although they desire changes to the international order, they do not seek to scrap it.

⁶⁷ Brazil has emerged as a regional leader and influential global power. Regionally, Brazil has expanded the Mercosur customs union beyond the original founding members, supported the creation of the Union of South American Nations, led the U.N. peacekeeping mission in Haiti and enhanced integration with its neighbors by funding infrastructure projects.

⁶⁸ reduce existing barriers to transfers of military technology to Brazil, increase the frequency of joint naval exercise and explore a regional maritime initiative.

4.5 *American Enterprise Institute*

Como observaremos ao longo desta apresentação a respeito da produção do *American Enterprise Institute*, o instituto se dedicou a estabelecer uma visão sobre a importância do Brasil a região e aos interesses nacionais estadunidenses. Nesse contexto, não identificamos investigações da projeção política, como por exemplo, estudos da mobilização brasileira para uma integração regional; nem de projeção econômica através da internacionalização de empresas nacionais — temas estes, basilares nas produções do *CFR* e da *Brookings*.

Contudo, esse perfil da produção do *AEI* de maneira alguma pode ser desconsiderado como elemento a compreensão da proposta deste trabalho. Para o *AEI* a América Latina foi definida como uma região essencial para a segurança estadunidense e nesse contexto o Brasil foi enquadrado como um País fundamental para a estabilidade regional. Na maior parte do período, o País foi definido como um promotor da democracia, tornando-se um modelo aos demais Estados da região. Mas a partir de 2012 e com maior ênfase nos anos finais da pesquisa, apontou-se uma diminuição desse potencial brasileiro, justificado pelas consequências de uma má condução política e econômica doméstica (BATE, 2009; DAREMBLUM, 2009; NORIEGA, 2006b, 2007; 2008b, 2009c; 2011b, d; 2015b LACHAMN, 2007, 2016).

Ainda sobre a produção, é preciso destacar que esta foi extensa no *AEI*, porém o conjunto de temáticas e argumentações abordadas fora circunscrito a um pequeno número, sobretudo por efeito das repetições das discussões nos artigos do principal articulista, o diplomata estadunidense Roger Noriega. Assim, a apresentação do conteúdo do *AEI* ocupa um espaço menor em relação aos *think tanks* já analisados, o que não quer dizer que no *AEI* o debate em relação ao significado do Brasil à América Latina e aos interesses estadunidenses tenha sido menor ou pouco valorizado.

No *AEI* o papel do Brasil na América Latina foi compreendido em um contexto amplo, delimitado pelo significado da região aos Estados Unidos e dos efeitos das políticas domésticas do Brasil à estabilidade regional. Para os articulistas, a estabilidade da América Latina foi tida como fundamental à segurança estadunidense. Noriega (2008c) e Lachman (2007), contextualizando essa questão explicaram que, em razão da extensa fronteira terrestre estadunidense com o México e marítima com diversos países caribenhos; a intensificação dos laços culturais e familiares com os países da região por causa da imigração e, por fim, pela localização na região de três das quatro fontes

energéticas do País, tornava os Estados Unidos vulnerável as possíveis instabilidades regionais. Como salientou Noriega:

O fato é que os Estados Unidos não podem pretender competir em uma economia global quando as nações que formam seu mercado natural estão deixando de realizar seu pleno potencial econômico e ficando atrás do resto do mundo em desenvolvimento. Além disso, os Estados Unidos não podem proteger sua terra natal contra ameaças pós-11 de setembro se seus vizinhos mais próximos forem fracos, instáveis ou, pior ainda, hostis (NORIEGA, 2008c, p.2, tradução nossa)⁶⁹.

Ainda no enquadramento da inserção da importância do Brasil na América Latina para o *AEI*, as análises do instituto delimitaram a América Latina em dois grupos. Uma democrática onde tanto “líderes da esquerda e da direita que veem as instituições democráticas e o estado de direito como indispensáveis para a prosperidade e a liberdade (NORIEGA, 2006b, não paginado, tradução nossa)⁷⁰” e outra, onde um grupo de países “trata a democracia como uma inconveniência e ver os mercados livres como uma ameaça (NORIEGA, 2006b, não paginado, tradução nossa)⁷¹” papel este desempenhado por Venezuela e Nicarágua (BATE, 2009; GRINGRICH, 2009; LACHMAN, 2007; NORIEGA, 2006b, 2008b, 2009c).

Nesses dois contextos, supostamente paralelos, os articulistas inseriram a relevância do Brasil à América Latina e aos Estados Unidos. O Brasil, em razão das características do seu modelo de desenvolvimento socioeconômico promovido a partir da administração Lula da Silva se inseriu entre os países comprometidos com os valores fundamentais de democracia e mais: o Brasil, por ser o pioneiro no desenvolvimento desses programas e pelo seu tamanho foi definido — junto com o México — tanto como o modelo a ser seguido pelos demais Estados, como o País responsável pela estabilidade regional (NORIEGA, 2006b, 2007; 2008b, 2009c; 2011b, d; 2015b).

Para o autor, estes programas sociais desenvolvidos pelo Brasil se tornaram uma referência pois, combatiam um dos principais problemas da América Latina: a pobreza. Diferenciando-o do tradicional estilo populista — muito presente nos países antidemocráticos como a Venezuela — o formato desses programas sociais impulsionava a construção e promoção de um modelo de democracia defendido pelo

⁶⁹ The fact is the United States cannot pretend to compete in a global economy when nations that form its natural market are failing to realize their full economic potential and falling behind the rest of the developing world. Furthermore, the United States cannot protect its homeland against post-9/11 threats if its nearest neighbors are weak, unstable, or, worse yet, hostile.

⁷⁰ leaders from the left and right who see democratic institutions and the rule of law as indispensable to prosperity and liberty.

⁷¹ treat democracy as an inconvenience and see free markets as a threat.

think tank, o qual se baseava no desenvolvimento humano, educação e saúde (NORIEGA, 2006b, 2008b, 2009c).

No artigo *Struggle for the future: the poison of populism and democracy's cure* de dezembro de 2006, Noriega, apresentando o que definiu ser esses programas, forneceu um exemplo dessa associação dos programas sociais e convergência com os valores do *AEI*:

Os programas brasileiros e mexicanos beneficiaram milhões dos cidadãos mais pobres dessas nações, contribuindo significativamente para os padrões de qualidade de vida e nutrição e, mais importante, ajudando a quebrar o ciclo da pobreza ao estender os benefícios de educação e saúde àqueles que poderiam, de outra forma, ter sido negligenciados. Cidadãos saudáveis e educados são muito mais propensos a buscar um futuro melhor, a encontrar um lugar em uma economia em modernização, a exigir um governo mais responsável e a se unir como comunidade. Tais programas - particularmente as atividades de microempresas - também enfatizam o fortalecimento do indivíduo ao invés de reforçar uma cultura de dependência. Para dezenas de milhões de beneficiários desses programas, a democracia está fazendo a diferença ao oferecer oportunidades. A luta dessas pessoas pelo futuro está construindo sociedades mais saudáveis e democracias mais sólidas, uma família e uma pessoa de cada vez. Tais programas podem exigir que o governo tome a iniciativa e invista em sua população, mas os programas o fazem de maneira a promover a autossuficiência, recompensando o empreendimento individual e a engenhosidade (NORIEGA, 2006b, não paginado, tradução nossa)⁷².

Tornando-se um contraponto aos modelos ditos populistas, segundo Noriega, o próprio sucesso ou fracasso da democracia na América Latina dependeria do desenvolvimento desses programas sociais:

Poder-se-ia argumentar que o sucesso ou o fracasso da democracia na América Latina depende muito da capacidade desses dois líderes (Lula e Calderón) de cumprir seu plano de fazer a democracia funcionar para os mais pobres de seus compatriotas. À medida que validam fórmulas pelas quais a democracia pode entregar os bens, governar através de instituições e o estado

⁷²The Brazilian and Mexican programs have benefited millions of the very poorest citizens of these nations, making a significant contribution to quality of life and nutrition standards and, more importantly, helping to break the cycle of poverty by extending education and health benefits to those who might have otherwise fallen through the cracks. Healthy, educated citizens are much more likely to seek a better future, to find a place in a modernizing economy, to demand a more accountable government, and to pull together as a community. Such programs—particularly the microenterprise activities—also emphasize empowering the individual rather than reinforcing a culture of dependency. For tens of millions of beneficiaries of such programs, democracy is making a difference by delivering opportunity. These people struggle for the Future are building healthier societies and sounder democracies one family and one person at a time. Such programs may require that the government take the initiative and invest in their people, but the programs do so in a way that promotes self-sufficiency by rewarding individual enterprise and ingenuity.

de direito se compara favoravelmente ao populismo ineficaz (NORIEGA, 2006b, não paginado, tradução nossa)⁷³.

Nesse contexto é interessante notar que para o *AEI*, Venezuela e Brasil foram definidos como países possuidores de modelos de atuações regionais distintos e até rivais — como veremos no próximo subcapítulo, interpretações muito diferentes da também conservadora *Heritage Foundation*, onde Brasil e Venezuela foram vistos como aliados para minar a liderança estadunidense na região (QUINTANA, 2014).

Subentendido nos artigos que produziu, em 2008, Noriega exemplificou essa perspectiva com clareza afirmando que “apesar do chefe de estado brasileiro não querer ser visto como competindo com Hugo Chávez pela primazia na América Latina, o fato é que comparações entre os dois são inevitáveis (NORIEGA, 2008b, não paginado)”. Para Noriega, as intenções do Brasil foram uma antítese do modelo autoritário da Venezuela, um exemplo a região sobre liberdade política e desenvolvimento econômico:

Finalmente, é uma região cercada por falsos profetas de populismo, os brasileiros querem provar que o capitalismo subjugado pelo estado de direito é a única cura eficaz para os piores pesos da profunda e persistente desigualdade. Ao fazer isso, ensinam aos seus vizinhos uma lição importante, como só eles podem, que não é necessário se entregar à liberdade política em troca de uma oportunidade econômica (NORIEGA, 2008b, não paginado).

Todavia, esta defesa do modelo brasileiro para a América Latina foi gradativamente abalada pela crise econômica do Brasil. Entre 2011 e 2012, já no governo de Dilma Rousseff, foi possível encontrar algum tipo de crítica, estas envolvendo a necessidade de reformas econômicas, como a abertura de mercado e privatizações para se manter o desenvolvimento brasileiro (NORIEGA, 2012, 2014a).

Mas foi a partir de 2015 que o discurso se transformou por completo (NORIEGA, 2014a, b, 2015b, 2016). Pouco mencionado nos primeiros anos de análises, Noriega descreveu o Brasil como um governo estatista e protecionista, o qual não realizou as reformas econômicas necessárias para tornar a economia brasileira mais competitiva, comprometendo assim, seu desenvolvimento e até mesmo a estabilidade regional:

⁷³ It could be argued that the success or failure of democracy in Latin America very much depends on the ability of these two leaders [Lula e Calderón] to make good on their plan to make democracy work for the poorest of their countrymen. As they validate formulas by which democracy can deliver the goods, governing through institutions and the rule of law will compare favorably to ineffectual populism.

O Brasil, o país mais populoso da América do Sul e a sexta maior economia do mundo, está sofrendo de mal-estar econômico e de uma crise de governança que prejudica as perspectivas da região. Essa situação é o legado de líderes que confiaram em políticas estatais e protecionismo dispendiosos e recusaram-se a reequipar sua economia para torná-la mais competitiva e atraente para o investimento (NORIEGA, 2015b, p.2, tradução nossa)⁷⁴.

Nota-se pela citação acima — e exibido em outros artigos do período —, uma grande inflexão no objeto de análise em relação a presença do Brasil na América Latina. Se antes a ênfase foi dada aos programas sociais, nos últimos anos o predomínio foi sobre a crise econômica nacional e seu impacto para o desenvolvimento da região (NORIEGA, 2014a, b, 2015b, 2016).

Paralelamente a essa discussão acima apresentada, o AEI também analisou a relação do Brasil com a China e seu impacto para a estabilidade regional (NORIEGA, 2015b, c). Considerado mercado natural dos Estados Unidos, a expansão chinesa na região, por ter ações pouco transparentes e fora do sistema de negociações baseado em regras, foi vista como uma presença pouco confiável e deveria ser combatida: “os Estados Unidos não devem ceder seu mercado natural a nenhum país - muito menos a um poder rival que não opera de forma justa e transparente, como esperado, dentro de um sistema de comércio baseado em regras (NORIEGA, 2015b, p.7, tradução nossa)⁷⁵”. Como exemplo dessa expansão, Noriega citou o caso brasileiro:

Quando a demanda chinesa por commodities e outras matérias-primas caiu drasticamente, ela atingiu duramente a economia brasileira, com o crescimento caindo de 7,5% em 2010 para 2,3% em 2013 e em recessão no último verão. O comércio com a República Popular da China tem outro lado negativo: práticas comerciais predatórias. Professor pesquisador de estudos latino-americanos no Instituto de Estudos Estratégicos da Escola de Guerra do Exército dos EUA, concorda que a visita confirma que a República Popular da China leva o Brasil a sério como parceiro econômico. No entanto, Ellis também argumenta que, ao fornecer US \$ 10 bilhões em crédito para a empresa petrolífera estatal em dificuldades, a Petrobras, a República Popular da China está aproveitando a crise econômica do Brasil para expandir sua presença no setor de energia do país (NORIEGA, 2015b, p.7, tradução nossa)⁷⁶.

⁷⁴ Brazil, South America’s most populous country and the world’s sixth-largest economy, is suffering from economic malaise and a governance crisis that undermines the region’s prospects. This predicament is the legacy of leaders who relied on costly statist policies and protectionism and refused to retool their economy to make it more competitive and attractive to investment.

⁷⁵ the United States must not cede its natural market to any country — least of all a rival power that does not operate fairly and transparently as expected within a rules-based trading system.

⁷⁶ When Chinese demand for commodities and other raw materials slumped dramatically, it hit the Brazilian economy hard, with growth sliding from 7.5 percent in 2010 to 2.3 percent in 2013 and into recession last summer. Trading with the PRC has another downside: predatory business practices. research professor of Latin American studies at the US Army War College Strategic Studies Institute, agrees that the visit confirms that the PRC takes Brazil seriously as an economic partner. However, Ellis also argues that by providing \$10 billion in credit to the ailing state-owned oil company, Petrobras, the

Assim, pela análise do conteúdo do *AEI*, o Brasil foi visto em grande parte do período analisado como um modelo e promotor da estabilidade regional, mas que nos anos finais, em razão de crise política e econômica doméstica, gradativamente a visão se transformou até chegar aos anos finais com um discurso de crítica e grandes limites do papel do País como um estabilizador regional. Como veremos abaixo, a também conservadora *Heritage Foundation* desenvolveu outra perspectiva sobre a temática investigação, mais dedicada as novas linhas de ação e muito mais crítica.

4.5 *Heritage Foundation*

A *Heritage Foundation* produziu duas visões concomitantes a respeito da atuação do Brasil na América Latina. Numa primeira, em razão da liderança do Brasil na MINUSTAH o País foi percebido como um ator responsável e comprometido com a manutenção da ordem regional liberal — esta visão predominou nas análises até meados de 2009. Sem deixa-la de lado, a partir da data apontada se intensificou uma segunda perspectiva já em desenvolvimento desde os anos iniciais. Identificada em maior quantidade e intensidade do que a primeira visão, a atuação do Brasil foi definida em termos de limitada convergência com os valores Ocidentais tradicionais de democracia e direitos humanos. Além do mais, o modelo de integração e liderança apresentado pelo Brasil visaram, segundo os articulistas, diminuir a influência estadunidense na região e enfraqueceram o organismo tradicional regional, a OEA (MONTANER, 2005; QUINTANA, 2014; ROBERTS, 2008, 2013; STEPHEN, 2003b, 2005; ROBERTS, 2008; 2010e; ROBERTS; WASLER, 2008; WASLER, 2009a, b, c, 2010c, e; 2012a, b, c).

A atuação do Brasil na MINUSTAH foi o único assunto consensualmente definido por todos os *think tanks* com consequências positivas à manutenção e comprometimento brasileiro a ordem regional (e global) vigente (BROOKINGS INSTITUTION, 2010, 2015; SPEKTOR, 2011; BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011). Em específico no *Heritage*, assumiu destaque ainda maior, pois foi o único glomerado de ações brasileiras na América Latina durante os treze anos de análises a serem interpretadas positivamente. Os mesmos articulistas que realizaram contundentes

PRC is taking advantage of Brazil's economic crisis to expand its foothold in the country's energy sector.

críticas ao Brasil — especialmente Wasler e Roberts — desenvolveram uma visão onde o Brasil através das ações do MINUSTAH emergiu como uma potência regional responsável e madura: “no governo do presidente Luiz Inácio, Lula da Silva, o Brasil emergiu como uma potência regional, liderando com competência os esforços internacionais de manutenção da paz no Haiti e atuando como um ‘adulto’ (ROBERTS; WASLER, 2009, p. 2, tradução nossa)⁷⁷”.

Em 2008, no tradicional artigo de início de ano aonde o *think tank* aborda uma lista do que considera ser uma dinâmica possível e esperada entre Estados Unidos e a América Latina — o *Latin America: a wish list for 2008* —, Wasler definiu o Brasil como um ator regional fundamental à manutenção dos interesses estadunidenses na região. Precisando o Brasil em termos de parceiro, recomendou o fortalecimento dos laços bilaterais. Como argumento o autor utilizou motivos domésticos e externos, tendo neste último a participação brasileira na MINUSTAH como destaque:

Os laços dos EUA com o Brasil se fortalecem. Sob a liderança do presidente socialdemocrata Luiz Inácio ‘Lula’ da Silva, o Brasil continua a emergir como uma potência regional. Do avanço das negociações comerciais internacionais à manutenção da paz no Haiti, de programas sociais e antipobreza bem-sucedidos ao desenvolvimento de biocombustíveis, os EUA e o Brasil têm muitos interesses em comum. As relações entre Brasília e Washington são um importante e indicativo teste da capacidade dos Estados Unidos de construir uma agenda hemisférica positiva. Washington deve continuar buscando oportunidades de engajar o Brasil (WASLER, 2008, não paginado, tradução nossa)⁷⁸.

Mesmo em 2012 — período de predominância quase total de críticas — Wasler manteve a sua visão positiva a respeito atuação brasileira na MINUSTAH. Para o ex-embaixador, o Brasil por mérito da sua liderança nessa missão foi definido como ator global e elemento de parceria entre os dois países: “a nível internacional, o Brasil desempenha um importante papel de manutenção da paz, particularmente no Haiti. Os profissionais militares do Brasil têm um longo histórico de trabalho com os EUA (WASLER, 2012c, p. 8, tradução nossa)⁷⁹”.

⁷⁷ under President Luiz Inácio “Lula” da Silva, Brazil has emerged as a regional powerhouse, competently leading international peacekeeping efforts in Haiti and acting as a ‘grown-up’.

⁷⁸ U.S. ties with Brazil grow stronger. Under the leadership of social democratic President Luiz Inácio “Lula” da Silva, Brazil continues to emerge as a regional powerhouse. From advancing international trade negotiations to peacekeeping in Haiti, from successful social and antipoverty programs to the development of bio-fuels, the U.S. and Brazil have many shared interests. Relations between Brasília and Washington are an important litmus test for the United States’ ability to construct a positive hemispheric agenda. Washington should continue to seek opportunities to engage Brazil.

⁷⁹ on the international level, Brazil plays an important peacekeeping role, particularly in Haiti. Brazil’s military professionals have a long record of working with the U.S.

Contudo, todas as outras ações brasileira na América Latina identificadas pela *Heritage* foram severamente criticados. Para o *think tank*, o que consideraram ser a liderança brasileira desenvolvida durante o período em análise teve um caráter moral bastante limitado. A começar pelas relações que manteve na região, traduzindo-se em apenas Venezuela e Cuba ou para o *think tank*, os dois maiores inimigos dos Estados Unidos na América Latina para o *think tank* (QUINTANA, 2014; ROBERTS, WALSER, 2009; WASLER, 2009a, b, c, 2010c; 2012a, b, c;)

Para Wasler — em contraponto a atuação brasileira na MINUSTAH — a ausência de um discurso claro de condenação por parte do Brasil ao que considerou ser violações democráticas e dos direitos humanos praticados por esses dois países, demonstrava a falta de compromisso brasileiro com os valores basilares da ordem vigente, distanciando-se assim, de um país aliado:

Embora o Brasil tenha desempenhado um papel positivo no [...] Haiti, também lutou com Washington. Observadores começaram a fazer perguntas sobre o caráter interno e a bússola moral da liderança do Brasil. Como democracia o Brasil se colocará com seus aliados democráticos naturais - EUA, Europa, Japão - em questões de governança e direitos humanos? Será que vai falar quando outros são reprimidos e a democracia é pisoteada? Nas Américas, o governo Obama e o governo Lula se desentenderam em questões como Honduras, Cuba e o Acordo de Defesa dos EUA e da Colômbia. Na América do Sul, o Brasil fez pouco para falar sobre os ataques à democracia na Venezuela de Hugo Chávez. Como observou o ex-chanceler mexicano Jorge G. Castaneda: o Brasil tem sido muito acolhedor com Cuba, Venezuela e Irã, sem questionar a prisão de oponentes políticos, repressão ao jornalismo ou fraude eleitoral (WASLER, 2010c, tradução nossa)⁸⁰.

Segundo Wasler, o novo papel diplomático e de segurança exercido pelo Brasil na América Latina durante a gestão de Lula da Silva elevou o distanciamento ideológico com os Estados Unidos. Expresso pela declarada oposição brasileira ao acordo de defesa Estados Unidos – Colômbia e na manutenção de relações com países ditos inimigos estadunidenses, o autor recomendou a Secretária de Estado Hillary Clinton, por ocasião da sua visita ao Brasil, deixar claro ao País esse que seria no mínimo um grande descontentamento estadunidense com as políticas brasileiras na região:

⁸⁰ While Brazil has played a positive role in Haiti [...] it has also sparred with Washington. Observers have begun to ask questions regarding the inner character and moral compass of Brazil's leadership. As a democracy will Brazil stand with its natural democratic allies—the U.S., Europe, Japan—on governance and human rights issues? Will it speak out when others are repressed and democracy is trampled? In the Americas, the Obama Administration and Lula's government have fenced over issues such as Honduras, Cuba, and the U.S.-Colombia Defense Agreement. In South America, Brazil has done little to speak out on the muggings of democracy in Hugo Chavez's Venezuela. As former Mexican foreign minister Jorge G. Castaneda noted: Brazil has been too cozy with Cuba, Venezuela and Iran, not questioning the jailing of political opponents, crackdowns on journalism or electoral fraud.

[...] Clinton deve abordar as nítidas diferenças de política e ideológica que colocam os EUA contra o resto da comunidade interamericana. Por exemplo, nos últimos anos, o Brasil assumiu um papel ativo diplomático e de segurança na América do Sul e além. No entanto, nesse novo papel, o Brasil apoiou os irmãos Castro de Cuba e Hugo Chávez, da Venezuela, enquanto se opunha ao Acordo de Defesa dos EUA do ano passado - todas as ações indicativas do abismo entre Washington e Brasília (WASLER, 2010e, não paginado, tradução nossa)⁸¹.

A integração regional desenvolvida pelo Brasil também foi reconhecida e alvo de pesadas críticas pelo *Heritage*. Recebendo grande destaque no *think tank*, os articulistas a definiram como prejudiciais aos interesses estadunidenses pois, em seu conjunto enfraqueceu os organismos tradicionais da região; impediu iniciativas estadunidenses de integração econômica e, não protegeu a estabilidade democrática e valores dos direitos humanos (MONTANER, 2005; QUINTANA, 2014; ROBERTS, 2008, 2013; STEPHEN, 2003b, 2005; ROBERTS, WALSER, 2009; WASLER, 2008; 2009a, b, c, 2010c; 2012a, b, c).

A mais antiga dessas instituições, o MERCOSUL, no período foi delimitado como um instrumento brasileiro para barrar os novos projetos de integração econômica dos Estados Unidos (MONTANER, 2005; STEPHAN, 2003; WASLER, 2008). Nesse sentido Stephan, em 2003 quando ainda restava uma esperança de implementação da ALCA, exemplificou essa perspectiva: “[...] Brasil e Argentina estão buscando minar a Área de Livre Comércio das Américas, apoiada pelos EUA, em favor do avanço de sua própria união aduaneira, o Mercosul (STEPHAN, 2003, não paginado, tradução nossa)⁸²”.

Montaner em 2005 foi ainda mais crítico. Relatando as características da América Latina, descreveu o MERCOSUL como um dispositivo utilizado por um grupo de países que para o autor possuíam claros sentimentos antiamericanos e eram inimigos da ALCA para contrapor a presença estadunidense na região:

A terceira América Latina, formada por governos que ocupam uma ampla faixa à esquerda, inclui o Brasil de Lula da Silva, a Argentina de Néstor Kirchner, o Uruguai de Tabaré Vázquez, a Venezuela de Hugo Chávez e

⁸¹ [...] Clinton should address the sharpening policy and ideological differences that pit the U.S. against the rest of the inter- American community. For example, in recent years Brazil has taken an active diplomatic and security role in South America and beyond. Yet in this new role, Brazil has supported Cuba’s Castro brothers and Venezuela’s Hugo Chavez while loudly opposing last year’s U.S. – Colombian Defense Agreement — all actions indicative of the substantial gulf between Washington and Brasília.

⁸²[...] Brazil and Argentina are seeking to undermine the U.S.-backed Free Trade Area of the Americas in favor of advancing their own customs union, Mercosur.

Cuba [...]. Em princípio, esta terceira América Latina é um forte reduto populista, com claros sintomas de antiamericanismo, inimigos da ALCA e com a intenção de criar uma alternativa no MERCOSUL, o mercado comum sulista (MONTANER, 2005, p.4, tradução nossa)⁸³.

As novas iniciativas de integração promovidas pelo Brasil a partir de 2003 — UNASUL com seu Banco do Sul e Conselho de Defesa, além da CELAC — também foram representadas como sendo empreendimentos contrários à manutenção e promoção dos interesses estadunidenses na América Latina (QUINTANA, 2014; ROBERTS, 2010e; WASLER, 2009a, 2012a, d). Wasler, por exemplo, salientou a exclusão dos Estados Unidos da UNASUL, o que considerou como uma ação brasileira para eliminar o País do organismo sul-americano de segurança, conseqüentemente afastar a influência estadunidense:

Vizinho de 10 países, o Brasil é ativo nos esforços de segurança regional através da União de Nações Sul-Americanas (UNASUL) e do novo Conselho de Defesa Sul-Americano. A primazia do Brasil foi marcada pela tendência de tentar excluir os EUA da interação com o nascente órgão de segurança sul-americano (WASLER, 2012c, não paginado, tradução nossa)⁸⁴.

Para a *Heritage*, enquanto o Brasil criava e investia em novas instituições e excluía os Estados Unidos, a OEA — ou a organização oficial da ordem regional liberal — se enfraquecia cada vez mais em virtude de baixos recursos e polarização (ROBERTS, 2010e; WASLER, 2012c, perdendo assim, gradativamente mais a sua efetividade na defesa dos princípios de democracia e direitos humanos, tão caros ao *think tank*:

Além disso, o Brasil assumiu a liderança no apoio à criação da União das Nações Sul-Americanas (UNASUL), uma associação diplomática e de segurança sul-americana. O Brasil, juntamente com o México, também lançou um novo 'mecanismo' regional - a Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos - que inclui Cuba, mas exclui os EUA e o Canadá. Enquanto isso, a OEA, muito polarizada e atormentada por problemas orçamentários, está perdendo sua capacidade de defender efetivamente a

⁸³ The third Latin America, made up of governments that take up a broad band on the left, include the Brazil of Lula da Silva, the Argentina of Néstor Kirchner, the Uruguay of Tabaré Vázquez, the Venezuela of Hugo Chávez, and Cuba [...]. In principle, this third Latin America is a strong populist redoubt, with clear symptoms of anti-Americanism, enemies of the FTAA, and intent on creating an alternative under MERCOSUR, the southern common Market.

⁸⁴ Neighboring 10 countries, Brazil is active in regional security efforts via the Union of South American Nations (UNASUR) and the new South American Defense Council. Brazil's primacy has been marked by a tendency to try to exclude the U.S. from interaction with the nascent South American security body.

democracia e os direitos humanos (ROBERTS, 2010e, não paginado, tradução nossa)⁸⁵.

Em artigo de 2014, Quintana publicou no jornal do instituto um artigo enfaticamente crítico a esses novos fóruns. Analisando o papel da UNASUL como instituição mediadora na crise política em desenvolvimento na Venezuela, a autora declarou em alto e bom tom a iniciativa como parte de um movimento latino-americano antiamericanista, sendo, portanto, impossível ao governo dos Estados Unidos admitir qualquer ação dessa instituição como benéfica aos interesses estadunidenses:

A crença equivocada do secretário Kerry de que a UNASUL pode efetivamente mediar a crise venezuelana baseia-se na suposição equivocada de que os interesses nacionais dos EUA são protegidos por organizações internacionais. A UNASUL faz parte da crescente onda de antiamericanismo que visa reduzir a influência norte-americana na América Latina (QUINTANA, 2014, p.2, tradução nossa)⁸⁶.

Para Quintana, “o apoio cego da administração Obama à UNASUL está estabelecendo um precedente perigoso. Como uma instituição que visa reduzir a influência regional dos EUA, a UNASUL não é uma terceira parte confiável para disputas regionais (QUINTANA, 2014, p.2, tradução nossa)⁸⁷”.

4.6 Considerações finais

Em um ambiente em que as interpretações não necessariamente acompanham as prioridades e intensidades da diplomacia brasileira, observamos que cada *think tank* selecionou um determinado conjunto de fatos para reconhecer e definir o que foi a atuação do Brasil nessa região. Quase sempre descoladas de seu tempo de ação, essas atividades foram a base para a construção de significados nos institutos, que no seu conjunto forneceram elementos para identificar a visão sobre o potencial e extensão do

⁸⁵ Additionally, Brazil has taken the lead in backing the creation of the Union of South American Nations (UNASUR), a South American – only diplomatic and security association. Brazil, along with Mexico, also launched a new regional ‘mechanism’ — the Community of Latin American and Caribbean States — that includes Cuba but excludes the U.S. and Canada. Meanwhile, the OAS, badly polarized and beset with budgetary woes, is losing its ability to effectively defend democracy and human rights.

⁸⁶ Secretary Kerry’s mistaken belief that UNASUR can effectively mediate the Venezuelan crisis is premised on the faulty assumption that U.S. national interests are protected by international organizations. UNASUR is part of the growing wave of anti-Americanism aimed at reducing U.S. influence in Latin America.

⁸⁷ the Obama Administration’s blind support of UNASUR is setting a dangerous precedent. As an institution aimed at reducing the U.S.’s regional influence, UNASUR is not a trustworthy third party for regional disputes.

Brasil em ser um ator acomodado a ordem global liberal e conseqüentemente aliado na sua manutenção ou uma força desafiadora dos interesses globais estadunidenses.

Todos os *think tanks* com produção a respeito da temática definiram o Brasil como o principal ator sul-americano e um dos atores mais importantes da América Latina. Porém, para além deste consenso — muitas vezes se baseando nos mesmos assuntos, mas com interpretações assaz divergentes — cada *think tank* moldou diferentes visões, formulando estratégias e desenhos políticos diversos.

Identificamos que ao contrário da nossa hipótese inicial, não houve uma visão consensualmente positiva entre os *think tanks* liberais em relação a atuação do Brasil na América Latina. Isto por que entre os *think tanks* dessa categoria, a *Brookings* expos de forma muito crítica o que considerou ser a condução das ações do Brasil na região, cética quanto a capacidade do País como força efetiva na manutenção da ordem liberal.

Delimitando-o quase que exclusivamente pelas ações de integração política regional, para a *Brookings* o modelo de liderança regional brasileiro foi pouco comprometido com os valores liberais de democracia e direitos humanos, ambivalente em suas ações e, voltou-se a deteriorar a presença e influência estadunidense na América Latina. Ou seja, uma visão concatenada com a perspectiva de contenção dos emergentes defendida pelos neorrealistas ofensivos. Já a transição de presidentes do Brasil — apesar de ter se criado uma expectativa de alteração de rumos da condução de política externa — não alterou a visão do *think tank* sobre a atuação do País na América Latina.

Os demais *think tanks* liberais — *CFR*, *Wilson Center* e *CNAS* — desenvolveram visões muito positivas. Todos estes institutos defenderam as ações do Brasil na região como fundamentais a manutenção da ordem liberal e a estabilidade regional. Considerado um aliado estadunidense, estes *think tanks* recomendaram aos Estados Unidos o apoio as atividades desenvolvidas pelo Brasil na região e/ou a formação de parcerias para atuações conjuntas, se aproximando assim, do enquadramento da socialização/ inserção dos emergentes a ordem internacional liberal.

O *CFR*, por exemplo — quase como uma resposta a visão da *Brookings* — enfatizou a complementaridade dos novos fóruns criados pelo Brasil aos interesses e valores da ordem liberal. Outro argumento desenvolvido pelo *CFR* para sustentar sua visão positiva em relação ao maior protagonismo brasileiro na América Latina foi a liderança brasileira na MINUSTAH — considerada pelo *think tank* como exemplo de interesse e responsabilidade do Brasil em ser um agente estabilizador regional. Além do

mais, visto como um dos grandes investidores na América Latina, para o *CFR* o Brasil era um País fundamental ao desenvolvimento regional. Estes foram alguns dos argumentos do *CFR* para recomendar aos Estados Unidos o estabelecimento de políticas de engajamento do Brasil na ordem liberal e “dividir o fardo americano”, elencando maiores responsabilidades ao Brasil na região.

O *CNAS* foi ainda mais claro em sua defesa de um engajamento do Brasil na ordem. Para o *think tank*, em razão do maior protagonismo regional brasileiro e seu perfil de aliado e comprometido aos valores liberais, os Estados Unidos deveriam aumentar as parcerias estratégicas militares e diminuir as barreiras de cerceamento tecnológico ao Brasil.

O *Wilson Center* apresentou duas visões divergentes entre si. Por um lado, defendeu uma visão positiva sobre a liderança brasileira na região. Descrito como um País promotor do diálogo, responsável e fundamental à estabilidade regional, um grupo de autores procuraram dar legitimidade a integração regional do Brasil desenvolvidas através da UNASUL e CELAC.

Porém, ao mesmo tempo também identificamos no *Wilson Center* uma visão bastante crítica as intenções, condução e consequências do que definiram ser a atuação do Brasil na América Latina. Defendida principalmente entre o grupo de brasileiros que participaram das atividades do instituto a respeito da temática em questão, o País foi visto como não tendo capacidades econômicas, políticas e militares para exercer uma liderança regional. Dessa forma, observamos que o *Wilson Center* também apresentou uma visão a qual se associa a perspectiva de contenção dos emergentes.

Se entre os *think tanks* liberais houve visões distintas em relação a atuação do Brasil na América Latina, também podemos dizer o mesmo dos dois principais institutos conservadores abarcados nesse trabalho: *American Enterprise Institute*, com uma visão majoritariamente positiva e *Heritage Foundation*, fortemente crítica a projeção regional brasileira.

Para o *AEI*, até meados de 2011 o Brasil foi visto como um ator fundamental à manutenção da estabilidade regional liberal e enfaticamente definido como um parceiro efetivo dos Estados Unidos. Contudo, a partir do contexto de crise política e econômica que dominou o governo Dilma, a visão e o papel sobre o Brasil na região se alterou completamente e o País, além de perder seu *status* de liderança regional, tornou-se um agente desestabilizador e com princípios muito diferentes dos valores liberais. Assim, a partir de 2011 o Brasil se tornou uma possível ameaça a manutenção da ordem liberal.

Já na *Heritage*, a visão predominante foi de definição do Brasil como um líder regional com valores pouco convergentes aos estadunidenses e com intenções de reduzir/ danificar a liderança e presença dos Estados Unidos na região. Nesse contexto, identificamos que as visões defendidas pelos *think tanks Brookings Institution* e *Heritage Foudantion* foram semelhantes.

Contudo é importante frisar a importância da liderança do Brasil na MINUSTAH: foi o único assunto consensualmente definido de forma positiva por todos os *think tanks*, mesmo os dois *think tanks* que desenvolveram visões negativas.

5 BRASIL NA ÁFRICA: ATOR GLOBAL ALIADO DOS ESTADOS UNIDOS?

O objetivo deste capítulo é apresentar as visões dos *think tanks* a respeito da segunda região prioritária à expansão global do Brasil a partir de 2003: a África. Foco principal da base de Cooperação Sul-Sul do País, houve na gestão da presidência de Lula da Silva a intensificação das atividades no continente nas áreas de comércio, investimentos, saúde, ciência e tecnologia, programas sociais, cooperação técnica, multilateralismo e segurança e defesa (ANUNCIATO, 2014; AVELHA, 2015; MILANI; CONCEIÇÃO; M'BUNDE, 2016; REIS, 2012; VISENTINI, 2016).

Resumidamente estas ações brasileiras no continente se compuseram por onze visitas do chefe de Estado; abertura/reabertura de postos diplomáticos; ampliação da presença de um grupo de empresas nacionais; assinaturas de acordos comerciais, educacionais, de ciência e tecnologia, desenvolvimento social segurança pública e de defesa em níveis bilaterais e/ou multilaterais; revitalização de antigas cooperações multilaterais como CPLP e ZOOPACAS e criação de novas, como a ASA (Cúpula América do Sul-África) foi criada⁸⁸ (ANUNCIATO, 2014; AVELHA, 2015; MILANI; CONCEIÇÃO; M'BUNDE, 2016; REIS, 2012; VISENTINI, 2016).

Mas, se para a diplomacia brasileira a África foi uma prioridade que se transformou ao longo dos anos em uma realidade perceptível, esta não foi unanimemente reconhecida pelos *think tanks*. Dos sete *think tanks* analisados, *Carnegie*, *Heritage* e *American Enterprise Institute* não produziram documentos ou atividades. Para estes institutos a expansão do Brasil ao continente africano não foi relevante.

Já os *think tanks* *Wilson Center*, *Brookings*, *Center for a New American Security* e em especial o *Council on Foreign Relation*, a presença brasileira na África foi objeto de análise. De uma maneira geral o conteúdo das produções de todos os institutos se centrou em responder ao seguinte questionamento: o Brasil é um parceiro para os Estados Unidos? E perguntas secundárias, como por exemplo: Quais são os interesses brasileiros no continente? Até que ponto há convergência entre o que “nós” consideramos ser os objetivos brasileiros na região e o que “nós” consideramos ser os interesses estadunidenses?

⁸⁸ O Brasil e países africanos, nomeadamente a África do Sul, atuaram em organismos multilaterais como IBAS e BRICS que serão analisados em capítulo específico sobre o multilateralismo.

Como veremos abaixo, não houve consenso nas respostas dos *think tanks*. Cada instituto elaborou um perfil do que seria a atuação do Brasil. Por exemplo, para o *CFR* foi composto de ações econômicas, políticas, diplomáticas e culturais; enquanto para a *Brookings*, se restringiu basicamente as ações de cooperação técnica, inexistindo as análises sobre, por exemplo, investimentos públicos privados, como a expansão das empresas nacionais brasileiras. O *CFR* produziu análises exclusivas sobre a temática, a *Brookings* não. Enquanto *CFR*, *Wilson Center* e *CNAS* tenderam a reconhecer de forma positiva as ações brasileiras na África, apontando para parceria e alianças, a *Brookings* se posicionou de forma crítica, realçando mais os limites do que as potencialidades de interesses entre os Estados Unidos e Brasil na região.

De forma ainda mais destacada do que nas produções sobre a atuação brasileira na América Latina, as produções sobre a presença brasileira no continente africano estiveram bastante descoladas de seu tempo histórico. A maior parte delas foi produzida já no contexto da gestão de Dilma Rousseff, embora em grande parte estivessem se referindo a gestão Lula da Silva. Estas foram apenas algumas das características da produção dos *think tanks*, que serão analisadas abaixo.

5.1 Brookings Institution

Para a *Brookings Institution*, a atuação do Brasil na África foi definida como parte de um conjunto de ações externas do País executada em nível Sul-Sul, cujo objetivo final do Brasil seria a sua promoção como um ator global. Nesse contexto, duas visões gerais foram produzidas. Em uma, a fim confirmar essa perspectiva os formuladores estabeleceram em termos de ações - intenções quais foram as atividades criadas. Numa segunda, ao contrário do *CFR*, os articulistas da *Brookings* identificaram uma série de limites desse comportamento, tanto no que diz respeito à manutenção da estrutura e dos valores da ordem global liberal, como à própria concretização da ambição brasileira de se tornar um *global player* (BROOKINGS INSTITUTION, 2015; CARDENAS, NEVES, 2010a; DESAI, VREELAND, 2014; PICCONE, 2011, 2015; ONIS, 2008; TRINKUNAS, 2014a; MARES, TRINKUNAS, 2016).

As investigações sobre a projeção do Brasil na África foram inseridas nas produções da *Brookings* num contexto de reconhecimento e definição do que seria a expansão internacional brasileira ocorrida a partir dos anos Lula. Descrevendo sobre a

política externa desse período, em seu livro *Starting over: Brazil since 1985* Fislhow ilustra essa visão muito comum entre os articulistas:

Em política externa, o Brasil está avançando em muitas direções, e seu *status* internacional aprimorado é claro. Em Nova York, Genebra e Basileia, o Brasil agora tem uma voz proeminente [...]. Dentro da plataforma multilateral, em uma variedade de assuntos, o Brasil tem influência. Dentro da região, o Brasil é líder, e o país está expandindo rapidamente seus contatos bilaterais na África e na Ásia (FILSHOLLOW, 2011, p. 195, tradução nossa)⁸⁹.

Para a *Brookings*, a estratégia central do Brasil para iniciar ou intensificar suas relações com os países africanos se prosseguiu pelo que chamaram ser a Cooperação Sul-Sul ou relação Sul-Sul — estratégia essa vista pelos articulistas como intensamente utilizada pela política externa brasileira no período com o propósito de ampliar suas relações globais em regiões pouco desenvolvidas ou em desenvolvimento.

Embora os articulistas não tenham manifestado uma definição clara sobre o que seria essa estratégia, pelos exemplos do que consideraram ser as ações do Brasil, o *think tank* a delimitou em termos de cooperação em assistências técnicas do Brasil com os países africanos nas áreas agrícolas e de saúde. Como expuseram Trinkunas e Mares, “essa busca pelas relações Sul-Sul traduziu-se em um aumento da assistência brasileira ao desenvolvimento no exterior e no número de assessores técnicos na África (MARES, TRINKUNAS, 2016, p.72, tradução nossa)⁹⁰”.

Na área agrícola, ao contrário da produção do *CFR* que assumiu uma visão pela qual as ações do Brasil viabilizavam a prosperidade continental, para a *Brookings* os projetos concebidos pelo Brasil, ainda que proporcionasse o aumento de renda, criação de trabalhos e principalmente diminuição da insegurança alimentar, foi delimitado como atividades locais, ou, determinados a países específicos:

O sucesso do Brasil no desenvolvimento de seu setor agrícola moderno fornece outra base para aproximar-se do Sul. Por exemplo, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária oferece assistência técnica a quatro países africanos produtores de algodão: Benin, Burkina Faso, Chade e Mali. O projeto ‘Algodão-4’ foi criado para aumentar a renda, criar novos empregos e reduzir a insegurança alimentar, aumentando a produtividade e a

⁸⁹ In foreign policy, Brazil is reaching out in many directions, and its enhanced international status is clear. In New York, Geneva, and Basel, Brazil now has a prominent voice [...]. Within the multilateral platform, on a variety of subjects, Brazil has influence. Within the region, Brazil is a leader, and the country is rapidly expanding its bilateral contacts within Africa and Asia.

⁹⁰ this pursuit of South– South relations translated into an increase in Brazilian overseas development assistance and the number of technical advisors in Africa.

produção de algodão (MARES, TRINKUNAS, 2016, p. 110, tradução nossa)⁹¹.

Já na área da saúde pública — num contexto pouco comum nas suas produções — Trinkunas e Mares definiram as ações do Brasil em termos de sucesso no que diz respeito ao combate ou diminuição de graves problemas do HIV/AIDS em países localizados no continente africano (concomitantemente com o Caribe). Vista de forma positiva, sugeriram até a ampliação dessas ações no meio internacional:

No exterior a saúde pública é outra área em que o Brasil é pioneiro em soluções atrativas para o Sul Global. A falta de assistência em saúde é um grande obstáculo ao desenvolvimento dos países em desenvolvimento, porque afeta negativamente a força de trabalho, a produtividade, as finanças do governo e o bem-estar das famílias e dos cidadãos. O HIV/AIDS tem sido especialmente devastador na África Subsaariana e no Caribe, e as estratégias domésticas para os serviços de saúde no Brasil são amplamente vistas como bem-sucedidas e transferíveis (MARES, TRINKUNAS, 2016, p. 113, tradução nossa)⁹².

Em relação a toda produção da *Brookings* sobre a temática, as relações comerciais e a expansão do setor privado brasileiro na África foram muito pouco explorados, quase sempre não passando de menções, sem desenvolvimento de argumentações. Mas em uma passagem em especial, Trinkunas e Mares relataram sobre o assunto, considerando atores importantes para o desenvolvimento das relações Sul - Sul e do *soft power* brasileiro:

Existem várias empresas públicas e privadas brasileiras reconhecidas internacionalmente e especializadas em infraestrutura e desenvolvimento de energia, contribuindo para o *soft power* do Brasil. A Petrobras, empresa nacional de petróleo do Brasil, é altamente reconhecida internacionalmente desde a primeira década do século XXI por suas habilidades de perfuração em águas profundas, expansão internacional no Golfo do México e na África Ocidental [...]. O Grupo Odebrecht é um conglomerado especializado em projetos de engenharia e energia e está presente em vinte e três países ao redor do mundo, inclusive na África e na América Latina [...]. Com o apoio do BNDES, essas e outras empresas brasileiras pareciam prontas para desempenhar um papel importante no posicionamento do Brasil como o

⁹¹ Brazil's success in developing its modern agricultural sector provides another basis for reaching out to the South. For example, the Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Brazilian Agricultural Research Corporation) offers technical assistance to four African cotton-producing countries: Benin, Burkina Faso, Chad, and Mali. The 'Cotton-4' project is designed to raise incomes, create new jobs, and mitigate food insecurity by increasing cotton productivity and production.

⁹² Abroad Public health is another area in which Brazil has pioneered solutions that are attractive to the Global South. Ill health is a major development bottleneck for developing countries because it negatively affects the labor force, productivity, government finances, and the well-being of families and citizens. HIV/AIDS has been especially devastating in sub-Saharan Africa and the Caribbean, and Brazil's domestic strategies for health care are widely perceived as successful and transferable.

parceiro do Sul no desenvolvimento [...] (MARES, TRINKUNAS, 2016, p.119, tradução nossa)⁹³.

Numa última característica sobre a atuação do Brasil na África para a *Brookings*, podemos incluir as considerações dos articulistas sobre as diretrizes gerais adotadas pelos dois governos que administraram o Brasil no período em análise. Para Trinkunas e Mares, as características gerais da política externa de Dilma à África permaneceram as mesmas do seu antecessor Lula da Silva, embora tenham observado que de uma forma ampla, as preocupações do governo Dilma se concentraram mais em questões domésticas:

Estratégia de Política Externa de Dilma Rousseff, havia uma grande continuidade entre os objetivos de política externa de Rousseff e Lula, mas, na prática, ela estava menos preocupada com assuntos internacionais. A popularidade de Lula ao deixar a presidência era tal, particularmente em comparação à dela, que fazia sentido que ela desse sinal de continuidade nessa área. O Brasil continuou a buscar um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU, apoiou o multilateralismo, enfatizou seu aprofundamento no envolvimento Sul-Sul com a África e continuou a trabalhar para eliminar a fome através de seus programas de assistência no exterior (MARES, TRINKUNAS, 2016, p.78- 79, tradução nossa)⁹⁴.

Para além dessa descrição, diferentemente da produção do *CFR*, a qual como veremos elaborou uma visão do Brasil como um potencial parceiro estadunidense na manutenção da ordem liberal na região — a *Brookings* assentou a atuação do Brasil em termos de notáveis limites, tanto a própria ascensão internacional do Brasil, como aos interesses globais dos Estados Unidos (BROOKINGS INSTITUTION, 2015; CARDENAS, NEVES, 2010a; DESAI, VREELAND, 2014; PICCONE, 2011, 2015; ONIS, 2008; TRINKUNAS, 2014a; MARES, TRINKUNAS, 2016).

Em 2014, no artigo *Brazil's global ambitions*, Trinkunas ao analisar o potencial da Cooperação Sul-Sul do Brasil como promotora da sua ascensão global defendeu a ideia de insuficiência de investimento para tal fim. Segundo o autor “a sua assistência

⁹³ There are several Brazilian public and private companies that are internationally recognized and that specialize in infrastructure and energy development, thereby contributing to Brazil's soft power. Petrobras, Brazil's national oil company (NOC), was highly respected internationally in the first decade of the twenty-first century for its deep-water drilling skills, international expansion into the Gulf of Mexico and West Africa [...]. Odebrecht Group is a conglomerate that specializes in engineering and energy projects and has a presence in twenty-three countries around the world, including in Africa and Latin America [...]. With the support of BNDES, these and other Brazilian companies seemed poised to play a major role in positioning Brazil as the Southern partner in development [...].

⁹⁴ Rousseff's Foreign Policy Strategy Officially, there was a great deal of continuity between Rousseff's and Lula's foreign policy objectives, but in practice, she was less concerned with international affairs. Lula's popularity as he left the presidency was such, particularly relative to hers, that it made good sense for her to signal continuity in this area. Brazil continued to seek a permanent seat on the UN Security Council, supported multilateralism, emphasized its deepening South-South engagement with Africa, and continued to work to eliminate hunger through its overseas assistance programs.

internacional ao desenvolvimento, em grande parte focada em África, continua a ser bastante modesta (TRINKUNAS, 2014a, p.12, tradução nossa)⁹⁵”. Trinkunas dedicou espaço significativo a argumentar os motivos dessa sua visão, o qual colocou que:

A assistência brasileira ao desenvolvimento no exterior aumentou na última década. No entanto, possuir a sétima maior economia do mundo significa que o Brasil deveria poder aumentar suas contribuições nesta área a longo prazo, acima dos 0,2% da renda nacional bruta que contribuiu em 2011. O Brasil tem uma vasta experiência doméstica na criação de programas sociais projetado para reduzir a pobreza e construir a capacidade do estado como parte de sua agenda de desenvolvimento interno. Já está usando esse conhecimento e tecnologia em seus programas de assistência internacional nas Américas e partes da África. O Brasil pode prontamente aumentar suas contribuições para a governança global simplesmente estendendo o escopo geográfico, aumentando o orçamento que se compromete a esses programas e aumentando a visibilidade de sua estratégia de desenvolvimento. Tal uso de sua assistência ao desenvolvimento para promover a redução da pobreza e a inclusão social teria um impacto positivo no desenvolvimento global e contribuiria para seu próprio status e seu *soft power* (TRINKUNAS, 2014a, p.27, tradução nossa)⁹⁶.

Já no livro de 2016, Mares e Trinkunas definiram as ações do Brasil no continente como pouco transparentes. Para tanto, os autores utilizaram como exemplo o envolvimento de interesses nacionais privados nas negociações de perdão da dívida do Congo pelo BNDES:

O Brasil também se uniu ao Clube de Paris para perdoar dívidas ao Congo. No total, a presidente Dilma Rousseff perdoou US \$ 740 milhões em dívidas para o Brasil de países africanos. Mas enquanto os africanos celebravam esses empréstimos e o perdão da dívida, no Brasil havia sinais de possíveis obstáculos à atividade no exterior do BNDES. Acusações foram feitas de que a dívida foi perdoada para que as empresas brasileiras de engenharia, mineração e agricultura com relações com a presidente pudessem obter financiamento do BNDES para investimentos na África. Essas controvérsias sobre os empréstimos do BNDES e os esforços de perdão da dívida, especialmente à luz dos escândalos atuais de corrupção e da desaceleração econômica podem tornar difícil ao governo continuar gerando *soft power*

⁹⁵ its international development assistance, largely focused on Africa, remains quite modest

⁹⁶ Brazil’s overseas development assistance has risen in the past decade. Nevertheless, possessing the seventh largest economy in the world means that Brazil should be able to increase its contributions in this area over the long term above the 0.2 percent of gross national income that it contributed in 2011. Brazil has extensive domestic experience in designing social programs designed to reduce poverty and build state capacity as part of its internal development agenda. It is already using this knowledge and technology in its international assistance programs in the Americas and parts of Africa. Brazil can readily increase its contributions to global governance simply by extending the geographic scope, increasing the budget it commits to these programs, and raising the visibility of its development strategy. Such use of its development assistance to promote poverty reduction and social inclusion would have a positive impact on global development and contribute to its own status and to its soft power.

através da generosidade financeira (MARES, TRINKUNAS, 2016, p.114-115, tradução nossa)⁹⁷.

Trinkunas e Mares também ressaltaram o que haveria por “de trás” do discurso de legitimação das suas ações no continente africano. Para os autores, o discurso brasileiro de País parceiro para o desenvolvimento também era acompanhado de um elemento pouco divulgado pela diplomacia brasileira, mas essencial a compreensão das reais motivações da presença do Brasil na região e com consequências diretas para o ordenamento internacional liberal: a busca pelo crescimento do seu *soft power*. Nas palavras dos articulistas, “oficialmente, esse esforço [atuar na África] fazia parte da política de solidariedade de Lula com o mundo em desenvolvimento, mas também era uma tentativa de estender o *soft power* do Brasil (MARES; TRINKUNAS, 2016, p. 73)⁹⁸”.

Para os dois autores, o principal interesse do Brasil na África se centrou não exatamente no desenvolvimento, mas sim através dessas ações conquistar novos aliados à sua reivindicação de reforma das organizações multilaterais:

[...] a estratégia era aproveitar o apoio de um grande número de países em desenvolvimento para a tentativa do Brasil de reformar instituições multilaterais, e a África tinha a vantagem de ter um número muito grande de votos em muitas instâncias multilaterais (MARES, TRINKUNAS, 2016, p.72, tradução nossa)⁹⁹.

Nesse contexto mais amplo se inseriu as críticas à atuação brasileira na África. Para Piccone, as intenções do Brasil de fortalecer seu *soft power* através da conquista de novos aliados africanos intrinsicamente mexeria com um dos principais princípios estruturais do ordenamento global liberal estabelecidos desde 1945: a posição do “hegemon” — os Estados Unidos — em relação aos demais atores no sistema. Para Piccone, essa multipolaridade ambicionada pelo Brasil deslocava o equilíbrio de poder, sendo prejudicial aos interesses estadunidenses:

⁹⁷ Brazil also joined with the Paris Club to forgive debts to the Congo. In total, President Rousseff forgave USD\$740 million in debts to Brazil from African countries. But while Africans celebrated these loans and the debt forgiveness, within Brazil there were signs of potential obstacles to BNDES’ overseas activity. Charges were made that the debt was forgiven so that Brazilian contracting, mining, and agricultural companies with ties to the president could obtain BNDES financing for investments in Africa. These controversies over the BNDES foreign loans and debt forgiveness efforts, especially in light of the current corruption scandals and economic slowdown, could make it difficult for the government to continue generating soft power through financial generosity.

⁹⁸ officially, this effort [atuar na África] was part of Lula’s politics of solidarity with the developing world, but it also was an attempt to extend Brazil’s soft power.

⁹⁹ [...] the strategy was to harness the support of large numbers of developing countries for Brazil’s bid to reform multilateral institutions, and Africa had the advantage of having a very large number of votes in many multilateral venues.

A corrente dominante hoje na política externa brasileira, no entanto, contraria a visão tradicional de Washington de liderar uma ordem internacional liberal em que os Estados Unidos continuam *primus inter pares*. A aspiração do Brasil de liderar o Sul Global em direção a um sistema mais multipolar, que ganhou predominância sob o presidente Luís Inácio Lula da Silva, é evidente em uma ampla gama de questões [...]. Embora o Brasil tenha pouco poder para desafiar diretamente Washington sua diplomacia de *soft power*, histórico de desenvolvimento econômico e retórica pró-pobres lhe conferem alguma persuasão moral no cenário internacional em exigir um lugar melhor na mesa do poder global. Como parte dessa liderança, o Brasil intensificou dramaticamente sua assistência diplomática, comercial, de desenvolvimento e segurança à África Subsaariana (PICCONE, 2015, não paginado, tradução nossa)¹⁰⁰.

Além disso, Piccone considerou o conjunto de ações e intenções do Brasil no continente muito pouco comprometido aos valores Ocidentais fundamentais de direitos humanos e democracia. Segundo Piccone,

[...] parte dessa liderança, o Brasil intensificou vigorosamente sua assistência diplomática, comercial, de desenvolvimento e de segurança à África subsaariana. Infelizmente, os direitos humanos ficam no fogo cruzado desse descompasso entre os valores centrais dos dois países como democracias e suas incompatíveis definições de interesse nacional (PICCONE, 2015, não paginado, tradução nossa)¹⁰¹.

Cinco anos antes, analisando o perfil das ações do Brasil na África no artigo intitulado *Brazil's Post-Lula Foreign Policy*, Neves e Cárdenas também estavam ao encontro da visão defendida por Piccone. Os dois autores argumentaram que, em razão da política externa brasileira do período ser conduzida por uma forte presença do presidente em detrimento de uma diplomacia profissional, aliada a sobreposição de interesses comerciais em detrimento dos valores democráticos, o Brasil elevou sua indulgência com Estados autoritários da África:

¹⁰⁰ The predominant strain today in Brazilian foreign policy, however, runs counter to Washington's traditional vision of leading a liberal international order in which the United States remains *primus inter pares*. Brazil's aspiration to lead the Global South toward a more multipolar system, that gained predominance under President Luis Inácio Lula da Silva, is evident across a wide range of issues [...]. While Brazil has little in the way of hard power to directly challenge Washington, its soft power diplomacy, economic development record and pro-poor rhetoric give it some moral suasion on the international stage as it demands a better seat at the global power table. As part of that leadership, Brazil has dramatically stepped up its diplomatic, trade, development and security assistance to sub-Saharan Africa.

¹⁰¹ [...] part of that leadership, Brazil has dramatically stepped up its diplomatic, trade, development and security assistance to sub-Saharan Africa. Unfortunately, human rights get caught in the crossfire of this mismatch between the two countries' core values as democracies and their incompatible definitions of national interest.

A posição recente do Brasil quanto ao programa nuclear iraniano, por exemplo, desviou-se da abordagem tradicional e foi motivada pelo interesse de Lula em explorar a situação e ganhar mais visibilidade para o Brasil. Argumentos semelhantes podem ser feitos para explicar a postura leniente em relação aos direitos humanos ao lidar com regimes autoritários ou repressivos em vários países africanos e árabes [...]. Muitas vezes, há também o interesse comercial que supera claramente qualquer preocupação com as más práticas democráticas. Em todos esses casos, a diplomacia presidencial de Lula desempenhou um papel crucial na condução de uma diplomacia tradicionalmente arriscada e profissional para territórios inexplorados (CARDENAS, NEVES, 2010b, não paginado, tradução nossa)¹⁰².

5.2 Council on Foreign Relations

Para o *CFR* a atuação do Brasil na África foi um conjunto de ações reconhecidas como desenvolvidas a partir do governo da presidência de Lula da Silva, cuja intenção geral foi elevar o *status* global do País. Em razão do que distinguiu ser o modelo produzido, o instituto identificou o Brasil como um importante parceiro no desenvolvimento dos interesses estadunidenses na região (CAMPBELL, 2013; COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS, 2013; HANSON, 2012; KOZLOFF, 2012; LEMMON, 2013; PATRICK, 2012; SPEKTOR, 2011; SPEKTOR, SWEIG, 2011; BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011).

Em um contexto amplo, os diferentes articulistas que trabalharam com o assunto constantemente inseriram essa projeção ao que afirmaram ser um movimento global dos países emergentes no século XXI para se afirmar internacionalmente. Porém, o Brasil se diferenciou dos demais — notadamente Índia e China — e criou um conjunto de atividades amplamente convergentes com o que o *think tank* definiu ser as principais demandas do continente e nas quais os Estados Unidos também deveriam concentrar seus esforços.

A passagem do artigo *Brazil in Africa* publicado em 2013 por Campbell — ex-funcionário do governo estadunidense e reconhecido no *think tank* como um dos principais especialistas em assuntos africanos — exemplifica essa frequente diferenciação da projeção brasileira na África em relação as dos demais emergentes:

¹⁰² Brazil's recent stance on the Iranian nuclear program, for example, deviated from the traditional approach and was motivated by Lula's interest to exploit the situation and gain more visibility to Brazil. Similar arguments can be made to explain the somewhat lenient stance on human rights when dealing with authoritarian or repressive regimes in several African and Arab countries [...]. Oftentimes there is also the commercial interest that clearly outweighs any concern about democratic malpractices. In all these instances, Lula's presidential diplomacy played a crucial role in steering a traditionally riskaverse and professional diplomacy to uncharted territory.

O Brasil é um dos países do BRICS, juntamente com a Rússia, a Índia, a China e a África do Sul. O crescente papel do Brasil na África é ofuscado na mídia internacional pelo papel maior da China e da Índia (assim como o papel da África do Sul.). Mas, a abordagem do Brasil para a África parece ser a mais ampla, com importantes aspectos políticos e de desenvolvimento, bem como econômicos (CAMPBELL, 2013, não paginado, tradução nossa)¹⁰³.

Para os articulistas, o principal conjunto de ações dos Estados Unidos no continente africano deveriam se centrar na promoção do que consideraram ser o grande problema à manutenção da ordem liberal no continente: o baixo desenvolvimento, tanto em infraestrutura básica como industrial. E foi exatamente nesse sentido que a presença brasileira na região foi definida como potencial parceira dos Estados Unidos. Para a produção do *CFR*, em meio a interesses nacionais econômicos e políticos, o Brasil desde 2003 já desenvolvia projetos nesse sentido; principalmente através de assistências técnicas em saúde, energia e produção de alimentos.

Tornando-se uma grande oportunidade para os Estados Unidos desenvolver seus interesses nacionais, os articulistas foram constantes em sugerir o estabelecimento de uma parceria com o Brasil para atuar na África (CAMPBELL, 2013; COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS, 2013; HANSON, 2012; SPEKTOR, 2011; SPEKTOR, SWEIG, 2011; BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011).

A exemplificar essa visão, o relatório de 2011 *Global Brazil and U.S. - Brazil Relations* — analisando as características da expansão global dos emergentes — tratou de salientar o que considerou ser uma consolidação internacional das ações brasileiras no campo do desenvolvimento, destacando-se à África. Devido aos fatos concretos dessa atuação brasileira, os mais de trinta colaboradores desse documento procuraram ressaltar a grande potencialidade de cooperação dos Estados Unidos com o Brasil:

No âmbito dos países do BRICS, o Brasil tornou-se parte integrante do esforço internacional para mitigar os problemas da produção de alimentos e da fome, o que incluiu o compromisso de desenvolver uma estratégia conjunta para garantir o acesso a alimentos para populações vulneráveis. A cooperação é mais forte na África. A Embrapa África, em conjunto com a Agência Brasileira de Cooperação (ABC), tem pessoal em Gana, Moçambique, Senegal e Mali para coordenar programas de segurança alimentar, o que gera boa vontade para com o Brasil e uma oportunidade de cooperação com os Estados Unidos (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p. 19, tradução nossa)¹⁰⁴.

¹⁰³ Brazil is one of the BRICS countries, along with Russia, India, China, and South Africa. Brazil's expanding role in Africa is overshadowed in the international media by China and India's larger role. (So, too, is South Africa's role.) But, Brazil's approach to Africa appears to be the more broadly based, with important political and developmental aspects, as well as economic.

¹⁰⁴ Within the framework of the BRICS countries, Brazil has become integral to the international effort to mitigate problems of food production and hunger, which has included a commitment to develop a joint strategy to ensure access to food for vulnerable populations. Cooperation is strongest in Africa.

A visão de Hanson em artigo publicado em 2012 intitulado *Brazil on the international stage* também se tornou outro exemplo dessa visão de parceria entre Estados Unidos e Brasil na área de cooperação na África quando o autor afirmou que:

Os Estados Unidos estão interessados em ajudar a aumentar o rendimento das plantações em toda a África subsaariana, e a agência de pesquisa agrícola do Brasil já tem um escritório em Gana, com o objetivo de ajudar outros países africanos. ‘Se soluções locais forem encontradas para as deficiências alimentares crônicas da África, a expertise do Brasil na agricultura tropical, apoiada pelo financiamento internacional, poderá ser vital’, escreve Juan de Onis (HANSON, 2012, não paginado, tradução nossa)¹⁰⁵.

Outros dois argumentos se fizeram muito presentes à afirmação do potencial do Brasil como parceiro estadunidense em prol do desenvolvimento agrícola africano. Os articulistas, a fim de mostrar o comprometimento financeiro do Brasil, constantemente apresentaram os números dos investimentos realizados pelo País. Aliada a esta justificativa, os formuladores apontaram o grande esforço do Brasil em promover o compartilhamento com os países africanos de seu *know how* em agricultura tropical, gerado por décadas de investimentos na EMBRAPA (CAMPBELL, 2013; COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS, 2013; HANSON, 2012; SPEKTOR, 2011; SPEKTOR, SWEIG, 2011; BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011).

Tais perspectivas podem ser exemplificadas nessa passagem do relatório da força tarefa:

Os parceiros africanos também se beneficiam da partilha de conhecimentos e da assistência técnica do Brasil, particularmente no que diz respeito à tecnologia agrícola tropical. O Brasil investiu mais de US \$ 4 bilhões no setor agrícola da África nos últimos cinco anos para desenvolver a capacidade de produção [...]. Por meio da transferência de tecnologia, treinamento de habilidades, pesquisa e desenvolvimento e a injeção de capital, o Brasil está inovando na construção de um novo paradigma de desenvolvimento. Por exemplo, o Programa de Cooperação África-Brasil em Proteção Social, lançado em 2009, cria uma plataforma para especialistas brasileiros trabalharem com seus parceiros africanos para facilitar o intercâmbio sobre várias políticas de desenvolvimento social, como o Bolsa Família e

Embrapa África, in conjunction with the Brazilian Agency for Cooperation (ABC), has personnel stationed in Ghana, Mozambique, Senegal, and Mali to coordinate food security programs, which generates goodwill for Brazil and an opportunity for cooperation with the United States.

¹⁰⁵ The United States is interested in helping to increase agriculture yields across subSaharan Africa, and Brazil's agriculture research agency already has an office in Ghana from which it aims to assist other African countries. ‘If local solutions are to be found for Africa's chronic food deficiencies, Brazil's expertise in tropical agriculture, supported by international financing, could prove vital,’ Juan de Onis writes.

iniciativas de prevenção e tratamento do HIV/AIDS (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p.61, tradução nossa)¹⁰⁶.

Além da agricultura, para o *CFR* o Brasil também se tornou um ator muito importante na assistência ao desenvolvimento de biocombustíveis junto aos países africanos (COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS, 2013; HANSON, 2012; LEMMON, 2013; SPEKTOR, 2011; SPEKTOR, SWEIG, 2011; BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011). Como colocou Lemon em 2013 “o Brasil teve impacto no investimento na África. O Banco de Desenvolvimento do Brasil ajudou a impulsionar o crescimento da indústria do etanol em países como Angola e Moçambique (LEMMON, 2013, não paginado, tradução nossa)¹⁰⁷”.

Para os articulistas, esses investimentos eram de suma importância ao continente, pois diminuía o que consideravam ser um dos grandes atrasos do continente: a falta de uma estrutura energética sustentável. Como os colaboradores da força tarefa afirmaram, “o Brasil aproveitou sua experiência em energias renováveis para ajudar a África a fechar sua lacuna de conhecimento (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p.61, tradução nossa)¹⁰⁸”. Numa visão acentuadamente positiva, para os colaboradores o Brasil foi definido até como um ator essencial nessa área: “em consonância com seus esforços para impulsionar a demanda mundial de biocombustíveis, o Brasil é um ator central na expansão das iniciativas de biocombustíveis na África (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p. 60, tradução nossa)¹⁰⁹”.

Além de uma assistência estritamente governamental, os articulistas também analisaram a atuação do setor privado brasileiro. Com uma clara intenção de promover uma visão positiva e de proximidade de interesses dos Estados Unidos e do Brasil no continente africano, os articulistas desenvolveram a argumentação em que a própria atuação das empresas nacionais brasileiras tinham — em meio a seus interesses

¹⁰⁶ African partners also benefit from Brazil’s knowledge sharing and technical assistance, particularly with respect to tropical agricultural technology. Brazil has invested more than \$4 billion in Africa’s agriculture sector over the past five years to develop production capacity [...]. Through the transfer of technology, skills training, research and development, and the infusion of capital, Brazil is breaking fresh ground in constructing a new development paradigm. For example, the Africa-Brazil Cooperation Programme on Social Protection, launched in 2009, creates a platform for Brazilian experts to work with their African counterparts in facilitating exchange on various social development policies, such as Bolsa Familia and HIV/AIDS prevention and treatment initiatives.

¹⁰⁷ Brazil has had an impact on investment in Africa. The Brazilian Development Bank has helped to fuel the growth of the ethanol industry in countries including Angola and Mozambique.

¹⁰⁸ Brazil has drawn upon its expertise in renewable energy to assist Africa in filling its knowledge gap.

¹⁰⁹ in line with its efforts to boost worldwide biofuels demand, Brazil is a pivotal actor in the expansion of biofuels initiatives in Africa.

econômicos — uma intrínseca perspectiva de desenvolvimento regional. Como ficou claro na própria questão do desenvolvimento do biocombustível:

A sinergia do Brasil como uma Diplomata Regional e Global tem sido notável entre o setor privado brasileiro e agências de desenvolvimento como o BNDES e a ABC (equivalente brasileiro da USAID) na promoção de biocombustíveis e desenvolvimento de tecnologia na África (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, 2011, p. 60-61, tradução nossa)¹¹⁰.

Mesmo quando os articulistas analisaram isoladamente o que definiram ser as consequências da presença das empresas multinacionais brasileiras no continente, os formuladores do instituto destacaram nas investigações esse caráter de promoção da infraestrutura básica (COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS, 2013; HANSON, 2012; LEMMON, 2013; SPEKTOR, 2011; SPEKTOR, SWEIG, 2011; BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011). Para a força tarefa, em alguns países africanos as empresas brasileiras se tornaram até mesmo fundamentais para o desenvolvimento nacional, como a Odebrecht em Angola:

As empresas multinacionais brasileiras estão constantemente expandindo sua presença na África e tiveram sucesso em se conectar e envolver as comunidades locais, fazendo um esforço conjunto para construir capacidade. Por exemplo, a Odebrecht atua em Angola desde 1975; hoje é o maior empregador do setor privado no país, com empreendimentos que abrangem a produção de alimentos e etanol, escritórios, fábricas e supermercados. Petrobras e Vale estão na vanguarda do reposicionamento da África como a próxima fronteira para o desenvolvimento de recursos naturais e infraestrutura (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p. 60, tradução nossa)¹¹¹.

Para além desse interesse social, identificamos mais dois outros conjuntos de assuntos abordados no *CFR* sobre a atuação do Brasil na África, um de cunho econômico e outro político. Estas análises se tornaram relevantes não tão somente por descrever o perfil que o *CFR* elaborou a respeito da atuação do País no continente africano, mas também por fornecerem elementos para distinguir a visão que os articulistas elaboraram sobre o comportamento global do Brasil.

¹¹⁰ Synergy Brazil as a Regional and Global Diplomat has been notable between the Brazilian private sector and development agencies like BNDES and ABC (Brazil's USAID equivalent) in promoting biofuels and technology development in Africa.

¹¹¹ Brazilian multinational companies are steadily acquiring presence in Africa and have been successful in connecting to and involving local communities, making a concerted effort to build capacity. For instance, Odebrecht has operated in Angola since 1975; today it is the largest private-sector employer in the country, with ventures spanning food and ethanol production, offices, factories, and supermarkets. Petrobras and Vale are at the vanguard of Africa's repositioning as the next frontier for the development of natural resources and infrastructure.

Como exposto no início deste subcapítulo, para o *CFR* a intenção geral da atuação do Brasil na África circundou-se em torno da elevação do seu status global. Nesse sentido, para os articulistas, o País se utilizou do continente para expandir e diversificar suas relações comerciais, objetivo esse concretizado ao longo dos anos (COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS, 2013; HANSON, 2012; LEMMON, 2013; SPEKTOR, 2011; SPEKTOR, SWEIG, 2011; BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011). Campbell compartilhando dados de um relatório do *think tank* inglês *Chatham House* ressaltou através de números essa importância econômica que a África adquiriu para o Brasil:

A *Chatham House*, em novembro de 2012, publicou um *paper* muito útil sobre o crescente papel africano do Brasil. Ele destaca o interesse econômico brasileiro na África. Seu comércio com o continente aumentou de US \$ 4,2 bilhões para US \$ 27,6 bilhões na última década. A África é potencialmente um importante mercado de exportação de produtos manufaturados brasileiros (CAMPBELL, 2013, não paginado, tradução nossa)¹¹².

Além da África amparar a expansão global econômica brasileira, segundo o *CFR*, o continente também foi utilizado pelo Brasil como fonte de apoio à legitimação das suas reivindicações de reforma da ordem global liberal, em específico à sua candidatura ao CSONU (HANSON, 2012; LEMMON, 2013; SPEKTOR, 2011; SPEKTOR, SWEIG, 2011; BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011). A exemplificar, Campbell expôs sobre essa perspectiva:

[...] o *briefing* da *Chatham House* destaca que o Brasil vê o engajamento africano como algo mais do que econômico. É uma chave para o reconhecimento do Brasil como uma grande potência, e relações Sul-Sul próximas com foco na África podem ajudar a construir apoio internacional para um assento permanente do Conselho de Segurança da ONU para o Brasil. O Brasil busca uma parceria para o desenvolvimento com uma importante dimensão política, e não apenas uma relação econômica (CAMPBELL, 2013, não paginado, tradução nossa)¹¹³.

Para atingir esses dois objetivos o *CFR* identificou, além da assistência ao desenvolvimento, a prática de outras estratégias brasileiras, centradas basicamente no

¹¹² Chatham House, in November 2012, published a highly useful briefing paper on Brazil's growing African role. It highlights Brazil's African economic interest. Its trade with the continent increased from U.S. \$4.2 billion to U.S. \$27.6 billion over the past decade. Africa is potentially an important export market for Brazilian manufactured goods.

¹¹³ [...] the Chatham House briefer highlights that Brazil sees African engagement as more than economics. It is a key to Brazil's recognition as a major power, and close South-South relations focused on Africa could help build international support for a permanent UN Security Council seat for Brazil. Brazil seeks a partnership for development with an important political dimension rather than solely an economic relationship.

aprofundamento dos laços diplomáticos e culturais. A exemplificar, a força tarefa identificou um discurso diplomático oficial e presidencial voltado a uma reivindicação brasileira de afinidade cultural, histórica e linguística com os países do continente:

O aumento das relações dentro do bloco de 53 países da África na ONU há muito tempo é uma moeda corrente na candidatura do Brasil a um assento permanente em um Conselho de Segurança ampliado. Com a maior população no mundo de pessoas de ascendência africana, o Brasil está estrategicamente aproveitando suas profundas afiliações históricas, linguísticas e culturais para forjar incursões econômicas e políticas. Em várias de suas visitas ao continente, Lula pediu desculpas pelo papel do Brasil no comércio de escravos africanos (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p. 60, tradução nossa)¹¹⁴.

Nesse contexto, os autores do relatório também ressaltaram a importância e o grande exercício do que ficou conhecido como diplomacia presidencial: “enquadrado na agenda Sul-Sul do Brasil, Lula fez onze visitas oficiais ao continente, viajando para vinte e cinco países - mais do que qualquer outro presidente brasileiro ou chefe de estado do BRIC (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p. 60, tradução nossa)¹¹⁵”.

A abertura de novas embaixadas também foi identificada pelos autores como uma estratégia do Brasil para expandir sua esfera de influência: “na primeira parte deste século, o Brasil dobrou o número de suas embaixadas na África para trinta e quatro, ultrapassando sua tradicional esfera de influência nas antigas colônias portuguesas (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p. 60, tradução nossa)¹¹⁶”.

Por fim, uma última forma do Brasil adquirir influência no continente segundo o *CFR*, se processou através do multilateralismo — embora com uma quantidade menor de análise em relação as outras temáticas. O País participou e dedicou esforços consideráveis, por exemplo na CPLP o qual reuniu países de língua portuguesa e Brasil como também, aos fóruns ligados ao âmbito da cooperação Sul-Sul, tais quais o fórum IBAS e BRICS, em ambos, com participação da África do Sul (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011). A exemplificar:

¹¹⁴ Boosting relations within Africa’s fifty-three-member bloc at the UN has long carried currency in Brazil’s bid for a permanent seat in an expanded Security Council. With the world’s largest population of people of African descent, Brazil is strategically leveraging its deep historical, linguistic, and cultural affiliations to forge economic and political inroads. On several of his visits to the continent, Lula issued apologies for Brazil’s role in the African slave trade.

¹¹⁵ framed within Brazil’s South-South agenda, Lula made eleven official visits to the continent, traveling to twenty-five countries — more than any other Brazilian president or BRIC head of state.

¹¹⁶ in the first part of this century, Brazil has doubled the number of its embassies in Africa to thirty-four, pushing beyond its traditional sphere of influence in the former Portuguese colonies.

O Brasil também é ativo em diversas organizações multilaterais - a Cúpula da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, o Fórum Social Mundial, a OMC, o Fórum de Diálogo IBAS e a Cúpula África-América do Sul - para defender o desenvolvimento sustentável na África (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p. 61, tradução nossa)¹¹⁷.

5.3 Woodrow Wilson Center

Para o *Wilson Center*, em razão do que consideraram ser o andamento de projetos brasileiros voltados ao desenvolvimento continental africano, o País foi definido por volta de 2011 — ano em que a temática começou a ser analisada — como um ator fundamental na África. Nesse contexto houve grande incentivo do *think tank* para os Estados Unidos intensificar o que denominaram “parceria estratégica” com o Brasil no continente (SOTERO, 2014a; WILSON CENTER, 2011c; 2013d).

Em 2013 o *Brazil Institute* do *Wilson Center* divulgou um dos eventos do *Financial Times Live*¹¹⁸, a conferência intitulada *Brazil-Africa Leadership Forum 2013*, ocorrido em Johannesburgo na África do Sul (WILSON CENTER, 2013d). Pelo conteúdo disponível sobre a justificativa para a realização do evento, identificamos um grande reconhecimento do *think tank* para tratar o Brasil como um *global player*, um ator fundamental no continente e através das relações que estava desenvolvendo com os países da região, também foi visto como um promotor de um novo reordenamento internacional, então mais voltado a intensificação das relações entre países em desenvolvimento:

A mudança global de poder político e econômico dos mercados desenvolvidos para os principais mercados em crescimento da Ásia, América Latina e África está remodelando profundamente os assuntos internacionais. Como a quinta maior economia do mundo e membro do grupo de países do BRIC, o Brasil se encontra na vanguarda dessa mudança. Seu crescente envolvimento com a África, sob a bandeira da cooperação Sul-Sul, é um símbolo do realinhamento global dos laços comerciais, políticos e de desenvolvimento. O Brasil é hoje um parceiro estratégico vital no desenvolvimento do continente, em áreas fundamentais como agricultura, cooperação técnica e desenvolvimento de infraestrutura (WILSON CENTER, 2013d, não paginado, tradução nossa)¹¹⁹.

¹¹⁷ Brazil is also active within a number of multilateral organizations — the Summit of the Community of Portuguese Speaking Countries, the World Social Forum, the WTO, the IBSA Dialogue Forum, and the Africa-South America Summit — to advocate for sustainable development in Africa.

¹¹⁸ Promovidos pelo *Financial Times Group*, tem objetivo geral a promoção de eventos sobre pautas globais com a participação de decisores-chave nas questões abordadas. Para saber mais ver: <https://live.ft.com/What-we-do>.

¹¹⁹ The global shift of political and economic power from developed markets to the major growth markets of Asia, Latin America and Africa is profoundly reshaping international affairs. As the world’s fifth largest economy, and a member of the BRIC country grouping, Brazil finds itself at the forefront of this change. Its growing engagement with Africa, under the banner of South-South cooperation, is symbolic

Esta ideia foi ao encontro das visões expostas pelo então recém ex-embaixador dos Estados Unidos no Brasil Thomas Shannon por ocasião de sua fala proferida em dezembro de 2013, em evento promovido pelo *Brazil Institute* intitulado *A conversation with ambassador Thomas A. Shannon*. Questionado pela plateia sobre a potencialidade das relações Brasil- África e Brasil-África e Estados Unidos em diversos campos, como agricultura, infraestrutura, indústria e saúde pública, o diplomata expôs uma visão bastante positiva e otimista sobre o assunto.

Mostrando ser importante para os interesses estadunidenses a promoção de projetos voltados ao desenvolvimento continental, Shannon argumentou pela defesa e substancial potencialidade do aprofundamento de relações dos Estados Unidos com o Brasil na África. Para tanto, o diplomata citou algumas das parcerias bilaterais e trilaterais de sucesso já ocorridas entre Brasil- Estados Unidos e países africanos. Nesse ínterim, o diplomata também destacou como exemplo de potencial intensificação das relações, o bom diálogo já estabelecido entre as agências estadunidense USAID e ABC para trocas de conhecimentos:

Há muitas possibilidades. Em assistência externa, iniciamos a nossa cooperação trilateral com São Tomé e Príncipe, no esforço de erradicar a malária, mas a estendemos para Moçambique, onde estamos fazendo um trabalho importante quanto a produtividade agrícola [...]. E isso é novo para nós e para o brasileiro e trabalhar por meio da agência de cooperação brasileira ABC tem sido uma experiência interessante e frutífera [...]. Nós criamos uma relação interessante entre a USAID e a ideia da agência ABC, onde temos agentes de intercâmbio. À medida que tentamos ter uma ideia melhor de como os dois lados trabalham e onde pode haver sinergias e conexões. E estamos bastante interessados e empolgados em estender essa possibilidade, porque pensamos que o Brasil, especialmente quanto a agricultura e a saúde pública, acreditamos que o Brasil tem algumas coisas realmente interessantes para oferecer aos países da África e de outros lugares (SOTERO, 2014a, não paginado, tradução nossa) ¹²⁰.

of the global realignment of trade, policy and development ties. Brazil is now a vital strategic partner in the continent's development, in key areas such as agriculture, technical cooperation and infrastructure development.

¹²⁰ There are lots of possibilities. In foreign assist we began our trilateral cooperation in Sao Tome and Principe in the effort to eradicate malaria but have extended that to Mozambique, where we're doing some important work on the agricultural productivity side [...]. And this is brand-new for us and for the Brazilian and working through Brazilian cooperation agency ABC has been an interesting and fruitful experience [...]. We have created an interesting relationship between USAID and idea ABC agency where we have exchange officers. As we try to get a better feel for how both sides work and where there might be synergies and connections. And we are quite interested and excited about extending that possibility, because we think that Brazil, special in agriculture side and public healthy care, we think that Brazil has some really interesting things to offer countries in Africa and elsewhere.

Em 2011 — dois anos antes dos eventos acima —, o *Brazil Institute* promoveu um almoço-evento (*lunch event*) com a finalidade, segundo o *Wilson Center*, de discutir e formular ideias à promoção do desenvolvimento agrícola africano e de parcerias nessa área. Pela composição da mesa de conferencistas e o debate apresentado, podemos observar claramente a manifestação de uma das características gerais do *think tank*, ou seja, a promoção do intercâmbio entre agentes-chave. Com o título, *Brazil and Africa: cooperation for innovation in agriculture and what the U.S. can do*, estiveram presentes o coordenador do programa EMBRAPA Labex nos Estados Unidos, Ladislau Martin-Neto, o conselheiro do Banco Mundial para área de agricultura e desenvolvimento rural na América Latina e região do Caribe, Erik Fernandes, a diretora de Relações Exteriores em Agricultura, Biotecnologia e Comércio Têxtil no Departamento de Estado dos EUA, Marcella Szymanski, além, é claro, do diretor do Instituto, Paulo Sotero.

Pelo resumo da fala de cada um dos participantes — único documento disponível sobre o evento — identificamos que cada um dos conferencistas convidados tratou de expor as atividades das organizações que estavam representando em relação a temática central proposta.

Ladislau Martin-Neto, por exemplo, ressaltou a importância do acumulado de mais de trinta anos de pesquisa em agricultura tropical da EMBRAPA — segundo o autor razão para o País ter se tornado na época o segundo maior exportador de grãos do mundo — e a utilização desse *know how* para melhorar a produção de grãos no continente africano. Para o conferencista, as similaridades dos desafios, tornaram o Brasil e o região subsaariana parceiros naturais:

Tanto o Brasil quanto a África pertencem parcialmente ao bioma cerrado, onde o solo é naturalmente ácido e aluminoso, a chuva pode ser esporádica e a retenção de água no solo é baixa. Embora estes sejam todos desafios formidáveis para a agricultura, o Brasil tem sido muito bem-sucedido na adaptação da soja a este clima. Dadas as substanciais conquistas da Embrapa e as semelhanças entre as savanas africana e brasileira, Martin-Neto disse que era natural que a Embrapa estabelecesse parcerias com governos e cientistas africanos (WILSON CENTER, 2011c, não paginado, tradução nossa)¹²¹.

¹²¹ Both Brazil and Africa partially belong to the savannah biome, where soil is naturally acidic and aluminic, rainfall can be sporadic, and water retention in the soil is low. Although these are all formidable challenges to agriculture, Brazil has been very successful in adapting soybeans to this climate. Given Embrapa's substantial achievements and the similarities of the African and Brazilian savannahs, Martin-Neto said that it was natural that Embrapa would establish partnerships with African governments and scientists.

Martin-Neto também destacou a parceria entre agências brasileiras para a instalação do famoso escritório da EMBRAPA em Gana, o qual, para o autor, tornou-se um grande centro de treinamento e pesquisa em agricultura para os cientistas africanos:

Com a ajuda financeira do Ministério das Relações Exteriores e da Agência Brasileira de Cooperação (ABC), a Embrapa abriu um escritório de pesquisa agrícola em Accra, Gana, em 2006. Esse escritório serve como centro de treinamento e local de mobilização de pesquisa (WILSON CENTER, 2011c, não paginado, tradução nossa)¹²².

Nesse contexto, o coordenador do LABEX EMBRAPA também enfatizou as parcerias da agência brasileira e organismos e países estrangeiros, tal qual o Banco Mundial e o governo do Japão: “juntamente com o Banco Mundial e o com apoio de governos como o Japão, a Embrapa tem projetos em todo o continente africano, desde o cultivo de arroz no Senegal até o treinamento de cientistas locais em Moçambique pesquisa (WILSON CENTER, 2011c, não paginado, tradução nossa)¹²³”.

Já Erik Fernandes, embora tenha ressaltado a parceria referida pelo seu colega, entre suas descrições também realizou algumas críticas ao modelo de atuação brasileira na África. Para o conselheiro do Banco Mundial, embora o orçamento anual do BNDES fosse no período muito superior ao do Banco Mundial (segundo Fernandes \$8 bilhões de dólares do BNDES e 140 bilhões do Banco Mundial), os projetos e programas do Banco Mundial teriam uma base mais ampla e pragmática:

No entanto, apesar de um orçamento restrito, Fernandes estava otimista: o Banco Mundial aproveita seus recursos ‘estrategicamente’. Além disso, o Banco usa suas experiências para formular consensos de melhores práticas, que depois distribui para outros projetos na África. ‘O Brasil é uma fonte valiosa de experiência’, explicou Fernandes. Embora as atividades do Banco no Brasil ‘nem sempre sejam ([diretamente]) aplicáveis, elas são valiosas para avaliar’ em termos de formulação e implementação de projetos na África (WILSON CENTER, 2011c, não paginado, tradução nossa)¹²⁴.

Por fim, Marcella Szymanski, a fim de elucidar sobre a cooperação já em curso entre Brasil, Estados Unidos e países africanos, apresentou os acordos e ações conjuntas

¹²² With financial assistance from the Minister of Foreign Relations and the Brazilian Agency for Cooperation (ABC), Embrapa opened an agricultural research office in Accra, Ghana in 2006. This office serves as a training center and a place for research mobilization.

¹²³ along with the World Bank and support from governments like Japan, Embrapa has projects across the African continent, from a rice cultivation in Senegal to training local scientists in Mozambique.

¹²⁴ Yet despite a restricted budget, Fernandes was optimistic: the World Bank leverages its resources ‘strategically’. Moreover, the Bank uses its experiences to formulate best practice consensuses, which it then distributes to other projects in Africa. ‘Brazil is a very valuable source of experience,’ Fernandes explained. Although the Bank’s activities in Brazil are ‘not always ([directly]) applicable, they are valuable to assess’ in terms of project formulation and implementation in Africa.

desenvolvidas, como, por exemplo o Memorando de Entendimento para a Implementação de Atividades de Cooperação Técnica em Países Terceiros assinado em 2010 ou o Protocolo bilateral de Intenções para a Expansão de Atividades de Cooperação Técnica em Países Terceiros de março de 2011.

Para a autora, todas as atividades bilaterais aproveitaram ações já em curso: “em relação às oportunidades agrícolas nos Estados Unidos, Brasil e África, Szymanski observou que a maior parte da atividade é uma extensão do trabalho existente (WILSON CENTER, 2011c, não paginado, tradução nossa) ¹²⁵”. Na visão de Szymanski através dessa parceria bilateral houve importantes avanços na área agrícola:

De modo mais geral, Szymanski apontou que os cientistas têm feito grandes avanços na criação de culturas como o milho resistente à seca e bananas resistentes a doenças. Eles usaram a biotecnologia para aumentar a eficiência com a qual algumas culturas usam nitrogênio e aumentar a tolerância a sal de outras culturas. Além disso, os cientistas aumentaram o conteúdo mineral, proteico e vitamínico dos alimentos básicos, como a mandioca e o arroz (WILSON CENTER, 2011c, não paginado, tradução nossa) ¹²⁶.

Mostrando entusiasmo em futuras parceria Szymanski termina afirmando que “com relação à cooperação futura, Szymanski observou que havia um “rico processo de divulgação”, e que no próximo ano haverá contínuas conferências em biotecnologia, uso de recursos e políticas públicas (WILSON CENTER, 2011c, tradução nossa) ¹²⁷”.

5.4 Center for New American Security

Para o CNAS, o Brasil foi definido como um promissor parceiro e aliado dos Estados Unidos na manutenção de alguns aspectos da ordem liberal no continente africano. Isto por que para os autores do relatório, o Brasil além de possuir laços econômicos e culturais muito fortes com a África Ocidental, também desenvolveu um conjunto de atividades que fizeram marcar sua presença no continente. Em razão do comprometimento brasileiro a promoção dos valores liberais, estas ações já em andamento poderiam ser pontos de partida para parcerias com os Estados Unidos.

¹²⁵ in terms of United States-Brazil-Africa agricultural opportunities, Szymanski noted that most activity is an extension of existing work [...].

¹²⁶ More generally, Szymanski pointed out that scientists have made huge strides in creating crops like drought resistant corn and disease resistant bananas. They have used biotechnology to augment the efficiency with which some crops use nitrogen, and to increase the salt tolerance of other crops. Moreover, scientists have increased the mineral, protein, and vitamin content of food staples like cassava and rice.

¹²⁷ insofar as future cooperation, Szymanski noted that there was a “rich process of outreach,” and that next year there will be continued conferences in biotechnology, resource use, and public policies.

Um dos exemplos dessa oportunidade citada pelos autores foi definida a partir do que consideraram ser atividades brasileiras de fortalecimento das marinhas de alguns países africanos através de treinamento e fornecimento de equipamento. Para os autores, estas ações elevaram a força de combate à pirataria no Golfo da Guiné. Com base nessas ações, Fontaine e Kliman sugeriram que estas ações aliadas a uma possível expansão marítima brasileira, a qual se daria por meio de incentivos e auxílio estadunidense, bem como a formação de uma iniciativa de cooperação entre as marinhas regionais liderada pelo Brasil (auxiliada pelos Estados Unidos) levaria a manutenção da ordem marítima no Atlântico Sul. Nas palavras dos autores:

O Brasil já treina e equipa algumas frotas da África Ocidental e poderia desempenhar um papel muito maior no combate à crescente ameaça da pirataria no Golfo da Guiné à medida que suas capacidades navais se expandem. Washington deve ajudar a acelerar o surgimento marítimo do Brasil fornecendo treinamento e equipamento. Olhando mais longe, os establishments de defesa de ambos os países deveriam começar a avaliar a viabilidade de uma Iniciativa do Atlântico Sul, liderada pelo Brasil e apoiada pelos EUA, que reuniria marinhas regionais e guardas costeiras para lidar com tráfico de drogas, contrabando de imigrantes, pirataria e outras formas de crime transnacional marítimo (FONTAINE, KLIMAN, 2012, p.29, tradução nossa)¹²⁸.

Outro grande potencial de parceria entre Estados Unidos e Brasil na região africana se deu a partir do que o CNAS elegeu ser a atuação do Brasil na África de um modo geral. Segundo Fontaine e Kliman o modelo de atuação brasileira — juntamente com a indiana e turca — era um importante contraponto ao modelo chinês, estabelecido como oposto aos interesses estadunidenses. Nesse sentido os autores escreveram:

As políticas de desenvolvimento dessas três nações na África podem se tornar uma alternativa robusta aos empréstimos bilaterais da China, que priorizam a infraestrutura física em detrimento das instituições políticas. Washington deve ajudar os três países a expandir sua presença na África (FONTAINE, KLIMAN, 2012, p.29, tradução nossa)¹²⁹.

Para o CNAS, “Washington deveria tomar as seguintes ações: Parceria com a Índia, o Brasil e a Turquia para estabelecer um modelo para o desenvolvimento na

¹²⁸ Brazil already trains and equips some West African fleets and could play a much larger role in combating the growing threat of piracy in the Gulf of Guinea as its naval capabilities expand. Washington should help to accelerate Brazil’s maritime emergence by providing training and equipment. Looking farther out, the defense establishments of both countries should begin to evaluate the feasibility of a Brazilian-led, U.S.- backed South Atlantic Initiative that would bring together regional navies and coast guards to address drug trafficking, human smuggling, piracy and other forms of maritime-based transnational crime.

¹²⁹ These three nations’ development activities [Brasil, Índia e Turquia] in Africa could become a robust alternative to China’s bilateral lending that prioritizes physical infrastructure over political institutions. Washington should help the three countries to expand their presence in Africa.

África (FONTAINE, KLIMAN, 2012, p.29) ¹³⁰”. Nesse enquadramento, Fontaine e Kliman elaboraram recomendações concretas para parceria Brasil - Estados Unidos na região. Segundo os autores, “Washington deve se juntar com Brasília para incentivar a participação da África Ocidental na iniciativa Parceria para Governo Aberto [...] (FONTAINE, KLIMAN, 2012, p.29, tradução nossa)¹³¹”.

Por fim, esta parceria do Brasil (e os outros três países amigos presentes na África) não deveria se limitar somente aos Estados Unidos propriamente dito, mas também ser realizadas com os já tradicionais aliados estadunidenses da ordem vigente, os europeus. Para o CNAS, deveriam se aproveitar os projetos de ambos os lados para se desenvolver acordos trilaterais:

Apesar dos recentes cortes orçamentários, a Europa continua a ser o maior fornecedor isolado de ajuda ao desenvolvimento tradicional para África. Como tal, existem oportunidades consideráveis para parcerias de desenvolvimento trilateral entre a Europa e os três estados decisivos que se tornaram cada vez mais ativos na região (FONTAINE, KLIMAN, 2012, p. 39, tradução nossa)¹³².

5.5 Considerações finais

Todos os *think tanks* delimitaram a atuação do Brasil no continente africano como políticas formuladas especificamente a partir do governo Lula, as quais tinham como objetivo fundamental a elevação do País a um ator global. Para os *think tanks*, a atuação do Brasil no continente africano foi o grande exemplo da prática da Cooperação Sul-Sul e exploração do *soft power* pela diplomacia brasileira para alcançar o *status* de uma grande potência internacional.

Com exceção da *Brookings*, todos os *think tanks* com produção a respeito definiram o Brasil em termos de um potencial aliado estadunidense à manutenção e promoção da ordem liberal no continente africano. Para o *CFR*, *Wilson Center* e o *CNAS* o Brasil foi visto como um parceiro para divisão dos custos da manutenção da ordem, indicando e conferindo legitimidade a uma ordem multipolar onde os Estados Unidos manteriam suas prerrogativas excepcionais.

¹³⁰Washington should take the following actions: Partner with India, Brazil and Turkey to establish a model for development in Africa.

¹³¹ Washington should join with Brasilia to encourage West African participation in the Open Government Partnership [...].

¹³² Despite recent budget cuts, Europe remains the largest single provider of traditional development aid to Africa. As such, there are considerable opportunities for trilateral development partnerships between Europe and the three global swing states that have become increasingly active there.

Para o *CFR*, diferentemente dos outros emergentes que passaram a desenvolver atividades na região, o modelo de atuação brasileira na África estava alinhado ao compromisso de desenvolvimento regional, o que para o *think tank* era o principal interesse estadunidense na região. Nesse contexto, o Brasil foi definido como um parceiro fundamental dos Estados Unidos na manutenção da ordem liberal no continente africano.

O *CNAS* também evidenciou o contraponto que a atuação do Brasil fazia em relação a presença de outros países no continente os quais eram considerados contrários aos interesses estadunidenses, em especial a chinesa. Alinhado aos Estados Unidos, o *CNAS* recomendou de forma clara a necessidade de incentivo as ações brasileiras na região e o estabelecimento de parcerias entre os dois países para atuação conjunta. Em particular, o *CNAS* declarou o apoio a uma expansão marítima brasileira no continente.

Alinhado a visão do *CFR*, o *Wilson Center* destacou o grande potencial de construção de parcerias entre agências dos dois países para o fortalecimento de parcerias para atuação conjunta na África. Neste, enfatizou o papel fundamental da EMBRAPA através de seus trabalhos de desenvolvimento agrícola no continente.

Já para o *think tank* liberal *Brookings Institution*, o Brasil não era um parceiro estadunidense e até mesmo foi considerado uma força desafiadora da ordem estabelecida desde 1945. Na visão da *Brookings*, o Brasil não poderia ser um parceiro/aliado dos Estados Unidos para divisão dos custos da manutenção da ordem no continente africano, pois as ações do País se delimitavam a um impacto continental muito restrito e não eram transparentes; os investimentos financeiros eram bastante modestos e não correspondiam a atuação de uma grande potência e por fim; o Brasil se mostrou pouco comprometido com os valores basilares da ordem liberal, democracia e direitos humanos.

Em uma clara defesa de um sistema unipolar, na *Brookings* o Brasil foi definido como uma ameaça ao *status* dos Estados Unidos na ordem internacional. Segundo a argumentação do *think tank*, a intenção central do Brasil de elevar seu *status* global e construir uma ordem multipolar eram uma ameaça a hegemonia estadunidense.

6 ATUAÇÃO DO BRASIL NO ORIENTE MÉDIO: UM MEDIADOR GLOBAL ALINHADO AOS INTERESSES ESTADUNIDENSES?

Para a diplomacia brasileira, o Oriente Médio esteve entre as três regiões prioritárias à expansão global do Brasil e resultou numa reaproximação e intensificação das relações políticas, comerciais e diplomáticas. Ações realizadas principalmente durante a gestão de Lula da Silva foram amplas e diversificadas, resumidamente compostas pelo: crescimento das visitas de alto nível; aumento das doações financeiras para assistência humanitária na região, como as ocorridas no Líbano, na Palestina e pontualmente no Irã e Iraque; liderança do País na formação de novos arranjos políticos - diplomático - comerciais, como a criação da Cúpula América do Sul-Países Árabes (ASPA) e a assinatura de diversos acordos comerciais entre o MERCOSUL e os países do Oriente Médio; declarações oficiais em relação aos conflitos regionais, tais como a crise síria, líbia e os conflitos Israel-Palestina e por fim, o Brasil atuou como mediador entre a comunidade internacional e países da região, em específico — aliando-se a Turquia — buscou uma resolução para o impasse acerca da questão nuclear iraniana em 2010 (NOTARI, 2015; PRAUSE, 2016; REIS, PILLAR, 2012; REIS, 2012).

Com o objetivo de apresentar as visões dos *think tanks* sobre o que consideraram ser essa atuação do Brasil no Oriente Médio e suas implicações ao reordenamento global e aos interesses estadunidenses na região, observamos que cada *think tank* com produção a respeito elaborou um determinado perfil, na maioria dos casos bastante limitados em relação a agenda diplomática. O que não diminuiu a importância das produções, já que as ações identificadas foram densamente determinantes à construção da visão dos institutos em relação as intenções e objetivos globais do Brasil e em específico, no que diz respeito as recomendações aos Estados Unidos de apoiar ou não as ambições brasileiras de ser um membro permanente em um dos principais organismos multilaterais, o CSONU.

Para tanto, a atuação do Brasil (junto com a Turquia) como mediador do impasse entre a comunidade internacional e a questão nuclear iraniana foi o tema determinante — muitas vezes a única ação brasileira na região reconhecida e analisada. Bastante polêmico e extremamente relevante aos institutos, ganhou destaque em razão do que os *think tanks* consideraram ser as implicações dessa mediação para o ordenamento global, além de exemplo para “medir” a capacidade de poder do Brasil como ator global.

Exceto pelo *America Enterprise Institute*, todos os *think tanks* reconheceram algum tipo de atividade brasileira na região.

6.1 *Brookings Institution*

Para a *Brookings*, a atuação do Brasil no caso do programa nuclear iraniano esteve diretamente relacionada a mudanças no perfil da diplomacia brasileira a partir de 2003, definida como mais autônoma em relação aos Estados Unidos e mais autoconfiante em relação ao seu potencial como ator global (CASAS-ZAMORA, 2010; LOWENTHAL, 2010; AMR, 2010). Para Casas-Zamora, por exemplo, esse perfil se manifestou na sua recusa em aceitar o pedido estadunidense para afastamento nas negociações do caso e votar a favor de novas sanções ao Irã no CSONU: “que Clinton tenha se sentido obrigada a viajar para o Brasil para falar sobre um problema distante é um fato significativo por si só, mas a recusa dos anfitriões em seguir a linha adotada fala muito mais sobre a nova autoafirmação do Brasil (CASAZAMORA, 2010, não paginado, tradução nossa)¹³³”. Estas características, segundo Casas-Zamora, transformaram o papel global do Brasil, então mais participativo:

Uma piada cruel e muitas vezes repetida diz que o Brasil é o país do futuro ... e sempre será. Como Hillary Clinton descobriu, os tranquilos brasileiros não estão mais dispostos a ser o alvo das piadas. Eles agem como se o futuro finalmente tivesse chegado. Eles podem estar certos (CASAZAMORA, 2010, não paginado, tradução nossa)¹³⁴.

Os articulistas, em especial Casas-Zamora (2010) e Lowenthal (2010), procuraram apontar que esse conjunto de ações brasileiras fizeram parte de um contexto de transformação do próprio País. Assim, para esses autores, a diplomacia do Brasil no Oriente Médio refletiu um conjunto de valores, segundo eles, desenvolvidos uma década e meia antes em nível doméstico, como reformas macroeconômicas e implementação de programas sociais. Como Casas-Zamora, de forma muito evidente ao afirmar que:

¹³³that Clinton felt compelled to travel to Brazil to talk about a faraway issue was significant in itself, but the hosts' curt refusal to toe the line spoke volumes more about Brazil's newfound selfassurance.

¹³⁴ A cruel and oft-repeated joke says that Brazil is the country of the future...and will always be. As Hillary Clinton found out, easy going Brazilians are not willing to be the butt of jokes anymore. They act as though the future has finally arrived. They may well be right.

A fonte desse novo estado de espírito é a transformação do país de um caso macroeconômico perdido para uma economia de mercado estável nos últimos 16 anos. Sob a administração de dois líderes excepcionalmente bons do centro-esquerda, Fernando Henrique Cardoso e Lula, o País desregulou e abriu sua economia, privatizou grandes setores de um setor público inchado e, acima de tudo, curou um caso crônico de alta inflação. Ele realizou tudo isso enquanto implementava programas sociais bem-sucedidos e preservava funções cruciais do estado, principalmente no campo da pesquisa e desenvolvimento (CASAZAMORA, 2010, não paginado, tradução nossa)¹³⁵.

Lowenthal também seguiu essa direção. Em um artigo publicado em 5 de março no *The San Diego Tribune* — no qual visou exclusivamente analisar a atuação do Brasil no caso do programa nuclear iraniano — o articulista buscou na política doméstica a base para explicação do perfil diplomático brasileiro. Para o autor, desde o governo FHC o Brasil, através de suas ações, estabeleceu coesão interna, deu prosseguimento a reformas que fortaleceram o Estado e a iniciativa privada, o que atribuiu para um alto grau de previsibilidade do País:

O Brasil também tem lenta mas continuamente fortalecido suas instituições tanto estatais, quanto não-governamentais. Alcançou um alto grau de previsibilidade, ou seja, estabilidade de expectativas sobre as regras do jogo e sobre o processo estabelecido pelo qual elas poderiam ser alteradas. E forjou um consenso centrista cada vez mais firme sobre as linhas gerais das políticas macroeconômicas e sociais, incluindo a necessidade urgente de reduzir desigualdades gritantes e aliviar a pobreza extrema, continuar expandindo sua ampla e crescente classe média e melhorar a qualidade da educação e o acesso a ela em todos os níveis (LOWENTHAL, 2010, não paginado, tradução nossa)¹³⁶.

Como consequência, segundo Lowenthal, estas transformações levaram a mudanças nas ambições e atitudes internacionais do Brasil:

Apesar de todos os seus imensos desafios, o Brasil é um país cada vez mais bem-sucedido e influente. Abriu a maior parte de sua economia à concorrência internacional, modernizou seu vasto setor agrícola, desenvolveu indústrias com mercados continentais e até mundiais e expandiu a

¹³⁵ The source of this new frame of mind is the country's transformation from macroeconomic basket case to stable market economy during the past 16 years. Under the stewardship of two exceptionally good leaders from the centerleft, Fernando Henrique Cardoso and Lula, the country deregulated and opened up its economy, privatized large chunks of a bloated public sector and, above all, cured a chronic case of high inflation. It accomplished all this while putting in place successful social programs and preserving crucial state functions, notably in the realm of research and development.

¹³⁶ Brazil has also slowly but steadily strengthened both its state and its nongovernmental institutions. It has achieved a high degree of previsibilidad, i.e. stability of expectations about the rules of the game and about the established process by which they could be altered. And it has forged an increasingly firm centrist consensus on the broad outlines of macroeconomic and social policies, including the urgent need to reduce gross inequities and alleviate extreme poverty, to continue to expand its large and expanding middle class and to improve the quality of education and access to it at all levels.

competitividade global de seus serviços de engenharia, financeiros e outros (LOWENTHAL, 2010, não paginado, tradução nossa)¹³⁷.

Para Lowenthal estas transformações domésticas refletiram em mudanças nas ambições e atitudes internacionais do Brasil, dentre estas, a mediação do Brasil no caso do programa nuclear iraniano:

O Brasil desempenha um papel crescente nas negociações internacionais sobre comércio, mudanças climáticas, meio ambiente, saúde pública, segurança alimentar e propriedade intelectual. É um líder ativo do Sul Global e trabalha em estreita colaboração com a China, Índia e África do Sul em várias questões. É também um dos países influentes e de rápido crescimento do BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China), os queridinhos de investidores internacionais e analistas geopolíticos. O Brasil está desenvolvendo seus laços com muitos outros países ao redor do mundo, incluindo o Irã, e é cada vez mais ativo nas Nações Unidas, no G20 e em outros fóruns multilaterais. Nos últimos meses, muitos comentários surgiram sobre ‘desentendimentos’ entre o Brasil e os Estados Unidos. Os dois governos, de fato, tiveram algumas diferenças notáveis, além do desacordo sobre a questão das sanções ao Irã (LOWENTHAL, 2010, não paginado, tradução nossa)¹³⁸.

Nesse contexto, para Lowenthal, a atitude de recusas do presidente Lula frente ao pedido estadunidense para o Brasil apoiar as novas sanções ao Irã no CSONU, definidas como autônomas ou não subordinadas, não eram ações antiamericanas, mas sim reflexo de um novo Brasil, com vontade e capacidade para assumir novos compromissos internacionais:

A secretária de Estado Hillary Clinton ligou nesta semana para o presidente Lula da Silva esperando, entre outras coisas, receber o apoio do Brasil no Conselho de Segurança da ONU para impor sanções mais rigorosas ao Irã em resposta ao programa nuclear daquele país. Lula antecipou sua mensagem mesmo antes de se encontrarem, opinando que não seria prudente colocar o Irã contra a parede. A disputa destaca a disposição e a capacidade do Brasil de criar um papel independente no mundo, não necessariamente antagônico

¹³⁷ For all its immense challenges, Brazil is an increasingly successful and influential country. It has opened most of its economy to international competition, modernized its vast agricultural sector, developed industries with continental and even worldwide markets and expanded the global competitiveness of its engineering, financial and other services.

¹³⁸ Brazil plays a growing role in international negotiations on trade, climate change, the environment, public health, food security and intellectual property. It is an active leader of the Global South and works closely with China, India and South Africa on several issues. It is also one of the influential and fast growing BRIC (Brazil, Russia, India and China) nations, the darlings of international investors and geopolitical analysts. Brazil is developing its ties with many other countries around the world, including Iran, and it is ever more active in the United Nations, the G20 and other multilateral fora. In recent months, a good deal of comment has emerged about “rifts” between Brazil and the United States. The two governments have, in fact, had some notable differences, beyond the disagreement over the Iran sanctions issue.

aos Estados Unidos, mas não subordinado a Washington (LOWENTHAL, 2010, não paginado, tradução nossa)¹³⁹.

Lowenthal também defendeu a ideia que esse não alinhamento do Brasil as políticas internacionais dos Estados Unidos fora uma situação normal nas relações internacionais. Lowenthal referindo-se aos dois países como grandes países, argumentou ser normal diferenças de interesses, sendo inevitável algum tipo de conflito: “algumas diferenças desse tipo talvez devam ser esperadas entre grandes países com interesses diversos e complexos, nos quais a política externa de ambos os lados é inevitavelmente afetada por imperativos políticos internos conflitantes (LOWENTHAL, 2010, não paginado)¹⁴⁰”. Mas também defendeu a formação de um maior diálogo entre os dois países, recomendando comunicação respeitosa e com menos paternalismo por parte dos Estados Unidos:

Mas todas essas questões, sejam de alta política ou de envolvimento cotidiano, precisam ser administradas com grande sensibilidade a uma comunicação consistentemente respeitosa e à superação de um legado de presunção paternalista, para que não acumulem e, conseqüentemente, interfiram na cooperação em outras questões mais importantes (LOWENTHAL, 2010, não paginado, tradução nossa)¹⁴¹.

Nesse enquadramento das relações bilaterais, Cardenas e Castro Neves (2010) abordaram as consequências dessa atuação brasileira no caso do programa nuclear iraniano para as relações bilaterais. Para os dois autores, embora tenha havido desacordo entre Estados Unidos e Brasil frente a questão, os autores reconheceram e enfatizaram a perspectiva de uma continuidade do diálogo bilateral, demonstrando ser esta relação muito mais dinâmica, complexa e ativa:

Em primeiro lugar, apesar da falta de acordos notáveis e das recentes divergências (sobre o Irã, por exemplo), as relações EUA-Brasil estão no caminho certo e são sustentadas por uma rede abrangente de intercâmbios

¹³⁹ Secretary of State Hillary Clinton called on President Lula da Silva of Brazil this week, hoping, among other things, to receive Brazil's support in the United Nations Security Council for imposing stricter sanctions on Iran in response to that country's nuclear program. Lula preempted her message even before they met by opining that it would not be prudent to back Iran against a wall. The dispute highlights Brazil's willingness and capacity to carve out an independent world role, not necessarily antagonistic to the United States but not subordinate to Washington.

¹⁴⁰ Some such differences should perhaps be expected between large countries with diverse and complex interests, in which foreign policy on both sides is inevitably affected by conflicting domestic political imperatives [...].

¹⁴¹ But all these issues, whether of high politics or of routine engagement, need to be managed with keen sensitivity to consistently respectful communication and to overcoming a legacy of paternalist presumption, lest they cumulate and consequently interfere with cooperation on other and more important questions.

entre o setor privado em ambos os países. Durante a visita de Obama a Brasília, os dois presidentes concordaram formalmente em ampliar a cooperação em várias áreas de políticas públicas, como o fortalecimento das relações econômicas EUA-Brasil, o lançamento de um diálogo estratégico sobre energia, a promoção da democracia e dos direitos humanos, a promoção de intercâmbios de pesquisa e ensino superior entre os Estados Unidos e o Brasil e o fortalecimento da cooperação em defesa e segurança, entre outros (CARDENAS; CASTRO NEVES, 2011, não paginado, tradução nossa)¹⁴².

Já Amr, em artigo publicado em 21 de maio de 2010 — quatro dias após a assinatura do Acordo de Teerã — utilizou-se do caso iraniano para delinear o papel do Brasil na ordem global, bem como fez uso do caso para exemplificar sua defesa de uma mudança sistêmica em processo no período. Para o autor, a atuação diplomática brasileira no caso do programa nuclear iraniano se tronou um exemplo da transformação do Brasil num ator global, devendo ser reconhecido pelas grandes potências, mesmo a contragosto:

Embora o acordo assinado com pompa entre os líderes do Brasil, Irã e Turquia, tenha sido rejeitado pelos Estados Unidos aparentemente por ser insuficiente, a proposta - enviar grande parte do estoque do Irã ou enriquecer urânio para a Turquia para processamento adicional e devolvê-lo como barras de combustível- sinaliza claramente que potências emergentes como o Brasil e a Turquia, queira ou não queira, estão no processo de entrar para o clube de potências mundiais (AMR, 2010, não paginado, tradução nossa)¹⁴³.

Em meio ao contexto de afirmação da transformação no reordenamento global, Amr enfatiza o seu reconhecimento de um Brasil como um ator global:

[...] um sinal claro, inequívoco, de que agora estamos sem dúvida vivendo em um mundo multipolar em que as potências tradicionais do último meio século - encarnadas pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas. [...] agora compartilham o cenário global com potências emergentes como Brasil, Índia, Turquia e até mesmo pequenos países como o Catar, onde Lula visitou em conexão com sua viagem ao Irã (AMR, 2010, tradução nossa)¹⁴⁴.

¹⁴² First, despite the lack of notable deals and the recent disagreements (over Iran, for example), U.S.-Brazil relations are kept on track and sustained by a comprehensive network of exchanges among the private sector in both countries. During the Obama's visit to Brasilia, both presidents formally agreed to expand the cooperation in numerous policy areas such as strengthening the U.S.-Brazil economic relations, launching a strategic energy dialogue, promoting democracy and human rights, promoting research and higher education exchanges between the United States and Brazil and strengthening defense and security cooperation, among others.

¹⁴³ While the deal signed with cheer by the leaders of Brazil, Iran and Turkey, has seemingly been rejected by the United States as insufficient, the proposal — to ship much of Iran's stockpile or enriched uranium to Turkey for further processing and have it return as fuel rods — clearly signals that rising powers like Brazil and Turkey, like it or not, are in the process of joining the club of global powers.

¹⁴⁴ [...] a clear signpost, once and for all, that we are now firmly living in a multipolar world where the traditional powers of the last half century embodied by the United Nations Security Council. [...] now share the global stage with emerging powers like Brazil, India, Turkey and even tiny countries like Qatar where Lula visited in connection with his trip to Iran.

Segundo Amr, justamente ações do Brasil como a Declaração de Teerã estavam levando a uma reorganização do ordenamento internacional, definido pelo autor, firmemente multipolar:

As visitas ao Irã do primeiro-ministro turco Recep Tayyip Erdoğan e do presidente brasileiro Luiz Inácio Lula de Silva para reuniões com líderes iranianos em 16 de maio, seguido do anúncio de 17 de maio de que o Irã está disposto a enviar seu material nuclear para a Turquia sinalizam claramente que estamos em um mundo multipolar (AMR, 2010, não paginado, tradução nossa)¹⁴⁵.

Mas também identificamos na *Brookings*, o desenvolvimento de críticas à atuação do Brasil na região ou frente aos problemas da região. Um destas avaliações foi a forma com que as relações foram conduzidas, mais precisamente em relação ao protagonismo do presidente Lula. Cardenas e Castro (2010), apontaram para um exagero a diplomacia presidencial de Lula, segundo os autores, ofuscou a diplomacia oficial do país, definida como competente e com bases econômicas sólidas:

Embora seja inquestionável que o carisma e a liderança de Lula tiveram um papel importante no aumento da visibilidade internacional do Brasil, há mais na ascensão do Brasil do que a bolha de popularidade de Lula e seu uso frequente da diplomacia presidencial. O Brasil está em um longo processo de se afirmar internacionalmente, traduzindo poder econômico em poder político. A hiperativa diplomacia presidencial de Lula, que alimenta a maior parte da retórica da política externa e algumas de suas ações, às vezes ofusca esse aspecto fundamental. A posição recente do Brasil sobre o programa nuclear iraniano, por exemplo, desviou-se da abordagem tradicional e foi motivada pelo interesse de Lula em explorar a situação e ganhar mais visibilidade para o Brasil. [...]. Em todos esses casos, a diplomacia presidencial de Lula desempenhou um papel crucial na condução de uma diplomacia tradicionalmente avessa ao risco e profissional com relação a territórios inexplorados (CARDENAS; CASTRO, 2010b, não paginado, tradução nossa)¹⁴⁶.

¹⁴⁵ The visits to Iran of Turkish Prime Minister Recep Tayyip Erdoğan and Brazilian President Luiz Inácio Lula de Silva for meetings with Iran's leaders on May 16, followed by the May 17 announcement that Iran is willing send its nuclear material to Turkey is clearly a sign that we are firmly in a multipolar world.

¹⁴⁶ Although it is unquestionable that Lula's charisma and leadership played an important part in boosting Brazil's international visibility, there is more to Brazil's rise than Lula's popularity bubble and his frequent use of presidential diplomacy. Brazil is in a longterm process of asserting itself internationally, translating economic power into political clout. Lula's hyperactive presidential diplomacy, which fuels most of the foreign policy rhetoric and some of its actions, sometimes obfuscates this fundamental aspect. Brazil's recent stance on the Iranian nuclear program, for example, deviated from the traditional approach and was motivated by Lula's interest to exploit the situation and gain more visibility to Brazil. [...] In all these instances, Lula's presidential diplomacy played a crucial role in steering a traditionally riskaverse and professional diplomacy to uncharted territory.

Já em uma conferência com a participação de diversos autores, o ex-embaixador Roberto Abdenur, reprovando a Declaração de Teerã, definiu esse conjunto de ações como um desvio da política externa do Brasil, exposto na seguinte passagem: “em relação ao famoso acordo do Brasil com o Irã e a Turquia, Abdenur admitiu que não sabia exatamente por que o Brasil tomou essa decisão e disse que a considerava um desvio em sua política externa (BROOKINGS INSTITUTION, 2011, p. 16, tradução nossa)”.¹⁴⁷

Para além do assunto Declaração de Teerã, a construção de uma perspectiva negativa ficou para as posições do Brasil no CSONU frente aos casos líbio e sírio. Para Piccone (2011), o Brasil no caso sírio mostrou a sua ambivalência quando o assunto era democracia e direitos humanos:

Diplomatas brasileiros frequentemente creditam a consolidação democrática e o progresso econômico do País por sua crescente credibilidade e influência no cenário mundial. Quando se trata de exercer essa influência no apoio à democracia em outros países, no entanto, o Brasil tem sido ambivalente e muitas vezes imprevisível. Se o apoio à democracia ou aos direitos humanos for ajudar a promover seus próprios objetivos de consolidar a liderança regional, proteger interesses comerciais ou conquistar um assento no Conselho de Segurança da ONU, o Brasil geralmente favorece estratégias multilaterais voltadas para resultados pró-reforma. Mas nos casos recentes de Cuba, Irã, Venezuela e mais recentemente Síria, o Brasil adotou uma abordagem mais ideológica ou de *soft-balancing*, tomando partido contra os Estados Unidos e a Europa, evitando críticas às violações dos direitos humanos e se escondendo-se por detrás da defesa do não intervencionismo preferido por diplomatas no Ministério das Relações Exteriores (PICCONE, 2011, p.139-140, tradução nossa)¹⁴⁸.

Em outro artigo de 2012, Piccone retomou a questão do posicionamento diplomático brasileiro no caso sírio. Identificando como posições ambivalentes, com consequências para a defesa dos direitos humanos do povo sírio, Piccone questionou se os Estados Unidos deveriam reconhecer a candidatura do Brasil ao assento permanente no CSONU, segundo o autor, um País que em alguns casos não trabalha para o desenvolvimento da paz e segurança:

¹⁴⁷ In regard to Brazil’s famous deal with Iran and Turkey, Abdenur admitted that he did not quite know why Brazil made this decision, and said that he considered it a deviation in its foreign policy.

¹⁴⁸ Brazilian diplomats often credit the country’s democratic consolidation and economic progress for its growing credibility and influence on the world stage. When it comes to wielding that influence in support of democracy in other countries, however, Brazil has been ambivalent and often unpredictable. If supporting democracy or human rights will help it to further its own goals of consolidating regional leadership, protecting business interests, or winning a seat on the UN Security Council, Brazil generally favors multilateral strategies geared toward pro-reform outcomes. But in the recent cases of Cuba, Iran, Venezuela, and most recently Syria, Brazil has taken a more ideological or “soft-balancing” approach, siding against the United States and Europe by avoiding criticism of human-rights abuses and ducking behind the defense of noninterventionism favored by diplomats in the foreign ministry.

Uma abordagem semelhante, embora com mais nuances, está em ação quando se trata de cooperação entre os EUA e o Brasil em nível global. Em questões fundamentais de segurança, como a não-proliferação, o contraterrorismo e a segurança nuclear, as políticas dos dois países compartilham muito em comum, embora ainda existam diferenças importantes nas táticas. Brasil e Estados Unidos concordam sobre valores básicos da democracia, direitos humanos e do estado de direito, mas têm opiniões diferentes sobre a melhor maneira de promovê-los globalmente. A campanha do Brasil por um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU é outra pedra de toque para determinar o futuro do seu papel emergente como um parceiro distante ou próximo dos Estados Unidos. Isto é mais claramente visto nos últimos debates sobre a ação internacional na Líbia e na Síria. O Brasil apoia a doutrina da responsabilidade de proteger, por exemplo, e votou pela resolução do Conselho de Segurança da ONU para remeter o Coronel Kadafi ao Tribunal Penal Internacional. Absteve-se, no entanto, a autorizar o uso da força para proteger os civis porque não queria apoiar o armamento da oposição e depor o regime a custos tão elevados. No sangrento rescaldo da batalha por Trípoli, o Brasil assumiu a liderança na proposição de novos princípios internacionais de “responsabilidade ao proteger”, regras criadas para restringir a força militar (americana) em tais situações em favor do esgotamento de todas as outras alternativas diplomáticas. [...] Independentemente do resultado do caso da Síria, a questão permanece se o Brasil está pronto para ir além do conforto de uma postura de ‘concordar em discordar’, que joga bem com certos eleitores domésticos, para uma parceria real com Washington no cenário global. Seu pleito por um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU, que o presidente Obama não endossou explicitamente, pode pesar na balança (PICCONE, 2012, não paginado, tradução nossa)¹⁴⁹.

Já Trinkunas foi ainda mais enfático em suas críticas no que chamou de falta de compromisso do Brasil em pagar os custos econômicos e militares que uma liderança global exigiria. Para tanto, o autor citou como exemplo a posição do Brasil nos casos sírio e líbio:

¹⁴⁹A similar though more nuanced approach is at work when it comes to U.S.-Brazil cooperation at the global level. On fundamental security issues like nonproliferation, counterterrorism and nuclear security, the two countries’ policies share much in common, though important differences remain on tactics. Likewise, Brazil and the United States see eye to eye on the basic values of democracy, human rights and the rule of law but have different views on how best to advance them globally. Brazil’s campaign for a permanent seat on the UN Security Council is another touchstone for determining the future course of its emerging role as either a distant or close partner of the United States. This is most clearly seen in the latest debates regarding international action in Libya and Syria. Brazil supports the doctrine of responsibility to protect, for example, and voted for the UN Security Council resolution to refer Colonel Qaddafi to the International Criminal Court. It abstained, however, on authorizing the use of force to protect civilians because it didn’t want to support arming the opposition and deposing the regime at such high costs. In the bloody aftermath of the battle for Tripoli, Brazil took the lead in proposing new international principles for “responsibility while protecting,” rules designed to constrain (U.S.) military force in such situations in favor of exhaustion of all other diplomatic remedies. [...] Regardless of the outcome of the Syria case, the question remains whether Brazil is ready to go beyond the comfort of an “agree to disagree” posture, which plays well with certain domestic constituencies, to a real partnership with Washington on the global stage. Its quest for a permanent seat on the UN Security Council, which President Obama has not explicitly endorsed, just may weigh in the balance.

Mudando as regras ou apenas criticando-as? A capacidade do Brasil de atuar como uma grande potência dependerá de suas contribuições para moldar e aplicar as regras que governam a ordem internacional. Dois episódios recentes destacam os dilemas enfrentados pelo Brasil: a crise financeira global e as respostas internacionais a ameaças iminentes à segurança humana. O Brasil sempre privilegiou o uso da diplomacia sobre todas as outras capacidades do Estado, mas sua relutância em assumir os custos econômicos e militares de contribuir com a ordem global o impede de participar de maneira efetiva. Além disso, seu desejo de minimizar o papel do poder militar na resolução de grandes conflitos, como os do Iraque, da Líbia e da Síria, às vezes leva a propor soluções que são descartadas como irrealistas pelas potências estabelecidas (TRINKUNAS, 2015a, não paginado, tradução nossa)¹⁵⁰.

6.2 Council on Foreign Relations

Em meio as contextualizações dos articulistas, a atuação do Brasil no Oriente Médio foi definida a partir da afirmação da expansão global do Brasil desde os anos 2000. Para os autores essa atuação fez parte de um conjunto amplo de objetivos do Brasil propostos e postos em prática principalmente a partir da gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011; O'NEIL, 2010; SPEKTOR, 2010a, b; SPEKTOR; SWIEG, 2011). O'Neil, em um artigo publicado em 2010, expressou de forma clara este pensamento compartilhado por todos os articulistas que abordaram o assunto:

Os Estados Unidos sempre viram o Brasil como uma potência regional importante, mas sua importância aparente aumentou na última década. Devido à sua força econômica, sua liderança hemisférica e seu crescente papel geoestratégico, [...] tornou-se um ator vital na política regional e global (O'NEIL, 2010, p.1, tradução nossa)¹⁵¹.

Para o *CFR*, tanto em produções de grande esforço e envolvimento de diversos atores tal qual o relatório *Global Brazil and U.S. -Brazil relations* (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011) ou em produções mais curtas, a presença do Brasil no Oriente Médio envolveu múltiplos interesses, como comércio, questões políticas,

¹⁵⁰ Changing the Rules or Just Criticizing Them? Brazil's ability to act as a major power will depend on its contributions to shaping and enforcing the rules that govern the international order. Two recent episodes highlight the dilemmas Brazil faces: the global financial crisis and international responses to imminent threats to human security. Brazil has consistently privileged the use of diplomacy over all other state capabilities, but its reluctance to assume economic and military costs to contribute to global order prevents it from participating effectively. Moreover, its desire to minimize the role of military power in settling major conflicts, such as those in Iraq, Libya, and Syria, sometimes leads it to propose solutions that are discarded as unrealistic by the established powers.

¹⁵¹ The United States has always seen Brazil as a significant regional powerhouse, but its perceived importance has risen in the last decade. Because of its economic strength, its hemispheric leadership and its growing geostrategic role [...] it has become a vital player in regional and global politics.

diplomacia e a aproximação cultural (SPEKTOR, 2010b; SPEKTOR, SWEIG, 2011). Com maior abordagem de temáticas, por exemplo, foi o único *think tank* entre os analisados a inserir o fator cultural na variável explicativa à busca brasileira por maior interação no Oriente Médio. O comércio — outra característica pouco abordada nos outros institutos — foi facilmente encontrada nos textos dos articulistas do *CFR* (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011; SPEKTOR; SPEKTOR; SWIEG, 2011).

No *Global Brazil and U.S. -Brazil relations* — no qual se redigiu um subcapítulo específico sobre a atuação do Brasil no Oriente Médio — os autores expuseram esse reconhecimento:

Durante sua presidência, Lula fez um esforço coordenado para estabelecer a presença do Brasil no Oriente Médio e receber líderes regionais no Brasil e na América Latina em geral. Além das justificativas econômicas (USD\$ 20 bilhões em comércio entre o Brasil e os países árabes em 2008) e laços culturais (até 12 milhões de brasileiros de ascendência do Oriente Médio), o Brasil se vê como um ator legítimo [...] que julga poder se beneficiar de novas vozes diplomáticas (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p.61-62, tradução nossa)¹⁵².

No *CFR* o reconhecimento da expansão das relações brasileiras e os países da região para além do Irã também foram incluídos nas análises, utilizados especialmente para afirmar a expansão brasileira na região e sua diversidade de interesses e países envolvidos (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011; SPEKTOR, 2010b; SPEKTOR; SWEIG, 2011). Spektor e Sweig — os dois principais articulistas com produção sobre o assunto no *think tank* — ressaltaram essa perspectiva ao reiterar que “a mudança em casa revolucionou as políticas no exterior. [...] [o Brasil] começou a desenvolver laços mais estreitos simultaneamente com Israel, Síria e Irã (SPEKTOR; SWEIG, 2011, não paginado, tradução nossa)¹⁵³”.

Desse modo, observamos pelo conteúdo da agenda do *CFR* sobre a temática que esta foi — entre os *think tanks* selecionados — a mais próxima da agenda diplomática oficial do Brasil para o Oriente Médio. Contudo, essa característica não isenta a produção do instituto do seu caráter seletivo de acordo ao seu conjunto de interesses.

¹⁵² During his presidency, Lula made a concerted effort to establish Brazil’s presence in the Middle East and to welcome regional leaders in Brazil and Latin America generally. Beyond economic justifications (\$20 billion of trade between Brazil and Arab nations in 2008) and cultural ties (as many as twelve million Brazilians of Middle Eastern descent), Brazil sees itself as a legitimate actor [...] which it judges could benefit from new diplomatic voices.

¹⁵³ change at home has revolutionized policies abroad. [...] it [Brazil] has set out to develop closer ties simultaneously with Israel, Syria and Iran.

Baseando-se nesse enquadramento da presença do Brasil no Oriente Médio a saber um “a presença do Brasil já é sentida em todo o mundo (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p.45, tradução nossa)¹⁵⁴”, o questionamento central identificado na produção do *CFR* sobre a temática foi: como os Estados Unidos, um “long- standing power” preveria, lidaria e trabalharia com este novo ator na ordem internacional? O relatório supracitado expõe essa indagação:

Com a presença do Brasil sendo sentida globalmente, as potências de longa data - os Estados Unidos em particular - têm lutado para entender, prever e trabalhar em conjunto (onde e quando apropriado) com o Brasil. Como membro não-permanente do Conselho de Segurança da ONU entre 2010 e 2011, o Brasil se envolveu em debates sobre questões de segurança mais urgentes do mundo, incluindo a Líbia, o conflito israelo-palestino e a não-proliferação nuclear (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p.45, tradução nossa)¹⁵⁵.

Para responder a esse questionamento central observamos a construção de duas linhas de argumentações. Em uma, os articulistas procuraram desconstruir um conjunto de ideias a respeito da atuação do Brasil na região vigentes em Washington afirmando ser erros de percepções (SPEKTOR, 2010a, b; SWEIG, 2010d; BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011). Em outra, os articulistas apresentaram as ideias consideradas adequadas para se interpretar a temática (SPEKTOR, 2010a, b; SWEIG, 2010b; BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011).

Na primeira perspectiva, os autores procuraram deslegitimar exatamente os elementos centrais empregados pelo *Heritage*, presentes nos discursos dos principais articulistas sobre a temática, Philips (2010) e Wasler (2010b, d, f.). Por exemplo, Spektor, ao tratar da Declaração de Teerã, apontou o que identificou ser um discurso usual no debate político estadunidense; “para muitos em Washington, o Brasil tem sido ‘ingênuo’ desempenhando o papel de ‘idiota útil’ do Irã. Outros veem o movimento do Brasil como mais perniciosamente antiamericano, a combinação de nacionalismo enraizado e uma eleição presidencial próxima (SPEKTOR, 2010b, não paginado)¹⁵⁶”.

¹⁵⁴ Brazil’s presence is now felt globally [...].

¹⁵⁵ Because Brazil’s presence is now felt globally, long-standing powers — the United States in particular — are grappling with how to perceive, predict, and work in concert (where and when appropriate) with Brazil. As a nonpermanent member of the UNSC from 2010 through 2011, Brazil has engaged in debates on the world’s most pressing security issues, including Libya, the Israeli-Palestinian conflict, and nuclear disarmament and nonproliferation generally and with respect to Iran.

¹⁵⁶ to many in Washington, Brazil has been ‘naive’, playing the role of Iran’s ‘useful idiot’. Others see Brazil’s move as more perniciously anti-American, the combination of rooted nationalism and an upcoming presidential race.

Ao escrever em coautoria com Spektor, Sweig também compartilhou dessa perspectiva, afirmando ter havido nos Estados Unidos um debate no qual as interpretações da política externa brasileira, incluindo relações com países do Oriente Médio, foram “provocativas”, “amiga do Irã” e “descuidadas dos direitos humanos”:

Mas a ascensão do Brasil na política global irritou muitos em Washington. Conflitos de visão de mundo e de interesses surgiram nos últimos anos em questões como Irã, Honduras, Colômbia, mudanças climáticas, comércio internacional, Iraque, Cuba e Venezuela. Nos últimos dois anos, em particular, a desconfiança mútua marcou grande parte do fluxo e refluxo bilateral. Para os estadunidenses desconfortáveis com o poder crescente em seu quintal estendido, a independência do Brasil tem sido incerta e provocadora: é percebida como uma amiga do Irã, uma potência em ascensão preocupada com os direitos humanos como um bem público global e facilmente cativado como um querido dos Estados africanos e árabes [...] (SPEKTOR; SWEIG, 2011, não paginado)¹⁵⁷.

Porém, tais visões foram enfaticamente definidas como “perigosos erros de percepção (SPEKTOR; SWEIG, 2011, não paginado)¹⁵⁸”. Para legitimar essa crítica, na segunda linha de análises os articulistas construíram uma rede de argumentações sobre a atuação do Brasil no Oriente Médio. Em meio ao reconhecimento da expansão global do País, as intenções no seu conjunto estavam alinhadas a clara manutenção da ordem internacional vigente, o que não necessariamente significava ou deveria ser alinhada a todas as posições estadunidenses na região. Nesse contexto de afirmação da multipolaridade, para o *CFR* o Brasil foi um ator responsável e possível aliado dos Estados Unidos na manutenção da ordem global (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011; O’NEIL, 2010; SPEKTOR, 2010a, b; SPEKTOR; SWIEG, 2011).

A atuação do Brasil no Oriente Médio deveria ser compreendida, segundo os articulistas, como parte de uma tendência da política externa brasileira do período, composta pela autoconfiança no potencial de ser um ator global mais influente. Foi essa proatividade brasileira que levou o País, entre outras iniciativas, a intensificar o diálogo com Irã, Israel e países árabes:

¹⁵⁷ But Brazil’s rise in global politics has irked many in Washington. Clashes of worldview and interests have erupted in recent years over issues like Iran, Honduras, Colombia, climate change, international trade, Iraq, Cuba and Venezuela. In the past two years in particular, mutual distrust has colored much of the bilateral ebb and flow. For Americans uncomfortable with a rising power in their extended neighborhood, Brazil’s independence has been unreliable and downright provocative: it is perceived as Iran’s friend, a rising power wary of the value of human rights as a global good, and one too easily wooed as a darling of African and Arab states [...].

¹⁵⁸ [...] dangerous misperceptions

No entanto, enquanto o capítulo mais recente desta crise se desenrola (Acordo de Teerã), é importante entender a nova assertividade diplomática do Brasil. Nos últimos anos, o Brasil abriu mais de trinta novas embaixadas na África, e o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva lançou uma política do Oriente Médio que inclui crescente comércio e consultas políticas com o Irã, o mundo árabe e Israel. A percepção dominante em Brasília hoje é que os problemas que os diplomatas poderiam se dar ao luxo de ignorar há apenas alguns anos agora exigem uma resposta. Como normalmente acontece com as potências emergentes, o Brasil está agora redefinindo seus próprios interesses nacionais em termos sempre em expansão (SPEKTOR, 2010b, não paginado, tradução nossa)¹⁵⁹.

Para os articulistas, na visão da diplomacia brasileira a ordem global estava assumindo um caráter mais multipolar, aliado ao histórico de autonomia diplomática em relação aos Estados Unidos, o Brasil dificilmente subordinaria seus interesses aos dos Estados Unidos (SPEKTOR, 2010a; SWEIG, 2010a.). Esse perfil, contudo, não significava a tentativa do País minar a liderança estadunidense, como colocou Sweig ao afirmar que:

Os Estados Unidos representam apenas uma fatia da agenda global do Brasil: a ênfase do Brasil na multipolaridade e no multilateralismo pressupõe o declínio da influência dos EUA. Em todo caso, dada sua insistência histórica na autonomia em relação às grandes potências, dificilmente se pode esperar que o Brasil subordine seus interesses aos dos Estados Unidos. No entanto, alguns americanos veem o ethos de autonomia do Brasil na política externa às vezes como uma tentativa deliberada de impedir a diplomacia estadunidense. Tais percepções equivocadas podem atrapalhar as boas intenções (SWEIG, 2010a, não paginado, tradução nossa)¹⁶⁰.

Spektor, ao tratar especificamente sobre o envolvimento do Brasil no caso do programa nuclear iraniano, foi ainda mais claro nessa concepção: “[...] a atitude do Brasil não deve ser vista como antiamericanismo [...] (SPEKTOR, 2010a, não paginado)¹⁶¹”. Para o *visiting fellow*, “como um grande beneficiário da segurança

¹⁵⁹ However the latest chapter of this crisis unfolds [Acordo de Teerã], it is important to understand Brazil's new diplomatic assertiveness. In the past few years, Brazil opened more than thirty new embassies in Africa, and the government of President Luiz Inacio Lula da Silva launched a Middle east policy that includes growing trade and political consultations with Iran, the Arab world, and Israel. The dominant perception in Brasilia today is that problems diplomats could afford to ignore only a few years ago now require a response. As is normally the case with rising powers, Brazil is now redefining its own national interests in ever expanding terms.

¹⁶⁰ The United States represents only a slice of Brazil's global agenda: Brazil's emphasis on multipolarity and multilateralism assumes the decline of U.S. influence. In any case, given its historic insistence on autonomy from great powers, Brazil can hardly be expected to subordinate its interests to those of the United States. Nonetheless, some Americans see Brazil's ethos of autonomy in foreign policy at times as a deliberate attempt to thwart U.S. diplomacy. Such misperceptions might get in the way of good intentions.

¹⁶¹ [...] Brazil's attitude shouldn't be seen as about of antiAmericanism either [...].

coletiva como a conhecemos desde então, o Brasil não é um desafiante da visão de mundo estadunidense (SPEKTOR, 2010a, não paginado)¹⁶²”.

Nesse contexto, Spektor também procurou desmistificar a afirmação corrente de um Brasil irresponsável, colocando em risco a segurança internacional ao dialogar com o Irã. Para o autor, a posição diplomática brasileira era muito clara em afirmar seu compromisso internacional com a não proliferação e argumentou que, caso se confirmasse tal hipótese, a atitude brasileira seria de total condenação:

O que podemos prever, então, da atitude do Brasil é esperar por provas cabais de um programa nuclear militar em andamento no Irã - de uma perspectiva brasileira, a evidência existente não é suficiente. Se tais temores fossem confirmados, não há dúvida de que o Brasil agiria rapidamente para condenar o Irã. Além disso, e principalmente, as autoridades em Brasília em março sinalizaram que seu comportamento de voto no Conselho de Segurança está longe de ser pré-determinado. A porta está aberta à negociação, e seria um erro para Washington dispensar o apoio do Brasil nesta fase (SPEKTOR, 2010a, não paginado, tradução nossa)¹⁶³.

Segundo Spektor, o que impulsionou o Brasil a agir no caso do programa nuclear iraniano foi sua ambição de se tornar um *global player*, aliada a sua histórica desconfiança do uso das normas internacionais pelas grandes potências para estabelecer suas vontades a países mais fracos: “[...] como um País emergente com uma longa história de fragilidade e dependência, busca se proteger e prevenir-se contra o uso de normas internacionais por grandes potências para impor sua vontade a nações mais fracas (SPEKTOR, 2010a, não paginado)¹⁶⁴”.

Sweig vai mais além. Para autora, as intenções e ações do Brasil no caso da Declaração de Teerã estariam fortalecendo o princípio da não proliferação nuclear, já que o País estaria construindo através da defesa de um regime mais eficiente e legítimo, um suporte para o princípio no mundo em desenvolvimento:

Mas, embora o Brasil possa tentar aparar as arestas do que suas autoridades veem como hegemonia nos EUA, o País não buscaria minar os interesses mais amplos dos EUA quanto à não-proliferação. Pelo contrário, pode muito

¹⁶² as a major beneficiary of collective security as we know it since, Brazil is not a challenger of the American worldview.

¹⁶³ What can we expect then Brazil's attitude is to wait for hard proof of a weapons programs underway in Iran from a Brazilian perspective, existing evidence is not sufficient. If such fears were to be confirmed, though, there is no doubt that Brazil would move fast to condemn Iran. Also, and significantly, officials in Brasilia on March signaled their voting behavior in the Security Council is far from preordained. The door is open to negotiation, and it would be a mistake for Washington to dismiss Brazil's support at this stage.

¹⁶⁴ [...] as an emerging country with a long history of frailty and dependence, it seeks protection and hedging against greatpower use of international norms to impose their will on weaker nations.

bem ajudá-los a alcançá-los de maneira responsável, por exemplo ajudando a ganhar apoio ao redor do mundo em desenvolvimento a um regime mais eficiente e legítimo (SPEKTOR, 2010a, não paginado, tradução nossa)¹⁶⁵.

Uma visão bastante positiva do Brasil ficou a cargo dos apontamentos de Sweig ao possível papel que o Brasil poderia desenvolver na resolução do impasse entre a comunidade internacional e o programa nuclear iraniano. Antes da Declaração de Teerã, Sweig afirmou em entrevista que Brasil teria as condições para desenvolver um diálogo com o Irã, pois o País construiu um canal de diálogo e nível de debate com o Irã que possibilitariam conduzir a uma solução negociada:

O presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, recebeu o presidente iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, no ano passado e deve visitar o Irã nesta primavera. Sweig diz que, apesar das preocupações de que o Brasil esteja frustrando os planos dos EUA de isolar o Irã, o Brasil poderá desempenhar um papel no trato com o regime iraniano. Os brasileiros têm um canal com o Irã, e eles têm pessoas no local e um nível de discussão que pode lhes dar alguma janela para a agitação política interna que está ocorrendo internamente, diz ela. Então, eu diria para, em vez de entender isso como um problema, esperar e ver se os brasileiros realmente têm algo a oferecer em termos de modificação do comportamento iraniano (SWEIG, 2010b, tradução nossa)¹⁶⁶.

Terminada as negociações, as quais culminaram com a não assinatura do Acordo de Teerã e um evidente desgaste das relações bilaterais Estados Unidos-Brasil, o relatório supracitado fez o balanço dos acontecimentos, recomendando, para se evitar novos episódios como esse, a formação de diálogo mais institucionalizado entre os dois países:

A experiência do Irã ilustra a necessidade de os dois países estabelecerem mecanismos para prevenir e mitigar mal-entendidos/desentendimentos e percepções conflitantes a respeito de questões sobre segurança internacional. A Força Tarefa recomenda fortemente institucionalizar um processo de comunicação aberta e regular entre os dois presidentes e seus respectivos oficiais mais graduados. Perspectivas divergentes/conflitantes certamente aparecerão/ocorrerão entre dois países grandes e complicados, mas nenhum

¹⁶⁵ But while Brazil may try to blunt the sharper edges of what its officials see as U.S. hegemony, it will not undercut broader U.S. nonproliferation interests. On the contrary, it may well help advance them in consequential ways, such as helping build support in the developing world for a more efficient and legitimate regime.

¹⁶⁶ Brazils president, Luiz Inacio Lula da Silva, hosted Iranian President Mahmoud Ahmadinejad last year and is expected to visit Iran this spring. Sweig says despite concerns that Brazil is foiling U.S. plans to isolate Iran, Brazil may be able to play a role in dealing with the Iranian regime. The Brazilians do have a channel with Iran, and they do have people on the ground there and a level of discussion which might give them some window into the internal political upheaval thats taking place, she says. So I would say rather than fully dismiss this as a spoiler, wait and see whether the Brazilians actually have something to deliver in terms of modifying Iranian behaviour.

deles deveria permitir que tais discordâncias prejudiquem a totalidade do relacionamento (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p.66)¹⁶⁷.

Um último assunto tratado pelo *CFR* foram as consequências ou possíveis repercussões das atitudes político-diplomáticas do Brasil para a sua candidatura ao CSONU. Embora tenha havido uma clara recomendação a respeito da candidatura do Brasil ao CSONU no relatório de 2011, com afirmações do tipo: “a Força-Tarefa recomenda que o governo Obama endosse a partir de agora o Brasil como membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSONU) (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p.6)¹⁶⁸”, os articulistas apontaram uma possível dificuldade do Brasil em encontrar apoio nos Estados Unidos devido ao seu posicionamento no caso do programa nuclear iraniano:

A Força-Tarefa acredita que o engajamento do Brasil com as negociações de paz no Oriente Médio era consistente com a ampla política externa de Lula e provavelmente evoluirá à medida que o Brasil almeje construir pontes internacionais e um eleitorado para apoiar sua candidatura à filiação permanente ao CSONU. Especialmente à luz do episódio de 2010 no Irã, a Força-Tarefa considera que o envolvimento do Brasil especificamente em questões de segurança no Oriente Médio pode diluir as credenciais do Brasil para negociar como um Diplomata Regional e Global outras questões de interesse internacional do Brasil, cuja participação é ao mesmo tempo mais lógica e mais necessária (BODMAN, WOLFENSOHN, SWEIG, 2011, p.62, tradução nossa)¹⁶⁹.

Neste mesmo assunto, Patrick — contrariando a visão geral do *think tank* — foi um pouco mais áspero em suas críticas:

Se estiver falando sério sobre a reforma do Conselho de Segurança da ONU, Brasília precisará adotar uma postura mais vigorosa contra os infratores das resoluções do CSONU, inclusive os culpados de graves violações aos direitos humanos ou proliferação nuclear. O Brasil também terá que reconsiderar seu apoio histórico à soberania e à não-interferência do Estado, à luz do histórico

¹⁶⁷ The Iran experience illustrates the need for the two countries to establish mechanisms to anticipate and mitigate against misunderstandings and conflicting views of international security issues. The Task Force strongly recommends institutionalizing a process of open and regular communication between the countries’ two presidents and their respective senior officials. Differing perspectives are bound to arise between two large, complicated countries, but neither country should allow those to color the totality of the relationship

¹⁶⁸ the Task Force recommends that the Obama administration now fully endorse Brazil as a permanent member of the United Nations Security Council (UNSC).

¹⁶⁹ The Task Force finds that Brazil’s engagement in Middle East peace negotiations was consistent with Lula’s expansive foreign policy and is likely to evolve as Brazil aims to build international bridges and a constituency to support its bid for UNSC permanent membership. Especially in light of the 2010 Iran episode, the Task Force deems that Brazil’s engagement specifically in Middle East security issues may dilute Brazil’s credentials to negotiate on other issues of international concern in Brazil as a Regional and Global Diplomat which its participation is both more logical and more necessary

problemático do CSONU (PATRICK, 2010, não paginado, tradução nossa)¹⁷⁰.

6.3 *Wilson Center*

Para o *Wilson Center* a atuação do Brasil no Oriente Médio ficou circunscrita a iniciativa turco-brasileira para a questão nuclear iraniana que culminou com a Declaração de Teerã. Em seu conjunto, Sotero construiu duas perspectivas sobre o caso. As ações foram definidas como “mal executadas”, “malsucedida mediação brasileira”, “desastrada tentativa do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva” (SOTERO, 2011, 2014, 2015), mas o propósito foi considerado bem-intencionado. Para Sotero, “em 2010, com uma carta de incentivo de Obama na mão, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva embarcou na bem-intencionada tentativa de mediar, juntamente com a Turquia, um acordo nuclear entre a comunidade internacional e o Irã (SOTERO, 2013c, não paginado).

Tanto a diplomacia como o próprio presidente Lula teria clara e intenção única do acordo ser “uma oportunidade de criar um clima de confiança e atenuar um dos maiores focos de tensão internacional (SOTERO, 2011c, não paginado)”. Ou seja, Sotero estava convencido que o Brasil não pretendia apoiar o desenvolvimento de armas nucleares pelo Irã, ao contrário, era totalmente contra. Para corroborar seu argumento, Sotero expôs em um de seus artigos uma possível fala do próprio presidente Lula a Ahmadinejad, por meio da qual Lula foi bastante claro sobre o posicionamento brasileiro na questão:

Lula foi duríssimo com o presidente do Irã, Mohamed Ahmadinejad, nas conversas que teve com portas a portas fechadas em Teerã, em maio. ‘Todo mundo acha que você não cumpre como coisas, inclusive seus amigos’, disse Lula a Ahmadinejad, segundo relato que jornalista Assis Moreira publicou no Valor de 21/5, com base no que ouviu do próprio então presidente da República. Como informações foram corroboradas por diplomatas brasileiras que leram uma correspondência do Itamaraty sobre como conversas em Teerã. [...]. Disse que estava ali para abrir uma porta para uma paz e insistiu que o regime iraniano enviasse uma mensagem ‘forte’ ao mundo sobre suas intenções na área nuclear (SOTERO, 2011c, não paginado).

No entanto, segundo Sotero, um dos graves erros de Lula e da sua diplomacia durante as negociações foi não apresentar de forma clara e enfática essas intenções

¹⁷⁰ If it is serious about UN Security Council reform, Brasilia will need to take a more vigorous line against violators of UNSC resolutions, including those guilty of gross human-rights violations or nuclear proliferation. Brazil will also have to reconsider its historic support for state sovereignty and noninterference in light of the UNSC’s troubling docket.

pacíficas à comunidade internacional. O que permitiu então a Ahmadinejad proferir um discurso antiamericanista:

Levado, porém, pela preocupação de marcar uma posição própria e, supostamente, mais eficaz que a dos EUA na busca de entendimento com o Irã, o ex-presidente absteve-se de esclarecer publicamente a posição que defendera a portas fechadas. Permitiu, com isso, que se criassem dúvidas sobre uma motivação brasileira de agir em nome da paz. Deu assim a Ahmadinejad, em quem ninguém confiava ou confia, uma chance de transformar o anúncio de precaríssimo acordo com alinhavara junto com primeiro ministro da Turquia, Recep Tayyip Erdogan, numa vitória contra uma estratégia dos EUA e seus aliados de isolar Teerã (SOTERO, 2011c, não paginado).

Assim, para Sotero, a negociação diplomática brasileira, embora claramente positiva, fora mal gerenciada. Para tanto, o articulista definiu dois erros da diplomacia brasileira: “o primeiro foi acreditar que, tendo recebido incentivo de Obama para levar adiante o entendimento, poderia ter sucesso limitando as consultas com os membros permanentes do CSONU. O segundo infantil foi celebrar vitória antes de tê-la assegurado (SOTERO, 2011a, não paginado)”.

Uma das consequências dessas negociações muito destacada por Sotero, foi a desgaste nas relações bilaterais entre Estados Unidos e Brasil. Como destacou em uma passagem ao colocar que “graves desencontros marcaram as relações bilaterais, no governo Obama: em maio de 2010, quando Lula protagonizou uma mal executada tentativa de aproximação entre o Irã e a comunidade internacional na questão nuclear [...] (SOTERO, 2014e, não paginado). Em outro artigo foi ainda mais enfático, ao apontar que:

Em 2011, semanas depois da posse de Dilma Rousseff, o presidente Barack Obama fez uma visita a Brasília para tirar o diálogo bilateral do buraco em que caíra após a desastrada tentativa do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, meses antes, de mediar um acordo nuclear entre o Irã e a comunidade internacional (SOTERO, 2015b, não paginado).

Para Sotero, com Dilma na presidência e as ações recíprocas de boa vontade entre os dois governos, o episódio havia sido superado:

O mal-estar que o episódio iraniano deixou nas relações dos EUA com o Brasil e a Turquia foi superado. No caso do Brasil, a viagem que o presidente Barack Obama fez ao País em março, num gesto muito apreciado por Dilma, reabriu espaço para um diálogo mais produtivo entre os dois países (SOTERO, 2011a, não paginado).

Vencido os atritos de 2010, no final de 2011 Sotero incluiu uma nova pauta sobre a atuação do Brasil no Oriente Médio, mais especificamente a discussão sobre a possibilidade do Brasil ser um dos mediadores de novo acordo nuclear com o Irã. Contextualizando a discussão — proposta esta sugerida pela cientista política e internacionalista Anne Marie Slaughter em artigo publicado no *Financial Times* — Sotero se posicionou a favor dessa possibilidade:

Deveria Dilma acatar a sugestão de Slaughter e oferecer os bons ofícios da diplomacia brasileira? Os preparativos da viagem que a presidente brasileira fará a Washington em março de 2012 são uma boa oportunidade para os dois governos refletirem sobre a pergunta de Slaughter. Por temerária que possa soar, a melhor resposta é sim, contanto que Washington aceite que a diplomacia é a única saída e Brasília tenha aprendido com os erros que cometeu na bem-intencionada, mas mal executada tentativa de mediação com o Irã (SOTERO, 2011a, não paginado).

Já Monica Herz numa conferência realizada em 2012 sobre uma possível segunda rodada de negociações da comunidade internacional com o Irã, foi ao encontro desta proposta defendida por Sotero. Exposto no resumo do evento, a conferencista convidada “promoveu a participação brasileira em futuras negociações multilaterais, dizendo que as negociações de ‘apenas um grupo e apenas um caminho’ não levam ao sucesso (WILSON CENTER, 2012f, tradução nossa)¹⁷¹”. Estendendo o debate de Sotero, Herz na mesma oportunidade procurou esclarecer o que denominou como as duas concepções do Brasil em torno do direito de desenvolvimento de energia nuclear, cujas impulsionaram o Brasil a atuar na questão do programa nuclear iraniano, mas foram mal interpretadas pela comunidade internacional. Exposto no resumo do evento, para autora:

[...] embora o Brasil se oponha profundamente à proliferação nuclear, também se opõe à divisão do mundo em países ‘responsáveis’ autorizados a enriquecer urânio e àqueles considerados ‘não responsáveis’ e, como tal, a política brasileira apoia o direito de todos os países a enriquecimento com fins pacíficos e seus benefícios (WILSON CENTER, 2012f, tradução nossa)¹⁷².

6.4 Carnegie Endowment International for Peace

¹⁷¹ promoted Brazilian participation in future multilateral talks, saying that “only one group and only one track” in negotiations does not lead to success.

¹⁷² [...] while Brazil fundamentally opposes nuclear proliferation, it also opposes the division of the world into ‘responsible’ countries permitted to enrich uranium and those deemed ‘not responsible’; as such, Brazilian policy supports the right of all countries to peaceful enrichment and its benefits

Para a *Carnegie* a atuação do Brasil no Oriente Médio foi delimitada pelo envolvimento do País na questão nuclear iraniana. Em linhas gerais, Togzhan Kassenova procurou identificar quais foram os motivos desse envolvimento.

Subscrito no livro *Brazil nuclear Kaleidoscope (2014)* —, para Kassenova a intermediação do Brasil no caso foi a visto como a tentativa do País mostrar seu potencial como *global player* na política nuclear internacional. Como apresentou na conclusão “o potencial do Brasil para desempenhar um papel mais proeminente na política nuclear global manifestou-se com mais força no esforço brasileiro-turco de 2010 de forjar um acordo de troca de combustível nuclear com o Irã (KASSENOVA, 2014, p. 88, tradução nossa)¹⁷³”.

Para Kassenova, o Brasil tinha um histórico ceticismo em relação ao potencial das sanções e do uso da força para resolução de conflitos, que aliada as experiências da diplomacia brasileira em geral e em especial pelo Ministro Amorim no caso recente do Iraque — na época, em serviço no CSONU — acentuaram essa perspectiva:

Ao longo de sua história diplomática, o Brasil manteve uma visão cética sobre a utilidade das sanções [...] a experiência do Iraque quase certamente desempenhou, pelo menos em parte, o desejo de Brasília de levar o impasse sobre o Irã a uma solução diplomática, causando um forte impacto nas opiniões de Amorim, em particular. (KASSENOVA, 2014, p.80, tradução nossa)¹⁷⁴.

Outro fator que impulsionou o Brasil para agir na questão segundo a autora foi a sensibilidade do Brasil em relação a questão de enriquecimento de urânio. Kassenova colocou que:

O Brasil havia ansiosamente acompanhado o impasse entre o Irã e a comunidade internacional sobre o programa nuclear de Teerã, porque Brasília é especialmente sensível quando se trata da questão do enriquecimento de urânio. Especialistas brasileiros observam que o governo deles está apreensivo com o fato de o Brasil poder ser o próximo País a enfrentar escrutínio sobre seu programa e ter seus direitos de enriquecimento de urânio ‘negados’ (KASSENOVA, 2014, p. 82, tradução nossa)¹⁷⁵.

Representando um ótimo mercado para o Brasil, um terceiro impulso à atuação

¹⁷³ Brazil’s potential to play a more prominent role in global nuclear politics manifested itself most forcefully in the 2010 Brazilian-Turkish effort to forge a nuclear-fuel-swap deal with Iran.

¹⁷⁴ Iraq’s experience almost certainly played at least some part in Brasília’s desire to steer the standoff on Iran toward a diplomatic solution, making a strong impact on Amorim’s views in particular.

¹⁷⁵ Brazil had anxiously observed the standoff between Iran and the international community over Tehran’s nuclear program because Brasília is especially sensitive when it comes to the question of uranium enrichment. Brazilian experts note that their government is apprehensive that Brazil could be the next country to face scrutiny over its program and have its uranium enrichment rights “denied.

diplomática foi relacionada a um conjunto de interesses econômicos do País com o Irã. Embora a empresa estatal brasileira Petrobrás não tenha encontrado exploração comercial viável, a autora salientou que para o Brasil o Irã tinha uma grande representatividade na área alimentícia:

Na verdade, a empresa estatal de petróleo do Brasil, Petrobras, recebeu os direitos de exploração offshore do governo iraniano em 2003. A Petrobras gastou US \$ 178 milhões em sua busca por petróleo, mas, no final, chegou à conclusão de que a área explorada não tem campos comercialmente viáveis. Comida está entre as principais importações do Irã do Brasil, com o Irã entre os principais mercados do Brasil para as exportações de carne bovina. Em 2011, chegou a ser brevemente o maior importador de carne bovina do Brasil (KASSENOVA, 2014, p.82, tradução nossa)¹⁷⁶.

Para Kassenova, o Brasil também foi impulsionado a agir na crença do potencial do seu *soft power*:

A crença de Brasília nas virtudes de seu ‘soft power’ também contribuiu para sua ambição de se tornar um intermediário entre o Irã e o Ocidente. O Brasil havia influenciado com sucesso os desenvolvimentos nas áreas de comércio multilateral e saúde global e, assim, sentiu-se pronto para experimentar suas habilidades de ‘soft power’ no domínio nuclear (KASSENOVA, 2014, p.81, tradução nossa)¹⁷⁷.

O ativismo presidencial e ministerial diplomático brasileiro — característica marcante da gestão de Lula — alimentada pela ideia de “grandeza” do País, presente tanto em Lula como em Amorim, também foram fundamentais para as ações do Brasil:

Importância da personalidade. A iniciativa de colocar o Brasil no centro da diplomacia internacional não pode ser explicada sem dar atenção especial ao papel de Lula e Amorim. De certa forma, o ex-presidente e seu ministro das Relações Exteriores incorporam o espírito do Brasil, um país que busca a grandeza. Eles combinam qualidades - talento, visão e autoconfiança - que os impulsionaram por caminhos que seus antecessores e sucessores imediatos não seguiriam. É improvável que líderes menos ambiciosos e menos confiantes tenham realizado um feito diplomático como a Declaração de Teerã. Tanto Lula quanto Amorim se destacam na política brasileira como políticos ambiciosos, populares e carismáticos, que foram fundamentais para mudar a forma como o Brasil é visto internacionalmente e como se vê.

¹⁷⁶ In fact, Brazil’s state-owned oil company Petrobras received offshore exploration rights from the Iranian government in 2003. Petrobras spent \$178 million in its search for oil but in the end came to the conclusion that the explored area did not have commercially viable oil fields. Food is among Iran’s top imports from Brazil, with Iran among Brazil’s major markets for beef exports. In 2011, it even briefly became Brazil’s largest importer of beef.

¹⁷⁷ Brasília’s belief in the virtues of its “soft power” also contributed to its ambition to become a broker between Iran and the West. Brazil had successfully influenced developments in the areas of multilateral trade and global health and so felt ready to try out its “soft power” skills in the nuclear realm.

Muitos dos passos fortes do Brasil na arena estrangeira estão associados a um conjunto Lula-Amorim (KASSENOVA, 2014, p.83, tradução nossa)¹⁷⁸.

Ademais, esse ativismo e a clara intenção do Brasil em ser o líder nas mesas de negociações, segundo Kassenova, advinha da autoafirmação brasileira de neutralidade perante a situação, portanto, o que lhe garantiria a posição impar na mesa de negociações:

O impasse entre o Irã e as potências estabelecidas apresentou a Lula e Amorim um interessante e válido desafio diplomático. Representando um ‘País sem inimigos’, nas palavras do analista de defesa brasileiro Rodrigo Moraes, a liderança brasileira sentiu que estava em uma posição única para trazer todas as partes à mesa. Segundo Amorim: ‘O Brasil tem essa característica única que é muito útil nas negociações internacionais: ser capaz de se colocar no lugar de outra pessoa, o que é essencial se você está procurando uma solução. (KASSENOVA, p. 81, tradução nossa)¹⁷⁹.

Kassenova, nesse contexto fez questão de ressaltar que esta visão diplomática não era compartilhada por todos no País. Através de entrevistas a intelectuais brasileiros, Kassenova observou que para um conjunto de analistas brasileiros, as ações brasileiras em relação ao caso foram definidas pejorativamente como demasiadamente ideológicas:

Mas, na verdade, foi a sua autoconfiança que sacudiu os críticos da Declaração de Teerã no Brasil. Alguns observadores brasileiros não se esquivam de acusar Lula e Amorim de serem excessivamente ambiciosos, em busca de destaque em detrimento da reputação do Brasil e de serem levados pela ‘ideologia de esquerda’. Os críticos da Declaração de Teerã e da política do Irã chamam os dois de imprudentes (KASSENOVA, 2014, p. 83, tradução nossa)¹⁸⁰.

¹⁷⁸ Personalities Matter. The initiative to thrust Brazil onto the center stage of international diplomacy cannot be explained without paying particular attention to the role of Lula and Amorim. In a way, the former president and his foreign minister embody the spirit of Brazil, a country that has been searching for *grandeza* (greatness). They combine qualities—talent, vision, and self-confidence—that propelled them down paths that their immediate predecessors and successors would not have followed. It is unlikely that less ambitious and less confident leaders would have undertaken a diplomatic feat such as the Tehran Declaration. Both Lula and Amorim stand out in Brazilian politics as ambitious, popular, and charismatic politicians who were instrumental in changing how Brazil is viewed internationally and how it views itself. Many of Brazil’s forceful steps in the foreign arena are associated with a Lula-Amorim tandem.

¹⁷⁹ The stalemate between Iran and the established powers presented Lula and Amorim with an interesting and worthwhile diplomatic challenge. Representing a “country with no enemies,” in the words of Brazilian defense analyst Rodrigo Moraes, the Brazilian leadership felt it was in a unique position to bring all parties to the table. As Amorim put it: “Brazil has this unique characteristic which is very useful in international negotiations: to be able to put itself in someone else’s shoes, which is essential if you are looking for a solution.

¹⁸⁰ But in fact it is their self-confidence that rattled critics of the Tehran Declaration within Brazil. Some Brazilian observers do not shy away from accusing Lula and Amorim of being overly ambitious, seeking limelight at the expense of Brazil’s reputation, and being driven by “left-wing ideology.” Critics of the Tehran Declaration and Brazil’s Iran policy call both men reckless.

A transição de governo, mesmo sendo de mesmo partido, significou uma mudança expressiva na condução das relações com o Irã e seu programa nuclear. Para Kassenova, houve uma mudança de prioridade em relação a política externa brasileira, onde o governo, devido a uma personalidade presidencial muito mais tecnocrática do que uma líder carismática, se focou em questões de âmbito doméstico:

Lula era extremamente popular e estava pronto para ousar em termos de suas políticas doméstica e exterior. ‘Ele tinha espaço para manobra e era ousado’, observou um dos ex-diplomatas brasileiros [...]. Dilma, explicam especialistas brasileiros, é mais uma líder tecnocrática, focada principalmente em questões domésticas, especialmente econômicas. Ao contrário de Lula, ela não exibiu fortes ambições para o Brasil na arena da política externa. Outra evidência de que o governo de Dilma provavelmente não mostrará qualquer interesse (KASSENOVA, 2014p. 84, tradução nossa)¹⁸¹.

Nesse contexto, Kassenova apontou mudanças visíveis, como a votação favorável do Brasil e em 2012, Ahmadinejad, por ocasião de visita a América Latina, não recebeu convite brasileiro:

Os votos do Brasil nas resoluções da ONU específicas às sanções do Irã também indicam uma mudança. Em junho de 2010, o Brasil votou contra a resolução do Conselho de Segurança da ONU para impor uma quarta rodada de sanções contra o Irã - um voto não surpreendente após a experiência da Declaração de Teerã. A mesma resolução de 2010 estabeleceu um painel de especialistas para apoiar o Comitê de Sanções do Irã. Em 2011, sob o governo de Dilma, o Brasil votou a favor de prorrogar o mandato do painel de especialistas por mais um ano. Notavelmente, em sua última turnê pelos países latino-americanos em janeiro de 2012, o então presidente Ahmadinejad não recebeu um convite para visitar o Brasil (KASSENOVA, 2014, p.85, tradução nossa)¹⁸².

Como resultado final, kassenova definiu a construção de um legado paradoxal. Por um lado, a comunidade internacional foi provocada a pensar o potencial do Brasil na interlocução de problemas globais nucleares e por outro, formou nos próprios

¹⁸¹ Lula was extremely popular and was ready to push the envelope in terms of his policies at home and abroad. “He had room for maneuvering and he was daring,” remarked one of Brazil’s former senior diplomats [...]. Dilma, Brazilian experts explain, is more of a technocratic leader, primarily focused on domestic, especially economic, issues. Unlike Lula, she has not exhibited strong ambitions for Brazil in the foreign policy arena. Further evidence that Dilma’s government is unlikely to show any interest.

¹⁸² Brazil’s votes on the UN resolutions specific to Iran sanctions indicate a shift as well. In June 2010 Brazil voted against the UN Security Council resolution to impose a fourth round of sanctions against Iran—an unsurprising vote after the Tehran Declaration experience. The same 2010 resolution established a panel of experts to support the Iran Sanctions Committee. In 2011, under Dilma’s government, Brazil voted in favor of extending the mandate of that panel of experts for another year. Notably, on his last tour of Latin American countries in January 2012, then president Ahmadinejad did not receive an invitation to visit Brazil.

tomadores de decisão do Brasil a convicção do alto custo político (doméstico e internacional) de uma iniciativa como a que foi realizada:

Essa iniciativa e suas consequências deixaram um legado contraditório. Por um lado, o Brasil fez os outros olharem para suas proezas internacionais de forma diferente. No mínimo, a ousada tentativa do Brasil de intermediar um complicado impasse internacional deixou os observadores curiosos sobre o potencial do Brasil. Por outro lado, as consequências negativas da Declaração de Teerã deixaram uma forte impressão no Brasil, e não parece provável que Brasília se arrisque novamente na questão nuclear do Irã em breve. (KASSENOVA, 2014, p. 88, tradução nossa)¹⁸³.

Como conclusão, Kassenova colocou que:

Tudo isso significa que é altamente improvável que Brasília vá se aventurar na vanguarda da política nuclear global em breve. As consequências da Declaração de Teerã, o estilo de liderança diferente de Dilma em relação a Lula e a situação interna no Brasil falam contra isso. No entanto, o progresso do próprio País no campo nuclear continuará, e o papel do País na ordem nuclear global crescerá (KASSENOVA, 2014, p.85, tradução nossa)¹⁸⁴.

6.5 Center for a New America Security

Para o CNAS, ao atuar em negociações com o Irã sobre o programa nuclear daquele país e nas votações de sanções via CSONU como membro não permanente nos casos líbio e sírio, o Brasil se posicionou frente a dois pilares da ordem internacional liberal: a não proliferação nuclear e direitos humanos (KLIMAN; FONTAINE, 2012). Embora o relatório de modo geral tenha construído uma visão geral bastante positiva do Brasil — o que tornava o País um possível aliado global estadunidense — no caso específico da atuação no Oriente Médio, a visão construída fora de críticas as ações brasileiras, definidas contrárias ao desenvolvimento de dois princípios fundamentais para a manutenção da ordem vigente (KLIMAN; FONTAINE, 2012).

¹⁸³ That initiative and its aftermath left a contradictory legacy. On one hand, Brazil made others look at its international prowess differently. At the very least, Brazil's bold attempt at brokering a complicated international standoff made observers curious about Brazil's potential. On the other hand, the negative fallout from the Tehran Declaration left a strong impression on Brazil, and it does not appear likely that Brasília will venture into the Iran-nuclear mix again anytime soon.

¹⁸⁴ All this means that it is highly unlikely that Brasília will venture out to the very forefront of global nuclear politics anytime soon. The fallout from the Tehran Declaration, the different leadership style of Dilma compared to Lula, and the domestic situation in Brazil all speak against it. Yet, Brazil's own steady progress in the nuclear field will continue, and the country's role in the global nuclear order will grow.

Em um primeiro plano, a atuação do Brasil na região se tornou, simultaneamente com outras atividades, argumentos à afirmação do País como um “influential global power”. Para Kliman e Fontaine:

O Brasil emergiu como líder regional e influente poder global. [...] Globalmente, o Brasil assumiu uma posição de maior destaque ao ocupar um assento não permanente no Conselho de Segurança da ONU (CSONU), pressionando por um assento permanente no CSONU, exibindo liderança dentro do G20, aumentando seu ativismo na OMC, envolvendo-se em conversas nucleares com o Irã [...] (KLIMAN; FONTAINE, 2012, p. 13, tradução nossa)¹⁸⁵.

Para os autores, “o envolvimento mais importante do Brasil com a ordem de não-proliferação foi uma tentativa em 2010 de negociar um acordo nuclear com o Irã (KLIMAN; FONTAINE, 2012, p. 18)¹⁸⁶. Contudo, estas iniciativas foram de encontro ao princípio da não proliferação nuclear global — para o *CNAS* consideradas muito cara a manutenção da ordem. Segundo os articulistas o Brasil, ao agir baseado no seu princípio de que toda nação tem direito ao enriquecimento de urânio para seu desenvolvimento, não afirmou seu papel como um defensor da não proliferação:

A preservação da soberania às vezes levou Brasília a se opor a medidas destinadas a fortalecer a ordem de não-proliferação. O Brasil considera o acesso à tecnologia de enriquecimento de urânio não apenas como um caminho para o reconhecimento internacional aprimorado, mas também uma necessidade para o desenvolvimento industrial contínuo. Por isso, continua cauteloso com os esforços internacionais para limitar o acesso ao ciclo do combustível nuclear, inclusive para o Irã (KLIMAN; FONTAINE, 2012, p. 17, tradução nossa)¹⁸⁷.

No entanto, este perfil da política externa brasileira foi associado exclusivamente ao período do governo Luiz Inácio Lula da Silva. Para isso, os autores ressaltaram em suas análises uma mudança a partir da presidência de Dilma Rousseff em 2011, então com uma política externa mais próxima aos princípios liberais globais vigentes. Para

¹⁸⁵ Brazil has emerged as a regional leader and influential global power. [...] globally, Brazil has taken on a higher profile by holding a nonpermanent seat on the U.N. Security Council (UNSC), pressing for UNSC permanent membership, exhibiting leadership within the G20, increasing its activities in the WTO, engaging in nuclear talks with Iran [...].

¹⁸⁶ Brazil’s most high-profile engagement with the nonproliferation order was a 2010 attempt to broker a nuclear agreement with Iran.

¹⁸⁷ The preservation of sovereignty has at times inclined Brasilia to oppose measures aimed at strengthening the nonproliferation order. Brazil regards access to uranium enrichment technology as not only a path to enhanced international recognition but also a necessity for continued industrial development. It therefore remains wary of international efforts to limit access to the nuclear fuel cycle, including for Iran.

ênfatizar esta ideia, os articulistas inclusive afirmaram que as ações do período Lula foram para os próprios brasileiros um ponto fora da curva:

A entrada de Brasília nas negociações nucleares com o Irã não foi um prenúncio de sua abordagem para futuras questões nucleares. Ao contrário, muitos brasileiros hoje veem esse episódio como um grande erro de política externa (KLIMAN; FONTAINE, 2012, p. 19, tradução nossa)¹⁸⁸.

Esta perspectiva de mudança de eixo da política externa entre os governos Lula e Dilma também foi ênfatizada no segundo ponto abordado sobre a atuação do Brasil no Oriente Médio no relatório: as ações e posições do Brasil frente aos países da região em relação ao princípio dos direitos humanos no CSONU. Nesta perspectiva, além do caso iraniano de 2010, os autores também incluíram o posicionamento brasileiro frente aos então recentes conflitos na Síria e Líbia. Kliman e Fontaine afirmaram que: “sob a presidência de Luiz Inácio Lula da Silva, o Brasil se opôs a medidas robustas do CSONU contra violadores de direitos humanos e ofereceu apoio político a regimes repugnantes (KLIMAN; FONTAINE, 2012, p. 19, tradução nossa)¹⁸⁹”.

No entanto, os autores fizeram questão de ressaltar em suas análises o fato de uma mudança de política externa com a presidente Dilma Rousseff, segundo eles, grande parte devido a experiência pessoal de Dilma durante o regime ditatorial civil militar de 1964 a 1985. Um dos exemplos utilizados para mostrar essa inflexão foi o próprio caso do Irã, quando então em 2011, na gestão de Dilma, o Brasil votou a favor de novas sanções ao Irã:

A sucessora de Lula, Dilma Rousseff, foi pioneira em uma abordagem diferente sobre questões de direitos humanos, em grande parte devido às suas experiências pessoais como prisioneira sob o regime militar. Em 2011, por exemplo, o Brasil votou no Conselho de Direitos Humanos da ONU pela primeira vez para apoiar um relator especial para o Irã. Autoridades brasileiras se manifestaram contra o golpe militar de 2012 na Guiné-Bissau. O Brasil também co-fundou a Parceria para Governo Aberto, uma iniciativa que fortalece a democracia ao promover um governo transparente e responsável entre os membros do grupo (KLIMAN; FONTAINE, 2012, p. 19, tradução nossa)¹⁹⁰.

¹⁸⁸ Brasília’s entry into nuclear negotiations with Iran was not a harbinger of its approach to future nuclear issues. To the contrary, many Brazilians today view this episode as a major foreign policy blunder.

¹⁸⁹ under Luiz Inácio Lula da Silva’s presidency, Brazil opposed robust UNSC measures against human rights violators and offered political support to unsavory regimes.

¹⁹⁰ Lula’s successor, Rousseff, has pioneered a different approach on human rights issues, in great measure due to her personal experiences as a prisoner under the military regime. In 2011, for instance, Brazil voted at the U.N. Human Rights Council for the first time to support a special rapporteur for Iran. Brazilian officials spoke out against a 2012 military takeover in Guinea Bissau. Brazil has also

Porém nos casos sírio e líbio, os dois autores ressaltaram o compromisso da diplomacia brasileira com a mediação via multilateralismo e diplomacia para resolver e mediar conflitos envolvendo os direitos humanos, afirmando que “o uso da força militar para deter as atrocidades continua sendo uma linha vermelha para Brasília, que prefere a mediação multilateral e a consulta diplomática (KLIMAN; FONTAINE, 2012, p. 19, tradução nossa) ¹⁹¹”.

6.6 *Heritage Foundation*

Na *Heritage Foundation*, embora delimitada quase tão somente pela tentativa diplomática brasileira de negociação a um acordo nuclear com o Irã, a produção discursiva sobre a atuação do Brasil no Oriente Médio se tornou a base para a definição das intenções do País na qualidade de um ator global, identificado mais como uma ameaça do que um possível parceiro e aliado dos Estados Unidos na manutenção da ordem.

Até meados de 2009 — antes do início das tratativas — os registros de investigações sobre as atividades externas do Brasil no *think tank* indicavam um gradual reconhecimento da expansão da influência do Brasil. Nestes, conquanto tenha havido recomendações para a não legitimação desse crescimento em alguns aspectos, tal qual a candidatura do Brasil ao assento permanente no CSONU (GARDINER; SCHAEFER, 2005a, b), as visões sobre a base e o modelo de atuação brasileira foram positivas, argumentando-se pela responsabilidade econômica e social doméstica e externamente, pela sua liderança em missões de paz na região (ROBERTS, 2008; ROBERTS; WASLER, 2009).

A amostra de exemplo, James Roberts, em artigo de 2008, ao caracterizar as razões para o fortalecimento das relações bilaterais Estados Unidos – Brasil, reconheceu uma nova emergência externa brasileira a qual, devido as suas características, dirigia-se ao encontro dos princípios e objetivos dos Estados Unidos:

Os laços dos EUA com o Brasil se fortalecem. Sob a liderança do presidente socialdemocrata Luiz Inácio ‘Lula’ da Silva, o Brasil continua a emergir

cofounded the Open Government Partnership, an initiative that strengthens democracy by promoting transparent and accountable government among the group’s membership.

¹⁹¹ the use of military force to halt atrocities remains a red line for Brasília, which prefers multilateral mediation and diplomatic consultation.

como uma potência regional. Do avanço das negociações comerciais internacionais à manutenção da paz no Haiti, de programas sociais e antipobreza bem-sucedidos ao desenvolvimento de biocombustíveis, os EUA e o Brasil têm muitos interesses em comum. As relações entre Brasília e Washington são um importante e indicativo teste da capacidade dos Estados Unidos de construir uma agenda hemisférica positiva. Washington deve continuar buscando oportunidades de engajar o Brasil (ROBERTS, 2008, não paginado, tradução nossa)¹⁹².

Mesmo em janeiro de 2009, apenas alguns meses antes do início das negociações, Roberts em coprodução com Ray Wasler — este último importante articulista que em 2010 dominou a produção e as críticas da *Heritage* em relação a atuação externa do Brasil — também realizaram uma descrição positiva da política externa brasileira. Na posição de um “regional powerhouse”, o Brasil por suas atitudes, a saber a sua liderança na MINUSTAH, foi compreendido como um competente líder internacional, tornando-se um importante aliado dos Estados Unidos:

Seguir em frente com o Brasil: Obama tem a oportunidade de forjar uma aliança mais ampla com o Brasil; o fortalecimento dos laços comerciais seria um bom lugar por onde começar. Sob o Presidente Luiz Inácio ‘Lula’ da Silva, o Brasil emergiu como uma potência regional, liderando com competência os esforços internacionais de manutenção da paz no Haiti e atuando como um ‘adulto’ (ROBERTS; WASLER, 2009, p.2, tradução nossa)¹⁹³.

No entanto, em 2010, as noções que informaram a definição da atuação externa do Brasil se alteraram substancialmente a partir dos significados dados pelos articulistas ao diálogo do Brasil com o Irã e seus desdobramentos no caso do programa nuclear iraniano. Para se ter uma percepção da importância que o *think tank* deu ao tema, no ano acima apontado, todos os sete artigos identificados — seis de Wasler e um de Philipps — trataram exclusivamente do assunto, tornando-se assim, a única pauta da *Heritage* em relação a atuação externa do Brasil (WASLER2010a, b, c, d, e, f; PHILLIPS, 2010).

A base para discutir a questão, o reconhecimento de uma crescente influência externa brasileira não foi alterado durante 2010. Por exemplo, Wasler, em artigos distintos expressou essa visão afirmando que: “[...] o presidente do Brasil, Lula da

¹⁹² U.S. ties with Brazil grow stronger. Under the leadership of social democratic President Luiz Inácio ‘Lula’ da Silva, Brazil continues to emerge as a regional powerhouse. From advancing international trade negotiations to peacekeeping in Haiti, from successful social and antipoverity programs to the development of bio-fuels, the U.S. and Brazil have many shared interests. Relations between Brasília and Washington are an important litmus test for the United States' ability to construct a positive hemispheric agenda. Washington should continue to seek opportunities to engage Brazil.

¹⁹³ Move Ahead with Brazil: Obama has an opportunity to forge a more extensive alliance with Brazil; strengthening trade ties would be a good place to start. Under President Luiz Inácio ‘Lula’ da Silva, Brazil has emerged as a regional powerhouse, competently leading international peacekeeping efforts in Haiti and acting as a ‘grown-up’.

Silva, [...] preside um Brasil que está crescendo em confiança, poder econômico e [...] global (WASLER, 2010d, não paginado, tradução nossa)¹⁹⁴” ou na declaração “com um assento temporário no Conselho de Segurança da ONU e considerável influência sobre os Estados não ocidentais, o Brasil é um ator internacional extremamente importante (WASLER, 2010e, p.1, tradução nossa)¹⁹⁵”.

O que mudou nas análises dos articulistas foi a percepção do perfil que o Brasil intencionava exercer na ordem global. Em seu conjunto as produções apresentaram contundentes críticas ao posicionamento brasileiro, marcadas pela percepção de irresponsabilidade brasileira com a segurança internacional e estadunidense; falta de compromisso com os valores democráticos e direitos humanos — como já identificamos em capítulos anteriores, uma das bandeiras do *think tank* e; pela posição antiamericana frente a ordem internacional (WASLER, 2010a, b, c, d, e, f, 2012a; PHILIPHS, 2010, 2012).

O principal articulista, Wasler, até reconheceu a justificativa dada pelo Ministro das Relações Exteriores Celso Amorim (2015) para a entrada do Brasil nas negociações ao afirmar em um artigo publicado no *Daily Signal* em 10 de junho que “o governo Obama não contribuiu para sua própria causa em relação ao Irã ao enviar uma carta ambígua ao presidente Lula, que deu a impressão de encorajar o Brasil a prosseguir com o acordo de troca nuclear de maio (WASLER, 2010f, p. 1, tradução nossa) ”¹⁹⁶.

No entanto, já em seguida ponderou que “por outro lado, uma carta presidencial não desculpa a dúbia afinidade de um Brasil democrático com o Irã (WASLER, 2010f, p. 1, tradução nossa)¹⁹⁷”. Como veremos a seguir, para Wasler a ambígua carta de Obama não justificou nenhum dos posicionamentos e atitudes do Brasil em relação ao caso.

Um dos argumentos construídos e enfatizado por Wasler ao longo de sua produção de 2010 e utilizada para desqualificar as ações do Brasil no caso, foi a ideia de intromissão do Brasil em assuntos cujos quais não faziam parte dos interesses nacionais brasileiros. Nesse sentido, Wasler chegou até a recomendar ao presidente dos Estados

¹⁹⁴ [...] Brazil’s President Lula da Silva [...] he presides over a Brazil that is rising in confidence, economic power, and global [...].

¹⁹⁵ with a temporary seat on the U.N. Security Council and considerable influence among nonWestern states, Brazil is an extremely important international player.

¹⁹⁶ The Obama Administration did not help its cause on Iran by sending an ambiguous letter to Brazil’s President Lula da Silva that gave an appearance of encouraging Brazil to proceed with the May nuclear swap deal.

¹⁹⁷ on the other hand a Presidential letter does not excuse democratic Brazil’s dubious affinity inity for Iran [...].

Unidos deixar claro essa interferência ao propor a Obama “ajudar o cético presidente brasileiro a reconhecer que um Irã com armas nucleares não é do interesse do Brasil é extremamente importante (WASLER, 2010e, p.1, tradução nossa)¹⁹⁸”.

Nesse enquadramento Wasler também lançou outro argumento no qual afirmou ser desnecessária as negociações do Brasil. Por exemplo, em um artigo de março Wasler declarou todos os esforços até aquele mês, desde a posição brasileira de defesa do direito do Irã a um programa nuclear pacífico, o diálogo e a promoção do encontro do presidente Lula com Ahmadinejad no Brasil em novembro de 2009 e a promessa de visita oficial do presidente do Brasil ao Irã para 2010, ser em dispensáveis, pois “até agora a posição brasileira quanto ao Irã não tem sido útil (WASLER, 2010d, não paginado, tradução nossa)¹⁹⁹”. Os acontecimentos subsequentes, a Declaração de Teerã em maio e no mesmo mês a recusa do Brasil a assinar novas sanções ao Irã via CSONU, também foram alvos dessa crítica (WASLER, 2010b, c, f).

Aumentando o nível das críticas, segundo o ex-embaixador, o Brasil estaria até adiando a resolução do problema, já que para ele o Brasil foi “usado” pelo Irã. Para Wasler, o Brasil, além de se envolver em questões aquém de seus interesses, não ser útil e até mesmo considerado dispensável, tornou-se um instrumento do próprio Irã para este ganhar mais tempo no desenvolvimento de seu potencial nuclear militar (WASLER, 2010b, d, e):

Apesar dessa camuflagem diplomática, o objetivo central do Irã continua sendo evitar ou enfraquecer possíveis sanções da ONU e semear confusão entre os atores internacionais com uma diplomacia de gestos e blefes. O objetivo é comprar mais tempo às custas dos EUA e do Ocidente para desenvolver uma arma nuclear (WASLER, 2010b, não paginado, tradução nossa)²⁰⁰.

Aproveitando oportunidades o ex-funcionário do Departamento de Estado realizou críticas duras a diplomacia presidencial. Para ele definida como ingênua: “analistas em Washington ainda estão tentando descobrir o que está impulsionando a política externa brasileira. Ingenuidade, narcisismo ou fome de poder e influência? Não

¹⁹⁸ Helping the skeptical Brazilian president recognize that a nuclear-armed Iran is not in Brazil’s interest is extremely important.

¹⁹⁹ thus far the Brazilian stance on Iran has not been helpful.

²⁰⁰ Despite this diplomatic camouflage, Iran’s central objective remains avoiding or watering down possible UN sanctions and sowing confusion among international players with a diplomacy of gestures and bluffs. It aims to buy more time at the expense of the U.S. and the West to develop a nuclear weapon.

há dúvida de que o Brasil está emprestando sua credibilidade à desonesta diplomacia do Irã (WASLER, 2010f, não paginado, tradução nossa)²⁰¹”.

Wasler então ponderou para uma deslegitimação de uma possível liderança internacional brasileira. Para o articulista, o Brasil, devido ao que definiu ser uma inquietação quase irracional do País em ser um ator mais influente globalmente, não assumiu as devidas responsabilidades exigidas desta posição na ordem global. Recomendou a Hillary avisar o Brasil sobre tal fato:

O Secretário terá que fazer uma forte defesa de seu argumento para convencer o presidente Lula da Silva a ser cauteloso com a crescente conexão Irã-Brasil, que pode produzir laços financeiros e cooperação para desenvolver o potencial nuclear do Irã. A mensagem do Secretário é: ‘com influência vem a responsabilidade’ (WASLER, 2010d, não paginado, tradução nossa)²⁰².

Nesse cenário, Wasler também lançou dúvida em relação ao papel internacional do Brasil em afirmações tal qual “muitos em Washington estão reavaliando sua opinião sobre o popular presidente do Brasil e seu compromisso com uma liderança global responsável (WASLER, 2010b, não paginado, tradução nossa)²⁰³”. Alongando-se em seus argumentos, para apontar a falta de compromisso do Brasil com a ordem global o articulista apelou para referências morais. Wasler associou o diálogo do Brasil com o Irã a uma convivência brasileira a violação de direitos humanos e a democracia — valores estes muito caros ao *think tank*. Assim lançou frases do tipo: “a adesão de Lula aos ditadores teocráticos do Irã é um duro tapa na cara da diversa e vibrante democracia brasileira e uma afronta àqueles que acreditam na proteção dos direitos humanos (WASLER, 2010b, não paginado, tradução nossa)²⁰⁴”.

Wasler — que em 2009 recomendou o maior engajamento dos Estados Unidos com o Brasil devido a proximidade de interesses — após o voto brasileiro contrário a novas sanções no CSONU em maio, apresentou a percepção de uma atuação global brasileira contrária aos interesses dos Estados Unidos afirmando que “a decisão do Brasil, junto com a Turquia, de votar contra novas sanções ao Irã certamente não era o

²⁰¹ Analysts in Washington are still trying to figure out what is driving Brazilian foreign policy. Naïveté, narcissism, or a hunger for power and influence? There is little doubt that Brazil is lending its good name to Iran’s devious diplomacy.

²⁰² The Secretary will have to make a strong pitch to convince President Lula da Silva to be wary of the budding Iran-Brazil connection which might produce sanctions-evading financial ties and cooperation to develop Iran’s nuclear potential. The Secretary’s message is: “with influence comes responsibility”.

²⁰³ Many in Washington are reassessing their opinion of Brazil’s popular president and his commitment to responsible global leadership.

²⁰⁴ Lula’s embrace of Iran’s theocratic dictators is a hard slap in the face of Brazilian diverse and vibrant democracy and an affront to those who believe in the protection of human rights.

tipo de liderança que a Casa Branca imaginou para o Brasil (WASLER, 2010f, não paginado, tradução nossa) ²⁰⁵”. Assim, interpretado como um afastamento das potências Ocidentais e aproximação a países não confiáveis, o posicionamento brasileiro foi definido como preocupante: “que nosso poderoso vizinho do Sul poderia ter se absterido e preservar uma distância neutra entre Washington e Teerã e optou por virar as costas para os EUA, a Europa e o resto e o ficar ao lado do Irã é preocupante (WASLER, 2010f, não paginado, tradução nossa) ²⁰⁶”.

Elevando o tom das críticas, Wasler definiu as ações do Brasil como perigosas e uma afronta aos interesses da comunidade internacional e em especial dos Estados Unidos. Para o ex-diplomata “a visita de Lula e sua ‘diplomacia’ nuclear são prejudiciais ao interesse dos EUA e à segurança global (WASLER, 2010b, não paginado, tradução nossa) ²⁰⁷”. Para o ex-diplomata os Estados Unidos deveriam deixar claro ao Brasil essa perspectiva: “a administração de Obama deve passar esta mensagem em termos inequívocos (WASLER, 2010b, não paginado, tradução nossa) ²⁰⁸”.

Philipps foi ao encontro da afirmação acima, reproduzindo a definição do Brasil como contra os interesses estadunidenses. Citou inclusive o mesmo exemplo do colega de *think tank*:

Embora o governo Obama tenha proclamado ontem que finalmente conseguiu o consentimento de Pequim e Moscou para outra rodada de sanções, esse consenso pode se dissipar, especialmente agora que a Turquia e o Brasil, dois membros atuais do Conselho de Segurança, fazem *lobby* contra outras sanções (PHILLIPS, 2010, não paginado, tradução nossa)²⁰⁹.

No entanto, Philipps foi ainda mais ríspido em suas argumentações. Para o articulista o Brasil tinha claras intenções de “minar” a liderança global estadunidense. Justificou essa perspectiva inclusive pelo caráter da própria diplomacia brasileira, possuidora intrínseca do ímpeto antiamericanista:

²⁰⁵ Brazil’s decision, along with Turkey, to vote against new sanctions on Iran was certainly not the type of leadership the White House envisioned from Brazil.

²⁰⁶ that our powerful southern neighbor could have abstained to preserve a neutral distance between Washington and Tehran chose instead to thumb its nose at the U.S., Europe and the rest and side with Iran is troubling.

²⁰⁷ the Lula visit and his nuclear ‘mediation’ are harmful to U.S. interest and global security.

²⁰⁸ The Obama Administration should let this be known in no uncertain terms.

²⁰⁹ Although the Obama Administration yesterday proclaimed that it finally had secured Beijing’s and Moscow’s consent for another round of sanctions, that tentative consensus may evaporate, especially now that Turkey and Brazil, two current members of the Security Council, are lobbying against any further sanctions.

Infelizmente, o governo Obama tem sido manobrado pelo Irã e deu um tiro no próprio pé. Ao alardear os supostos benefícios do engajamento diplomático e ignorar os prazos estabelecidos por si mesmo para o Irã comprometer-se de verdade, abriu-se a porta para Teerã envolver os líderes da Turquia e do Brasil, que compartilham um interesse comum com o Irã em minar a liderança americana (PHILLIPS, 2010, não paginado, tradução nossa)²¹⁰.

Por fim, a interpretação sobre a postura do Brasil frente a questão iraniana serviu de exemplo para justificar a posição de não reconhecimento da candidatura do Brasil ao CSONU. Se até 2009 os argumentos se basearam na incerteza sobre as posições do Brasil frente aos problemas internacionais (GARDINER; SCHAEFER, 2005a, b), a partir de 2010 o envolvimento do Brasil com o Irã lhes serviu de exemplo prático para reafirmar a defesa do não reconhecimento. Para Wasler se tornou o fator chave. Perante a atitude do Brasil na votação de sanções, o País demonstrou pouca responsabilidade para a manutenção da paz global, portanto, recomendou aos Estados Unidos ter bastante clara essa perspectiva:

Seria o mais prudente, no entanto, para o povo americano recordar o dia 9 de junho e o voto do Brasil sobre sanções nucleares ao Irã quando esse ‘crescente centro de influência’ apresentar seu caso para se tornar um membro permanente do Conselho de Segurança da ONU com a enorme responsabilidade de proteger a paz mundial (WASLER, 2010f, não paginado, tradução nossa)²¹¹.

No entanto observamos que essas críticas muito enfáticas durante o ano de 2010, passaram a diminuir nos anos subsequentes, havendo espaço até mesmo, para o incentivo ao estabelecimento de diálogo e parceria estratégica entre Estados Unidos e Brasil em diversas áreas, incluindo segurança (WASLER 2012a, b, c). No ano de 2011 não identificamos nenhuma produção a respeito da atuação global do Brasil no *Heritage*, mas em 2012, foi bastante perceptível a diferença na intensidade das críticas.

O próprio Wasler, como observamos crítico severo das atitudes brasileiras, passou a construir um discurso de maior aproximação e diálogo com o Brasil, inexistente na produção de 2010. Em suas recomendações ao presidente Obama, Wasler destacou que no encontro com Rousseff, Obama deveria deixar claro o reconhecimento

²¹⁰ The Obama Administration unfortunately has been outmaneuvered by Iran and hoisted on its own petard. By trumpeting the supposed benefits of diplomatic engagement and ignoring its own deadlines for Iran to meaningfully engage, it le the door open for Tehran to engage the leaders of Turkey and Brazil, who share a common interest with Iran in undermining American leadership.

²¹¹ It will be prudent, however, for the American people to recall June 9 and Brazil’s vote on Iran nuclear sanctions when this “rising center of influence” presents its case to become a permanent member of the UN Security Council with the highest responsibility for protecting world Peace.

dos Estados Unidos a respeito da influência crescente global brasileira, bem como avançar o diálogo em cooperação diplomática e de segurança, “durante a visita de Rousseff, o presidente Obama deveria destacar a crescente importância do Brasil como potência internacional, promover as iniciativas existentes e traçar um roteiro para uma crucial cooperação diplomática e de segurança (WASLER, 2012a, p.1, tradução nossa)²¹²”.

Em um contexto de apresentação de maior quantidade de elementos em suas argumentações, Wasler apontou pela primeira vez um interesse do Brasil no Irã fez parte da própria expansão do potencial e interesse do Brasil, não somente relacionado a diplomacia presidencial, como apontado em 2010 (WASLER, 2010f), mas envolto também por questões comerciais e culturais:

A ascensão do Brasil despertou interesse no Oriente Médio. Com 10 milhões de cidadãos de ascendência do Oriente Médio, o Brasil aumentou seu envolvimento na região turbulenta. Reconheceu o estado palestino. Suas relações com o Irã seguem principalmente uma trilha comercial - o Brasil é o parceiro comercial mais importante do Irã nas Américas. O Brasil mostrou-se disposto a considerar o Irã uma nação em desenvolvimento, vitimizada, com direito legítimo a um programa nuclear, lutando para se libertar das pressões injustas dos EUA e da Europa Ocidental (WASLER, 2012a, p.1, tradução nossa)²¹³.

Embora reconhecidos aspectos mais complexos da presença brasileira na região, no final do mesmo artigo acima citado, Wasler reafirmou a sua visão a respeito do assunto:

Irã. Dezenas de iniciativas de *soft power* não vão neutralizar os danos causados aos interesses nacionais dos EUA e à segurança internacional se o Irã adquirir uma arma nuclear [...]. As relações entre os EUA e o Brasil são amplas e aprofundadas. O nível de conforto dos EUA com a ascensão do Brasil melhorará significativamente se os estadunidenses estiverem confiantes de que nossas duas nações estão unidas nas questões prementes da atualidade, como o avanço da democracia liberal nas Américas, o reconhecimento da universalidade dos direitos humanos e a prevenção de um

²¹² during the Rousseff visit, President Obama should highlight the growing importance of Brazil as an international power, advance existing initiatives, and outline a roadmap for critical diplomatic and security cooperation.

²¹³ Brazil’s rise has awakened interest in the Middle East. With 10 million citizens of Middle Eastern descent, Brazil has increased its involvement in the turbulent region. It has recognized Palestinian statehood. Its relations with Iran primarily follow a commercial track—Brazil is Iran’s most important trading partner in the Americas. Brazil has shown a willingness to consider Iran a developing, victimized nation with a legitimate right to a nuclear program, fighting to free itself from unfair U.S. and Western European pressures.

holocausto nuclear no Oriente Médio (WASLER, 2012a, p.2, tradução nossa)²¹⁴.

6.7 Considerações finais

As representações do Brasil na questão nuclear iraniana e nos posicionamentos do País em relação a Líbia, Síria e ao Irã no CSONU — assuntos estes destaques em relação a atuação do Brasil no Oriente Médio — nos apontaram para uma visão majoritariamente contrária a aceitação de uma multipolaridade na questão de segurança internacional. Com exceção do *CFR*, todos os *think tanks* (liberais e conservador) defenderam visões em que iniciativas alternativas daquelas formadas pelo organismo tradicional (Declaração de Teerã) e/ou posições contrárias as suas decisões foram definidas como forças desafiadoras. Mostrando-se pouco receptivos a inserção ou engajamento de “novos atores”, mesmo os *think tanks* liberais se posicionaram majoritariamente para contenção dos emergentes (no caso o Brasil) na ordem internacional no que se refere a segurança internacional.

A *Brookings* produziu duas visões sobre a atuação do Brasil no Oriente Médio. Opostas entre si, estas também apontaram para diferentes interpretações do enquadramento do Brasil a ordem global liberal bem como na forma com que os Estados Unidos deveriam lidar com as transformações na distribuição do poder global do século XXI.

Para um grupo de articulistas, o Brasil foi definido como um ator global, considerado um País previsível em suas ações externas e alinhado aos valores liberais de democracia, livre mercado. Com capacidade e disposição para assumir compromissos internacionais, as ações mais autônomas do Brasil em relação a questão nuclear iraniana e as consequentes discordâncias com os Estados Unidos foram definidas como relações normais entre países no sistema internacional e o Brasil não deveria ser interpretado como uma ameaça ou um País antagônico a manutenção da ordem global liberal. Sugerindo maior coordenação das ações internacionais entre os dois países, os articulistas recomendaram aos Estados Unidos o desenvolvimento de canais de diálogo mais próximos com o Brasil para diminuição dos desacordos.

²¹⁴ Iran. Dozens of soft power initiatives will not counteract harm done to U.S. national interests and international security if Iran acquires a nuclear weapon [...]. U.S.–Brazil relations are broad and deepening. The level of U.S. comfort with Brazil’s rise will significantly improve if Americans are confident that our two nations stand together on the vital issues of the day, such as advancing liberal democracy in the Americas, recognizing the universality of human rights, and preventing a nuclear holocaust in the Middle East.

Nesse contexto identificamos na *Brookings* uma representação do Brasil a qual esteve associada a aceitação de uma ordem multipolar, onde emergentes (no caso o Brasil) foram considerados atores globais alinhados aos valores liberais. Com capacidades de assumir parte dos custos da manutenção da ordem, os Estados Unidos deveriam manter e desenvolver canais formais de diálogo com esses novos atores para ações internacionais mais coordenadas e alinhadas.

Para outro grupo de articulistas, as posições/ações do Brasil perante os casos sírio e líbio foram importantes exemplos da ausência do compromisso do Brasil com a manutenção e promoção dos valores fundamentais de democracia e direitos humanos. Pela sua atuação nesses dois casos o Brasil também não trabalhava para o desenvolvimento da segurança e paz internacional. Além do mais, o Brasil demonstrava grande relutância em assumir os custos econômicos e militares que a ordem global exigiria de um *global player*. Assim, apesar do Brasil não ser definido em termos de ameaça foi delimitado como um ator com baixo potencial de ser um parceiro/aliado estadunidense.

Neste enquadramento, a *Brookings* sugeriu a contenção do Brasil na ordem, a qual ficou explícito, por exemplo, na recomendação para os Estados Unidos não reconhecer a candidatura do Brasil a um assento permanente no CSONU. Nesta perspectiva, portanto, observamos a defesa da unipolaridade e manutenção da ordem global como estabelecida em 1945, onde os países emergentes não seriam incorporados aos principais processos decisórios.

O *Council on Foreign Relations* defendeu uma visão bastante positiva sobre a atuação do Brasil no Oriente Médio. A intensificação das atividades comerciais, políticas e culturais do País na região estaria tornando o Brasil um *global player*. Esta inserção internacional foi caracterizada como alinhada aos princípios da ordem liberal e o polêmico envolvimento do Brasil na questão nuclear iraniana foi a temática central a qual definiu o enquadramento do Brasil na ordem.

Para o *think tank*, o Brasil não era uma força desafiadora e antiamericana, pois o seu objetivo na mediação do acordo era o fortalecimento da eficiência e legitimidade da segurança internacional. Portanto, o Brasil estava buscando a manutenção da ordem liberal. Apesar do *CFR* não ter sido claro em definir o Brasil como um parceiro fundamental na mediação do acordo, e, portanto, um parceiro na divisão dos custos da manutenção da segurança internacional, o *think tank* destacou o potencial do País para tal. Para o *think tank*, o Brasil poderia desenvolver um papel relevante no caso por ser

um ator fortemente comprometido com os princípios e manutenção da ordem liberal, somado ao fato de já ter um canal de diálogo construído com o Irã.

Nesse contexto, as representações do *CFR* em relação ao Brasil estiveram associadas ao reconhecimento de uma ordem multipolar, onde países emergentes (no caso o Brasil) pretendiam ser acomodados a ordem e também poderiam ser potenciais parceiros para divisão dos custos da sua manutenção.

Já o *Wilson Center* — o qual se referiu a atuação do Brasil no Oriente Médio unicamente pela mediação do acordo com o Irã—, descreveu as ações do Brasil como bem-intencionadas, já que visavam a manutenção da ordem liberal e estavam alinhadas aos interesses internacionais estadunidenses (não proliferação nuclear). Contudo, em razão de terem sido diplomaticamente muito malconduzidas, fracassaram e provocaram um grande desgaste nas relações bilaterais Estados Unidos-Brasil.

Mas o fato não abalou a sua visão do Brasil como um importante parceiro para manutenção da ordem. Mostrando-se associada a aceitação de uma ordem multipolar e de busca de parceiros para divisão dos custos da manutenção, com a posse de Dilma Rousseff e a articulação de novas rodadas de negociações entre a comunidade internacional e o Irã, o *Wilson Center* defendeu/recomendou a inserção do Brasil como um dos negociadores.

Como o *Wilson Center*, a *Carnegie* também delimitou sua visão sobre a atuação do Brasil no Oriente Médio através do que considerou ser as intenções e ações do Brasil no caso nuclear iraniano. Fundamentais à compreensão do nível do compromisso do Brasil ao regime de não proliferação nuclear, para a *Carnegie* o Brasil desenvolveu dois conjuntos de ações bastante distintas, uma durante a gestão do presidente Lula da Silva e outra, durante a gestão de Rousseff, o que levou a construção de dois diferentes enquadramentos do Brasil na ordem internacional.

No primeiro desses momentos, o Brasil foi descrito como um ator pouco acomodado a ordem de não-proliferação nuclear e mostrava ser uma força desafiadora, pois o Brasil não concordava com a condução do CSONU sobre a questão nuclear do Irã, especialmente em relação a eficácia das sanções e do uso da força. É interessante observar que a *Carnegie* procurou destacar que esse perfil da política externa brasileira não era homogêneo no próprio País e que foram conduzidas mais pelas ambições do presidente Lula e de seu chanceler Celso Amorim. Mas no governo Dilma, para a *Carnegie* houve uma correção de rumos e grande alteração na condução da política

externa do Brasil em relação a questão, então mais comprometida e acomodada a ordem ao votar já em 2011, a favor de novas sanções ao Irã no CSONU.

Assim, para a *Carnegie* a atuação dos “novos atores” é reconhecida como benéfica a ordem global apenas quando estes se posicionam de forma bastante alinhada a condução da manutenção definida pelos organismos multilaterais tradicionais. Portanto, a aceitação da multipolaridade é restrita, moldada a formas em que os emergentes só são aceitos se incorporarem as definições dos organismos tradicionais dos quais não são integrantes permanentes dos processos decisórios finais.

O *CNAS* se posicionou de forma semelhante a *Carnegie*, contudo, suas definições foram mais diretas e críticas. Para o *think tank*, durante a gestão de Lula da Silva, o Brasil foi claramente oposto a manutenção do regime de não-proliferação e aos direitos humanos — para o *think tank*, dois pilares da ordem liberal. Contudo, no governo de Dilma Rousseff o Brasil, por votar alinhado ao CSONU na questão nuclear iraniana realinhou seu compromisso a ordem liberal.

Na conservadora *Heritage Foundation*, o envolvimento do Brasil na questão nuclear iraniana foi considerado extremamente negativo à definição do País como um *global player* responsável e comprometido com a manutenção da ordem internacional. Para o *think tank*, além de ser usado pelo Irã, o Brasil foi descrito como antiamericano, dispensável e altamente contrário aos interesses internacionais estadunidenses. Nesse contexto, a *Heritage* explicitamente recomendou a sua contenção na ordem.

7 O BRASIL E OS FÓRUNS MULTILATERAIS INTERNACIONAIS BRICS E IBAS: IMPLICAÇÕES À ORDEM GLOBAL

Além da projeção política e econômica sobre a América Latina, África e Oriente Médio, a diplomacia brasileira a partir de 2003 se caracterizou pela construção — associadamente com outros países em desenvolvimento — de novos grupos e/ou fóruns multilaterais internacionais. A fim de gerar maior autonomia para o Brasil em relação as decisões dos países desenvolvidos nos principais organismos multilaterais tradicionais, o País atuou em bloco nesses organismos principalmente com Índia, China, África do Sul e em menor medida com Rússia através do IBAS, BRICS e BASIC (CERVO, 2010; PECEQUILO, 2008; SOARES DE LIMA, 2005; REIS, ANDRIOTTI, 2012; REIS, 2015).

Assim, o objetivo deste último capítulo é apresentar a produção dos *think tanks* sobre a atuação global do Brasil por meio desses novos fóruns, em específico o BRICS e o IBAS, já que o BASIC, grupo criado por Brasil, África do Sul, Índia e China em 2009 para atuar na Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas não teve produção significativa em nenhum dos *think tanks* selecionados.

Devido a menor quantidade de produção em relação as temáticas já apresentadas, ao contrário dos capítulos anteriores, a exposição da análise se organizou por fórum e não por *think tank*. Primeiramente apresentamos o BRICS, fórum multilateral alternativo mais analisado pelos institutos e em segundo o IBAS, visto por todos como um grupo mais homogêneo e alinhado aos valores Ocidentais liberais.

7.1 O Brasil e o grupo BRICS

Considerado pelos institutos como uma referência para a identificação das potencialidades de um conjunto de países à redistribuição de poder na ordem global, o BRICS foi o fórum multilateral alternativo em que o Brasil esteve inserido mais analisado pelos *think tanks*. Embora os primeiros encontros da coalizão tenham acontecido em setembro de 2006 e 2007, com reuniões informais dos Ministros das Relações Exteriores do Brasil, Rússia, Índia e China, evoluindo para ações mais coordenadas a partir de 2008 e em 2009, com o início das reuniões de Cúpula (STUNKEL, 2017), foi só a partir de 2010, em meio a crise financeira internacional,

que os *think tanks* passaram a produzir análises sobre o BRICS. Mostrando-se assim, que a importância do grupo para os institutos foi uma questão de interesse, não necessariamente cumprindo a ordem cronológica dos acontecimentos.

De modo geral, identificamos que as investigações dos *think tanks* a respeito da atuação internacional do Brasil através do BRICS se desenvolveram por duas perspectivas. Uma primeira, mais ampla, quando os *think tanks* não especificando os países apresentaram análises sobre a capacidade do grupo como uma coalizão no ordenamento internacional. E outra — destaque para a nossa pesquisa — pela investigação das intenções internacionais do Brasil através grupo, identificando a capacidade e o compromisso do País como um ator emergente nos processos decisórios internacionais e comparando o potencial do Brasil como aliado dos Estados Unidos em relação aos outros membros do BRICS.

Na primeira perspectiva, os *think tanks* desenvolveram três grandes agendas sobre a temática. Nos anos iniciais, as investigações se voltaram principalmente a identificar o que o surgimento desse grupo de países, definidos como emergentes, significou para a ordem internacional liberal.

O segundo momento se deu a partir de 2013, com o anúncio da criação do Banco de Desenvolvimento do BRICS. Dominando as análises sobre o grupo entre 2013 e 2014, as preocupações dos *think tanks* se destinaram a identificar quais seriam os impactos dessa nova instituição financeira para a ordem, como por exemplo, concorrência ou complementação aos organismos tradicionais como OMC, FMI e Banco Mundial. Notamos que nessas análises, os autores não fizeram uma distinção clara entre o Banco de Desenvolvimento e o Arranjo Contingente de Reservas, anunciados juntos pelo BRICS. Já no final dos anos abarcados pela pesquisa, numa conjuntura de crise ou de desaceleração econômica dos países emergentes, os *think tanks* se questionaram sobre a validade do grupo e a força da multipolaridade no ordenamento internacional.

Observamos a convergência sobre a origem do BRICS em todos os *think tanks* que trataram do assunto, definida pela ausência de espaço para representação política nos processos decisórios dos principais organismos multilaterais para países que emergiram economicamente a partir dos primeiros anos do século XXI. Patrick do CFR resumiu a fala de todos os articulistas quando afirmou que “eles [os membros do BRICS] tinham pelo menos duas coisas em comum: seu *status* como potência

econômica emergente e seu ressentimento de uma economia global que viam como a favor do Ocidente (PATRICK, 2012, não paginado, tradução nossa)²¹⁵”.

No entanto, para além dessa perspectiva, os *think tanks* não apresentaram consenso sobre o significado e importância desse fórum multilateral à ordem global. Partindo de questionamentos sobre a afirmação do BRICS como uma entidade política, econômica e geopolítica, os institutos inquiriram se o grupo visava estabelecer um sistema paralelo, com seus próprios princípios e regras ou integrar-se as regras e normas da ordem internacional liberal vigente. O mesmo se processou em relação ao seu Banco de Desenvolvimento, quando interpelaram se o referido Banco seria uma expressão de concorrência ao sistema financeiro já estabelecido, com moeda concorrente, ou, um sistema complementar o qual adotaria as regras e visões dos organismos já estabelecidos a fim de se integrar ao sistema.

Para a maioria dos *think tanks* que analisaram o BRICS, nomeadamente os liberais *Brookings Institution*, *Council on Foreign Relations* e a conservadora *Heritage Foundation*, as argumentações foram majoritariamente críticas. Argumentando-se pela falta de coesão entre os membros; pela ausência de transparência sobre princípios e valores em comum; um grupo com força mais simbólica do que real, os institutos identificavam um futuro limitado do BRICS na ordem global. Já a liberal *Carnegie* e o conservador *American Enterprise Institute* defenderam uma visão mais positiva.

Se dedicando principalmente a análises do Banco de Desenvolvimento, os articulistas da *Brookings Institution* defenderam a perspectiva que a criação desta instituição muito mais do que solucionar os problemas de financiamento internacional, fragmentaria e enfraqueceria o sistema financeiro sugerindo que o BRICS e os Estados Unidos se dedicassem a reforma das instituições existentes e não a criação de novas instituições:

O G20 deveria rever as tendências, pontos fortes e fracos dos Bancos Multilaterais de Desenvolvimento nas últimas décadas e esforçar-se para criar novos mandatos, estruturas de governança e financiamento que os façam servir como pilares efetivos do sistema institucional global no século XXI. Se feito corretamente, isso também significaria o fim da necessidade de novas instituições, como o banco de desenvolvimento dos BRICS atualmente sendo criado pelo Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Seria muito melhor consertar as instituições existentes do que criar novas que, na maioria

²¹⁵ they [the members of BRICS] had at least two things in common: their status as emerging economic powerhouses and their resentment of a global economy they saw stacked in favor of the West.

das vezes, contribuem para a já esmagadora fragmentação do sistema institucional global (LINN, 2013, não paginado, tradução nossa)²¹⁶.

Através do BRICS, os autores da *Brookings* também procuraram identificar quais seriam as intenções do Brasil na ordem global. Para os dois principais articulistas dedicados a estudar o assunto, Harold Trinkunas e Ted Piccone, o grupo foi uma das principais estratégias utilizadas pelo Brasil para alcançar seu objetivo de exercer influência nos processos decisórios internacionais, um meio para se tornar um líder Sul Global. No entanto, esse contrabalanço brasileiro, excluiu os Estados Unidos (TRINKUNAS, 2015a; PICCONE, 2015).

Como colocou Trinkunas, no artigo *Brazil's Global Ambitions* (2015) ao identificar que:

As cúpulas dos BRICS são um [...] exemplo de novas iniciativas que excluem as principais potências tradicionais e oferecem oportunidades para criar instituições alternativas de governança global [...]. O Brasil compartilha com seus novos parceiros internacionais um interesse em defender sua soberania e autonomia de ação, bem como em abrir espaço para sua participação na 'modelagem de regras' global (TRINKUNAS, 2015a, não paginado, tradução nossa)²¹⁷.

Embora Trinkunas não tenha sido claro sobre o significado dessa exclusão, apontou como deficiente a estratégia brasileira, pois este multilateralismo brasileiro não estava acompanhado de uma ampliação de suas responsabilidades internacionais em financiar economicamente e militarmente a estabilidade internacional, um custo de grandes potências:

O Brasil sempre privilegiou o uso da diplomacia sobre todas as outras capacidades do Estado, mas sua relutância em assumir os custos econômicos e militares de contribuir com a ordem global o impede de participar efetivamente. Além disso, seu desejo de minimizar o papel do poder militar na resolução de grandes conflitos, como os do Iraque, da Líbia e da Síria, às vezes leva a propor soluções que são descartadas como irrealistas pelas

²¹⁶ The G20 should review the trends, strengths and weaknesses of MDBs in recent decades and endeavour to create new mandates, governance and financing structures that make them serve as effective pillars of the global institutional system in the 21st century. If done correctly, this would also mean no more need for new institutions, such as the BRICS development bank currently being created by Brazil, Russia, India, China and South Africa. It would be far better to fix the existing institutions than to create new ones that mostly add to the already overwhelming fragmentation of the global institutional system.

²¹⁷ The BRICS summits [...] are one example of new initiatives that exclude the traditional major powers and provide opportunities to craft alternative global governance institutions [...]. Brazil shares with its new international partners an interest in defending their sovereignty and autonomy of action, as well as in opening room for their participation in global "rule shaping."

potências estabelecidas (TRINKUNAS, 2015a, não paginado, tradução nossa)²¹⁸.

No mesmo ano, Piccone, também trabalhou com a mesma ideia exposta por Trinkunas, ao afirmar que:

A corrente dominante hoje na política externa brasileira, no entanto, contraria a visão tradicional de Washington de liderar uma ordem internacional liberal em que os Estados Unidos continuam *primus inter pares*. A aspiração do Brasil de liderar o Sul Global em direção a um sistema mais multipolar, que ganhou predominância sob o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, é evidente em uma ampla gama de questões. Desde o seu alinhamento cada vez mais próximo com a Rússia e a China no grupo dos BRICS até a criação de múltiplas organizações regionais que excluem os EUA, o Brasil está traçando seu próprio caminho de autonomia estratégica, que muitas vezes é projetado para contrabalançar a liderança dos EUA no mundo (PICCONE, 2015, não paginado, tradução nossa)²¹⁹.

Piccone, avançou nas críticas. Um dos maiores especialistas da *Brookings* sobre os basilares valores ocidentais, direitos humanos e democracia, apontou a contradição do Brasil com esses valores ao permanecer indiferente a ações de parceiros do BRICS:

Embora o Brasil tenha pouco *hard power* para desafiar diretamente Washington, sua diplomacia de *soft power*, seu histórico de desenvolvimento econômico e sua retórica convincente lhe conferem alguma persuasão moral no cenário internacional em exigir um lugar melhor na mesa do poder global.]. Infelizmente, os direitos humanos ficam no fogo cruzado desse descompasso entre os valores centrais dos dois países como democracias e suas incompatíveis definições de interesse nacional. Exemplos de divergências são abundantes [...]. Também ficou do lado da Rússia em sua disputa pela Crimeia ao não se posicionar, apesar da violenta violação do direito internacional por parte de Moscou, um princípio pelo qual o Brasil preza. E pouco falou sobre os atuais abusos dos direitos humanos em países ideologicamente aliados como a Venezuela e Cuba ou parceiros econômicos como a China (PICCONE, 2015, tradução nossa)²²⁰.

²¹⁸ Brazil has consistently privileged the use of diplomacy over all other state capabilities, but its reluctance to assume economic and military costs to contribute to global order prevents it from participating effectively. Moreover, its desire to minimize the role of military power in settling major conflicts, such as those in Iraq, Libya, and Syria, sometimes leads it to propose solutions that are discarded as unrealistic by the established powers.

²¹⁹ The predominant strain today in Brazilian foreign policy, however, runs counter to Washington's traditional vision of leading a liberal international order in which the United States remains *primus inter pares*. Brazil's aspiration to lead the Global South toward a more multipolar system, that gained predominance under President Luis Inácio Lula da Silva, is evident across a wide range of issues. From its increasingly close alignment with Russia and China in the BRICS group to its drive to create multiple regional organizations that exclude the U.S., Brazil is charting its own course of strategic autonomy that is often designed to counterbalance U.S. leadership in the world.

²²⁰ While Brazil has little in the way of hard power to directly challenge Washington, its soft power diplomacy, economic development record and pro-poor rhetoric give it some moral suasion on the international stage as it demands a better seat at the global power table [...]. Unfortunately, human rights get caught in the crossfire of this mismatch between the two countries' core values as democracies and their incompatible definitions of national interest. Examples of divergence abound [...] It has also sided with Russia in its grab of Crimea by standing on the sidelines despite Moscow's gross violation of

O *Council on Foreign Relations*, *think tank* que produziu maior quantidade de documentos bem como de assuntos abordados em relação ao grupo, se a dedicou analisar essa potencialidade do BRICS no ordenamento global. Embora alguns articulistas do *CFR*, como Patrick (2012), tenham reconhecido nos seus documentos as ações iniciais dos países do BRICS — como a ajuda financeira ao FMI para superação da crise financeira internacional de 2009 — os articulistas, por volta de 2011, já estavam prescrevendo avanços limitados dessa instituição como força política e até mesmo econômica internacional.

Kurlantzick (2011) apontou para isso, a falta de uma estrutura sólida dos países membros. Com o título do artigo *Don't bet on the BRICS*, o articulista argumentou que a ausência de coesão, quantidade insignificativa de empresas globais, além de investimentos insuficientes em tecnologia e inovação, levariam a perda do poder inicial desses países já nos próximos anos:

Apesar das frequentes demonstrações de solidariedade, os BRICS e seus irmãos têm tanta unidade quanto o elenco de *The Bachelor*. Suas economias não produziram o tipo de inovação e competitividade críticas para um crescimento global de longo prazo. As nações ocidentais acumularam dívidas imprudentemente, mas as novas potências estão prestes a enfrentar seus próprios problemas econômicos - desafios que poderiam derrubá-los antes que eles pudessem concretizar suas promessas (KURLANTZICK, 2011, não paginado, tradução nossa)²²¹.

Nesse contexto, Kurlantzick (2011) afirmou que a médio prazo, esses países não teriam condições de fornecer liderança internacional, nem econômica e muito menos política, recomendando aos Estados Unidos e a Europa arrumar suas próprias “casas” para manter a ordem e os princípios internacionais liberais:

Com tanto dinheiro à disposição, a China e outras potências emergentes poderão, a curto prazo, estabilizar a confiança dos investidores nos países mais fracos da zona do euro. O que eles não conseguem fazer tão cedo é fornecer a liderança de longo prazo de que o mundo precisa. É por isso que é ainda mais importante para os EUA e a Europa colocarem suas próprias casas em ordem, reconstruindo suas infraestruturas [...]. Ao mostrar um

international law, a principle Brazil holds dear. And it has said little about the ongoing human rights abuses in ideologically allied countries like Venezuela and Cuba or economic partners like China.

²²¹ Notwithstanding their frequent shows of solidarity, the BRICs and their brethren have about as much unity as the cast of *The Bachelor*. Their economies have not produced the kind of innovation and competitiveness critical to long-term global growth. Western nations have amassed debt recklessly, but the new powers are about to confront massive economic problems of their own—challenges that could bring them down before they can realize their promise.

compromisso com a reforma, o Ocidente pode recuperar a alavancagem necessária para pressionar por medidas que possam fazer a economia mundial voltar a se movimentar, como o livre comércio, o câmbio internacional de moedas justo e os investimentos em inovação (KURLANTZICK, 2011, não paginado, tradução nossa)²²².

Já Coleman (2012), além de reafirmar o posicionamento do seu colega de *think tank* Kurlantzick, acrescentou que a própria atuação inicial do BRICS apresentava muitos problemas. Para o autor, o BRICS deveria ser visto com cautela, pois “há uma falta geral de transparência nas estatísticas de assistência externa para muitos doadores de países emergentes, sem dúvida, de certa forma, intencionalmente (COLLEMAN, 2012, tradução nossa)²²³” e a presença de investimentos estatais e empresas dos países membros em outros países representavam muito mais os interesses individuais desses países do que de um grupo:

Esse espírito de solidariedade sul-sul influencia seus programas de ajuda até hoje, pelo menos retoricamente. Eles gostam de se posicionar não como doadores, mas sim como ‘parceiros de desenvolvimento’, e aderem ao princípio da ‘não-interferência’. Como tal, evitam a condicionalidade. A maioria de sua ajuda, no entanto, está vinculada a resultados específicos de negócios - como o acesso a recursos naturais para o país doador ou contratos para empresas de países doadores. Isto levou a preocupações de que, assim como o DAC [os países membros do Comitê de Assistência ao Desenvolvimento da OCDE, ou DAC] estejam caminhando para uma maior transparência, alguns desses doadores emergentes farão vista grossa à corrupção e à má governança. O foco do apoio aos BRICS é a infraestrutura, cujos países receptores precisam extrair e exportar os recursos naturais que os países doadores desejam (COLLEMAN, 2012, não paginado, tradução nossa)²²⁴.

Nessa tentativa de entender o que significava o grupo para a ordem global, Patrick (2012) colocou que a “a maior incerteza é se há ‘cola’ suficiente juntando esses

²²² With so much cash on hand, China and other emerging powers may, in the short run, be able to stabilize investor confidence in the weaker euro zone nations. What they can’t do anytime soon is provide the long-term leadership that the world needs. That’s why it is even more important for the U.S. and Europe to get their own houses in order by rebuilding their infrastructures [...]. By showing a commitment to reform, the West can regain the leverage it needs to push for measures that can get the world economy moving again, such as free trade, fair currency trading, and investments in innovation.

²²³ there is a general lack of transparency on foreign assistance statistics for many emerging country donors, no doubt somewhat intentionally.

²²⁴ That spirit of South-South solidarity still infuses their aid programs today, at least rhetorically. They like to position themselves not as donors but rather as ‘development partners,’ and pointedly adhere to the principle of ‘noninterference.’ As such, they shy away from conditionality. The majority of their aid, however, is tied to specific business outcomes – such as access to natural resources for the donor country, or contracts for donor-country companies. This has led to concerns that, just as the DAC [those that are members of the OECD’s Development Assistance Committee, or DAC] countries are moving toward greater transparency, some of these emerging donors will turn a blind eye to corruption and bad governance. Much of the focus of BRICS development assistance is on infrastructure, which recipient countries need to be able to extract and export the natural resources that the donor countries want.

BRICS a fim de permitir que eles se tornem uma força política coesa no cenário mundial, preparados para adotar posições comuns de política externa para além de um conjunto pequeno de questões [...] (PATRICK, 2012, não paginado, tradução nossa)²²⁵. Para o autor, o BRICS como uma força geopolítica, questionamento comum do período, tinha seus limites, o que seria improvável sua concretização, pois

Seus membros se alinharão periodicamente, usando o bloco para exigir maior representação em instituições estabelecidas como o FMI ou o Banco Mundial, ou para responde ao domínio ocidental. Mas eles também evitarão o fórum quando se trata de questões que os dividem, como a expansão do Conselho de Segurança da ONU (PATRICK, 2012, não paginado, tradução nossa)²²⁶.

Sweig, a principal especialista sobre o Brasil no *CFR*, formulou a expressão mais clara do posicionamento do seu *think tank* em relação ao BRICS:

Compartilho a previsão dos céticos de que é bem provável que as reuniões produzam mais simbolismo que substância. O ditado segundo o qual o simples comparecimento de um chefe de Estado de peso já é por si só o propósito realizável não chega a demonstrar o peso político/diplomático dos BRICS (nem de qualquer outra cúpula regional, na realidade (SWEIG, 2014a, não paginado).

Este ceticismo do *CFR* em relação ao grupo, também foi identificado nas análises sobre o Banco de Desenvolvimento. As argumentações se estenderam desde a afirmação do Banco como instituição rival das organizações multilaterais tradicionais criadas pelos Estados Unidos (GAYOU, 2014), a análises voltadas a apontar a falta de clareza e transparência sobre a qualidade dos investimentos (KAHN, 2014) e de definições sobre a proteção ambiental das pretensas obras financiadas pelo Banco (SWEIG, 2014a).

No entanto, quando as análises se destinaram a explorar o Brasil no BRICS, as argumentações se transformaram. O Brasil teria, segundo os articulistas, características diferentes dos demais membros do grupo, o que possibilitava, ao contrário dos outros países, ser um potencial parceiro dos Estados Unidos em questões de segurança regional, mudanças climáticas e até mesmo no desenvolvimento de agendas nas

²²⁵ the bigger uncertainty is whether there is enough “mortar” binding these BRICS to allow them to become a cohesive political force on the world stage, prepared to adopt common foreign policy positions beyond a narrow range of issues [...].

²²⁶ Its members will align periodically, using the bloc to demand greater representation in established institutions like the IMF or World Bank, or to push back against Western dominance. But they will also steer clear of the forum when it comes to issues that divide them, such as UN Security Council expansion.

instituições multilaterais tradicionais. O'Neil em um artigo de 2010 identificou que na comunidade política de Washington o Brasil já era considerado um *emerging power* e como um dos exemplos de possibilidade de parceria O'Neil aponta para essa diferenciação entre o Brasil e o restante do BRIC:

Embora ainda não tenha recebido tanta atenção em Washington como muitos de seus parceiros BRIC - a China em particular - o Brasil é visto como uma potência emergente com a qual os Estados Unidos podem trabalhar em muitas questões: estabilidade financeira global, mudança climática, reforma de instituições multilaterais. (por exemplo: ONU, G20, OMC, FMI), segurança regional, estabilidade e desenvolvimento (O'NEIL, 2010, p.3, tradução nossa)²²⁷.

Nesse contexto de reconhecimento da elevação da importância do Brasil, O'Neil defendeu claramente em suas recomendações aos Estados Unidos, o estabelecimento de canais de diálogo entre Washington e Brasília,

A ascensão do Brasil como potência emergente econômica e global foi finalmente reconhecida pelos EUA. Para tirar proveito desse interesse, Washington precisa fortalecer a comunidade política dedicada ao Brasil para assegurar uma atenção mais completa e consistente às relações EUA-Brasil. Os EUA e o Brasil devem identificar questões e estratégias claras de interesse mútuo para iniciar o aprofundamento da parceria bilateral e do compromisso multilateral. A energia e as alterações climáticas, bem como a estabilidade financeira global, são bons pontos de partida (O'NEIL, 2010, p.1, tradução nossa)²²⁸.

Em um artigo de 2013, Campbell, ao analisar como os países do BRICS estavam atuando no continente africano, ressaltou a visão do Brasil como um País diferente dos demais, com uma atuação internacional mais responsável e com um compromisso mais amplo e complexo. Para Campbell,

O Brasil é um dos países do BRICS, juntamente com a Rússia, a Índia, a China e a África do Sul. O crescente papel do Brasil na África é ofuscado na mídia internacional pelo papel maior da China e da Índia. (assim como o papel da África do Sul.) Mas, a abordagem do Brasil para a África parece ser a mais ampla, com importantes aspectos políticos e de desenvolvimento, bem

²²⁷ While still not given as much airtime in Washington as many of its BRIC partners — China in particular — Brazil is seen as an emerging power that the United States can work with on many issues: global financial stability, climate change, reform of multilateral institutions (e.g.: the UN, G20, WTO, IMF) as well as regional security, stability and development.

²²⁸ Brazil's rise as an economic and global emerging power has finally been recognised by the US. To leverage this interest, Washington needs to strengthen the policy community dedicated to Brazil to ensure more thorough and consistent attention to US–Brazil relations. The US and Brazil should identify clear issues and strategies of mutual interest to start deepening the bilateral partnership and multilateral engagement. Energy and climate change, as well as global financial stability, are good starting points.

como econômicos. E há laços culturais importantes entre o Brasil e os estados africanos lusófonos, como Angola e Moçambique. O Brasil também tem a maior população de origem africana da diáspora. Até agora, os brasileiros parecem ter evitado os erros culturais e de outros tipos cometidos pelos chineses. A relação brasileira com a África pode ser mais profunda e duradoura do que a de seus rivais de maior destaque entre os BRICS (CAMPBELL, 2013, não paginado, tradução nossa)²²⁹.

O BRICS também foi objeto de discussões no *Wilson Center*. No instituto, o debate girou principalmente em torno da compreensão e identificação de valores, interesses, possibilidades e intenções dos países membros na ordem internacional. Para o *Wilson Center*, os BRICS ou, Brasil, Rússia, Índia, China e em menor medida a África do Sul, foram considerados países que desde o início do século XXI emergiram internacionalmente e estavam buscando maior espaço de atuação nos principais organismos internacionais. Em evento em setembro de 2012, na sua sede em Washington, DC, os convidados João Augusto de Castro Neves, Fyodor Lukyanov, Inderjit Singh, Da Wei e Francis A. Kornegay debatem sobre o significado do BRICS para cada um dos países membros, o papel e o potencial do grupo na ordem internacional.

João Augusto Castro Neves — responsável pela apresentação da perspectiva brasileira — desenvolveu uma análise sobre os fatores que possibilitaram o Brasil a ser um membro do BRICS e os motivos e o contexto que levou o Brasil a participar do grupo. Partindo do pressuposto compartilhado por todos na mesa de que o Brasil desde o início do século XXI era um ator proeminente internacionalmente, Castro Neves buscou identificar as razões que possibilitaram o Brasil a ter esse papel. Para o debatedor, este protagonismo internacional brasileiro foi o resultado de vinte anos de contínuas ações políticas domésticas, centradas na estabilidade política, econômica e ações sociais:

Por que o Brasil alcançou esse papel mais proeminente na última década? ou antes de tudo o Brasil se beneficiou de um ambiente econômico relativamente estável até 2008, [...] Existem alguns motivos consistentes para a ascensão do Brasil no século 21 no Brasil e eu gostaria de mencionar três [...]. Primeiro é a estabilidade política. Resumidamente, o Brasil nos últimos

²²⁹ Brazil is one of the BRICS countries, along with Russia, India, China, and South Africa. Brazil's expanding role in Africa is overshadowed in the international media by China and India's larger role. (So, too, is South Africa's role.) But, Brazil's approach to Africa appears to be the more broadly based, with important political and developmental aspects, as well as economic. And there are important cultural ties between Brazil and the Lusophone Africa states such as Angola and Mozambique. Brazil also has the diaspora's largest population of African origin. Thus far, the Brazilians appear to have avoided the cultural and other mistakes of the Chinese. The Brazilian relationship with Africa may prove deeper and longer lasting than that of its higher-profile rivals among the BRICS.

vinte anos veio de um processo de democratização [...]. O segundo fator é a estabilidade econômica brasileira: o início de uma liberação comercial no nível multilateral [...] e também regional, [...] as privatizações de empresas estatais, maior controle dos gastos públicos, responsabilidade fiscal, maior transparência, e a criação brasileira de campeãs nacionais como a Vale do Rio Doce [...]. Como resultado das sólidas políticas econômicas das duas últimas administrações de Cardoso e Lula e do ambiente favorável na economia global, o Brasil desfruta de um crescimento econômico sustentável [...]. E o último motivo são as melhorias sociais do País [...] (WILSON CENTER, 2011i, vídeo, tradução nossa)²³⁰.

Esses fatores, segundo Castro Neves levaram a transformações das intenções da política externa do Brasil na ordem internacional, identificadas como a vontade do País ser uma liderança internacional, com sua inserção nas estruturas de poder da governança global, como colou nesta passagem “quais são as mudanças em termos de política externa? Em geral, [...] eu sigo a ideia de que o Brasil deve desempenhar um papel mais importante, por sua vez, em assuntos internacionais (WILSON CENTER, 2011i, vídeo, tradução nossa)²³¹”.

É nesse contexto de vontade de maior participação global que o autor identificou a participação do Brasil no BRICS. Está inserida num contexto mais amplo, concomitantemente com outras ações do Brasil, como a participação na criação de grupos ou fóruns de diálogo IBAS, UNASUL ou a liderança do País na MINUSTAH.

O Brasil, segundo o conferencista, teria intenções de engajamento com os Estados Unidos em nível regional e internacional, mas isso não significava, para os elaboradores de política externa do Brasil, um alinhamento com os Estados Unidos em todas as questões. É nesse contexto, de uma política externa autônoma, que se inseriram os desentendimentos sobre a crise política em Honduras, posições sobre Cuba ou sobre programa nuclear iraniano. Castro Neves apontou que o Brasil não objetivava com isso rivalizar com os Estados Unidos, mas sim ter uma autonomia decisória internacional.

Nesse contexto de maior protagonismo, Estados Unidos e Brasil tiveram desentendimentos quanto a questões regionais e globais, como a crise política em

²³⁰ Why Brazil achieved this more prominent role in the past decade? or so first of all Brazil benefited from relatively stable economic environment until 2008 [...] so there are some consistent drivers of Brazil's rise 21st century and I'd like to mention three [...]. First one is the political stability just make it a nutshell Brazil in the past twenty years came from a period from process of democratization [...]. The second driver is economic stability of Brazil: a beginning trade liberalization in the multilateral level [...] and also regional level [...] privatizations of state-owned enterprises, more control of public spending, fiscal responsibility, more transparency, and Brazil's creation national champions like Vale do Rio Doce [...]. As a result of sound economic policies of the past two administrations Cardoso's and Lula's and the favorable global economy environment Brazil enjoy sustainable economic growth [...]. And the last driver is the social improvements of the country [...].

²³¹ What's changes mean in term of foreign policy? In general I'm [...] mainly in the lead that Brazil should play a more important role in turn in International Affairs.

Honduras, posições sobre Cuba e o programa nuclear iraniano. No entanto, Castro Neves apontou que o Brasil não objetivava com isso rivalizar com os Estados Unidos, mas sim ter uma autonomia decisória internacional (WILSON CENTER, 2011i).

No relatório do *CNAS*, as coalizões BRICS e IBAS também foram analisadas. Em razão do *think tank* possuir uma única grande produção e os dois grupos em questão estarem inseridos pelo relatório num mesmo contexto, como uma exceção, faremos a apresentação das duas coalizões em conjunto.

Para o *CNAS*, BRICS e IBAS foram instrumentos da diplomacia brasileira a fim de exercer um maior protagonismo internacional. Nas palavras dos autores Kliman e Fontaine:

Globalmente, o Brasil assumiu uma posição [...] de maior destaque, incentivando reuniões anuais de grupos de potências emergentes, como o BRICS e o Fórum IBAS (que inclui Índia, Brasil e África do Sul). Líderes brasileiros expressam entusiasmo pelo crescente reconhecimento global que acreditam ser merecido pelo Brasil (FONTAINE; KLIMAN, 2012, p.13, tradução nossa)²³².

Nesse íterim os autores procuraram afirmar que o Brasil através destas coalizões não objetivava formar uma nova ordem, mas ampliar o espaço para sua atuação:

Em um comunicado do IBAS de 2011, o Brasil se juntou à Índia e à África do Sul para reivindicar uma 'nova ordem mundial', cuja arquitetura política, econômica e financeira seja mais inclusiva, representativa e legítima. 'Essa retórica tem mais a ver com o desejo do Brasil de ganhar papel mais proeminente dentro do sistema existente - para si e para outros países emergentes - do que de um interesse em buscar novas regras e arranjos. Como disse um observador brasileiro, 'o Brasil quer ganhar espaço nesse ambiente, não o colocar abaixo' (FONTAINE; KLIMAN, 2012, p.13, tradução nossa)²³³.

Entre os *think tanks* analisados, a *Carnegie* foi o instituto que mais positivamente se colocou em relação ao grupo. Para o instituto, o BRICS não objetivava rivalizar ou criar um novo ordenamento — argumentos muito comuns no *CFR* ou na

²³² Globally, Brazil has taken on a higher profile [...] encouraging annual meetings for groups of emerging powers, such as the BRICS and the IBSA Forum (which comprises India, Brazil and South Africa). Brazilian leaders express eagerness for the increased global recognition that they believe is Brazil's due.

²³³ In a 2011 IBSA communiqué, Brazil joined India and South Africa in calling for a 'new world order,' one 'whose political, economic and financial architecture is more inclusive, representative and legitimate.' This rhetoric stems more from Brazil's desire to gain a more prominent role within the existing system – for itself and for other emerging countries – than from an interest in pursuing new rules and arrangements. As one Brazilian observer put it, 'Brazil wants to expand its room in the house, not tear the house down'.

Brookings — mas sim fazer parte do sistema. Jaffrelot (2013) defendeu que o grupo tinha um compromisso sério com as instituições multilaterais tradicionais, não queriam criar um novo ordenamento, mas sim, fazer parte dos já existentes, afirmadas em sua declaração no momento da sua criação,

[...] esse objetivo fazia parte de um plano maior, como fica evidente na resolução final [dos BRICS], que pedia ‘um mundo mais democrático e multipolar’ e um compromisso com a ‘diplomacia multilateral das Nações Unidas em desempenhar o papel central de lidar com desafios e ameaças globais’. Essa justaposição refletia o desejo dos países membros de encontrar seu lugar ao sol dentro do sistema da ONU e, em particular, dentro do Banco Mundial e do FMI, para refletir as mudanças na economia global (JAFFRELOT, 2013, não paginado, tradução nossa)²³⁴.

Pettis (2011), no contexto inicial do BRICS, reconheceu no grupo uma possibilidade da manutenção da ordem global financeira. Para o autor, muito mais que competidores no ordenamento e uma confrontação aos organismos multilaterais já estabelecidos, como o FMI e o Banco Mundial, o BRICS se tornou uma possibilidade de ajuda em meio a crise financeira europeia. Como sendo a primeira vez que países emergentes ajudariam os países desenvolvidos, Pettis sugeriu que tais países teriam a capacidade de compra de títulos da dívida, aliviando a crise naquela região:

Ao passo que um país europeu atrás do outro encontra seu acesso aos mercados de títulos bloqueado, as esperanças estão aumentando de que o mundo em desenvolvimento poderia intervir e aliviar a crise comprando os títulos que os investidores europeus e entidades oficiais não querem ou não podem comprar. E porque não? Afinal, só os BRICs têm entre si mais de US \$ 4 trilhões em reservas. Isso tudo poderia financiar muitos déficits (PETTIS, 2011, não paginado, tradução nossa)²³⁵.

Esse ceticismo perante o BRICS também ficou claro no *Heritage*. Todas as argumentações, dos diferentes autores que abordaram a questão, se centraram no problema de falta de liberdade econômica dos países membros, sugerindo como solução a abertura dos mercados e a diminuição do papel dos Estados (ROBERTS, 2013; GAYOU, 2014; OLSON, WOES, 2014; BROMUND, 2015). James Roberts, no artigo

²³⁴ [...] this objective was part of a larger plan, as is evident from the final resolution [the BRICS], which called for ‘a more democratic and just multi-polar world’ and a commitment to “multilateral diplomacy with the United Nations playing the central role in dealing with global challenges and threats”. This juxtaposition reflected the member countries’ desire to find their place in the sun within the UN system, and in particular within the World Bank and the IMF to reflect changes in the global economy.

²³⁵ As one European country after another finds its access to bond markets blocked, hopes are rising that the developing world might step in and relieve the crisis by buying the bonds that European investors and official entities are unwilling or unable to buy. And why not? After all, the BRICs alone have between them over \$4 trillion in reserves. This can fund a lot of deficits.

Declining Economic Freedom and Growing Statism: The BRICs Are Hitting the Wall, analisou o BRICS e os países membros individualmente e na descrição do Brasil, resumiu a ideia defendida pelo instituto:

Brasil. Embora a presidente brasileira Dilma Rousseff tenha concordado em privatizar algumas empresas que operam rodovias e ferrovias (juntamente com, talvez, alguns aeroportos), o governo ainda domina muitas áreas da economia do país, prejudicando o desenvolvimento de um setor privado mais vibrante (ROBERTS, 2013a, tradução nossa)²³⁶.

No também conservador *AEI*, a perspectiva analisada foi diferente do seu parceiro *Heritage*. A ênfase dos autores se deu em análises sobre a potencialidade do Brasil como um parceiro dos Estados Unidos em relação aos outros membros do grupo, se aproximando, em termos, da visão desenvolvida pelo *CFR* em relação ao Brasil no BRICS.

Como principal articulista nessa questão, Noriega ao longo dos anos defendeu a ideia do Brasil como País diferente dos outros membros, principalmente aos então considerados “não democráticos” e “violadores dos direitos humanos” China e Rússia. Ao contrário de seus colegas,

O Brasil é um País influente e respeitado e é a força motriz por trás do objetivo auspicioso da integração sul-americana. Embora as instituições do Brasil não sejam perfeitas, ao contrário da Rússia, elas estão sendo fortalecidas todos os dias. De fato, o Brasil está entre as democracias mais estáveis do mundo - uma conquista notável, dado o seu caráter multiétnico, diversidade geográfica e grande população que ainda vive na pobreza - razões suficientes para conceder aos seus líderes algum crédito (NORIEGA, 2007, não paginado, tradução nossa)²³⁷.

Sendo um País confiável, Noriega sugerindo maior fortalecimento de sua parceria com o Brasil, enfatizou a ideia do Brasil diferente dos demais parceiros, recomendando aos Estados Unidos o fortalecimento de suas parcerias com o País,

Como os Estados Unidos reconhecem as vantagens de melhorar suas relações comerciais e econômicas com o Brasil, essa nova parceria que liga nossa economia a um vizinho pujante será outro fator que diferencia o Brasil da

²³⁶ Brazil. Although Brazilian President Dilma Rousseff has agreed to privatize some companies operating highways and railways (along with, perhaps, some airports), the government still dominates too many areas of the country's economy, undercutting development of a more vibrant private sector.

²³⁷ The Brazil is a respected, influential country and is the driving force behind the auspicious goal of South American integration. Although Brazil's institutions are not perfect, unlike Russia's they are being strengthened every day. Indeed, Brazil is among the world's most stable democracies—a remarkable achievement given its multiethnic character, geographic diversity, and large population still living in poverty—reasons enough to accord its leaders some measure of respect.

China, da Índia e da Rússia. Os investidores que se movimentarem rapidamente para capitalizar sobre essa oportunidade dividirão os benefícios substanciais. Assim como os parceiros nos Estados Unidos (NORIEGA, 2011a, não paginado, tradução nossa) ²³⁸.

Portanto, o autor sugeriu que o Brasil não deveria ser analisado como membro do BRICS, mas em seus próprios termos:

[...] muitos perfis escritos sobre essa nação sul-americana vão colocá-la na caixa dos chamados países ‘BRIC’ - Brasil, Rússia, Índia e China. Esse apelido foi concebido como elogio, associando o Brasil a economias dinâmicas e em expansão. Hoje, o Brasil merece ser considerado em seus próprios termos, como um destino muito mais seguro para o capital, uma democracia multiétnica saudável, e um vizinho cujos líderes possam estar preparados para deixar de lado as fórmulas de soma zero do passado e buscar uma parceria genuína com os Estados Unidos. Com base nisso, o engajamento hábil e sustentado do presidente Obama pode levar nossas relações políticas e econômicas a uma órbita mais alta (NORIEGA, 2011a, não paginado, tradução nossa) ²³⁹.

7.2 Considerações finais sobre a atuação do Brasil no BRICS

Enfraquecendo e fragmentando a ordem liberal, para a *Brookings* o BRICS foi descrito como uma força desafiadora aos Estados Unidos. Participando como membro, o objetivo central do Brasil nessa coalizão era de se tornar um *global player* e um líder do Sul Global. Contudo, para o *think tank*, essa participação do Brasil utilizava-se unicamente da estratégia de *soft power*, portanto, insuficiente para elevar o País a *status* de grande potência e sobretudo, tornar-se uma parceira dos Estados Unidos na divisão dos custos da manutenção da ordem. Nesse âmbito, os Estados Unidos não teriam incentivos à socialização do Brasil na ordem internacional, tanto pelo País atuar de forma contrária aos interesses estadunidenses, como pela ausência de capacidades de *hard power*.

O *CFR* se posicionou de forma bastante cética em relação a capacidade do BRICS para avançar suas ações no futuro e estabelecer alguma liderança internacional. Para o *think tank*, a ausência de coesão, falta de investimentos em tecnologia/ inovação e

²³⁸ As the United States recognizes the advantages of enhancing its trade and economic relationships with Brazil, that new partnership linking our economy with a booming neighbor will become another factor that sets Brazil apart from China, India, and Russia. Investors who move quickly to capitalize on that opportunity will share in the substantial benefits. And so will partners in the United States.

²³⁹ [...] many profiles on that South American nation will lump it in with the so-called ‘BRIC’ countries – “Brazil, Russia, India, and China”. That moniker was conceived as compliment, associating Brazil with dynamic and booming economies. Today, Brazil deserves to be considered on its own terms, as a much more secure destination for capital, a healthy multi-ethnic democracy, and a neighbor whose leaders may be prepared to set aside the zero-sum formulas of the past and seek a genuine partnership with the United States. On that basis, deft and sustained engagement by President Obama can push our political and economic relations into a higher orbit.

transparência, tornavam o grupo mais uma força simbólica do que real na ordem global. Nesse sentido, identificamos que para o *CFR*, os emergentes não tinham capacidade para atuação conjunta no ordenamento, bem como não demonstravam estar alinhados aos princípios liberais, havendo-se, portanto, poucos incentivos para os Estados Unidos reconhecer e inserir/incorporar o principal grupo dos países em desenvolvimento na ordem internacional.

No entanto, ao analisar o Brasil no BRICS o *CFR* procurou diferenciar o País em relação aos demais membros. O Brasil, por demonstrar ser um ator muito mais responsável e comprometido com os valores e a manutenção da ordem liberal do que os demais membros da coalizão, deveria ser visto pelos Estados Unidos como um importante aliado, inclusive recomendou aos Estados Unidos a formação de canais de diálogo para parceria conjunta de atuação multilateral internacional com o Brasil.

O *Wilson Center* definiu o Brasil como um ator internacional responsável e com grande potencial para ser um parceiro estadunidense na manutenção da ordem. Para o *think tank* o Brasil investiu décadas para tornar-se um País estável política e economicamente, além de desenvolver programas sociais para diminuição da pobreza. Estas ações lhe garantiram uma base sólida para buscar de forma mais protagônica seus interesses nacionais externamente. Nesse contexto, o *Wilson Center* procurou destacar que ao atuar internacionalmente por meio do BRICS, o Brasil de maneira alguma tinha intenções de rivalizar com os Estados Unidos ou criar um novo modelo. Pelo contrário, intencionava fazer parte da ordem e ser um ator na manutenção da mesma. Visões e argumentações semelhantes foram desenvolvidas pelo *CNAS*.

Já a *Carnegie*, foi o único *think tank* a desenvolver uma visão positiva do BRICS e defender a aceitação de uma ordem internacional multipolar, onde países em desenvolvimento teriam capacidade para serem parceiros na divisão dos custos da manutenção da ordem, no caso explicitado pelo *think tank*, em relação a ordem financeira. Isto por que para a *Carnegie*, o BRICS, além de buscar fazer parte da ordem vigente, foi descrito como um grupo com grande capacidade à manutenção da estabilidade financeira global frente a crise financeira internacional de 2009.

Entre os *think tanks* conservadores, também verificamos grande diferenças de visões sobre o papel do BRICS e do Brasil à ordem liberal. Para o *Heritage*, o BRICS não tinha as características básicas para ser reconhecido e inserido a ordem vigente. Isto por que seus membros, incluindo o Brasil tinham um modelo totalmente contrário aos

princípios liberais de liberdade econômica e papel mínimo estatal. Nesse contexto, verificamos uma clara perspectiva de contenção dos emergentes (incluindo o Brasil).

Visão deveras diferente produziu o *American Enterprise Institute*. Focando-se em diferenciar o Brasil dos demais membros do BRICS, o Brasil foi descrito como um País economicamente estável e democrático, o que o tornava um País confiável e importante parceiro estadunidense. Apesar de se observar uma perspectiva de contenção do BRICS na ordem global, o *AEI* deixou claro sua recomendação de socialização do Brasil na ordem através da formação e fortalecimento de parceria conjunta entre Estados Unidos e Brasil.

7.3 O Brasil e o fórum IBAS

Como veremos abaixo, BRICS e IBAS ganharam relevâncias bastante distintas para os *think tanks*. Enquanto o BRICS apenas o *AEI* não produziu análises, o IBAS não foi objeto de investigação pelo *AEI*, *Heritage* e, surpreendentemente, o *CFR* — como observado nos capítulos anteriores este último instituto possuiu extensas investigações sobre todas as temáticas abordadas, inclusive sobre o BRICS.

Também identificamos que apesar de BRICS e IBAS terem sido consensualmente definidos pelos *think tanks* como agrupamentos de países emergentes questionadores do ordenamento global, no caso do BRICS houveram entradas para interpelar um possível potencial do grupo como um enfraquecedor das instituições multilaterais tradicionais. Nas produções sobre o IBAS isso não ocorreu. Todos os *think tanks* partiram do pressuposto que o fórum de diálogo não representava ameaça à ordem. Ainda mais, em razão de ser um grupo composto exclusivamente por democracias — o que levava a serem definidos como comprometidos aos valores liberais internacionais — o IBAS foi definido como um importante exemplo de Cooperação Sul-Sul possível e desejável aos países emergentes, característica esta, praticamente ausente nas produções sobre o BRICS mesmo nas análises mais positivas.

As similaridades mais visíveis entre as duas produções ficaram por conta do *gap* entre as ações dos grupos e as produções sobre eles. No caso do IBAS foi ainda mais destacado, pois a primeira análise sobre o fórum foi identificada apenas em 2007, quatro anos após a sua criação. De uma maneira geral, as análises dos institutos sobre a atuação do Brasil através do IBAS centraram-se em identificar o significado, potencial e limites do fórum à governança global.

Ao analisar a produção da *Brookings* em relação ao IBAS, identificamos que a construção das visões sobre as novas coalizões no âmbito da Cooperação Sul - Sul não foram homogêneas. Enquanto predominou contundentes críticas ao BRICS, o IBAS foi interpretado como um grupo de diálogo responsável e comprometido com os interesses globais vigentes. Foi nesse ínterim que se construiu a visão sobre a atuação internacional do Brasil através do IBAS (BROOKINGS INSTITUTION, 2010, 2015, 2016; FISHLOW, 2011; MARES, TRINKUNAS 2016; PICCONE, 2011; TRINKUNAS, 2014a; 2015a).

Para a *Brookings*, tanto o BRICS como o IBAS eram partes da mesma estratégia utilizada pelos países em desenvolvimento para conquistar maior autonomia nos principais processos decisórios internacionais. Contudo, devido a composição dos países membros, ambos se diferenciaram em termos de compatibilidade aos valores da ordem global vigente (BROOKINGS INSTITUTION, 2010, 2015, 2016; FISHLOW, 2011; MARES, TRINKUNAS 2016; PICCONE, 2011; TRINKUNAS, 2014a; 2015a). Trinkunas, em seu relatório *Brazil's Global Ambitions*, evidenciou essa perspectiva:

O Brasil não tem muito em comum econômica, política ou culturalmente com outros membros dos BRICS, mas esses estados compartilham uma visão crítica da ordem existente. As potências emergentes têm um interesse comum em defender sua soberania e autonomia de ação, bem como em abrir espaço para sua participação na formação de regras relacionadas à ordem internacional. [...] reconhecendo uma marca forte, o Brasil tem atuado na diplomacia entre os BRICS [...]. O Brasil também buscou o conceito do IBAS, que é um subgrupo mais politicamente agradável dos BRICS mais democráticos que inclui a África do Sul e a Índia (TRINKUNAS, 2014a, tradução nossa)²⁴⁰.

Trinkunas e Mares, no livro *Aspirational power: Brazil on the long road to global influence*, ao investigar o que definiram ser a base para as ações globais do Brasil no século XXI — o *soft power* —, ressaltaram o comprometimento do IBAS com os valores da ordem global, nomeadamente democracia e liberalismo, enquanto que o BRICS, por ser uma associação com China e Rússia, não seria:

[...] é provável que o Brasil um dia surja como uma grande potência. Seu tamanho, economia e dados demográficos contribuem para o potencial não

²⁴⁰ Brazil does not have much in common economically, politically, or culturally with other members of the BRICS, yet these states do share a critical view of the existing order. The rising powers have a shared interest in defending their sovereignty and autonomy of action, as well as in opening room for their participation in rule shaping related to the international order. [...] Recognizing a strong brand, Brazil has been active in diplomacy among the BRICS [...]. Brazil has also pursued the IBSA concept, which is a more politically congenial subgrouping of the most democratic BRICS that includes South Africa and India.

realizado do Brasil de se classificar entre as principais potências. E uma estratégia que depende principalmente de *soft power* é, sem dúvida, inteligente, dada a sua situação geopolítica. Mas sua emergência exigirá que o Brasil preste atenção a certos fundamentos domésticos e reconsidere certas crenças de política externa que se transformaram em marcos que o puxam para baixo. Duplique o liberalismo e a democracia. O *soft power* do Brasil é prejudicado por sua associação com os elementos autoritários dos BRICS. Em vez disso, o IBAS e o G-4 nas Nações Unidas são associações de potências emergentes que compartilham os valores do Brasil e contribuem positivamente para os elementos da ordem internacional liberal que o Brasil mais valoriza, ao mesmo tempo em que busca muitas das reformas e revisões que o próprio Brasil aspira. Distanciar-se da Rússia e da China contribuiria para o poder brando do Brasil (MARES; TRINKUNAS, 2016, p. 177- 178, tradução nossa)²⁴¹.

O próprio articulista Piccone — como vimos no subcapítulo anterior um articulista claramente crítico ao BRICS — em uma conferência realizada em 2010 ressaltou exatamente o potencial de convergência do IBAS com esses valores considerados por ele fundamentais a ordem liberal: “claro, com a Rússia e a China nos BRICS, não se trata tanto de uma política externa orientada para valores. O IBAS é. O IBAS fala claramente sobre valores de promoção da democracia e dos direitos humanos [...] (BROOKINGS INSTITUTION, 2016, p. 9, tradução nossa)²⁴²”.

Aliada a estas ideias, desenvolveu-se o argumento de que a homogeneidade e convergência dos objetivos dos membros em relação ao fórum também dava ao IBAS credenciais de aliado estadunidense em nível global (BROOKINGS INSTITUTION, 2010, 2015, 2016; FISHLOW, 2011; MARES, TRINKUNAS 2016; PICCONE, 2011; TRINKUNAS, 2014a; 2015a). Para Trinkunas e Mares, “esses países compartilhavam um interesse em promover o crescimento econômico juntamente com a inclusão social e a democracia. Eles também tinham um interesse comum em reformar instituições multilaterais, particularmente o Conselho de Segurança da ONU (MARES, TRINKUNAS, 2016, p.72, tradução nossa)²⁴³”.

²⁴¹ [...] Brazil is likely one day to emerge as a great power. Its size, economics, and demographics all contribute to Brazil’s unrealized potential to rank among the major powers. And a strategy that relies mainly on soft power is undoubtedly smart given its geopolitical situation. But its emergence will require that Brazil pay attention to certain domestic fundamentals and reconsider certain foreign policy beliefs that have become millstones dragging it down.). Double down on liberalism and democracy. Brazil’s soft power is damaged by its association with the authoritarian elements of the BRICS. Instead, IBSA and the G-4 at the United Nations are associations of emerging powers that share Brazil’s values and contribute positively to elements of the liberal international order that Brazil values most, while at the same time seeking many of the reforms and revisions to which Brazil itself aspires. Distancing itself politically from Russia and China would contribute to Brazil’s soft power.

²⁴² of course, with Russia and China in the BRICS, it’s not so much about a values-oriented foreign policy. IBSA is. IBSA clearly talks about as a value the promotion of democracy and human rights [...].

²⁴³ these countries shared an interest in promoting economic growth along with social inclusion and democracy. They also had a shared interest in reforming multilateral institutions, particularly the UN Security Council.

Compartilhando dessas perspectivas, em seu livro *Starting over: Brazil since 1985*, Fishlow complementou essa visão, afirmando que:

Há uma lógica para o IBAS: todos os três países são democracias em funcionamento, são líderes regionais, abrangem amplas diferenças culturais e raciais, são populosos, buscam acelerar suas taxas de crescimento econômico, são membros ativos das Nações Unidas, participam do novo G- 20 lidar com a economia mundial, e enfatizam uma presença diplomática global (FISHLOW, 2011, p.165, tradução nossa) ²⁴⁴.

Embora a *Brookings* não tenha fornecido muitos exemplos concretos da atuação do IBAS, identificamos um exemplo concreto onde se pode identificar a construção da ênfase de um grupo como um ator responsável no meio internacional: a posição frente a questão síria entre 2010 e 2011 e outra, em torno do debate sobre a governança da internet.

Em 2011 Piccone colocou que, conquanto os países membros do IBAS não tivessem concordado com a intervenção militar via CSONU, o grupo, mostrou sua responsabilidade ao formar uma comissão com o intuito de estabelecer um diálogo direto com o governo sírio:

Índia, Brasil e África do Sul (conhecidos coletivamente como IBAS) continuam sendo críticos da expansão do mandato do Conselho de Segurança da ONU pela OTAN para incluir a remoção de Muammar Kadafi do poder. Como evidência da contínua controvérsia sobre como implementar a norma de Responsabilidade de Proteger, os três países juntaram forças para bloquear uma resolução do Conselho de Segurança da ONU condenando a violência na Síria, forçando uma declaração presidencial mais fraca e despachando uma equipe de diplomatas em Damasco para buscar o diálogo direto. Este último caso é um lembrete da busca desses Estados por um perfil independente em assuntos estrangeiros que priorize o diálogo e a mediação sobre medidas mais pesadas, como sanções e ação militar (PICCONE, 2011, p.150-151, tradução nossa) ²⁴⁵.

Esta posição geral do *think tank* em relação ao fórum se tornou ainda mais significativo quando inserimos as análises pelas quais os articulistas identificaram a

²⁴⁴ There is a logic to IBSA: all three countries are functioning democracies, are regional leaders, span wide cultural and racial differences, are populous, seek to accelerate their rates of economic growth, are active members of the UN, participate in the new G-20 dealing with the world economy, and emphasize a global diplomatic presence.

²⁴⁵ India, Brazil, and South Africa (known collectively as IBSA) continue to be critical of NATO's expansion of the UN Security Council mandate to include removal of Muammar Qadhafi from power. As evidence of the continued controversy over how to implement the evolving responsibility-to-protect norm, the three countries successfully joined forces to block a UN Security Council resolution condemning the violence in Syria, forcing a weaker presidential statement instead, and dispatched a team of diplomats to Damascus to pursue direct dialogue. This latest case is a telling reminder of these states' pursuit of an independent profile in foreign affairs that prioritizes dialogue and mediation over more muscular steps such as sanctions and military action.

importância do Brasil para o IBAS e vice-versa. No seu conjunto, esta produção gerou um perfil positivo dos movimentos globais do País através de um determinado formato de coalizão Sul-Sul (IBAS), como já ressaltamos, diferente daquele exercido através do BRICS (BROOKINGS INSTITUTION, 2010, 2015, 2016; FISHLOW, 2011; MARES, TRINKUNAS 2016; PICCONE, 2011; TRINKUNAS, 2014a; 2015a).

Para o *think tank*, a participação do Brasil no fórum se inseriu em um ambiente de política externa brasileira fundado a partir da administração Lula da Silva, quando o País, a fim de concretizar seus interesses globais de maior participação nos principais processos decisórios, passou a se relacionar de uma forma mais coordenada com outros emergentes (BROOKINGS INSTITUTION, 2010, 2015, 2016; FISHLOW, 2011; MARES, TRINKUNAS 2016; PICCONE, 2011; TRINKUNAS, 2014a; 2015a). Trinkunas e Mares no livro *Aspirational power: Brazil on the long road to global influence* sintetizaram essa definição ao afirmar que:

Durante o governo Lula, o Brasil reforçou grandemente seu foco em colaborar com as outras potências emergentes na reforma da governança global. Uma das primeiras iniciativas foi o Fórum de Diálogo IBAS, que reuniu três democracias emergentes: Índia, Brasil e África do Sul [...] (MARES, TRINKUNAS, 2016, p.72, tradução nossa)²⁴⁶.

Em específico no fórum IBAS, os articulistas apontaram como perfil do Brasil, além de papel fundamental na sua criação, a constante busca brasileira para se legitimar líder do grupo, tanto perante os demais membros como pela comunidade internacional. Para o *think tank*, esse comportamento originou-se de uma estratégia mais ampla da diplomacia brasileira, a qual destinava-se atestar o País como *global player* perante os demais emergentes e os Estados Unidos (FISHLOW, 2011; MARES, TRINKUNAS 2016; PICCONE, 2011; TRINKUNAS, 2014a; 2015a). Trinkunas apresentou um debate nesse sentido:

A diplomacia global do Brasil também tenta posicioná-lo como um líder dos países em desenvolvimento e como representante do resto do mundo em conselhos das maiores potências. A lógica subjacente é construir apoio para a ascensão do Brasil entre os países em desenvolvimento e outras potências emergentes. Depois, apostar essa liderança em esforços para obter reconhecimento como uma grande potência. As redes multilaterais do Brasil entre as potências em ascensão - BRICS, IBAS e BASIC - desempenharam uma função semelhante às instituições alternativas criadas pelo Brasil na América do Sul. Eles criam espaços que excluem as principais potências

²⁴⁶ During the Lula administration, Brazil greatly increased its focus on collaborating with the other emerging powers on global governance reform. One of the earliest initiatives was the IBSA Dialogue Forum, which brought together three emerging democracies: India, Brazil, and South Africa [...].

tradicionais e oferecem oportunidades para destacar a importância das novas grandes potências e emergentes (TRINKUNAS, 2014a, p.20, tradução nossa)²⁴⁷.

Em meio a essa característica, a *Brookings* identificou que a busca desse exercício de liderança do Sul Global pelo Brasil possuía uma vantagem perante os demais emergentes, o País, ao contrário dos China, Índia e Rússia, não havia conflitos com seus vizinhos, dando-lhe maior segurança e legitimidade a sua reivindicação (FISHLOW, 2011; MARES, TRINKUNAS 2016; TRINKUNAS, 2014a). Como expôs Trinkunas:

Ao contrário de outras potências em ascensão, o ambiente benigno de segurança do Brasil significa que ele não está preocupado com as rivalidades regionais, como é o caso do relacionamento Índia-China. Isso confere ao Brasil a oportunidade de desempenhar o papel de construtor de coalizões entre as potências emergentes (TRINKUNAS, 2014a, p.20, tradução nossa)²⁴⁸.

Concomitantemente com outras parcerias de nível Sul-Sul exercidas pelo Brasil no período, observamos que na *Brookings*, as ações do País via IBAS estava lhe transferindo um reconhecimento como ator global (FISHLOW, 2011; MARES, TRINKUNAS 2016; PICCONE, 2011; TRINKUNAS, 2014a; 2015a). Fishlow, em meio a sua análise sobre as transformações do Brasil ocorridas a partir da administração Lula da Silva no seu livro *Starting over: Brazil since 1985*, exemplificou essa visão:

O Brasil, finalmente, se tornou um ator global participativo. As [...] interações Sul-Sul avançaram em sua agenda, por meio da filiação à UNASUL, ao IBAS e aos BRICS, além de aprofundamentos bilaterais. Esta direção é uma resposta às novas realidades econômicas (FISHLOW, 2011, p.190-191, tradução nossa)²⁴⁹.

²⁴⁷ Brazil's global diplomacy also tries to position it as a leader of the developing countries and as a representative of the rest of the world to major power councils. The underlying logic is to build support for Brazil's own rise among developing countries and other rising powers, and then to parlay that leadership into efforts to gain recognition as a major power. Brazil's multilateral networks among the rising powers—BRICS, IBSA, and BASIC—have served a similar function to the alternative institutions Brazil created within South America. They create venues that exclude the traditional major powers and provide opportunities to highlight the importance of the new major and rising powers.

²⁴⁸ Unlike other rising powers, Brazil's benign security environment means that it is not concerned with regional rivalries, as is the case in the India-China relationship. This offers Brazil the opportunity to play the role of coalition builder among the emerging powers.

²⁴⁹ Brazil, finally, has become an involved global player. [...] South-South interactions have moved up on its agenda, through membership in UNASUR, IBSA, and the BRICS, as well as extension bilaterally. This direction is a response to new economic realities.

Contudo, embora com todo esse potencial, os articulistas destacaram que o Brasil não aproveitou esse grande potencial do IBAS, principalmente por que segundo eles, o Brasil enfatizou o BRICS:

Além disso, se tivesse expandido o uso de seu *hard power* para se tornar o País líder em oferecer forças de paz profissionais de alta qualidade, o Brasil teria tido influência sobre o domínio da segurança internacional em uma extensão muito mais substancial do que ocorre hoje em dia. E apresentando um modelo doméstico atrativo, seu poder brando vis-à-vis ao mundo em desenvolvimento também seria muito substancial. De fato, muitos elementos dessa estratégia estavam presentes na última ascensão do Brasil, mas foram subutilizadas, como o IBAS, ou abandonados após tentativas desanimadas, como o G-4 (Alemanha, Japão, Índia, Brasil - em busca de assento permanente no Conselho de Segurança da ONU) (MARES; TRINKUNAS, p.177-178, tradução nossa)²⁵⁰.

Portanto, enquanto as ações do Brasil através do BRICS foram definidas como prejudiciais aos interesses estadunidenses em nível global, o IBAS foi definido como um parceiro e aliado da ordem liberal internacional, um modelo de Cooperação Sul-Sul a ser desenvolvido pelos países emergentes.

No *Wilson Center*, o IBAS foi visto como um dos instrumentos utilizados por Brasil, Índia e África do Sul para avançar suas agendas internacionais em comum através da consulta e coordenação em questões globais; fortalecer as relações entre os membros e; promover cooperação conjunta para países em desenvolvimento. Partindo desse pressuposto, o instituto inseriu o fórum de diálogo no debate sobre o reordenamento global, mais especificamente questionando quais seriam os impactos do IBAS à governança global e às relações no Sul Global (SOTERO, 2013a; WILSON CENTER, 2009a; 2011h, i).

Contudo, verificamos que não houve consenso em relação ao papel e importância do fórum. Por exemplo, em evento de setembro de 2007 organizado pelo *Wilson* e a *Brookings* para discutir as características da política externa brasileira, uma das convidadas, a professora brasileira Monica Herz, expôs uma visão contrária a participação brasileira no IBAS, bem como os efeitos desse grupo a manutenção da ordem global. Segundo o resumo,

²⁵⁰ In addition, if it had expanded the use of its hard power to become the leading country providing highquality professional peacekeepers, Brazil would have had influence over the international security domain to a much more substantial extent than is true today. And by presenting an attractive domestic model, its soft power vis-à-vis the developing world would still be very substantial. In fact, many elements of this strategy were present in Brazil's latest rise, but they were underutilized, such as IBSA, or abandoned after halfhearted attempts, such as the G-4 (Germany, Japan, India, Brazil—in search of a permanent seat on the UN Security Council).

Mônica Herz levantou a possibilidade de que o Brasil, junto com seus parceiros no mundo em desenvolvimento, tinha agora a capacidade de se adaptar às normas internacionais estabelecidas para contrabalançar o domínio do Atlântico Norte. Trabalhando com a IBASA, o Brasil poderia tentar mudar os pressupostos que embasam o funcionamento do Conselho de Segurança da ONU, a OMC, e, talvez, o frágil regime do Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares. A professora Herz advertiu, porém, que as normas jurídicas internacionais existentes protegeram o Brasil no passado e que uma mudança geral trazia consigo um alto risco de instabilidade (WILSON CENTER, 2007a, p.5).

Já em maio de 2009 o instituto promoveu outro evento, então específico sobre o IBAS, a conferência *Emerging Powers: India, Brazil, and South Africa (IBSA) and the future of South-South Cooperation*, na qual, como o próprio título sugere, políticos e especialistas convidados discutiram a importância do fórum de diálogo a Cooperação Sul-Sul. Deste evento, foi produzido um relatório, onde Sotero e participantes apresentaram suas visões a respeito da temática, as quais se distanciam daquela apresentada por Herz (WILSON CENTER, 2007a).

Embora tenha sido um trabalho dedicado a apresentação das visões dos convidados, não sendo possível afirmar como uma perspectiva oficial do instituto, através deste relatório é possível exibir quais foram as ideias circulantes sobre a temática. Observamos por meio deste trabalho, que em meados de 2009 houve no *Wilson Center* a circulação de uma visão bastante positiva em relação ao potencial do fórum como um agente da Cooperação Sul-Sul. Para os debatedores — perspectiva exposta nas conclusões do relatório — o IBAS foi considerado um fórum bem-sucedido em suas propostas, vital e com capacidades de expansão:

Analistas na maioria das vezes concordaram que o IBAS é uma nova e importante forma de cooperação Sul-Sul. Eles também convergiram quanto a ter sido um sucesso até agora como um Fórum de Diálogo cujas capacidades tendem a se expandir. À luz do relativo declínio dos Estados Unidos e da reestruturação política e econômica global em curso, a crescente relevância econômica e política do Sul nos assuntos globais será uma característica marcante da era vindoura. A força de seus países membros e suas localizações estratégicas na América do Sul, África e Sul da Ásia significa que o IBAS provavelmente crescerá em importância, dando ao fórum o potencial de facilitar o que é visto como um exemplo vital de cooperação transcontinental Sul-Sul (WILSON CENTER, 2009a, p.23, tradução nossa)

²⁵¹.

²⁵¹ analysts generally agreed that IBSA is a novel and important form of South-South cooperation. They also converged in that it has been successful to date as a Dialogue Forum whose capacities are bound to expand. In light of the United States' relative decline and the global political and economic restructuring underway, the growing economic and political relevance of the South in global affairs will be a hallmark of the coming era. The strength of its member countries and their strategic locations in South America, Africa, and South Asia mean that IBSA is likely to grow in importance, giving the

Mas essa expectativa positiva de 2009, foi repensada em dezembro de 2013, quando em entrevista à rede de notícias *CNN* a respeito das posições do Brasil nos fóruns multilaterais alternativos, Sotero expôs o que acreditou ser uma perda do interesse brasileiro a esse tipo de coalizões, citando para tanto, o exemplo do IBAS. Segundo o autor, tal perspectiva ficou clara quando a presidente Dilma Rousseff renunciou a Cúpula de Nova Deli em 2012. Sotero também colocou que — ao contrário da positiva perspectiva apresentada em 2009 — o crescimento do fórum era incerto, não dependendo tão somente da vontade dos países membros, mas também de uma série de fatores estruturais externo ao grupo:

A decisão da presidente Dilma Rousseff de desistir de ir à cúpula do IBAS em Nova Déli deste ano, um subconjunto dos BRICS formados há dez anos por suas três democracias, é uma boa indicação da perda de interesse por esse tipo de acordo. Claramente, o papel e a relevância do grupo dependerão não apenas do desempenho econômico de seus países membros nos próximos anos, mas também do crescimento dos Estados Unidos e da Europa e dos caminhos que China e Rússia seguem para lidar com crescentes tensões internas que poderiam levar a anos de instabilidade e desarmonia (SOTERO, 2013a, não paginado, tradução nossa)²⁵³.

Para a *Carnegie*, o IBAS — junto com o BRICS — foi definido como um dos elementos fundamentais à compreensão do perfil de inserção global do Brasil no século XXI. Isto por que para os articulistas que produziram sobre a temática, uma das principais estratégias utilizadas pela diplomacia brasileira para ter os interesses nacionais melhores representados internacionalmente se processou pela sua associação, por meio de fóruns e grupos de diálogo, com outros países de mesmo nível. Estes tiveram como funções básicas coordenar posições em organismos multilaterais tradicionais e elevar o *status* do Sul Global através da promoção da Cooperação Sul-Sul (JAFRELOTT, 2014; KASSENOVA, 2014; STUNKEL, 2015). No livro *Brazil's*

forum the potential to facilitate what is largely seen as a vital example of transcontinental South-South cooperation.

²⁵² President Dilma Rousseff's decision to forgo this year's New Delhi summit of IBSA, a subset of the BRICS formed ten years ago by its three democracies, is a good indication of the loss of interest for this sort of arrangement. Clearly, the role and relevance of the group will depend not only on the economic performance of its members countries in the years ahead, but also on the United States and Europe's growth and the paths China and Russia follow in dealing with growing internal tensions that could lead to years of instability and disharmony.

²⁵³ President Dilma Rousseff's decision to forgo this year's New Delhi summit of IBSA, a subset of the BRICS formed ten years ago by its three democracies, is a good indication of the loss of interest for this sort of arrangement. Clearly, the role and relevance of the group will depend not only on the economic performance of its members countries in the years ahead, but also on the United States and Europe's growth and the paths China and Russia follow in dealing with growing internal tensions that could lead to years of instability and disharmony.

Nuclear kaleidoscope: an evolving identity, Kassenova exemplificou essa visão em relação ao significado do IBAS para atuação global do Brasil:

Na última década, o Brasil também vem investindo política e economicamente em cooperação com países em desenvolvimento, conhecida como cooperação Sul-Sul. O Brasil acredita que as instituições financeiras e políticas globais não representam adequadamente o crescente sul. O Brasil tem buscado a cooperação Sul-Sul através de uma série de agrupamentos multilaterais. Um diálogo trilateral entre a Índia, o Brasil e a África do Sul (IBAS) foi lançado em 2003 e atua como fórum de três líderes regionais para desenvolver posições comuns sobre questões internacionais e promover a cooperação Sul-Sul em todas as suas formas (KASSENOVA, 2014, p.12-13, tradução nossa)²⁵⁴.

A partir desse enquadramento acima apresentado, identificamos que os articulistas procuraram assinalar o impacto do IBAS ao ordenamento global (JAFRELOTT, 2014; KASSENOVA, 2014; STUNKEL, 2015). Stunkel, em artigo publicado em 2015 intitulado *The uncertain future of IBSA* — um dos únicos trabalhos em formato escrito em todos os *think tanks* dedicado exclusivamente a análise do IBAS — expôs uma série de argumentações em torno das potencialidades que o desenvolvimento da Cooperação Sul - Sul via grupo poderiam gerar à atuação global dos países membros, incluindo é claro, o Brasil. Em uma de suas reflexões, Stunkel defendeu que a capacidade de Cooperação Sul-Sul do IBAS, apresentada principalmente em seus anos iniciais de criação, teria competência para redução da dependência econômica dos países membros em relação ao Ocidente e até mesmo estender ao fórum um papel único na governança global:

O IBAS também tinha o potencial de desempenhar um papel único na reforma da governança global. Como potências econômicas regionais, os três países membros estavam em uma boa posição para promover o comércio e a cooperação no sul da África e reduzir sua dependência das economias ocidentais. Como democracias diversas e populosas, elas incorporaram aos países em desenvolvimento uma poderosa visão alternativa aos modelos neoliberais ocidentais e ao modelo de desenvolvimento autoritário estilo chinês que estava ganhando atenção na época (STUNKEL, 2015, não paginado, tradução nossa)²⁵⁵.

²⁵⁴ Over the last decade Brazil has also been investing politically and economically in cooperation with developing countries, known as South-South cooperation. Brazil believes that global financial and political institutions fail to adequately represent the rising South. Brazil has pursued South-South cooperation through a range of multilateral groupings. A trilateral dialogue between India, Brazil, and South Africa (IBSA) was launched in 2003, and it acts as forum for three regional leaders to develop common positions on international issues and to promote South-South cooperation in all its forms.

²⁵⁵ [...] IBSA also had the potential to play a unique role in global governance reform. As regional economic powers, the three member countries were in a good position to promote SouthSouth trade and cooperation and reduce their dependence on Western economies. As diverse and populous democracies, they embodied for developing countries a powerful alternative vision to both mainstream Western

Nesse sentido, Stunkel citou uma série de exemplos que estavam começando a serem postos em ação, cujos quais — se aprofundados — conduziriam a uma transformação das relações Sul-Sul e da capacidade de atuação desses países nos processos decisórios internacionais via IBAS. Uma dessas atividades foram os grupos de trabalhos setoriais, que para Stunkel criavam um espaço à intensificação das relações entre os países membros:

Cada governo comprometeu-se a incorporar o processo do IBAS dentro de suas burocracias ministeriais e a selecionar setores nos quais buscava ativamente desenvolver políticas coesivas. Como resultado, o IBAS estabeleceu grupos de trabalho trilaterais em dezesseis áreas, como agricultura, meio ambiente, defesa e energia (STUNKEL, 2015, não paginado, tradução nossa) ²⁵⁶.

Outro exemplo dado por Stunkel para afirmar o que considerou ser uma transformação em curso das relações Sul – Sul através do IBAS, foi o significado das reuniões setoriais entre altos funcionários dos três países para desenvolver políticas de cooperação conjunta, os chamados pontos focais. Para o autor, embora não tenham resultado em ações concretas significativas, estas ações simbolizavam o início de um diálogo até então inexistente entre os três países:

Além das reuniões de nível ministerial e das cúpulas presidenciais, o IBAS criou os chamados Pontos Focais - grupos de altos funcionários selecionados responsáveis por transformar a visão política conjunta dos líderes em cooperação real no campo. Os Pontos Focais se reuniram mais de vinte vezes desde o início do grupo. Dado que as estruturas dos três governos praticamente não tinham conhecimento um do outro, a principal tarefa dos Pontos Focais era estabelecer e institucionalizar os canais de comunicação - um trabalho árduo que nem sempre produziu resultados tangíveis. Essas atividades representaram um nível sem precedentes de diálogo e cooperação entre os três países (STUNKEL, 2015, não paginado, tradução nossa) ²⁵⁷.

neoliberal models and the model of Chinese style authoritarian development that was gaining attention at the time.

²⁵⁶ Each government committed to embed the IBSA process within its ministerial bureaucracies and to select sectors in which it would actively seek to develop cohesive policies. As a result, IBSA established trilateral working groups in sixteen areas such as agriculture, the environment, defense, and energy.

²⁵⁷ In addition to the ministerial level meetings and presidential summits, IBSA created the so-called Focal Points — groups of selected senior officials responsible for transforming the leaders' joint political vision into actual cooperation on the ground. The Focal Points have met more than twenty times since the group's inception. Given that the three governments' structures had virtually no knowledge of each other, the Focal Points' main task was to establish and institutionalize channels of communication — an arduous job that has not always produced tangible outcomes. These activities represented an unprecedented level of dialogue and cooperation among the three countries.

Contudo, Stunkel ponderou suas expectativas iniciais, expondo o que considerou ser uma incerteza quanto aos rumos do IBAS como um fórum com impacto real no ordenamento internacional. Para o autor, ao longo dos anos as potencialidades iniciais não foram desenvolvidas. A atuação em questões internacionais foi baixa, o reconhecimento da comunidade internacional também. Nas palavras do autor:

O IBAS enfrentou desafios ainda maiores em suas tentativas de influenciar os assuntos internacionais e mudar o equilíbrio global de poder. Apesar de às vezes haver uma ousada retórica nas declarações da Cúpula do IBAS, tentativas de agir em uníssono têm sido esporádicas na melhor das hipóteses. O IBAS continua sendo um tópico marginal nas comunidades de relações exteriores dos três países e só indiretamente afetou suas políticas externas, em grande parte aumentando a frequência de reuniões de alto nível e começando a registrar a importância do Sul Global nos principais discursos da política externa (STUNKEL, 2015, não paginado, tradução nossa)²⁵⁸.

A própria intensificação das relações entre os membros não ocorreu. O comércio entre os países membros — uma das principais promessas do fórum — não cresceu a níveis substanciais, o que para Stunkel apontavam a dificuldade à efetivação do aumento das relações do Sul Global:

Talvez mais significativamente, esse processo não resultou em progresso substancial em um dos principais objetivos do IBAS: aumentar o comércio inter-regional. Apesar das inúmeras tentativas de facilitar o comércio, as forças protecionistas internas fazem com que reduzir as barreiras comerciais a outros países do IBAS seja tão difícil quanto a abertura em direção ao Norte Global. Mais de uma década depois da criação do IBAS, o comércio entre os três países continua insignificante e há poucos sinais de que isso mudará em breve (STUNKEL, 2015, não paginado, tradução nossa)²⁵⁹.

A atuação conjunta nos fóruns multilaterais tradicionais para questões internacionais também se mostrou pouco efetiva para Stunkel. O caso sírio foi o exemplo dado pelo autor, onde,

²⁵⁸ IBSA has faced even greater challenges in its attempts to influence international affairs and shift the global balance of power. Despite at times bold rhetoric in IBSA summit declarations, attempts to act in unison have been sporadic at best. IBSA remains a fringe topic in the three countries' foreign relations communities and has only indirectly affected their foreign policies, largely by increasing the frequency of top level meetings and beginning to register the importance of the Global South in major foreign policy speeches.

²⁵⁹ Perhaps more significantly, this process has not resulted in substantial progress on one of IBSA's key aims: increasing intra IBSA trade. Despite countless attempts to facilitate trade, internal protectionist forces make reducing trade barriers toward other IBSA countries as difficult as opening up toward the Global North. More than a decade after IBSA's creation, trade among the three countries remains negligible and there are few signs that this will change anytime soon.

Ministros das Relações Exteriores do IBAS se reúnem regularmente à margem da Assembleia Geral da ONU para discutir formas de fortalecer a cooperação, mas as iniciativas conjuntas têm sido poucas e estão muito aquém das expectativas. Em 2011, por exemplo, negociadores de países do IBAS viajaram para Damasco em uma tentativa fracassada de iniciar um diálogo com o regime do presidente sírio Bashar al Assad sobre um possível cessar-fogo na guerra civil síria - certamente uma missão difícil. O esforço não levou a nenhum envolvimento sustentado na questão da Síria, e suas tentativas de mediar em outros conflitos menos complexos também não tiveram sucesso (STUNKEL, 2015, não paginado, tradução nossa)²⁶⁰.

Além desses limites de coordenação e efetividade política internacional, o IBAS, em razão de contestações de seus poderes nas suas próprias regiões, enfrentava uma dificuldade na construção de sua legitimidade internacional. Segundo Stunkel,

Além da modéstia de suas iniciativas conjuntas, o IBAS enfrenta um problema mais fundamental de legitimidade. Embora seus membros se mantenham como líderes democráticos regionais com alguma capacidade de falar em nome do Sul Global, seus papéis regionais são, na verdade, altamente contestados. Argentina, Paquistão e Nigéria, entre outros, se opõem à noção de que o Brasil, a Índia e a África do Sul, respectivamente, podem fazer reivindicações legítimas de liderança regional. Como os professores Chris Alden e Marco Antonio Vieira observam com razão, isso introduz ‘limitações importantes para que o IBAS e suas perspectivas atuem como uma parceria diplomática efetiva com o objetivo de influenciar os processos internacionais’ (STUNKEL, 2015, não paginado, tradução nossa)²⁶¹.

A incerteza quanto ao potencial do IBAS internacionalmente também foi abalada a partir de 2012, quando, pela diminuição no número de cúpulas, os próprios países demonstraram a diminuição de interesse ao grupo:

O entusiasmo entre os formuladores de políticas do IBAS enfraqueceu-se acentuadamente em 2012, quando apenas um número reduzido de reuniões ocorreu. A calma continuou em 2013 e 2014, quando a cúpula do IBAS foi adiada sem estabelecer uma nova data. Os debates públicos sobre o IBAS

²⁶⁰ IBSA foreign ministers meet regularly on the sidelines of the UN General Assembly to discuss ways to strengthen cooperation, but joint initiatives have been few and far between and largely fallen short of expectations. In 2011, for example, negotiators from IBSA countries travelled to Damascus in a failed attempt to initiate a dialogue with the regime of Syrian President Bashar alAssad about a possible ceasefire in the Syrian civil war—arguably a difficult mission. The effort did not lead to any sustained engagement on the Syria issue, and their attempts to mediate in other, less complex conflicts were unsuccessful as well.

²⁶¹ In addition to the modesty of its joint initiatives, IBSA faces a more fundamental problem of legitimacy. While its members hold themselves out as regional democratic leaders with some capacity to speak on behalf of the Global South, their regional roles are in fact highly contested. Argentina, Pakistan, and Nigeria, among others, oppose the notion that Brazil, India, and South Africa, respectively, can make legitimate regional leadership claims. As Professors Chris Alden and Marco Antonio Vieira rightly note, this introduces ‘important constraints on IBSA and its prospects to act as an effective diplomatic partnership aimed at influencing international processes’.

tornaram-se dominados pela questão de saber se o agrupamento sobreviverá (STUNKEL, 2015, não paginado, tradução nossa)²⁶².

Mesmo assim, com todas essas dificuldades, por volta de 2014 e 2015 Stunkel e Jaffrelot, indicavam que o futuro do grupo era incerto, mas as possibilidades que o fórum ofereceria ao Sul Global ainda se mantinha: “O IBAS ainda tem o potencial de se tornar uma força importante na política internacional, mas também corre o risco de se apagar em irrelevância (STUNKEL, 2015, não paginado, tradução nossa)²⁶³”. Já Jaffrelot, apresentando a dificuldade de sobrevivência do fórum, procurou ressaltar a potencialidade do IBAS como um fórum do Sul Global muito mais comprometido com a ordem do que o BRICS:

Mas agora a coalizão do IBAS não é redundante, uma vez que todos os seus membros fazem parte dos BRICS desde 2012, quando a África do Sul foi convidada a participar pelos chineses (talvez uma medida calculada)? Através do IBAS, a Índia, o Brasil e a África do Sul poderiam promover seu poder brando como as maiores democracias de três continentes. Dentro dos BRICS, isso deve ser restringido pela dominação da Rússia e da China (JEFRELOOT, 2014, não paginado, tradução nossa)²⁶⁴.

7.3 Considerações finais sobre o fórum IBAS

Para a *Brookings*, o IBAS era um grupo de países em desenvolvimento deveras diferente do BRICS. Compostos somente por democracias, as quais domesticamente estavam comprometidas com o desenvolvimento econômico com responsabilidade social, o IBAS foi definido como um grupo bastante alinhado aos valores liberais e comprometido a manutenção da ordem. Para o *think tank*, o Brasil foi fundamental em sua criação e era o principal responsável pela sua continuidade. Nesse contexto, a proposta brasileira de liderança do Sul Global por meio do IBAS foi vista de forma positiva pelo *think tank* e este, por representar uma força acomodada e aliada da ordem liberal, deveria ser incorporada a ordem vigente. Contudo, o Brasil perdeu uma grande

²⁶² Enthusiasm among policymakers for IBSA weakened markedly in 2012, when only a reduced number of meetings took place. The lull continued in 2013 and 2014, when the IBSA summit was postponed without setting a new date. Public debates about IBSA have become dominated by the question of whether the grouping will survive.

²⁶³ IBSA still has the potential to become an important force in international politics, but it is also in danger of fading into irrelevance.

²⁶⁴ But isn't the IBSA coalition redundant now, given that all its members have been part of the BRICS since 2012, when South Africa was invited to join by the Chinese (perhaps a calculated move)? Through IBSA, India, Brazil and South Africa could promote their soft power as the largest democracies of three continents. Within the BRICS, this is bound to be constricted by the domination of Russia and China.

oportunidade de inserção global ao subutilizar o fórum em detrimento da valorização do BRICS, o que acabou levando, segundo a *Brookings*, a perda da potencialidade do IBAS como uma importante força política internacional dos países em desenvolvimento.

O *Wilson Center* produziu diferentes visões sobre o IBAS no decorrer dos anos, as quais estiveram associadas a atuação do Brasil como um promotor da Cooperação Sul-Sul e um reivindicador da transformação das regras internacionais, já que o País foi considerado um dos grandes atores dessa iniciativa. Em uma primeira visão o IBAS foi definido como um possível desestabilizador da ordem. Ao propor modificar regras internacionais já estabelecidas, as quais inclusive beneficiavam grandemente o Brasil e os demais países em desenvolvimento, o fórum estaria colocando em risco a estabilidade do ordenamento. Nesse interím, observamos a posição do *think tank* em defender o não reconhecimento do fórum e da reivindicação pelos “novos atores” à transformação do ordenamento para uma perspectiva mais multipolar.

Em um segundo momento, o *Wilson Center* desenvolveu uma visão bastante positiva do grupo. Para o *think tank*, o fórum, teria notável capacidade para o desenvolvimento/coordenação das atividades Sul-Sul e expansão dos espaços de atuação global desses países. Mas observamos que esta expectativa não se concretizou. Já em 2013 o *think tank* — como a *Brookings* — também apontou a desarticulação do diálogo e conseqüentemente o declínio do poder político global do IBAS.

A *Carnegie* considerou o IBAS um dos grandes exemplos de atuação global do Brasil a nível Sul-Sul. O *think tank* desenvolveu uma visão bastante positiva do potencial do IBAS no avanço das relações Sul-Sul. Para a *Carnegie*, o IBAS poderia ter sido um grande promotor do desenvolvimento econômico entre os países intermediários; de uma reforma de governança global alinhada a manutenção da ordem liberal e; coordenação de ações nos principais processos decisórios. Apesar de identificar a sua perda de interesse dos países membros e da não concretização de muito de suas metas e expectativas, identificamos que para a *Carnegie*, houve uma grande disposição através das representações sobre o IBAS para o reconhecimento e aceitação da multipolaridade, com a inserção de determinados “novos atores”.

CONCLUSÃO

Diante das mudanças em curso no sistema internacional e da ausência de uma política sedimentada em relação aos “novos” atores, em especial sobre o Brasil, este trabalho se propôs a identificar e analisar as formulações políticas produzidas em um importante espaço de elaborações de visões mais genéricas e de opções bastante concretas que visam influir e informar os processos decisórios nos Estados Unidos: os *think tanks*. Em particular, identificamos e analisamos as visões dos principais *think tanks* de política externa/internacional dos Estados Unidos a respeito da atuação global do Brasil de 2003 a 2016. Assim retomemos os objetivos específicos.

Nos três primeiros objetivos propomos: (a) verificar como as visões sobre a atuação internacional do Brasil inseriram o País na ordem global liberal; (b) verificar a qual perspectiva as representações sobre o Brasil apontavam e; (c) verificar como foi avaliada a retração da política externa brasileira do período Dilma. Concluímos que:

A *Brookings Institution* desenvolveu uma visão majoritariamente crítica da atuação global do Brasil. Para o *think tank*, as intenções/ ações do País na América Latina, na África, no BRICS e, em parte, no Oriente Médio, não estavam alinhadas aos princípios e valores da ordem liberal. Aliada a essa argumentação, o *think tank* defendeu que o Brasil, ao intensificar suas ações internacionais, não desenvolveu e empregou seus instrumentos de *hard power* e, portanto, não teria capacidade de se consolidar como um *global player*.

Dessa forma, o Brasil não foi considerado um parceiro dos Estados Unidos na divisão dos custos da manutenção da ordem liberal, e em alguns casos, foi visto até, como uma força desafiadora. Nesse contexto, identificamos que para a *Brookings*, houve pouca aceitação de uma ordem multipolar onde os “novos” atores seriam reconhecidos e inseridos na ordem global, seja através da reforma dos organismos tradicionais, seja aceitando a liderança desses países em algumas temáticas ou regiões. O fator transição de governo e crise política e econômica doméstica do Brasil não foi incluído/relevante e/ou não alterou à formulação da visão da *Brookings*.

Já para o também liberal *Council on Foreign Relations*, o maior protagonismo internacional brasileiro foi descrito de forma bem diferente da *Brookings*. No *CFR* o Brasil foi definido como um ator global alinhado aos princípios da ordem liberal e as atividades do País o tornava um importante parceiro na divisão dos custos da

manutenção da ordem na região latino-americana, no continente africano (principalmente no que se referiu a região Subsaariana) e com potencial no Oriente Médio.

Em comparação com todos os *think tanks*, consideramos o *CFR* o instituto com a visão mais contundentemente positiva em relação a atuação internacional do Brasil. O *think tank* defendeu o reconhecimento e apoio dos Estados Unidos as iniciativas brasileiras de integração política regional (como a UNASUL, CELAC e MERCOSUL); recomendou a inserção do Brasil em organismos tradicionais (como o apoio estadunidense a candidatura do País ao assento permanente no CSONU); bem como descreveu a expansão internacional econômica brasileira como benéfica a manutenção da ordem liberal em diversas regiões.

A única ressalva do *CFR* foi em relação ao BRICS. Para o *think tank*, o grupo que reunia os países em desenvolvimento não compartilhava dos princípios do ordenamento liberal e a médio prazo não teria capacidade de se consolidar como uma força política internacional (visão esta que denotou o baixo nível de reconhecimento do *think tank* em legitimar esta força política no ordenamento global liberal). Contudo, é importante ressaltar que mesmo nessa perspectiva o Brasil foi visto de forma positiva, já que o *CFR* enfatizou a visão de que o País era muito distinto dos demais membros (diga-se Rússia e China). Nesse contexto, em suas recomendações políticas o *think tank* defendeu a manutenção de canais de diálogo com o Brasil pelos Estados Unidos a fim de formar e intensificar parcerias para atuação global conjunta com o Brasil em diversas áreas e regiões.

Assim, identificamos no *CFR* uma perspectiva de aceitação a uma ordem internacional multipolar e da busca de parceiros “responsáveis” para divisão dos custos da sua manutenção. O Brasil, ao contrário de outros atores como China e Rússia, foi definido como um desses “novos” atores aliados/parceiros estadunidenses que deveriam ser inseridos/socializados na ordem liberal — quer nos organismos tradicionais ou reconhecendo as iniciativas próprias do País, como a UNASUL, por exemplo. O fator transição de governo e crise política e econômica doméstica do Brasil também não foi incluído/relevante e/ou não alterou à formulação da visão do *CFR*.

Já o *Wilson Center*, à vista do conteúdo da sua produção discursiva, consideramos claramente engajado na promoção e legitimação de uma ordem internacional multipolar, onde países emergentes como o Brasil deveriam ser socializados no ordenamento liberal. O *Wilson Center* — enfatizando a construção de

parceria pelos Estados Unidos com o Brasil para atuação conjunta em todas as perspectivas analisadas — descreveu o Brasil como um dos grandes aliados estadunidenses para manutenção da ordem liberal. O *think tank* argumentou que, apesar de em alguns momentos o País executar mal sua política externa (como, por exemplo, no caso da questão nuclear iraniana), o Brasil foi definido como um ator internacional alinhado aos valores/princípios da ordem liberal e com notáveis capacidades de desenvolvimento e coordenação das atividades de Nível Sul-Sul.

O *Center for a New American Security* desenvolveu uma visão predominantemente positiva da atuação global do Brasil no período. Em razão do maior protagonismo brasileiro e de seu alinhamento aos valores da ordem liberal — o que, portanto, para o *think tank* não alterava a prerrogativa dos Estados Unidos se manter como *primus inter pares* — o *CNAS* recomendou explicitamente a intensificação da parceria Estados Unidos-Brasil na questão de segurança/defesa na América Latina. Já na África — visto como um relevante contraponto as presenças de outros “novos” atores contrários aos interesses estadunidenses (Rússia e China) —, o País foi definido como um importante parceiro e aliado estadunidense à manutenção e promoção da ordem liberal.

Para o *CNAS*, a atuação do Brasil pelo multilateralismo não deveria ser vista pelos Estados Unidos como uma expressão de ameaça ou força desafiadora aos seus interesses internacionais e/ou a própria manutenção da ordem liberal — apesar de em alguns casos agir lado a lado de emergentes definidos pelo *think tank* como não confiáveis, como por exemplo, no caso do BRICS. Para o *CNAS* o Brasil não era um País revisionista e não pretendia modificar a ordem, mas sim (através do multilateralismo), ambicionava fortalece-la através do multilateralismo.

Porém, quando se referiu a atuação o Brasil no Oriente Médio, o *CNAS* visivelmente alterou sua visão a respeito do País. Em específico, pelas ações do governo Lula em relação a questão nuclear iraniana. Para o *think tank*, as ações do Brasil no período foram explicitamente opostas a manutenção do regime de não-proliferação nuclear e aos direitos humanos em razão do Brasil não ter seguido as linhas de ações definidas pelo CSONU (novas sanções ao Irã). Não obstante, o Brasil retomou seu alinhamento a ordem liberal no governo Dilma, quando este passou a votar mais alinhado aos Estados Unidos no CSONU.

Portanto, no *CNAS* o fator governo foi fundamental a interpretação das intenções do Brasil no meio internacional na questão específica do tradicional organismo de

segurança internacional. Contudo, não se seguiu a linha da hipótese inicial proposta, ou seja, de que a crise política e econômica teria alterado a visão sobre o potencial de atuação global do Brasil, mas sim, seguiu a linha do Brasil votar alinhado ou não aos Estados Unidos no CSONU.

Esta perspectiva leva uma importante conclusão a respeito do tipo de ordenamento global proposto pelo *CNAS*. O *think tank* reconheceu a emergência de “novos” atores que por estarem alinhados aos valores liberais (o que não foram os casos chinês e russo) poderiam ser incluídos no ordenamento global e tornarem-se importantes parceiros na divisão dos custos da sua manutenção em diversas regiões. Todavia, quando a temática foi a questão do regime de não-proliferação nuclear e da reforma do principal organismo dedicado a segurança internacional, o *CNAS* demonstrou não haver espaço para os países emergentes.

A *Carnegie Endowment International for Peace* se dedicou a dois aspectos abordados nesta tese: a atuação do Brasil no Oriente Médio — em específico sobre o envolvimento na questão nuclear iraniana — e as estratégias de atuação multilateral do Brasil via BRICS e IBAS. Consideramos que a ausência de produções sobre a atuação do Brasil na América Latina e na África não se deveu ao fato de uma possível falta de reconhecimento do *think tank* em relação a essa atuação, mas sim, a própria estrutura da *Carnegie*, a qual não contempla as duas regiões respectivamente.

A *Carnegie* (como o *CNAS*) produziu duas visões distintas sobre a atuação internacional Brasil. Numa perspectiva positiva, voltada a análises sobre a atuação internacional do Brasil através do multilateralismo de Nível Sul-Sul, o Brasil foi definido como um ator global comprometido com a ordem liberal. Para o *think tank*, o BRICS, por exemplo, além de não ser definido como uma ameaça, foi considerado um grupo com potencial único de auxiliar na manutenção da ordem global financeira durante a crise de 2009 — visão esta que colocou a *Carnegie* como o único *think tank* a considerar positivamente o grupo político em que Rússia e China eram membros.

A visão crítica ao Brasil se concentrou no que o *think tank* definiu ser as intenções/ações do País na questão nuclear iraniana e do seu posicionamento frente ao caso no CSONU durante a gestão de Lula da Silva. Para a *Carnegie*, nestes casos o Brasil se comportou como um ator pouco acomodado a ordem liberal, visto até como uma força desafiadora. Essa visão foi estreitamente associada as posições pessoais do presidente Lula e de seu chanceler, Celso Amorim, e, enfatizadas como ações não características do perfil diplomático tradicional do País.

Com a mudança de governo (de Lula para Rousseff) e principalmente do posicionamento do Brasil frente ao caso (onde passou a votar a favor das novas sanções), para a *Carnegie* o País assumiu uma posição mais alinhada aos interesses estadunidenses e a manutenção da ordem de não-proliferação nuclear. Assim, consideramos que a visão da *Carnegie* em relação ao tipo de ordenamento global definido foi semelhante ao do *CNAS* no que se referiu a inserção/ engajamento dos novos atores no organismo tradicional voltado a segurança internacional.

Para a *Carnegie*, os novos atores deveriam ser reconhecidos e os Estados Unidos deveriam engaja-los na divisão dos custos da manutenção da ordem. Mas, quando a questão foi segurança internacional, observamos uma clara recomendação para contenção de atores não alinhados as diretrizes defendidas pelos Estados Unidos no CSONU.

O *think tank* conservador *American Enterprise Institute* também não foi homogêneo em sua visão a respeito da atuação global do Brasil. Na América Latina, até meados de 2011 o Brasil foi visto como um ator fundamental a estabilidade regional e um parceiro efetivo dos Estados Unidos na manutenção da ordem regional. Internacionalmente, a atuação do País também foi positiva (visão esta desenvolvida a partir da diferenciação do Brasil em relação a Rússia e a China). Assim, diferentemente de nossa hipótese inicial, o *think tank* conservador *AEI* não produziu uma visão unicamente crítica a atuação global do Brasil e não propôs apenas sua contenção.

Porém, identificamos que a visão do *AEI* se alterou substancialmente a partir do governo Dilma Rousseff, quando o *think tank* mudou radicalmente seus argumentos em relação ao Brasil e seu potencial como ator fundamental na região latino-americana. Descrito como um País com uma economia fechada e uma presença estatal a qual sufocava a livre iniciativa (argumentos estes que definiram a causa da crise política e econômica que o Brasil passava naquele momento), a partir de 2011 o Brasil passou a ser definido como pouco alinhado aos princípios e valores do ordenamento liberal, o que o tornava até, um agente desestabilizador regional. Nesse contexto, verificamos que o *AEI* foi o único *think tank* a confirmar plenamente nossa afirmação inicial de que a passagem do governo Lula para Dilma e a crise política e econômica influenciaram a visão dos *think tanks* em relação ao maior protagonismo internacional brasileiro.

Dessa forma, verificamos no *AEI* uma relativa aceitação da multipolaridade. Contudo, esta visão se mostrou temporal. A crise política e econômica do Brasil afetou a visão do *think tank* que passou classificar o Brasil como pouco responsável e

comprometido com a ordem, visto até, como uma força desestabilizadora. Nesse contexto, identificamos que a partir de 2011 o *AEI* compartilhou da visão defendida pelos neorrealistas ofensivos de restrição da inserção internacional dos emergentes, bem como da manutenção de uma unipolaridade.

Já na *Heritage Foundation*, as visões foram extremamente críticas à atuação global do Brasil — corroborando assim, nossa hipótese inicial. Definido como um ator global contrário a ordem liberal e, portanto, uma força desafiadora, observamos uma clara visão de contenção das ações mais protagônicas do Brasil no meio externo. Nestas, as representações estiveram associadas a conferir a legitimação a uma ordem unipolar. Na América Latina, por exemplo, o Brasil foi definido como um líder regional voltado a desafiar a liderança e presença estadunidense. No Oriente Médio, as ações do Brasil foram descritas como antiamericanas e dispensáveis.

A partir desta análise podemos responder o quinto objetivo específico: (d) verificar se *think tanks* de diferentes espectros ideológicos desenvolveram visões distintas a respeito do Brasil. Nesse aspecto verificamos que nossas hipóteses iniciais em sua grande maioria não foram confirmadas.

Entre os *think tanks* liberais, não houve consenso em relação a perspectiva de inserção/socialização do Brasil na ordem global liberal. A *Brookings Institution*, por exemplo, foi um *think tank* que se posicionou majoritariamente contrária a todas as ações externas do Brasil e, através das representações dessa atuação, defendeu uma socialização bem restrita do Brasil a ordem, aproximando-se, assim, da tese de contenção dos emergentes explorada pelos neorrealistas ofensivos. Visão esta, semelhante ao da conservadora *Heritage Foundation*.

Já os *think tanks* *Carnegie* e *Center for a New American Security*, defenderam uma inserção relativa do Brasil na ordem liberal. Em assuntos de segurança internacional envolvendo o CSONU, os dois *think tanks* se mostraram muito poucos abertos a inserção do Brasil ou a qualquer alteração no formato e nas decisões do organismo.

Apenas *Wilson Center* e *Council on Foreign Relations* corroboraram a nossa hipótese inicial de que *think tanks* liberais tenderam a inserir/socializar o Brasil na ordem global liberal. Dentre estes dois, o *CFR* foi o *think tank* mais alinhado a esta perspectiva. Para o *think tank*, o Brasil deveria ser efetivado como um membro dos principais organismos internacionais tradicionais e sua liderança/iniciativas do Sul global (como a UNASUL ou suas atividades na África), deveriam ser reconhecidas e

legitimadas como parte das características da na ordem global liberal, então mais multipolar.

Os dois *think tanks* conservadores também não foram consensuais em suas visões a respeito da socialização ou contenção do Brasil no ordenamento. O *American Enterprise Institute*, até 2011 se mostrou disposto a uma relativa aceitação do Brasil como um parceiro fundamental aos interesses regionais dos Estados Unidos, recomendando-se abertamente a inserção do País a ordem liberal. Esta conclusão nos foi surpreendente, já que o *think tank* conservador definiu o governo de Lula da Silva (visto como de esquerda) e sua política externa (a qual estava engajada na alteração da distribuição de poder global) como positiva e de acordo com os valores a manutenção da ordem liberal regional. Visão esta a qual se distancia, e muito, da perspectiva de contenção.

Já a conservadora *Heritage Foundation* se mostrou nitidamente alinhada a nossa hipótese inicial. Definido como uma ameaça e um País antiamericano, a *Heritage* enfaticamente recomendou a contenção do Brasil na ordem global.

O nosso último objetivo proposto, o qual, em razão da sua importância para a apresentação lógica da tese foi exposto no início do trabalho, foi: (e) caracterizar o debate e a produção sobre a atuação global do Brasil realizada em cada um dos sete *think tanks* analisados. Concluímos que:

Todos os *think tanks* selecionados são institutos reconhecidamente importantes para a formulação do debate sobre política externa/internacional estadunidense. Todos eles têm grandes orçamentos e número de pessoal.

As visões ideacionais da atuação internacional do Brasil produzida/reproduzida pelos *think tanks* estiveram concatenadas com o objetivo geral dos *think tanks* de moldar a opinião pública e influenciar a formulação de políticas públicas por parte de agentes governamentais. Ao longo do capítulo III identificamos que as visões defendidas pelos institutos circularam em diferentes espaços privilegiados do poder estadunidense. Todos os *think tanks*, independentemente da classificação ideológica, desenvolveram atividades como eventos em suas sedes, elaboração de relatórios e contatos interpessoais com políticos, empresários, intelectuais e jornalistas estadunidenses para promover ideias em relação a temática.

Contudo, um dos espaços visado por todos os *think tanks* (alguns mais intensamente que outros) para inserção de suas visões a respeito da atuação global do Brasil ainda não é descrita na literatura especializada sobre *think tanks*. Durante todo o

período, os *think tanks* procuraram expor e promover suas ideias/visões não só nos espaços/atores estadunidenses, mas no ambiente/atores brasileiros. Tal perspectiva ficou evidente quando identificamos durante todo o período de análise as diversas iniciativas dos *think tanks* em introduzir suas ideias na imprensa brasileira, na manutenção de diálogo com agentes governamentais, políticos e intelectuais brasileiros e mesmo, envolvendo brasileiros de distintos espaços sociais/profissionais nas atividades sobre a temática nos seus centros.

Neste enquadramento, destacamos o esforço do *Wilson Center*. Ao longo dos anos foi central nas atividades do *Wilson Center* sobre a atuação internacional do Brasil tanto o diálogo desenvolvido com a embaixada brasileira (fundamental no desenvolvimento do *Brazilproject* e *Brazil Institute*) bem como a participação de um grupo específico de políticos/intelectuais brasileiros na sua maioria com vínculos ao PSDB — inclusive com o próprio *think tank* declarando oficialmente a importância desses brasileiros na criação e desenvolvimento do *Brazil Institute*.

Outro exemplo dos esforços dos *think tanks* em inserir suas ideias no ambiente brasileiro foi a manutenção, por intermédio de seus articulistas, de colunas em dois importantes jornais de circulação nacional no Brasil. O *CFR*, através de Sweig, na Folha de São Paulo e o *Wilson Center*, através de Sotero, no O Estadão. Portanto, podemos afirmar que os *think tanks* desenvolvem estratégias para que suas ideias circulem/moldem visões não somente no espaço estrito dos Estados Unidos, mas também a região do tema em questão.

Identificamos que a partir de 2010, todos os *think tanks* liberais desenvolveram ou uma iniciativa ou projeto ou força-tarefa para produzir exclusivamente sobre a atuação global do Brasil. Na *Brookings* houve o empreendimento de análise que resultou no livro *Aspirational Power: Brazil on the Long Road to Global Influence*. Já o *CFR* criou e manteve por quatro anos uma iniciativa exclusiva para produzir/reproduzir e promover as visões do *think tank*, o *Brazil Global Initiative*. Na *Carnegie*, Kassenova se dedicou por mais de dois anos a um projeto a fim de produzir/ reproduzir e promover uma visão sobre a atuação global do Brasil no âmbito de questões nucleares. O *CNAS*, produziu o *report Global Swing states: Brazil, India, Indonesia, Turkey, and the future of international order* e o *Wilson Center* primeiramente manteve o *Brazil Project* e, em seguida, o *Brazil Institute*.

Este fato nos permite fazer duas afirmações. A primeira delas é de que a atuação global do Brasil ao longo dos anos recebeu mais espaço e prioridade dos principais

think tanks estadunidenses. Consideramos que tais iniciativas foram resultado do crescimento econômico brasileiro somado ao conjunto de ações externas do País nos dois mandatos de Lula da Silva, o que tornou o Brasil mais visível internacionalmente (afirmação esta que é corroborada pela análise do conteúdo das produções discursivas).

A segunda afirmação é de que *think tanks* liberais investiram mais tempo e recursos financeiros, já que não identificamos nenhuma iniciativa ou projeto específico sobre a temática no *AEI* e *Heritage*. Nesse contexto, dentre os *think tanks* selecionados, em termos de estrutura organizacional formal, consideramos o *Wilson Center* o *think tank* com maior investimento em relação a temática. Isto por que foi o único *think tank* a produzir e reconhecer o Brasil como um *global player* já nos anos iniciais da pesquisa, evidenciado pelo *Brazil Project* e o boletim informativo *Thinking.brazil*. E a partir de 2006 seu reconhecimento e prioridade cresceu com a criação do *Brazil Institute* — único *think tank* a criar um instituto próprio sobre o Brasil.

Identificamos que em todos os *think tanks*, ao menos um articulista se dedicou a produzir/reproduzir visões a respeito da temática de forma mais organizada, composto por: Harold Trinkunas (*Brookings*), Julia Sweig (*CFR*), Togzhan Kassenova (*Carnegie*), Richard Fontaine (*CNAS*), Roger Noriega (*AEI*), Ray Wasker e James Roberts (ambos da *Heritage*). Isto é um indicativo de preocupação dos institutos para com a temática. Contudo, o perfil profissional e a dedicação ao tema foram diferentes.

O perfil dos articulistas dos *think tanks* liberais e conservadores foi distinto. Enquanto nos *think tanks* liberais os principais articulistas caracterizaram-se pelo seu alto nível de profissionalização acadêmica (com exceção de Sotero, todos os outros articulistas eram doutores), nos *think tanks* conservadores os três principais articulistas construíram suas carreiras no Estado, desempenhando cargos públicos e administrativos, voltados especialmente para políticas estadunidenses à América Latina.

À frente destas conclusões, também é importante retomar os pressupostos teóricos desenvolvidos por Weldes, Legro, Hopf e relacioná-los a pesquisa realizada. Como vimos ao longo da tese, os *think tanks* são instituições que formam um importante grupo de atores envolvidos na dinâmica de formulação de políticas públicas em política internacional dos Estados Unidos e tem como objetivo central construir/reproduzir identidades nacionais.

A tese identificou quais foram as identidades construídas/reproduzidas por estes atores a respeito da atuação de um dos “novos” emergentes internacionais na primeira década e meia do século XXI, o Brasil. Discriminamos os principais recursos

linguísticos utilizados pelos *think tanks* de política externa/internacional dos Estados Unidos para criar representações numa forma específica e com significados particulares do que consideraram ser a atuação internacional do Brasil e as conseqüentes políticas delas decorrentes.

Verificamos que a partir de determinados recursos linguísticos, os *think tanks* partiram de uma representação com elementos em comum a respeito da ordem internacional e a importância dos Estados Unidos na organização do sistema internacional. Todos os *think tanks* (tanto liberais como conservadores) representaram o sistema internacional a partir da denominada ordem internacional liberal, a qual, com já nos referimos, é organizada por meio de leis acordadas e instituições onde os Estados Unidos é o Estado líder e considerado o *primus inter pares*. A partir dessa representação específica da ordem internacional e do papel dos Estados Unidos no sistema internacional, os *think tanks* questionaram se o Brasil seria um parceiro ou uma força desafiadora a esta ordem internacional liberal.

Fundamentado em um conjunto de recursos linguísticos, cada *think tank* buscou representar o que seria a atuação internacional do Brasil construindo, assim, identidades específicas a respeito da temática em questão. Por exemplo, nas produções do *Council on Foreign Relations* o Brasil foi comumente referido pelas palavras “*global player*”, “*major power*”, “*emerging power*”, “*strategic partnership*”, “*global South*” e “*regional power*”. Estes recursos linguísticos foram constantemente associados a outros recursos linguísticos envolvendo ideias de “aliado”, “responsável” e “parceiro”.

Estas representações do Brasil implicaram fortemente um determinado conjunto de interesses ou preferências no que diz respeito às escolhas e ações dos Estados Unidos no ambiente internacional. Seguindo o exemplo, o *CFR* claramente defendeu a socialização do Brasil pelos Estados Unidos no ordenamento internacional, seja nos organismos tradicionais como o CSONU ou pelo reconhecimento das próprias iniciativas brasileiras, como a UNASUL. Esta representação do Brasil denotou uma forte preferência do *think tank* a um ordenamento multipolar, onde os Estados Unidos reconheceriam novos atores internacionais e estes países teriam papéis e responsabilidades na manutenção da ordem.

Identidade deveras distante construiu o *think tank Heritage Foundation*. Combinando recursos linguísticos para definir o Brasil através de palavras tais como “antiamericano”, “expansionista” e associando-as a outras tais como “ameaça”, “deterioração” da ordem e “exclusão” dos Estados Unidos, a representação produzida

pelo *Heritage* a respeito do Brasil foi de ser um País não alinhado aos interesses estadunidenses e de sua inviabilidade de inserção e reconhecimento do Brasil nos organismos tradicionais. Essa representação implicou um determinado conjunto de interesses ou preferências de ação para os Estados Unidos pelo *think tank*. Como avaliamos ao longo deste trabalho, estiveram muito próximas a perspectiva unipolar e de manutenção da ordem internacional da década de 1940, com a contenção de possíveis novos atores internacionais.

Além desse primeiro processo de formação de identidades nacionais, denominado por Weldes de articulação, identificamos que os *think tanks* também intensamente se engajaram no processo de interpelação. Ou seja, os *think tanks* atuaram no processo de inserção de suas identidades/ideias em espaços onde indivíduos concretos envolvidos com a questão/temática em estudo pudessem se reconhecer nessas representações e considerar suas ideias como reflexo do mundo como ele é.

Evidenciamos esse envolvimento dos *think tanks* nesse processo de construção e consolidação de identidades principalmente no capítulo 3, onde identificamos quem eram os formuladores, por quem e onde as ideias sobre a temática circularam. Como vimos, os *think tanks* procuraram interpelar importantes indivíduos e espaços envolvidos na formulação bem como no processo de tomada de decisão em política internacional nos Estados Unidos e também no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A FOLHA DE SÃO PAULO. Colunas: Julia Sweig. São Paulo, [2017?]. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/juliasweig/>>. Acesso em 20 abril 2017.a.

ABELSON, E. Donald. **A Capitol Idea: Think Tanks and US Foreign Policy**. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2006.

ACTION, James M. **Progress or Setback—Brazil and Turkey's Engagement on Iran**. Washington, DC, Q&A, 17 maio 2010. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2010/05/17/progress-or-setback-brazil-and-turkey-s-engagement-on-iran-pub-40813>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli (ORG.). **Os BRICS e seus vizinhos: investimento direto estrangeiro**. Brasília: Ipea, 2014. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_brics_investim ento.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2017.

AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. Annual Report 2016. Washington, DC, 2016. Disponível em: <<http://annualreport.aei.org/2016/>>. Acesso em: 27 jun. 2017.a.

AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. **Brazil's presidential election: Real challenges, real choices**, 23 out. 2014. (1hora2min7s). Disponível em: <<http://www.aei.org/events/brazils-presidential-election-real-challenges-real-choices/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. History of AEI. Washington, DC, [2017?]. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20090708195505/http://www.aei.org/history>>. Acesso em: 27 jun. 2017.a.

AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. Roger F. Noriega Visiting Fellow Latin America The Caribbean Canada. Washington, DC, [2017?] <<https://www.aei.org/scholar/roger-f-noriega/>>. Acesso em: 30 jun. 2017.b.

AMORIM, Celso. **Teerã, Ramalá e Doha. Memórias da Política Externa Ativa e Altiva**. São Paulo: Benvirá, 2015.

AMR, Hady. **Iran's Nuclear Deal and the New Global Power Brokers**. Washington, DC, 21 mar. 2010. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/irans-nuclear-deal-and-the-new-global-power-brokers/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

ANUNCIATO, Renata. **Política externa brasileira e a atuação da Embrapa no caso do Cotton-4**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. 83 p. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

ARAMAYO, Carlos. PEREIRA, Carlos. **Brazil's Influence in Peru's 2011 Presidential Election**. Washington, DC, opinion, 14 jun. 2011. Disponível em:

<<https://www.brookings.edu/opinions/brazils-influence-in-perus-2011-presidential-election/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

ARAMAYO, Carlos. PEREIRA, Carlos. **Obama's Visit to Latin America: Redefining U.S.Brazil.** Washington, DC, 15 mar. 2011. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/obamas-visit-to-latin-america-redefining-u-s-brazil-relations/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

ARNSON, Cynthia. **Regional Security, Not Iran, a primary focus in South America.** Washington, DC, 17 abri. 2012. Disponível em:<<https://www.wilsoncenter.org/article/latin-american-program-the-news-regional-security-not-iran-primary-focus-south-america>>. Acesso em: 24 jan. 2017.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2004.

BARFIELD, Claude. **The G8: abolish or transform it.** American Enterprise Institute, 9 jun. 2004. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/the-g8/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

BARONE, Michael. **Back to the Future: Obama's Foreign Policy.** American Enterprise Institute, Washington, DC, 20 abri. 2009. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/back-to-the-future-obamas-foreign-policy/>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

BATE, Roger. **Promoting Prosperity in Latin America.** American Enterprise Institute, Washington, DC, 9 out. 2009. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/promoting-prosperity-in-latin-america/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

BATE, Roger. **Brazil's Dangerous Denial.** Washington, DC, 27 jun. 2005. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/brazils-dangerous-denial/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

BATE, Roger. **BRICS want to fight tuberculosis.** AEIdeas, Washington, DC, 5 de fev. de 2013. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/brics-want-to-fight-tuberculosis/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

BETHELL, Leslie. **Brazil and Latin America.** Washington, DC, aug. 2010. Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/Bethell_Article.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2017.

BITENCOURT, Luis. 2006. **Defining Brazil's Security Agenda: From Favelas to the United Nations.** Wilson Center Update on the Americas, Washington, DC, n 23, aug. 2006.

BOLLE, Monica de; TALVI, Ernesto. **IMF Therapy for Brazil.** Washington, DC, 15 dez. 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/imf-therapy-for-brazil/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

BRADFORD, Colin I.; LINN, Johannes F. **The Irrelevant G8 Summit in St. Petersburg.** Washington, DC, 25 jul. 2006. Disponível em:

<<https://www.brookings.edu/opinions/the-irrelevant-g8-summit-in-st-petersburg/>>. Acesso em: 22 de abri. 2016.

BRAINARD, Lael; MARTINEZ DIAZ, Leonardo. **Brazil as an economic superpower?** Understanding Brazil's Changing Role in the Global Economy. Washington, DC, Brookings Institution Press, 2009.

BROMUND, Ted. **Problems Brewing for the BRICs.** Washington, DC, 2 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.heritage.org/trade/commentary/problems-brewing-the-brics>>. Acesso em: 25 maio 2016.

BROOKINGS INSTITUTION. About Order from Chaos. Washington, DC, [2017?]. Disponível em:<<https://www.brookings.edu/about-order-from-chaos/>>. Acesso em 20 abril 2017.

BROOKINGS INSTITUTION. **An arms race in our hemisphere?** discussing the trends and implications of military expenditures in south america. Transcript event. June, 2010. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/events/an-arms-race-in-our-hemisphere-discussing-the-trends-and-implications-of-military-expenditures-in-south-america/>>. Acesso em: 20 abri. 2016.a

BROOKINGS INSTITUTION. Annual report 2015, Washington, DC, 2015. Disponível em:<<https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/07/2015-annual-report.pdf>>. Acesso em 20 abril 2016.e.

BROOKINGS INSTITUTION. **Brazil and the Shaping of a Cooperative Multipolar Order.** Event transcription, Washington, DC, 9 fev. 2015, 41 p. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/events/brazil-and-the-shaping-of-a-cooperative-multipolar-order/>>. Acesso em: 22 de abri. 2016.a

BROOKINGS INSTITUTION. **Five rising democracies and the fate of the international liberal order.** Event Transcription, Washington, DC, 18 fev. 2016. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/events/five-rising-democracies-and-the-fate-of-the-international-liberal-order/>>. Acesso em: 20 abri. 2016.

BROOKINGS INSTITUTION. **Intertwined economic and political fortunes in the southern cone:** The future of Brazil and Argentina. Transcription. Washington, DC, 20 abril 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/events/intertwined-economic-and-political-fortunes-in-the-southern-cone-the-future-of-brazil-and-argentina/>>. Acesso em: 22 abril 2016.b

BROOKINGS INSTITUTION. **Latin America and the Obama Administration:** a new partnership. Washington, DC, 2010. Jun. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/events/latin-america-and-the-obama-administration-a-new-partnership/>>. Acesso em: 20 abri. 2016.b

BROOKINGS INSTITUTION. Partnership for the Americas Comission. **Re-Thinking U.S.-Latin American Relations:** A Hemispheric Partnership for a Turbulent World. Washington, DC, 24 nov. 2008. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/research/re-thinking-u-s-latin-american-relations-a-hemispheric-partnership-for-a-turbulent-world/>>. Report. Acesso em: 22 abril 2016.

BROOKINGS INSTITUTION. *Swing States and human rights and democracy order*. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/research/global-swing-states-and-the-human-rights-and-democracy-order/>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

BROOKINGS INSTITUTION. **The Foreign Policies of Emerging: Market Democracies- What Role for Human Rights and Democracy**. Report. Washington, DC, abril 2011. Disponível em: <https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/06_human_rights_piccone.pdf>. Acesso em: 22 abri. 2016.

BROOKINGS INSTITUTION. **The Summit of the Americas and prospects for inter-American relations**. Event transcription, Washington, DC, 3 abris 2015, 31 p. Disponível em: <https://www.brookings.edu/events/the-summit-of-the-americas-and-prospects-for-inter-american-relations/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.c

BROOKINGS INSTITUTIONS. **Brazil and the Shaping of a Cooperative Multipolar Order**. Event, Washington, DC, 3 april 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/events/brazil-and-the-shaping-of-a-cooperative-multipolar-order/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.d

BROOKS, Arthur C. The real culture wars is over capitalism. *Wall Street Journal*, 30 abri. 2009. Disponível em: <<https://www.wsj.com/articles/SB124104689179070747>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

c, Erik. **Competitiveness in the Brazilian economy: challenges & opportunities**. Washington, DC, article, 6 jun. 2013. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/Erik%20Camarano.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2017.

CAMPBELL, John. 2013. **Brazil in Africa**. Washington, DC, 1 maio 2013. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/brazil-africa-0>>. Acesso em: 15 maio 2016.

CÁRDENAS, Mauricio. **Brazil Relations: A Fresh New Start? Up Front**, Washington, DC, 8 fev. 2011. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/up-front/2011/02/08/u-s-brazil-relations-a-fresh-new-start/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

CARDÉNAS, Mauricio. **Can Latin American Economies Deflect the Financial Crisis?** Washington, DC, 22 set. 2008. Entrevista. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/on-the-record/can-latin-american-economies-deflect-the-financial-crisis/>>. Acesso em: e 22 abri. 2016.

CÁRDENAS, Mauricio. **Climate Change and Brazil: Are Unilateral Actions More Effective?** Washington, DC, 2 dez. 2009. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/climate-change-and-brazil-are-unilateral-actions-more-effective/>>. Acesso em: 24 abri. 2016.

CÁRDENAS, Mauricio. **It's Time for Obama to Deliver on Promises to Latin America**. Up Front, Washington, DC, 17 mar. 2011. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/up-front/2011/03/17/its-time-for-obama-to-deliver-on-promises-to-latin-america/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

CÁRDENAS, Mauricio. **President Obama's Latin American Visit is Important for Long Term U.S. Interests.** Washington, DC, 17 mar. 2011. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/president-obamas-latin-american-visit-is-important-for-long-term-u-s-interests/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

CÁRDENAS, MAURICIO; CASTRO NEVES. **Brazil's Post-Lula Foreign Policy.** Washington, DC, 15 out. 2010. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/brazils-post-lula-foreign-policy/>>. Acesso em: 20 abri. 2016.

CÁRDENAS, Mauricio; NEVES, João Castro. **Brazil and the United States: A New Beginning?** UpFront, Washington, DC, 19 abri. 2010. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/up-front/2010/04/19/brazil-and-the-united-states-a-new-beginning/>>. Acesso em: 22 abri. 2016. A

CARNEGIE ENDOWMENT INTERNATIONAL FOR PEACE. Global think tank. Washington, DC, [2017?]. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/about/?lang=en>>. Acesso em: 12 de jul. 2017.a

CARNEGIE ENDOWMENT INTERNATIONAL FOR PEACE. Moisés Naím distinguished fellow. Washington, DC, [2017?]. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/experts/21>>. Acesso em: 12 jul. 2017.c

CARNEGIE ENDOWMENT INTERNATIONAL FOR PEACE. Togzhan Kassenova fellow Nuclear Policy Program. Washington, DC, [2017?]. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/experts/606>>. Acesso em: 12 jul. 2017.b

CASARÕES, Guilherme. A Política Externa interina e os riscos à Integração Regional. *Conjuntura Austral*, v. 37, p. 81-93, 2016.

CASASZAMORA, Kevin. **No Victory for Democracy in Honduras.** Washington, DC, op-ed, 1 dez. 2009. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/no-victory-for-democracy-in-honduras/>>. Acesso em: 24 abri. 2016.

CASASZAMORA, Kevin. **Poster Boy of Globalization Charts Own Course.** Washington, DC, 9 abri. 2010. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/poster-boy-of-globalization-charts-own-course/>>. Acesso em: 22 abril 2016.

CASASZAMORA, Kevin. **Should Obama Endorse Brazil for the Security Council?** Washington, DC, opinion, 18 mar. 2011. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/should-obama-endorse-brazil-for-the-security-council/>>. Acesso em: 22 d abri. 2016

CASTANHEDA, Jorge. **Latin America's Left Turn** . Foreign Affairs, Washington, DC, maio/ jun. 2006. Disponível em <<https://www.foreignaffairs.com/articles/south-america/2006-05-01/latin-americas-left-turn>>. Acesso em: 15 maio 2016.

CENTER FOR A NEW AMERICA SECURITY. Experts. Washington, DC, [2017?]. Disponível em: <<https://www.cnas.org/experts>>. Acesso em: 25 jul. 2017.c

CENTER FOR A NEW AMERICA SECURITY. **Global Sweing State**. Washington, DC, [2017?]. Disponível em: <<https://www.cnas.org/search?q=Global+Swing+states>>.d

CENTER FOR A NEW AMERICA SECURITY. Kurt M. Campbell CNAS Board Chairman and Co-Founder Chairman and Chief Executive Officer, The Asia Group. Washington, DC, [2017?]. Disponível em: <<https://www.cnas.org/people/kurt-m-campbell>>. Acesso em: 25 jul. 2017.b.

CENTER FOR A NEW AMERICA SECURITY. Michèle Flournoy CNAS Board of Director Chief Executive Officer, WestExec. Washington, DC, [2017?]. Disponível em: <<https://www.cnas.org/people/mich%C3%A8le-flournoy>>. Acesso em: 25 jul. 2017.a

CENTER FOR LATIN AMERICAN STUDIES DA UNIVERSITY OF CALIFORNIA. **The practical power: Brazil's far-flung global agenda**. 12 out. 2012 (49min18s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uuj2eqCZos8&t=1467s>>. Acesso em: 15 maio 2016.

CERVO, Amado Luiz. **Brazil's rise on the international scene: Brazil and the World**. Revista Brasileira de Política Internacional [online]. 2010, vol.53, n.spe [cited 2016-08-24], pp.7-32.

CERVO, Amado Luiz; LESSA, Antônio Carlos. **O declínio da inserção internacional do Brasil** (2011-2014). Rev. bras. polít. int., Dez 2014, vol.57, no.2, p.133-151.

COLEMAN, Isabel. **Foreign Aid III: BRICS as Donors**. Washington, DC, 20 abri. 2012. Disponível em: <<https://www.cfr.org/coleman/category/topics/economic-development/page/7/>> Acesso em: 15 maio 2016.

COLEMAN, Isabel. **Questions About the BRICS Development Bank**. Washington, DC, 30 abri. 2013. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/democracy-development-brics-development-bank>>. Acesso em: 15 maio 2016.

CORNETET, João Marcelo Conte. **A política externa de Dilma Rousseff: continção na continuidade**. Conjuntura Austral, v. 5, n. 24, p. 111-150, jan-jul. 2014.

c, Thomaz Guedes. **Brazil's SIVAM: As it monitors the Amazon, will it fulfill its human security promise**. Washington, DC, article, 7 jul. 2011. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/publication/brazils-sivam-it-monitors-the-amazon-will-it-fulfill-its-human-security-promise>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. About cfr. Washington, DC, [2017?]. Disponível em:< <https://www.cfr.org/about>>. Acesso em 20 abril 2017.a

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. Experts Shannon K. O'Neil. Washington, DC [2017?]. Disponível em: <<https://www.cfr.org/experts/shannon-k-oneil>>. Acesso em: jan. 2017.b.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. **Global Brazil Initiative**. Washington, DC, [2010?]. Disponível em:

<https://www.cfr.org/content/thinktank/GlobalBrazilInitiative_May10.pdf>. Acesso em 20 abril 2017.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. **Julia E. Sweig Named Rockefeller Senior Fellow for Latin America.** Washington, DC, 25 ago. 2005. Disponível em: ><https://www.cfr.org/news-releases/julia-e-sweig-named-rockefeller-senior-fellow-latin-america>>. Acesso em: jul. 2017.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. **New From CFR: John Campbell on Brazil's Role in Africa.** Washington, DC, 2 mar. 2013. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/new-cfr-john-campbell-brazils-role-africa>>. Acesso em: 15 maio 2016.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. **Project Global Brazil Initiative.** Washington, DC, 2013. Disponível em: <<https://www.cfr.org/project/global-brazil-initiative>>. Acesso em: 22 maio 2016.b

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. **Where do you see Brazil in 2020?** As a country with the lowest growth rates among the BRICS, is the dream over for Brazil? Washington, DC, mar. 2013. Disponível em: <<http://dev-www.cfr.org/brazil/do-you-see-brazil-2020-country-lowest-growth-rates-among-brics-dream-over-brazil/p30337>>. Acesso em: 15 maio 2016.

DADUSH, Uri. **Brazil's Economic Future.** Washington, DC, 26 set. 2014. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2014/09/26/brazil-s-economic-future-pub-56786>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

DADUSH, Uri. **Emerging Markets Unite!** Washington, DC, audio (15min44s) 29 mar. 2013. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2013/03/29/emerging-markets-unite-pub-51363>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

DARDEN, Michael. **Brazilian Innovation Takes a Leap Forward.** Washington, DC, article, 15 fev. 2011. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/article/brazilian-innovation-takes-leap-foward>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

DAREMBLUM, Jaime. **Latin America Needs Free Trade.** Washington, DC, 6 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/latin-america-needs-free-trade/>>. Acesso em: 23 mar. de 2016.

DE BOLE, Monica. **Brazil US Relations: Common Ideas, Little Dialogue.** **Huffingtonpost**, 22 abri. 2015. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/monica-de-bolle/brazil-us-relations-commo_b_6720664.html>. Acesso em: 25 jan. 2017.

DE BOLLE, Monica. 'É um alívio ver o governo empenhado em consertar os erros'. **O Estado de S. Paulo**, 10 abri. 2015. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,e-um-alivio-ver-o-governo-empenhado-em-consertar-os-erros,1667497>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

DESAI, Raj M.; VREELAND, James. **What the New Bank of BRICS is All About.** Washington, DC, 17 jul. 2014. Disponível em:

<<https://www.brookings.edu/opinions/what-the-new-bank-of-brics-is-all-about/>>.
Acesso em: 22 abri. 2016.

EIDELMAN, Vera. **Two Cheers for Latin America**. Washington, DC, 2010. 18 mar. 2010. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2010/03/18/two-cheers-for-latin-america-pub-40375>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

ELLIOTT SCHOOL OF INTERNATIONAL AFFAIRS. **Panel One: Brazil, Development and the Global Political Economy**. Washington, DC, [2015?]. Palestra ministrada por Julia Sweig George Washington University. Disponível em:<<https://vimeo.com/127185048>>. Acesso em 20 abril 2016.

FALCOFF, Mark. **Brazil: the end of the honeymoon**. Latin America Outlook, Washington, DC, 1 de jul. de 2004. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/brazil/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

FALCOFF, Mark. **Lula's bold start in Brazil**. Latin America Outlook, Washington, DC, 1 jun. 2003. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/lulas-bold-start-in-brazil/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

FEINBERG, Richard E; MILLER, Emily. TRINKUNAS, Harold. **Better Than You Think Reframing InterAmerican Relations**. Washington, DC, report, mar. 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/Better-Than-You-Think-Reframing-InterAmerican-Relations.pdf>>. Acesso em: 24 abri. 2016.

FELBAB-BROWN, Vanda. Partnership for the Americas Comission. **Re-Thinking U.S.-Latin American Relations. United States National Security Policy in Latin America: Threat Assessment and Policy Recommendations for the Next Administration**. Report., Washington, DC, 24 nov. 2008. Disponível em: <https://www.brookings.edu/wpcontent/uploads/2016/06/national_security_policy_felbabbrown.pdf>. Acesso em: 22 abri. 2016. 12 p.

FISHLOW, Albert. **Starting Over: Brazil Since 1985**. Washington: Brookings Institution Press, 2011.

FLEMES, Daniel. O Brasil na iniciativa BRIC: soft balancing numa ordem global em mudança?. Rev. bras. polít. int., Brasília, v. 53, n. 1, p. 141-156, July 2010 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292010000100008&lng=en&nrm=iso>. access on 14 May 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-73292010000100008>.

FONSECA, Carlos da. Os think tanks e a política americana. **Política Externa**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 133- 154, jun./ago. 2004.

FOXLEY, Alejandro. **Market Versus State: Postcrisis Economics in Latin America**. Washington, DC, report, 10 nov. 2009. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2009/11/10/market-versus-state-postcrisis-economics-in-latin-america-pub-24133>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

GARDINER, Nile; SCHAEFER, Brett. **The United States Should Oppose Expansion of the U.N. Security Council**. Washington, DC, 11 ago. 2005. Disponível em:

<<http://www.heritage.org/report/the-united-states-should-oppose-expansion-the-un-security-council>>. Acesso em: 23 maio 2016.a

GARDINER, Nile; SCHAEFER, Brett. **U.N. Security Council Expansion Is Not in the U.S. Interest**. Washington, DC, 18 ago. 2005. Disponível em: <<http://www.heritage.org/report/un-security-council-expansion-not-the-us-interest>>. Acesso em: 23 maio 2016.b

GATES, Robert. As Delivered by Secretary of Defense Robert M. Gates, West Point. Fala proferida por Robert Gates na academia West Point. New York, 25 fev. 2011. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20110410130507/http://www.defense.gov/speeches/speech.aspx?speechid=1539>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

GAYOU, Gerard. **BRICS Bank: More Problems Than Potential**. The Daily Signal, Washington, DC, 22 jul 2014. Disponível em: <<http://dailysignal.com/2014/07/22/brics-bank-problems-potential/>>. Acesso em: 25 maio 2016.

GRINFRICH, Newt. **An Undemocratic Tide in the Americas**. Washington, DC, 25 set. 2009. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/an-undemocratic-tide-in-the-americas/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

GUY, Edwards; ROBERTS, Timmons. **Six key issues the US-Brazil climate change announcement could have addressed, but didn't**. Washington, DC, 30 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/planetpolicy/2015/06/30/six-key-issues-the-us-brazil-climate-change-announcement-could-have-addressed-but-didnt/>>. Acesso em: 23 abri. 2016.

HAKIM, Peter. **Is Washington Losing Latin America?** Foreign Affairs, Washington, DC, jan/fev. 2006. Disponível em < <https://www.foreignaffairs.com/articles/south-america/2006-01-01/washington-losing-latin-america>>. Acesso em: 15 maio 2016.

HANSON, Stephanie. **Brazil on the International Stage**. Washington, DC, backgrounder, 2 jul. 2012. Disponível em: <<https://www.cfr.org/backgrounder/brazil-international-stage>>. Acesso em: 15 maio 2016.

HANSON, Stephanie. **Brazil's Energy Windfall**. Washington, DC, brief analysis, 2008. Acesso em: 18 maio 2016. Acesso em: 15 maio 2016.

HASSETT, Kevin A. **Even Brazil's Lula Doesn't Have Bush's Troubles**. Washington, DC, 19 set. 2005. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/even-brazils-lula-doesnt-have-bushs-troubles/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

HOPF, Ted. **Social construction of international politics: identities e foreign policies**, Moscow, 1995 e 1999. New York: Cornell University Press, 2002.

HOPF, Ted. **The promise of constructivism in international relations theory**. International Security, vol.23, n. 1, p.171-200, 1998.

HURRELL, Andrew. Hegemony, liberalism and global order: what space for wold-be great powers? **International Affairs**, 82: 1(2006) 1-19.

IKENBERRY, G John. Is American multilateralism in decline? **Perspectives on Politics**. v.1 n. 3, September 2003.

IKENBERRY, G John. The rise of China and the future of the West: can the liberal system survive? **Foreign Affairs**. 87:1, 2008, pp. 28-37.

IKENBERRY, G. John. **Liberal Leviathan**: the origins, crisis, and transformation of the American world order. Princeton: Princeton University Press, 2010.

INDYK, Martin S.; KAGAN, Robert. **Memorandum to the president**: a Plastic Moment to Mold a Liberal Global Order. Brookings Institution, Policy Recommendations for President Obama's Second Term by the Foreign Policy Scholars at Brookings, Washington, DC, 17 jan. 2013, p123. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/big-bets-and-black-swans-a-presidential-briefing-book-20.pdf>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

ITAMARATY. Participação brasileira na Missão de Paz da ONU no Líbano. Brasília, 29 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/notas-a-imprensa/2768-participacao-brasileira-na-missao-de-paz-da-onu-no-libano-brasilia-29-de-setembro-de-2011>>. Acesso em: 3 jul. 2017.

JAFFRELOT, Christophe. **Under a Southern Sun**. Washington, DC, abri. 2013. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2013/04/01/under-southern-sun-pub-51365>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

JIMZIRINTV. Digital Age-How Did Brazil Get Connected?-Julia Sweig. (26min46S).5 may 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hbLLAqSdZIE>>. Acesso em: jan. 2017.

John J. Mearsheimer, **The Tragedy of Great Power Politics**. New York: Norton, 2014.

JONES, Bruce. **The rising powers**: A mixed bag for the international order. Washington, DC, Ordem from Chaos, 19 fev. 2016. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2016/02/19/the-rising-powers-a-mixed-bag-for-the-international-order/>>. Acesso em: 24 abri. 2016.

JOSHUA, Williams; WOLFSTHAL, Jon. **Brazil Tests Bush Policies on Proliferation**. Washington, DC, proliferation analisys, 12 out. 2004. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2004/10/12/brazil-tests-bush-policies-on-proliferation-pub-15954>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

KAHLER, Miles. Rising powers and global governance: negotiating change in a resilient status quo. *International Affairs*. 89:3 (2013) 711-729.

KAHN, Robert. **BRICS and Mortals**. Washington, DC, 15 jul 2014. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/brics-and-mortals>>. Acesso em: 18 maio 2016.

KASSENOVA, Togzhan. **Brazil and the Global Nuclear Order**. Carnegie Endowment for International Peace, Palgrave Macmillan, 16 abri. 2015. Disponível em:

<<http://carnegieendowment.org/2015/04/16/brazil-and-global-nuclear-order-pub-61940>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

KASSENOVA, Togzhan. **Brazil's Nuclear Kaleidoscope: An Evolving Identity**. Washington, DC: Washington, DC, mar. 2014. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2014/03/12/brazil-s-nuclear-kaleidoscope-evolving-identity-pub-54832>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

KASSENOVA, Togzhan. **Turbulent Times for Brazil's Nuclear Projects**. Washington, DC, report, 124 p., 6 de jun. de 2016. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2016/06/06/perspectives-on-evolving-nuclear-order-pub-63711>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

KEJIN, Zhao. **The Limits of Cooperation Among BRICS countries**. Washington, DC, and Beijing, 1 dez. 2014. Disponível em: <<http://carnegietsinghua.org/2014/12/01/limits-of-cooperation-among-brics-countries-pub-57341>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

KINGSTONE, Peter. **Brazil: The Sleeping Giant Awakens**. Washington, DC, policy brief, 12 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.worldpoliticsreview.com/articles/3145/brazil-the-sleeping-giant-awakens>>. Acesso em: 18 maio 2016.

KLIMAN, Daniel M.; FONTAINE, Richard. **Global Swing States: Brazil, India, Indonesia, Turkey and the Future of International Order**. 2012. Disponível em: <www.cnas.org/files/.../CNAS_GlobalSwingStates_KlimanFontaine.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2015.

KOZLOFF, Nikolas. **Is Brazil the Next Cop on the Beat in Africa? The Pentagon Seems to Hope So**. Washington, DC, 10 jun. 2012. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2012/06/201263144317166915.html>>. Acesso em: 18 maio 2016.

KURLANTZICK, Joshua. **Don't Bet on the BRICs**. Washington, DC, 7 nov. 2011. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/dont-bet-brics>>. Acesso em: 18 maio 2016.

KYL, Jon; LIEBERMAN, Joseph. **Why American leadership still matters**. Washington, DC, 3 dez. 2015. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/why-american-leadership-still-matters/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

LACHMAN, Desmond. **A New President, a New Paradigm**. Latin America Outlook, Washington, DC, 1 nov. 2007. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/a-new-president-a-new-paradigm/>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

LACHMAN, Desmond. **Brazil Should Stay with the IMF**. Washington, DC, 15 nov. 2004. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/brazil-should-stay-with-the-imf/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

LACHMAN, Desmond. **Brazil's Moment in the Sun**. Washington, DC, 24 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/brazils-moment-in-the-sun/>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

LACHMAN, Desmond. **Cry for Latin America**: those narrow sovereign debt spreads and booming stock markets have been a mirage. Washington, DC, 1 de nov. de 2007. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/cry-for-latin-america-those-narrow-sovereign-debt-spreads-and-booming-stock-markets-have-been-a-mirage/>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

LACHMAN, Desmond. **In Brazil an economic threat closer to home**. Washington, DC, 16 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/in-brazil-an-economic-threat-closer-to-home/>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

LEGRO, Jeffrey W. **Plasticity of identity under anarchy**. *European Journal of International Relations*.v.15, p.37-65, 2009.

LEGRO, Jeffrey W. **Rethinking the world**: great power strategies and international order. 2o Edition. New York: Cornell University, 2007.

LEGRO, Jeffrey W. **The transformation of policy ideas**. *American Journal of Political Science*. Vol. 14, n 3, p.419-432, 2000.

LEMMON, Gayle Tzemach. **Investing in (and from) the BRICS**. Washington, DC, 1 abri. 2013. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/investing-and-brics>>. Acesso em: 18 maio 2016.

LEVI, Michael A. Nuclear Reactor: **Botching Brazilian Diplomacy**. Washington, DC, 13 abri. 2004. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/nuclear-reactor-botching-brazilian-diplomacy/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

LINN, Johannes F. **Realizing the Potential of the Multilateral Development Banks**. Washington, DC, 5 set. 2013. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/articles/realizing-the-potential-of-the-multilateral-development-banks/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

LINS DA SILVA, Carlos eduardo. **The New Development Bank adds substance to the BRICS**. Washington, DC, 21 jul., 2014. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/article/the-new-development-bank-adds-substance-to-the-brics>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

LÓPES, Alexandre. **Environmental Change, Security, and Social Conflicts in the Brazilian Amazon**. Woodrow Wilson Center for Scholars, article, 7 jul. 2011. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/feature3.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2017. Acesso em: 22 jan. 2017.

LORIS, Nicolas. **Brazil to Fight Ethanol Tariffs**. The Daily Signal, Washington, DC, 6 ago. 2008. Disponível em: <<http://dailysignal.com/2008/08/06/brazil-to-fight-ethanol-tariffs/>>. Acesso em: 23 maio 2016.

LORIS, Nicolas. **Brazil's Lula Runs Interference for Iran's Nuclear Ambitions**. The Daily Signal, Washington, DC, 13 maio 2010. Disponível em: <<http://dailysignal.com/2010/05/13/brazil%E2%80%99s-lula-runs-interference-for-iran%E2%80%99s-nuclear-ambitions/>>. Acesso em: 23 maio 2016.

LORIS, Nicolas. **Presidents Obama and Rousseff Meet: Power Talk, but Little Purpose.** The Daily Signal, Washington, DC, 10 abri. 2012. Disponível em: <<http://dailysignal.com/2012/04/10/presidents-obama-and-rousseff-meet-power-talk-but-little-purpose/>>. Acesso em: 23 maio 2016.

LOWENTHAL, Abraham F. **A Latin America Game Plan.** Washington, DC, 6 abril 2009. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/a-latin-america-game-plan/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.a

LOWENTHAL, Abraham F. **Obama off to Good Start in Latin America** 4 maio 2009. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/obama-off-to-good-start-in-latin-america/>>. Acesso em: 22 abril 2016.b

LOWENTHAL, Abraham F. **President Obama and the Summit of the Americas.** Washington, DC, 16 abri. 2009. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/president-obama-and-the-summit-of-the-americas/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.c

LOWENTHAL, Abraham F. **United States Brazil Relations are Critical.** Washington, DC, 5 mar. 2010. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/united-states-brazil-relations-are-critical/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

LOZARDA, Carlos. When CNAS talks, people listen. Washington Post., Washington, DC, 7 june, 2009. Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2009/06/05/AR2009060501967.html>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

MALLABY, Sebastian; VOLKER, Paul A. **Brazil's China Headache.** Washington, DC, 14 dez. 2009. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wpdyn/content/article/2009/12/13/AR2009121302447_pf.html>. Acesso em: 16 maio 2016.

MARES, DAVID; TRINKUNAS, HAROLD. **Aspirational power: Brazil on the long road to global influence.** Washington, DC: Brookings Institution Press, 2016.

McGANN, James & WEAVER, Kent. Think tanks and civil societies: catalysts for ideas and action. New Brunswick: Transaction Publishers, 2000.

MCGANN, James G. **The Global Go To Think Tanks Report.** 2016. Disponível em: <https://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1012&context=think_tanks>. Acesso em: 4 maio 2018.

MCGANN, James G. **The Global Go To Think Tanks Report.** 2017. Disponível em: <https://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1012&context=think_tanks>. Acesso em: 4 maio 2018.

MCGANN, James. SABATINI, Richard. **Global think tank: policy network and governance.** London and New York: Routledge. 2011.

RUSSEL, Walter. **Brazil Drops Out**. Washington, DC, 21 jun. 2006. Disponível em <<https://www.the-american-interest.com/2010/06/21/brazil-drops-out/>>. Acesso em: 18 maio 2016.

MEARSHEIMER, John. The future of the American Pacifier. *Foreign Affairs*. September/October, 2001, pp. 47-61.

MEDVETZ, Thomas. **Hybrid intellectuals: Toward a social praxeology of U.S. think tank experts**. 10 September 2006.

MEDVETZ, Thomas. **Think Tanks in America**. Chicago: The University of Chicago Press, 2012.

MILLER, Emily. **U.S. priorities at the Seventh Summit of the Americas**. *America and chaos*, Washington, DC, 8 abri. 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2015/04/08/u-s-priorities-at-the-seventh-summit-of-the-americas/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

MONTANER, Carlos Albert. **Latin America: Fragmentation and Forecasts**. Washington, DC, 2 jun. 2005. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/report/latin-america-fragmentation-and-forecasts>>. Acesso em: 23 maio 2016.

NEGROPONTE, Diana Villiers. **Brazilian Relations: Understanding President Rousseff's Visit to Washington and Secretary Clinton's Visit to Brasilia**. Washington, DC, op-ed, 20 abril 2012. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/u-s-brazilian-relations-understanding-president-rousseffs-visit-to-washington-and-secretary-clintons-visit-to-brasilia/>>. Acesso em: 24 abri. 2016.

NEGROPONTE, Diana Villiers. **Secretary Kerry's Brazil Visit: Energy, Education and Global Entry Compete with NSA Criticism**. *Up Front*, Washington, DC, 19 ago. 2013. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/up-front/2013/08/19/secretary-kerrys-brazil-visit-energy-education-and-global-entry-compete-with-nsa-criticism/>>. Acesso em: 24 abri. 2016.

NEVES, João Augusto Castro; PEREIRA, Carlos. **Assessing Obama's Visit to Brazil: A New Framework for Relations with Latin America?** Washington, DC, opinion, 25 mar. 2011. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/assessing-obamas-visit-to-brazil-a-new-framework-for-relations-with-latin-america/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

NEVES, João Augusto Castro; PEREIRA, Carlos. **Brazil and China- South-South: Partnership or North-South Competition**. Washington, DC, 26 mar. 2011, policy paper n 26. Disponível em: <https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/03_brazil_china_pereira.pdf>. Acesso em: 22 abri. 2016.

NORIEGA, Roger F. **What Obama Must Do On His First Trip to Latin America**. Washington, DC, 18 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/what-obama-must-do-on-his-first-trip-to-latin-america/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

NORIEGA, Roger **Opposition to or Engagement with Latin American Leftists?** Washington, DC, 13 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/opposition-to-or-engagement-with-latin-american-leftists/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.a

NORIEGA, Roger, FOGASSA, Marc. **Brazil Is in a Class By Itself.** Washington, DC, 19 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/brazil-is-in-a-class-by-itself/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.a

NORIEGA, Roger. **5 questions every president should answer on Latin America and Caribbean.** Washington, DC, 22 jul. 2015. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/5-questions-every-presidential-candidate-should-answer-latin-america-and-the-caribbean-edition/>> Acesso em: 24 mar. 2016.a

NORIEGA, Roger. **A Message to Obama: How to Be a "Good Neighbor".** Latin America Outlook, Washington, DC, 8 dez. 2008. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/a-message-to-obama-how-to-be-a-good-neighbor/>>. Acesso em: 23 mar. 2016.a

NORIEGA, Roger. **As the Brazilian economy slips into recession, voters may opt for free-market solutions.** Washington, DC, 5 set. 2014. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/as-the-brazilian-economy-slips-into-recession-voters-may-opt-for-free-market-solutions/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

NORIEGA, Roger. **Ecuador: Is there a future beyond Correa?** Washington, DC, Report, out. 2015. Disponível em: <<https://www.aei.org/publication/ecuador-is-there-a-future-beyond-correa/>>. Acesso em: 30 jun. 2017.d.

NORIEGA, Roger. **Ignoring Latin America.** Washington, DC, 16 de nov. de 2011. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/ignoring-latin-america/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.b

NORIEGA, Roger. **Latin America and the Economic Crisis: Going It Alone.** Latin American Outlook, Washington, DC, 26 de jun. de 2009. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/latin-america-and-the-economic-crisis/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.b

NORIEGA, Roger. **Latin America is crucial to US competitiveness.** AEIdeas, Washington, DC, 22 out. 2012. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/latin-america-is-crucial-to-us-competitiveness/>>. Acesso em: 24 de mar. 2016.

NORIEGA, Roger. **Latin America: Impressions of a troubled region.** Washington, DC, 9 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/latin-america-impressions-of-a-troubled-region/>>. Acesso em: 25 mar. 2016.b

NORIEGA, Roger. **Latin American Action Agenda for the New Congress.** Latin American Outlook, Washington, DC, 6 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/latin-american-action-agenda-for-the-new-congress/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.c

NORIEGA, Roger. **Launching an “Opportunity Partnership” in the Americas.** Latin America Outlook, Washington, DC, 12 jan. 2006. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/launching-an-opportunity-partnership-in-the-americas/>>. Acesso em 23 mar. 2016.a

NORIEGA, Roger. **Legado ou Complacência?** O trabalho inacabado de Lula no Brasil. Washington, DC, 25 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/legado-ou-complacencia/>>. Acesso em: 23 de mar. 2016.b

NORIEGA, Roger. **Lula Can Make 2008 a Very Good Year.** Washington, DC, 30 dez. 2007. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/lula-can-make-2008-a-very-good-year/>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

NORIEGA, Roger. **O estímulo de que o Brasil realmente necessita.** Washington, DC, 9 jan. 2009. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,o-estimulo-de-que-o-brasil-realmente-necessita,304575>>. Acesso em: 24 mar. 2016.c

NORIEGA, Roger. **Obama en las Américas:** En búsqueda de una estrategia eficaz. Latin American Outlook, Washington, DC, 1 fev. 2010. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/obama-en-las-americas/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

NORIEGA, Roger. **President Obama-** South America’s New Partner Washington, DC, 18 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/president-obama-south-americas-new-partner/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.d

NORIEGA, Roger. **Struggle for the Future:** the poison of populism and democracy’s cure. Latin America Outlook, Washington, DC, 1 dez. 2006. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/struggle-for-the-future/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.b

NORIEGA, Roger. **The Americas:** Reviewing 2015 and looking ahead. American. Washington, DC, Statement before the House Committee on Foreign Affairs Subcommittee on the Western Hemisphere, 9 dez. 2015. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/the-americas-reviewing-2015-and-looking-ahead/>>. Acesso em: 25 mar. 2016.c

NORIEGA, Roger. **Time for US leadership in the Americas.** Washington, DC, 11 jan. 2016. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/time-for-us-leadership-in-the-americas/>>. Acesso em: 25 mar. 2016.b

NORIEGA, Roger. **United States Foreign Policy and Strategic Dimensions.** Washington, DC, International Relations Research Institute, 29 set. 2008. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/united-states-foreign-policy-and-strategic-dimensions/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.c

NORIEGA, Roger. **What Obama Must Do On His First Trip to Latin America.** Washington, DC, 18 mar. 2011. <<http://www.aei.org/publication/what-obama-must-do-on-his-first-trip-to-latin-america/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.d

NORIEGA, Roger. **World Cup:** Sure, Brazil can score at soccer but can it win on the economic stage? Washington, DC, 16 jun. 2014. Disponível em:

<<http://www.aei.org/publication/world-cup-sure-brazil-can-score-at-soccer-but-can-it-win-on-the-economic-stage/>>. Acesso em: 24 de mar. 2016.

NORIEGA, Roger; DAVY, Megan. **What if the United States Sneezed and Latin America Didn't Catch a Cold?** American Enterprise Institute, Latin American Outlook, 27 maio 2008. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/what-if-the-united-states-sneezed-and-latin-america-didnt-catch-a-cold/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

NORIEGA, Roger; FERNANDEZ, Andrés Martínez. **The free-market moment: Making grassroots capitalism succeed where populism has failed.** Washington, DC, 28 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/the-free-market-moment-making-grassroots-capitalism-succeed-where-populism-has-failed/>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

NUGENT, Walter. **Progressivism: a very short introduction.** New York: Oxford University Press, 2010.

NUNES, Raul Cavedon; RODRIGUES, Vitória Gonzales. A Política Externa Brasileira de Temer-Serra: retração política e subordinação econômica. **Bol. Conj. Nerint**, Porto Alegre, v.1 n. 4, p. 1-91, jan/2017.

O ESTADÃO. Colunas: Moisés Naim. São Paulo, [2017?]. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/colunas/mois-es-naim>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

O'HANLON, Michael E.; SANDALOW, David B. **Iran: Regaining Energy Leverage.** Washington, DC, 32 jan. 2006. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/iran-regaining-energy-leverage/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

O'NEIL, Shannon et al. **U.S.-Latin America Relations a New Direction for a New Reality.** Washington, DC, task force, maio de 2008. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/us-latin-america-relations-new-direction-new-reality>>. Acesso em: 16 maio 2016.

O'NEIL, Shannon K. **The Limited Integration of Latin American Governance.** Washington, DC, 24 jul. 2012. Disponível em: <https://www.cfr.org/blog/limited-integration-latin-american-governance>. Acesso em: 16 maio 2016.

O'NEIL, Shannon. **Brazil as an Emerging Power: The View from the United States.** Washington, DC, 1 mar. 2010. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/brazil-emerging-power-view-united-states>>. Acesso em: 16 maio 2016.

O'NEIL, Shannon. **Bush Looking for Foreign Policy Success on Latin American Trip.** Council on Foreign Relations, interview, 5 mar. 2007. Disponível em: <<https://www.cfr.org/interview/oneil-bush-looking-foreign-policy-success-latin-american-trip>>. Acesso em: 11 maio 2016.

O'NEIL, Shannon. **Obama's Trip to Latin America.** Washington, DC, 10 de mar. de 2011. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/obamas-trip-latin-america>>. Acesso em: 11 maio 2016.

O'NEIL, Shannon. **The Presidential Inbox Series: Latin America**. Council on Foreign Relations, evento, Washington, DC, 29 maio 2013. Disponível em: <<https://www.cfr.org/event/presidential-inbox-series-latin-america>>. Acesso em: 17 maio 2016.

OLSON, Ryan; WOES, Amid. **Emerging Markets Need More Economic Freedom**. The Daily Signal, Washington, DC, 28 jan. 2014. Disponível em: <<http://dailysignal.com/2014/01/28/amid-woes-emerging-markets-need-economic-freedom/>>. Acesso em: 25 maio 2016.

ONIS, Juan de. **Brazil's Big Moment A South American Giant Wakes Up**. Foreign Affairs, Washington, DC, Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/south-america/2008-11-01/brazils-big-moment>>.

PARMAR, Inderjeet. Institutes of international affairs: their roles in foreign policy-making, opinion mobilization and unofficial diplomacy. In STONE, Daiane and DENHAM, Andrew (eds.). *Think tank traditions: policy research and the politics of ideas*. Manchester: Manchester university Press, 2004.

PATRICK, Stewart M. **Brazil Seeking Security**. Washington, DC, 7 jul. 2010. Disponível em: <<http://nationalinterest.org/commentary/brazil-seeking-security-3622>>. Acesso em: 18 maio 2016.

PATRICK, Stewart M. **The BRICS India Summit: Beyond Bricolage?** Washington, DC, 28 mar. 2012. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/brics-india-summit-beyond-bricolage>>. Acesso em: 18 maio 2016.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. **Os Estados Unidos e o Século XXI**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

PECEQUILO, Cristina. A new Strategic Dialogue: Brazil-US relations in Lula's presidency (2003-2010). **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 53, p. 132-150, 2010.

PECEQUILO, Cristina. **O Brasil e a América do Sul: relações regionais e globais**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015.

PETTIS, Michael. **It Would Be Foolish for the BRICs to Save Europe**. Washington, DC, 6 out. 2011. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2011/10/06/it-would-be-foolish-for-brics-to-save-europe-pub-45690>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

PHILLIPS, James. **Iran's Nuclear Diplomacy Helps to Pull Teeth from U.N. Sanctions**. The Daily Signal, Washington, DC, 20 maio 2010. Disponível em: <<http://www.heritage.org/middle-east/commentary/irans-nuclear-diplomacy-helps-pull-teeth-un-sanctions>>. Acesso em: 25 maio 2016.

PICCONE, Ted. **Do New Democracies Support Democracy?** the multilateral dimension. Washington, DC, article, 26 out. 2011. 14 p. Disponível em: <https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/1026_democracy_piccone.pdf>. Acesso em: 22 abri. 2016.

PICCONI, Ted. **Five rising democracies**. Washington, DC, vídeo, 12 maio 2016. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/on-the-record/five-rising-democracies/>>. Acesso em: 24 abril 2016.

PICCONI, Ted. **Is the international liberal order dying?** These five countries will decide. Washington, DC, Ordem from Chaos, 17 fev. 2016. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2016/02/17/is-the-international-liberal-order-dying-these-five-countries-will-decide/>>. Acesso em: em 24 abril 2016.

PICCONI, Ted. **Obama, Rousseff, and the crucible of human Rights**. Ordem from Chaos, Washington, DC, 26 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2015/06/26/obama-rousseff-and-the-crucible-of-human-rights/>>. Acesso em: 23 abril 2016.

PICCONI, Ted. **U.S and Brazil: together and apart**. Washington, DC, 9 abril 2012. Disponível em <<http://nationalinterest.org/commentary/us-brazil-together-apart-6746>>. Acesso em: 18 maio 2016.

PICCONI, Ted. **U.S. and Brazil: Together and Apart** U.S. and Brazil: Together and Apart. Washington, DC, 9 abril 2012. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/u-s-and-brazil-together-and-apart/>>. Acesso em: 24 abril 2016.

PICCONI, Ted. **Why five emerging powers may determine the future of democracy around the world**. Up Front, Washington, DC, 10 de fev. De 2016. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/up-front/2016/02/10/why-five-emerging-powers-may-determine-the-future-of-democracy-around-the-world/>>. Acesso em: 24 abril 2016.

QUINTANA, Ana. **Crisis in Venezuela: UNASUR and U.S. Foreign Policy**. Washington, DC, 23 abril 2014. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/report/crisis-venezuela-unasur-and-us-foreign-policy>>. Acesso em: 25 maio 2016.

REITEN, Tatiana. **Dilma's reelection and the future of US-Brazil relations**. AEIdeas, Washington, DC, 13 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/dilmas-reelection-future-us-brazil-relations/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

RICH, Andrew. Think tanks, public policy and the politics of expertise. Cambridge university Press, 2004.

ROBERTS, James M.. **Rethinking the Summit of the Americas and Advancing Free Trade in Latin America**. Washington, DC, 8 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.heritage.org/trade/report/rethinking-the-summit-the-americas-and-advancing-free-trade-latin-america>>. Acesso em: 23 maio 2016.

ROBERTS, James. **Declining Economic Freedom and Growing Statism: The BRICs Are Hitting the Wall**. The Daily Signal, Washington, DC, 3 de fev. de 2013. Disponível em: <<http://dailysignal.com/2013/02/15/declining-economic-freedom-and-growing-statism-the-brics-are-hitting-the-wall/>>. Acesso em: 25 maio 2016.

ROBERTS, James; SCHREIBER, Mark. **Brazil: Restoring Economic Growth Through Economic Freedom**. Washington, DC, Special Report, 20 set. 2012. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/report/brazil-restoring-economic-growth-through-economic-freedom>>. Acesso em: 24 maio 2016.

ROBERTS, James; WALSER, Ray. **America and the Caribbean: A Wish List for 2013**. Washington, DC, 7 de jan. de 2013. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/report/latin-america-and-the-caribbean-wish-list-2013>>. Acesso em: 25 maio 2016.

ROGOFF, Kenneth. **Who Needs the IMF?** Washington, DC, 25 set. 2006. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/who-needs-the-imf/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

ROTHKOPF, David. **Brazil's New Swagger**. Washington, DC, 28 fev. 2012. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2012/02/28/brazil-s-new-swagger-pub-47362>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

SABATINI, Christopher Sabatini. **Rethinking Latin America: Foreign Policy Is More Than Development**. Foreign Affairs, Washington, DC, mar/ abril de 2012. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/central-america-caribbean/2012-02-12/rethinking-latin-america>>. Acesso em: 18 maio 2016.

SANDALOW, David B. **Ethanol: Lessons from Brazil**. Washington, DC, artigo, maio de 2006. Disponível em: <https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/sandalow_20060522.pdf>. Acesso em: em 24 de abril de 2016.

SARAIVA, Miriam Gomes. **Balço da política externa de Dilma Rousseff: perspectivas futuras**. Relações Internacionais, Lisboa, n. 44, p. 25-35, 2014.

SHAIKHP, Salman. **Libya's Test of the New International Order**. Washington, DC, 26 fev. 2011. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/libyas-test-of-the-new-international-order/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

SHARMA, Ruchier. **Broken BRICs: Why the Rest Stopped Rising**. Foreign Affairs, Washington, DC, nov./ dez. 2012. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/brazil/2012-10-22/broken-brics>>. Acesso em: 18 maio 2016.

SILVA, André Luiz Reis da. **Do otimismo liberal à globalização assimétrica: a política externa do governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002)**. 2008. 359 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Programa de Pós-graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SILVA, André Luiz Reis da. **Geometria variável e parcerias estratégicas: a diplomacia multidimensional do governo Lula (2003-2010)**. Contexto Internacional, 37(1), 143-184. 2015.

SILVA, André Luiz Reis da; ANDRIOTTI, Luiza Salazar. **A cooperação Sul-Sul na política externa do governo Lula (2003-2010)**. Conjuntura Austral, Porto Alegre, v.3 n.14, p. 69-93, 2012.

SMITH, James. *The Idea Brokers: Think Tanks and the Rise of the New Policy Elite*. New York: Free Press, 1991.

SOTERO, Paulo. **Shaping U.S.- Brazil relationship after the Snowden affair A conversation with ambassador Thomas A. Shannon**. Washington, DC, resumo de evento expandido, special report, fev. 2014. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/publication/shaping-us-brazil-relationship-after-the-snowden-affair-conversation-ambassador-thomas>>. Acesso em: 25 jan. 2017. A

SOTERO, Paulo. A Rio+20 e o mundo de Clarice. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 20 jun. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,a-rio-20-e-o-mundo-de-clarice-imp-,888646>>. Acesso em: 15 jan. 2017.a

SOTERO, Paulo. **A summary of testimony given by Paulo Sotero, director of the Brazil Institute of the Woodrow Wilson International Center for Scholars, in Washington, D.C., at a public hearing on Directions for Brazil-United States Relations Committee on Foreign Relations and National Defense of the Federal Senate Plenary 7 - Senator Alexandre Costa Wing, April 3, 2014**. Washington, DC, Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/article/directions-for-brazil-united-states-relations>>. Acesso em: 25 jan. 2017.a

SOTERO, Paulo. Brasil e EUA, de novo nos eixos. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 6 abri. 2015. Disponível em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-e-eua-de-novo-nos-eixos-imp-,1664220>>. Acesso em: 16 jan. 2017.a

SOTERO, Paulo. Brasil e Turquia devem mediar novo acordo. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 28 nov. 2011. Disponível em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-e-turquia-devem-medi-ar-novo-acordo-imp-,803903>>. Acesso em: 15 jan. 2017.a

SOTERO, Paulo. Brasil e Turquia devem mediar novo acordo. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 28 nov. 2011. Disponível em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-e-turquia-devem-medi-ar-novo-acordo-imp-,803903>>. Acesso em: 15 jan. 2017.b

SOTERO, Paulo. **Brazil sees BRIC limitations**. Woodrow Wilson Center for Scholars, Global Public Square - CNN.com Blogs, 5 set. 2013. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/article/brazil-sees-bric-limitations>>. Acesso em: 24 jan. 2017.a

SOTERO, Paulo. Dilma vai a Washington. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 27 ago. 2013. Disponível em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,dilma-vai-a-washington-imp-,1068233>>. Acesso em: 15 jan. 2017.b

SOTERO, Paulo. Anistia, direitos humanos e diplomacia. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 3 jan. 2011. Disponível em:

<<https://opinio.estado.com.br/noticias/geral,anistia-direitos-humanos-e-diplomacia-imp-,661332>>. Acesso em: 15 jan. 2017.c

SOTERO, Paulo. Diplomacia do encontrão. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 20 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.estado.com.br/noticias/geral,diplomacia-do-encontro-imp-,694553>>. Acesso em: 15 jan. 2017.d

SOTERO, Paulo. El desafío brasileño: cómo gestionar las relaciones regionales asimétricas más allá de la OEA. **Revista CIDOB d'afers internacionals**, n.º 97-98, (abril 2012), p. 101-116.b

SOTERO, Paulo. Levy na Fazenda ajudará relação com EUA. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 2 dez. 2014. Disponível em: <<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,levy-na-fazenda-ajudara-relacao-com-eua-imp-,1600889>>. Acesso em: 16 jan. 2017.c

SOTERO, Paulo. Missão impossível em Moscou. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 18 set. 2013. Disponível em: <<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,missao-impossivel-em-moscou-imp-,1075984>>. Acesso em: 16 jan. 2017.c

SOTERO, Paulo. 'Novo capítulo' entre Brasília e Washington. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 29 jun. 2015. Disponível em: <<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,novo-capitulo-entre-brasilia-e-washington,1715243>>. Acesso em: 16 jan. 2017.b

SOTERO, Paulo. O que é novo e relevante na vinda de Obama. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 19 mar. 2011. Disponível em: <<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,o-que-e-novo-e-relevante-na-vinda-de-obama-imp-,694027>>. Acesso em: 15 jan. 2017.e

SOTERO, Paulo. Reaproximação com os EUA. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 11 nov. 2014. Disponível em: <<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,reaproximacao-com-os-eua-imp-,1591028>>. Acesso em: 16 jan. 2017.d

SOTERO, Paulo. Recomeço das relações malparadas com os EUA. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 19 mar. 2014. Disponível em: <<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,recomeco-das-relacoes-malparadas-com-os-eua-imp-,1142517>>. Acesso em: 16 jan. 2017.e

SOTERO, Paulo. Se for só adiamento, Dilma poderá faturar duas vezes. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 18 set. 2013. Disponível em: <<http://politica.estado.com.br/noticias/eleicoes,se-for-so-adiamento-dilma-podera-faturar-duas-vezes-imp-,1075908>>. Acesso em: 15 jan. 2017.d

SOTERO, Paulo. The Brazilian President's Uncertain Future Clouds Progress With America. *The World Post*, 10 jul. 2015. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/paulo-sotero/brazil-president_b_7771960.html>. Acesso em: 25 jan. 2017.c

SOTERO, Paulo. Um novo contexto na relação Brasil-EUA. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 30 dez. 2014. Disponível em:

<<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,um-novo-contexto-na-relacao-brasil-eua-imp-,1613489>>. Acesso em: 16 jan. 2017.f

SOTERO, Paulo. Visita é chance de País ser proativo na área ambiental, avaliam EUA. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 30 jun. 2015. Disponível em:<<http://politica.estado.com.br/noticias/geral,visita-e-chance-de-pais-ser-proativo-na-area--ambiental--avaliam-eua---imp-,1716017>>. Acesso em: 15 jan. 2017.d

SOTERO, Paulo. Visita é chance de País ser proativo na área ambiental, avaliam EUA. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 30 jun. 2015. Disponível em:<<http://politica.estado.com.br/noticias/geral,visita-e-chance-de-pais-ser-proativo-na-area--ambiental--avaliam-eua---imp-,1716017>>. Acesso em: 16 jan. 2017.e

SOTERO, Paulo; ARNISON, Cynthia. **Brazil as a regional Power:** Views from the Hemisphere. Washington, DC, Report event, dez. 2010. Disponível em:<<https://www.wilsoncenter.org/event/brazil-regional-power-views-the-hemisphere>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

SOTERO, Paulo; BUDNY, Daniel. **Brazilian Perspectives on the united states Advancing U.S. Studies in Brazil.** Washington, DC, Report, 96 p., jan. 2007. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/publication/brazilian-perspectives-the-united-states-advancing-us-studies-brazil>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

SPEKTOR, Matias. **How to Read Brazil's Stance on Iran.** Washington, DC, 16 mar. 2010. Disponível em: <<http://yaleglobal.yale.edu/content/how-read-brazils-stance-iran>>. Acesso em: 18 maio 2016.

SPEKTOR, Matias. **Toward New Ties with Brazil.** Washington, DC, interview, 18 mar. 2011. Disponível em: <<https://www.cfr.org/interview/toward-new-ties-brazil>>. Acesso em: 18 maio 2016.

SPEKTOR, Matias. **Why Brazil is a Broker with Iran.** New York Times, maio 2010. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2010/05/17/world/middleeast/17iran.html>>. Acesso em: 17 maio 2016. O ARTIGO NÃO É DO MATIAS, ELE É ENTREVISTADOS POR JORNALISTAS DO NY.

SPEKTOR, Matias; KASSANOVA, Togzhan; ULGEN, Sinan. Is there na 'emerging power agenda? Washington, DC, event, 9 abri. 2013. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2013/04/09/is-there-emerging-power-agenda-pub-51401>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

SPEKTOR, Matias; MALLEA, Rodrigo; WHEELER, Nicholas. **The Origins of Nuclear Cooperation:** a Critical Oral History of Argentina and Brazil (livro, 2014). Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/17507/The_Origins_of_Nuclear_Cooperation_A_Critical_Oral_History_between_Brazil_and_Argentina_%28Ingl%C3%AAs%29.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 25 jan. 2017.

SPEKTOR, Matias; SWEIG, Julia. **Mr. Obama, meet the new Brazil.** New York Times, 18 mar. 2011. Disponível em

<<http://www.nytimes.com/2011/03/19/opinion/19iht-edsweig19.html>>. Acesso em: 17 maio 2016.

STEPHEN, Johnson. **A Partnership for Prosperity in Latin America**. Washington, DC, 3 set. 2004. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/report/partnership-prosperity-latin-america>>. Acesso em: 23 maio 2016.

STEPHEN, Johnson. **Executive Summary: Why the U.S. Must Re-Engage in Latin America**. Washington, DC, 4 de out. de 2003. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/report/executive-summary-why-the-us-must-re-engage-latin-america>>. Acesso em: 23 de maio de 2016.a

STEPHEN, Johnson. **Not Yet the Century of the Americas**. Washington, DC, comentário, 19 ago. 2003. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/commentary/not-yet-the-century-the-americas>>. Acesso em: 23 maio 2016.b

STEPHEN, Johnson. **The Keys to a Successful Americas Summit**. Washington, DC, 2 nov. 2005. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/report/the-keys-successful-americas-summit>>. Acesso em: 23 maio 2016.

STONE, Daiane and DENHAM, Andrew (eds.). *Think tank traditions: policy research and the politics of ideas*. Manchester: Manchester university Press, 2004.

STUNKEL, Oliver. **Uncertain Future of IBSA**. Washington, DC, 18 fev. d2015. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2015/02/18/uncertain-future-of-ibsa-pub-59108>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

SVARTMAN, Eduardo. Os think tanks dos EUA e as visões sobre a atuação internacional do Brasil. *Relaciones Internacionales*, n. 50, p. 171-186, 2016.

SWEIG, Julia E. **An American in Brazil**. New York Times, 2 de mar. de 2010. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2010/03/03/opinion/03iht-edsweig.html>>. Acesso em: 17 de maio de 2016.a

SWEIG, Julia E. **Can Brazil Have It All in South America?** Folha de São Paulo, São Paulo, 4 jul. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/juliasweig/1114770-o-brasil-pode-ter-tudo.shtml>>. Acesso em: 18 maio 2016.

SWEIG, Julia E. **Clinton's Challenge in Brazil**. Washington, DC, interview, 1 mar. 2010. Disponível em: <<https://brazilportal.wordpress.com/2010/03/02/interview-with-julia-sweig-clintons-challenge-in-brazil/>>. Acesso em: 17 maio 2016.b

SWEIG, Julia E. **Dilma in Cuba**. Washington, DC, 29 jan. 2012. Disponível em: <<https://www.cfr.org/node/160396>>. Acesso em: 17 maio 2016.a

SWEIG, Julia E. et al. **Global Brazil and U.S.- Brazil Relations**. Washington, DC, task force, 12 jul. 2011. Disponível em: <<https://www.cfr.org/report/global-brazil-and-us-brazil-relations>>. Acesso em: 18 maio 2016.

SWEIG, Julia E. **Obama's Important Strides in Brazil**. Washington, DC, 21 mar. 2011. Disponível em: <www.cfr.org/brazil/obamas-important-strides-brazil/p24445>. Acesso em: 18 maio 2016.

SWEIG, Julia. **Desconsiderar os Brics ou não?** Folha de São Paulo, 16 jul. 2014. Disponível em: <<http://m.folha.uol.com.br/colunas/juliasweig/2014/07/1486590-desconsiderar-os-brics-ou-nao.shtml?mobile>>. Acesso em: 18 maio 2016.a

SWEIG, Julia. **Measuring Dilma's Visit to the United States**. Folha de São Paulo, 11 abri. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/36394-como-medir-a-viagem-de-dilma.shtml>>. Acesso em: 18 maio 2016.b

SWEIG, Julia. **Obama's Disappointing Year in Latin America**. Council on Foreign Relations, interview, 12 jan. 2010. Disponível em: <<https://www.cfr.org/interview/obamas-disappointing-year-latin-america>>. Acesso em: 18 maio 2016.c

SWEIG, Julia. **The View Toward Closer U.S- brazil relations**. Council on Foreign Relations, 22 maio 2013. Disponível em: <<https://www.cfr.org/node/161336>>. Acesso em: 18 maio 2016.a

SWEIG, Julia. **A New Global Player**. Foreign Affairs, nov./dez. 2010. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/brazil/2010-11-01/new-global-player>>. Acesso em: 18 maio 2016.d

SWEIG, Julia. **A Unasul e a soberania**. Folha de São Paulo, 12 mar. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/juliasweig/2014/03/1424052-a-unasul-e-a-soberania.shtml>>. Acesso em: 18 maio 2016.c

SWEIG, Julia. **Concorrência em Cuba**. Folha de São Paulo, 29 jan. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/juliasweig/2014/01/1404280-concorrenciam-cuba.shtml?cmpid=menupe>>. Acesso em: 18 maio 2016.b

SWEIG, Julia. **Depois do Irã, por que não Cuba?** Folha de São Paulo, 4 dez. 2013. Disponível em: <<http://m.folha.uol.com.br/colunas/juliasweig/2013/12/1380425-depois-do-ira-por-que-nao-cuba.shtml>>. Acesso em: 18 maio 2016.b

SWEIG, Julia. **NSA, Sivam, Dilma e Obama**. Folha de São Paulo, 17 jul. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/juliasweig/2013/07/1312148-nsa-sivam-dilma-e-obama.shtml>>. Acesso em: 18 maio 2016.c

SWEIG, Julia. **Sobre o Brasil nos Estados Unidos**. Folha de São Paulo, 11 mar. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/juliasweig/2015/03/1601114-sobre-brasil-e-eua.shtml?cmpid=menupe>>. Acesso em: 18 maio 2016.

TEIXEIRA, Tatiana. **Os Think tanks e sua influência na política externa dos EUA**. Rio de Janeiro: UFF, Revan, 2007.

THE HERITAGE FOUNDATION. Annual report 2016. Washington, DC, 2016. Disponível em: <<http://thf>>

reports.s3.amazonaws.com/2017/2016_AnnualReport_WEB.pdf>. Acesso em 4 set. 2017.

THE HERITAGE FOUNDATION. James M. Roberts Research Fellow For Economic Freedom and Growth. Disponível em: <http://www.heritage.org/staff/james-m-roberts>. Acesso em: 17 jul. 2017.b.

THE HERITAGE FOUNDATION. The Heritage Foundation's Financial Information. Washington, DC, [2017?]. Disponível em: <<http://www.heritage.org/article/the-heritage-foundations-financial-information>>. Acesso em: 27 jun. 2017.a.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 5, abri. 2003.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 9, fev. 2004.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 10, mar. 2004.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 11, ago. 2004.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 12, dec. 2004.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 14, dec. 2004.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 15, mar. 2005.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 16, mar. 2005.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 15, abri. 2005.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 24, nov. 2006.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 25, fev. 2007.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 20, Abri. 2006.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 23, jul. 2006.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 22, jun. 2006.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 18, mar. 2006.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 19, mar. 2006.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 21, maio 2006.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 8, ago. 2003.

TRINKUNAS, Harold. **Brazil's Global Ambitions**. Washington, DC, 4 fev. 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/articles/brazils-global-ambitions/>>. Acesso em: 23 abri. 2016.a

TRINKUNAS, Harold. **Brazil's prescription**: Collaborative diplomacy for a more stable global order. *Ordem from Chaos*, Washington, DC, 23 fev. 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2015/02/23/brazils-prescription-collaborative-diplomacy-for-a-more-stable-global-order/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.b

TRINKUNAS, Harold. **Brazil's Rise: Seeking Influence on Global Governance** Washington, DC, report, abri. 2014, 31 p. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/Trinkunas-Brazils-Rise.pdf>>. Acesso em: 22 abri. 2016.a

TRINKUNAS, HAROLD. **For steps Brazil can take to influence global governance more effectively**. *UP Front*, Washington, DC, abri. 2014. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/up-front/2014/04/28/four-steps-brazil-can-take-to-influence-global-governance-more-effectively/>>. Acesso em: 20 abri. 2016.

TRINKUNAS, Harold. **Moving beyond dispensable**: Strengthening U.S.Brazil Relations. *Ordem from Chaos*, Washington, DC, 26 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2015/06/26/moving-beyond-dispensable-strengthening-u-s-brazil-relations/>>. Acesso em: 23 abri. 2016.c

TRINKUNAS, Harold. **Seeking Common Ground in the U.S.-Brazil Relationship**. *Up Front*, Washington, DC, 29 abri. 2014. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/up-front/2014/04/29/seeking-common-ground-in-the-u-s-brazil-relationship/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.b

TRINKUNAS, Harold. **U.S. Brazil Relations and NSA Electronic Surveillance**. *Up Front*, Washington, DC, 18 set. 2013. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/up-front/2013/09/18/u-s-brazil-relations-and-nsa-electronic-surveillance/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

TRINKUNAS, Harold. **What Brazil contributes to the international liberal order**. *Ordem from Chaos*, Washington, DC, 18 fev. 2016. Disponível em:

<<https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2016/02/18/what-brazil-contributes-to-the-international-liberal-order/>>. Acesso em: 24 abri. 2016.

TRINKUNAS, Harold; WALLACE, Ian. **Converging on the future of global Internet governance: The United States and Brazil**. Washington, DC, report, jul. 2015, p. 45. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/USBrazil-Global-Internet-Governance-web-final.pdf>>. Acesso em: em 23 abri. 2016.d

TULCHIN, Joseph S.; ESPACH, Ralph H.; GOLDING, Heather A. (org.). **Paths to Regional Integration: The Case of MERCOSUR (No. 5)**. Washington, DC, report, 7 jul. 2011. 226 pgs. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/publication/paths-to-regional-integration-the-case-mercosur-no-5>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

UC BERKELEY CENTER FOR LATIN AMERICAN STUDIES. Julia Sweig, "The Practical Power: Brazil's Far-Flung Global Agenda". California, 3 out. 2012. (49mim18S). Palestra de Julia Sweig ao Center for Latin American Studies da Universidade da Califórnia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uuj2eqCZos8>>. Acesso em: jan. 2017.

VASILIEV, Sergei et al. **Why Do Brazil, Russia, India, and China Need BRICS**. Washington, DC, 8 jul. 2015. Disponível em: <<http://carnegie.ru/commentary/60636>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

VEZIRGIANNIDOU, Sevasti-Eleni. **The United States and the rising powers in a post-hegemonic global order**. *International Affairs*, 89: 3 (2013) 635-651.

VIGEVANI, Tullo; CEPALUNI, Gabriel. A política externa de Lula da Silva: a estratégia da autonomia pela diversificação. *Contexto int.*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 273-335, Dec. 2007.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **A relação Brasil-África: prestígio, cooperação ou negócios?** Rio de Janeiro: Alta Books, 2016.

VOZ DE AMÉRICA. OEA entrega conclusiones sobre Cumbre de las Américas. *Voz de América – Redacción*, 24 abri. 2012. Disponível em: <https://www.voanoticias.com/a/cartagena_cumbre_americas_oea_insulza_cuba_malvinas_lucha_antidrogas/181486.html>. Acesso em: 24 jan. 2017.

WALSER, Ray et al. **Brazil/Russia/India/China (BRIC) Myth of Challenging U.S. Global Leadership**. Washington, DC, 10 abri. 2010. Disponível em: <<http://www.heritage.org/global-politics/report/busting-the-brazilrussiaindiachina-bric-myth-challenging-us-global>>. Acesso em: 24 maio 2016.a

WALSER, Ray. **Presidents Obama and Rouseff Meet: Power Talk, but Little Purpose**. *The Daily Signal*, Washington, DC, 3 abri. 2012. Disponível em: <<http://www.heritage.org/report/us-brazil-summit-must-address-differences-democracy-human-rights-and-iran>>. Acesso em: 25 maio 2016.a

WALSER, Ray. **Brazil Summit Must Address Differences on Democracy, Human Rights, and Iran**. Washington, DC, report, 3 abril 2012. Disponível em:

<<http://www.heritage.org/report/us-brazil-summit-must-address-differences-democracy-human-rights-and-iran>>. Acesso em: 25 maio 2016.b

WALSER, Ray. **Brazil's Lula Runs Interference for Iran's Nuclear Ambitions**. The Daily Signal, Washington, DC, 13 maio 2010. Disponível em: <<http://dailysignal.com/2010/05/13/brazil%E2%80%99s-lula-runs-interference-for-iran%E2%80%99s-nuclear-ambitions>>. Acesso em: 25 maio 2016.b

WALSER, Ray. **Brazil's New President: U.S. Ally or Rival?** The Daily Signal, Washington, DC, 1 nov. 2010. Disponível em: <<http://dailysignal.com/2010/11/01/brazil%E2%80%99s-new-president-u-s-ally-or-rival/>>. Acesso em: 25 maio 2016.c

WALSER, Ray. **Iran Looms Large at Lula-Clinton Meeting**. The Daily Signal, Washington, DC, 3 mar. 2010. Disponível em: <<http://dailysignal.com/2010/03/03/iran-looms-large-at-lula-clinton-meeting/>>. Acesso em: 25 maio 2016.d

WALSER, Ray. **Iran, Democracy, and Trade Keys to Successful Clinton Visit to Latin America**. The Heritage Foundation, 1 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/report/iran-democracy-and-trade-keys-successful-clinton-visit-latin-america>>. Acesso em: 25 maio 2016. e

WALSER, Ray. **Is Brazil's Leadership Helping Our Security?** The Daily Signal, Washington, DC, 10 de jun. de 2010. Disponível em: <<http://dailysignal.com/2010/06/10/is-brazil%E2%80%99s-leadership-helping-our-security/>>. Acesso em: 24 de maio de 2016.f

WALSER, Ray. **Latin America and the U.S.: Building a Partnership for the Western Hemisphere**. Washington, DC, 5 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/report/latin-america-and-the-us-building-partnership-the-western-hemisphere>>. Acesso em: 24 maio 2016.a

WALSER, Ray. **The Summit of the Americas: A Chance to Make the Americas More Secure**. Washington, DC, 15 abri. 2009. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/report/the-summit-the-americas-chance-make-the-americas-more-secure>>. Acesso em: 24 maio 2016.b

WALSER, Ray. **U.S.–Brazil Summit: Time for a Bold Policy Vision**. Washington, DC, Washington, DC, Issue Brief, 6 abri. 2012. Disponível em: <http://thf_media.s3.amazonaws.com/2012/pdf/ib3562.pdf>. Acesso em: 23 maio 2016.c

WALSER, Ray; ROBERTS, James. **10 Points for President-Elect Obama's Latin America Strategy**. Washington, DC, 8 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/report/10-points-president-elect-obamas-latin-america-strategy>>. Acesso em: 24 maio 2016.c

WALSER, Ray; ROBERTS, James. **Latin America: A Wish List for 2008**. Washington, DC, 2007. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/report/latin-america-wish-list-2008>>. Acesso em: 23 maio 2016.

WELDES, Jutta. **Constructing national interests**. European Journal of international relations.2, 275, p.275-318, 1996.

WILSON CENTER. 2013 **Brazil Economic Conference**. event schedule, 11 out. 2013. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/2013-brazil-economic-conference>>. Acesso em: 24 jan. 2017.a

WILSON CENTER. **About Brazil Institute**. Washington, DC, [2017?]. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/about-0>>. Acesso em: 14 jul. 2017.c.

WILSON CENTER. **Alumni**. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/scholars/alumni/Brazil%20Institute>>. Acesso em: 14 jul. 2017.e

WILSON CENTER. **Brazil's Other Forest: The Fight to Preserve and Restore the Mata Atlântica**. Event summary, mar. 2011. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/brazils-other-forest-the-fight-to-preserve-and-restore-the-mata-atlantica>>. Acesso em: 23 jan. 2017.a

WILSON CENTER. **Emerging Powers: India, Brazil and South Africa (IBSA) and the future of South-South Cooperation**. Special report, aug. 2009. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/IBSA%20Publication.pdf>>. Acesso em 20 jan. 2017.a

WILSON CENTER. **Forum Brasil Luncheon with Ambassador Antonio Aguiar Patriota**. Event document, maio 2009. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/forum-brasil-luncheon-ambassador-antonio-aguiar-patriota>>. Acesso em: 20 jan. 2017b

WILSON CENTER. **Innovation in Brazil: Public Policy Challenges and Business Opportunities**. 31 jul. 2008 (1h22min24s). Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/innovation-brazil-public-policy-challenges-and-business-opportunities>>. Acesso em 20 jan. 2017. A

WILSON CENTER. **Latin America Rising**. Washington, DC, summer 2011. Disponível em: <<https://wilsonquarterly.com/quarterly/summer-2011-a-changing-middle-east/latin-america-rising/>>. Acesso em: 23 jan. 2017.b

WILSON CENTER. **Novos rumos das relações exteriores brasileiras**. Report event, 96 p., 28 set. 2007. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/publication/brazilian-perspectives-the-united-states-advancing-us-studies-brazil>>. Acesso em: 19 jan. 2017.a

WILSON CENTER. **Program Brazil Institute**. Washington, DC, [2017?]. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/program/brazil-institute>>. Acesso em: 14 jul. 2017.d

WILSON CENTER. **What Should We Do About Beef From The Amazon**. Woodrow Wilson Center for Scholars, 20 jul. 2009. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/article/what-should-we-do-about-beef-the-amazon>>. Acesso em: 20 jan. 2017.c

WILSON CENTER. **Woodrow Wilson International Center for scholars budget justifications for the fiscal year 2016**. Washington, DC, fev. 2015. Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/FY2016_Budget_Justification.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2017.b

WOLF, Martin. **Does the BRICS Group Matter**. Council on Foreign Relations, interview, 30 mar. 2012. Disponível em: <<https://www.cfr.org/interview/does-brics-group-matter>>. Acesso em: 18 maio 2016.

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **A Press Roundtable on President Dilma Rousseff's Visit to Washington**. Washington, DC, event summary, 4 abri. 2012. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/press-roundtable-president-dilma-rousseffs-visit-to-washington>>. Acesso em: 24 jan. 2017.a

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Banks for the World: Funding Global Growth and Meeting Private Sector Challenges**. Cronograma e resumo de evento, 7 oct. 2015. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/banks-for-the-world-funding-global-growth-and-meeting-private-sector-challenges>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil and Africa: Cooperation for Innovation in Agriculture and What the U.S. Can Do**. Event Summary, 16 maio 2011. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/brazil-and-africa-cooperation-for-innovation-agriculture-and-what-the-us-can-do>>. Acesso em: 22 jan. 2017.c

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil and the U S: Trade Agendas and Challenges of the Bilateral Relationship**. Special Report, 7. p., abri. 2008. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/publication/brazil-and-the-united-states-trade-agendas-and-challenges-the-bilateral-relationship>>. Acesso em: 19 jan. 2017.b

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil as a Regional Power: Views from the Hemisphere**. Event Summary, 7 jan. 2009. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/publication/brazil-regional-power-views-the-hemisphere>>. Acesso em: 20 jan. 2017.d

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil Forum Luncheon Featuring Senator Richard D. Lugar**. Event Launch, 2 dez. 2011. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/brazil-forum-luncheon-featuring-senator-richard-d-lugar>>. Acesso em: 22 jan. 2017.d

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil Institute Seeks Spring Interns**. Nota de anúncio, 14 out. 2010. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/article/brazil-institute-seeks-spring-interns>>. Acesso em: 21 jan. 2017.a

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil and 'Latin America' in Historical Perspective** Documents, 2 mar. 2010. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/brazils-foreign-policy-today-and-tomorrow-critical-appraisal>>. Acesso em: 21 jan. 2017. b

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil.** Breve comentário evento, 8 jul. 2011. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/dialogue-program/brazil>>. Acesso em: 22 jan. 2017.f

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil: A New World Role.** Breve comentário evento, 8 jul. 2011. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/dialogue-program/brazil-new-world-role-0>> Acesso em: 22 jan. 2017.

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil's Presidential Election: An Early Assessment of the Outcome and its Political, Economic and Foreign Policy Implication.** Vídeo, 27 out. 2014. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/brazils-presidential-election-early-assessment-the-outcome-and-its-political-economic-and>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazilian Congressional Study Mission on Innovation.** Report, 16 abri. 2011. Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/Report%20-%20PORTUGUESE_0.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2017.g

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil's Emergence on the Global Scene Brings Challenges.** Wilson Center, 1 maio de 2008. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/article/brazilsemergencetheglobalscenebringschallenges>>. Acesso em: 20 jan. 2017.c

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil's Emerging Economic Power: now investment grade and why it matters.** Resumo de evento, 20 jun. de 2008. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/brazilsemergingeconomicpowernowinvestmentgradeandwhyitmatters0>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil's Foreign Relations with South America.** Resumo evento, Washington, DC, 24 out. 2006. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/brazilforeignrelationsouthamerica>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil's Minister of Foreign Affairs, Ambassador Antonio de Aguiar Patriota.** Video Transcript, 31 maio 2011. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/brazils-minister-foreign-affairs-ambassador-antonio-de-aguiar-patriota>>. Acesso em: 23 jan. 2017.h

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **BRICS: Shaping the New Global Architecture.** (1h16min17s) 28 jun. 2011. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/brics-shaping-the-new-global-architecture>>. Acesso em: 22 jan. 2017.i

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Building BRICS: Human Rights in Today's Emerging Economic Powers.** Resumo evento, fev. 2013. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/blog-post/building-brics-human-rights-todays-emerging-economic-powers>>. Acesso em: 24 jan. 2017.b

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Embraer: Building a Globally Competitive Company.** Event Summary, Washington, DC, 4 may 2004. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/embraerbuildinggloballycompetitivecompany>>. Acesso em 18 jan. 2017.a

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Forum Brasil Luncheon with Ambassador Antonio Aguiar Patriota.** Divulgação de evento, 5 fev. 2009. Disponível: <<https://www.wilsoncenter.org/event/forum-brasil-luncheon-ambassador-antonio-aguiar-patriota>>. Acesso em 18 jan. 2017.e

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Is Brazil's New Industrial Policy Working?** (1h59min48s) 29 mar. 2012. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/brazils-new-industrial-policy-working>>. Acesso em: 24 jan. 2017.b

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **New Directions in Brazil's Innovation System: Lessons for the Global Economy?** Chamada de evento, 16 maio 2012. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/new-directions-brazils-innovation-system-lessons-for-the-global-economy>>. Acesso em: 24 jan. 2017.c

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **President Lula to Receive Woodrow Wilson Public Service Award.** Event summary, 21 set. 2009. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/article/president-lula-to-receive-woodrow-wilson-public-service-award>>. Acesso em: 21 jan. 2017.f

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Prospects for Brazilian American Relations on the Eve of President Obama's Visit to Brazil** (2h32min59s), 28 fev. 2011. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/prospects-for-brazilian-american-relations-the-eve-president-obamas-visit-to-brazil>>. Acesso em: 22 jan. 2017.j

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Prospects for Brazil-US Relations in the New American Administration.** (2h32min59s) 5 dez. 2008. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/prospectsforbrazilusrelationsthenewamericanadministration>>. Acesso em: 19 jan. 2017.e

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Regional Infrastructure Plan Could Threaten Amazon, Finds Brazil Institute Report,** resumo evento, 21 maio de 2009. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/article/regional-infrastructure-plan-could-threaten-amazon-finds-brazil-institute-report>>. Acesso em: 21 jan. 2017.g

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Regional Integration in the Americas: The Impact of the Global Economic Crisis.** 23 nov. 2009. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/regional-integration-the-americas-the-impact-the-global-economic-crisis>>. Acesso em: 21 jan. 2017.h

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Second Brazilian Congressional Study Mission on Innovation.** Report event, 2 abri. 2012. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/second-congressional-study-mission-innovation-united-kingdom>>. Acesso em: 24 jan. 2017.d

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Strategic Scenarios and Interstate Relations in Mercosur**. Resumo evento, Washington, DC, 15 maio 2007. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/strategicscenariosandinterstaterelationsmercosur>>. Acesso em: 19 jan. 2017.b

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **The Future of U.S. Brazilian Relations**. Resumo evento, Washington, DC, 24. Jan. 2007. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/thefutureusbrazilianrelations>>. Acesso em: 18 jan. 2017.c

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **The Road to Copenhagen: a Brazilian perspective**. Evento, 27 de out. de 2009. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/the-road-to-copenhagen-brazilian-perspective>>. Acesso em: 21 jan. 2017.i

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **The Summit of the Americas: A Post-Summit Assessment**. 24 abri. 2012. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/the-summit-the-americas-post-summit-assessment>> Acesso em: 24 jan. 2017.e

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Third Brazilian Congressional Study Mission on Innovation**, Cronograma e participantes, 24 mar. 2013. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/third-brazilian-congressional-study-mission-innovation>>. Acesso em: 24 jan. 2017.c

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Will the Ongoing Nuclear Talks with Iran Yield Better Results than Past Efforts?** Event summary, 7 set. 2012. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/will-the-ongoing-nuclear-talks-iran-yield-better-results-past-efforts>>. Acesso em: 24 jan. 2017.f

WOODROW WILSON CENTER. **Brazil's Ambassador Discusses Nonproliferation**. Event, Washington, DC, 1 jun. 2004. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/article/brazilsambassadordiscussesnonproliferation>>. Acesso em 18 jan. 2017.b

WOODROW WILSON CENTER. **Brazil-Africa Leadership Forum 2013**. Washington, DC, nov. 2013. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/article/brazil-africa-leadership-forum-2013>>. Acesso em 18 jan. 2017.d

XUN, Pang. **Are the BRICS Irrelevant?** Washington, DC, Beijing, 8 abri. 2014. Disponível em: <<http://carnegietsinghua.org/2014/04/08/are-brics-irrelevant-pub-55206>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

APENDICE I- LISTA DA PRODUÇÃO DISCURSIVA SELECIONADA *POR THINK TANK*

AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE

AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE. **Brazil's presidential election: Real challenges, real choices**, 23 out. 2014. (1hora2min7s). Disponível em: <<http://www.aei.org/events/brazils-presidential-election-real-challenges-real-choices/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

BARFIELD, Claude. **The G8: abolish or transform it**. American Enterprise Institute, 9 jun. 2004. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/the-g8/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

BARONE, Michael. **Back to the Future: Obama's Foreign Policy**. American Enterprise Institute, Washington, DC, 20 abri. 2009. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/back-to-the-future-obamas-foreign-policy/>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

BATE, Roger. **Promoting Prosperity in Latin America**. American Enterprise Institute, Washington, DC, 9 out. 2009. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/promoting-prosperity-in-latin-america/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

BATE, Roger. **Brazil's Dangerous Denial**. Washington, DC, 27 jun. 2005. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/brazils-dangerous-denial/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

BATE, Roger. **BRICS want to fight tuberculosis**. AEIdeas, Washington, DC, 5 de fev. de 2013. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/brics-want-to-fight-tuberculosis/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

DAREMBLUM, Jaime. **Latin America Needs Free Trade**. Washington, DC, 6 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/latin-america-needs-free-trade/>>. Acesso em: 23 mar. de 2016.

FALCOFF, Mark. **Brazil: the end of the honeymoon**. Latin America Outlook, Washington, DC, 1 de jul. de 2004. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/brazil/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

FALCOFF, Mark. **Lula's bold start in Brazil**. Latin America Outlook, Washington, DC, 1 jun. 2003. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/lulas-bold-start-in-brazil/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

GRINFRICH, Newt. **An Undemocratic Tide in the Americas**. Washington, DC, 25 set. 2009. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/an-undemocratic-tide-in-the-americas/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

HASSETT, Kevin A. **Even Brazil's Lula Doesn't Have Bush's Troubles**. Washington, DC, 19 set. 2005. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/even-brazils-lula-doesnt-have-bushs-troubles/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

HAYWARD, Steven F. **Energy fact of the week: The rapid decline of coal.** AEIdeas, Washington, DC, 20 de jun. de 2012. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/energy-fact-of-the-week-the-rapid-decline-of-coal/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

KYL, Jon; LIEBERMAN, Joseph. **Why American leadership still matters.** Washington, DC, 3 dez. 2015. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/why-american-leadership-still-matters/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

LACHMAN, Desmond. **A New President, a New Paradigm.** Latin America Outlook, Washington, DC, 1 nov. 2007. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/a-new-president-a-new-paradigm/>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

LACHMAN, Desmond. **Brazil Should Stay with the IMF.** Washington, DC, 15 nov. 2004. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/brazil-should-stay-with-the-imf/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

LACHMAN, Desmond. **Brazil's Moment in the Sun.** Washington, DC, 24 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/brazils-moment-in-the-sun/>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

LACHMAN, Desmond. **Cry for Latin America: those narrow sovereign debt spreads and booming stock markets have been a mirage.** Washington, DC, 1 de nov. de 2007. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/cry-for-latin-america-those-narrow-sovereign-debt-spreads-and-booming-stock-markets-have-been-a-mirage/>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

LACHMAN, Desmond. **In Brazil an economic threat closer to home.** Washington, DC, 16 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/in-brazil-an-economic-threat-closer-to-home/>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

NORIEGA, Roger. **Opposition to or Engagement with Latin American Leftists?** Washington, DC, 13 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/opposition-to-or-engagement-with-latin-american-leftists/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.a

NORIEGA, Roger, FOGASSA, Marc. **Brazil Is in a Class By Itself.** Washington, DC, 19 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/brazil-is-in-a-class-by-itself/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.a

NORIEGA, Roger. **A Message to Obama: How to Be a "Good Neighbor".** Latin America Outlook, Washington, DC, 8 dez. 2008. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/a-message-to-obama-how-to-be-a-good-neighbor/>>. Acesso em: 23 mar. 2016.a

NORIEGA, Roger. **As the Brazilian economy slips into recession, voters may opt for free-market solutions.** Washington, DC, 5 set. 2014. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/as-the-brazilian-economy-slips-into-recession-voters-may-opt-for-free-market-solutions/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

NORIEGA, Roger. **Ignoring Latin America**. Washington, DC, 16 de nov. de 2011. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/ignoring-latin-america/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.b

NORIEGA, Roger. **Latin America and the Economic Crisis: Going It Alone**. Latin American Outlook, Washington, DC, 26 de jun. de 2009. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/latin-america-and-the-economic-crisis/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.b

NORIEGA, Roger. **5 questions every president should answer on Latin America and Caribbean**. Washington, DC, 22 jul. 2015. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/5-questions-every-presidential-candidate-should-answer-latin-america-and-the-caribbean-edition/>> Acesso em: 24 mar. 2016.a

NORIEGA, Roger. **Latin America is crucial to US competitiveness**. AEIdeas, Washington, DC, 22 out. 2012. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/latin-america-is-crucial-to-us-competitiveness/>>. Acesso em: 24 de mar. 2016.

NORIEGA, Roger. **Latin America: Impressions of a troubled region**. Washington, DC, 9 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/latin-america-impressions-of-a-troubled-region/>>. Acesso em: 25 mar. 2016.b

NORIEGA, Roger. **Latin American Action Agenda for the New Congress**. Latin American Outlook, Washington, DC, 6 jan. 2011. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/latin-american-action-agenda-for-the-new-congress/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.c

NORIEGA, Roger. **Launching an “Opportunity Partnership” in the Americas**. Latin American Outlook, Washington, DC, 12 jan. 2006. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/launching-an-opportunity-partnership-in-the-americas/>>. Acesso em 23 mar. 2016.a

NORIEGA, Roger. **Legado ou Complacência? O trabalho inacabado de Lula no Brasil**. Washington, DC, 25 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/legado-ou-complacencia/>>. Acesso em: 23 de mar. 2016.b

NORIEGA, Roger. **Lula Can Make 2008 a Very Good Year**. Washington, DC, 30 dez. 2007. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/lula-can-make-2008-a-very-good-year/>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

NORIEGA, Roger. **O estímulo de que o Brasil realmente necessita**. Washington, DC, 9 jan. 2009. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,o-estimulo-de-que-o-brasil-realmente-necessita,304575>>. Acesso em: 24 mar. 2016.c

NORIEGA, Roger. **Obama en las Américas: En búsqueda de una estrategia eficaz**. Latin American Outlook, Washington, DC, 1 fev. 2010. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/obama-en-las-americas/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

NORIEGA, Roger. **President Obama-** South America's New Partner Washington, DC, 18 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/president-obama-south-americas-new-partner/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.d

NORIEGA, Roger. **Struggle for the Future:** the poison of populism and democracy's cure. Latin America Outlook, Washington, DC, 1 dez. 2006. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/struggle-for-the-future/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.b

NORIEGA, Roger. **The Americas:** Reviewing 2015 and looking ahead. American. Washington, DC, Statement before the House Committee on Foreign Affairs Subcommittee on the Western Hemisphere, 9 dez. 2015. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/the-americas-reviewing-2015-and-looking-ahead/>>. Acesso em: 25 mar. 2016.c

NORIEGA, Roger. **Time for US leadership in the Americas.** Washington, DC, 11 jan. 2016. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/time-for-us-leadership-in-the-americas/>>. Acesso em: 25 mar. 2016.b

NORIEGA, Roger. **United States Foreign Policy and Strategic Dimensions.** Washington, DC, International Relations Research Institute, 29 set. 2008. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/united-states-foreign-policy-and-strategic-dimensions/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.c

NORIEGA, Roger. **What Obama Must Do On His First Trip to Latin America.** Washington, DC, 18 mar. 2011. <<http://www.aei.org/publication/what-obama-must-do-on-his-first-trip-to-latin-america/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.d

NORIEGA, Roger. **World Cup:** Sure, Brazil can score at soccer but can it win on the economic stage? Washington, DC, 16 jun. 2014. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/world-cup-sure-brazil-can-score-at-soccer-but-can-it-win-on-the-economic-stage/>>. Acesso em: 24 de mar. 2016.

NORIEGA, Roger; DAVY, Megan. **What if the United States Sneezed and Latin America Didn't Catch a Cold?** American Enterprise Institute, Latin American Outlook, 27 maio 2008. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/what-if-the-united-states-sneezed-and-latin-america-didnt-catch-a-cold/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

NORIEGA, Roger; FERNANDEZ, Andrés Martínez. **The free-market moment:** Making grassroots capitalism succeed where populism has failed. Washington, DC, 28 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/the-free-market-moment-making-grassroots-capitalism-succeed-where-populism-has-failed/>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

NORIEGA, Roger F. **What Obama Must Do On His First Trip to Latin America.** Washington, DC, 18 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/what-obama-must-do-on-his-first-trip-to-latin-america/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

PERRY, Mark J.. **Brazil to Surpass U.K. in 2011 to Be No. 6 Economy.** AEIdeas, Washington, DC, 31 out. 2011. Disponível: <<http://www.aei.org/publication/brazil-to-surpass-u-k-in-2011-to-be-no-6-economy/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

REITEN, Tatiana. **Dilma's reelection and the future of US-Brazil relations**. AEIdeas, Washington, DC, 13 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/dilmas-reelection-future-us-brazil-relations/>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

ROHAC, Dalibor; SCHMITT, Gary J. **Laying BRICS: A not-so-happy future**. Washington, DC, 5 jan. 2016. Disponível em: <<http://www.aei.org/publication/laying-brics-a-not-so-happy-future/>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

BROOKINGS INSTITUTION

AMR, Hady. **Iran's Nuclear Deal and the New Global Power Brokers**. Washington, DC, 21 mar. 2010. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/irans-nuclear-deal-and-the-new-global-power-brokers/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

ARAMAYO, Carlos. PEREIRA, Carlos. **Brazil's Influence in Peru's 2011 Presidential Election**. Washington, DC, opinion, 14 jun. 2011. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/brazils-influence-in-perus-2011-presidential-election/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

ARAMAYO, Carlos. PEREIRA, Carlos. **Obama's Visit to Latin America: Redefining U.S.Brazil**. Washington, DC, 15 mar. 2011. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/obamas-visit-to-latin-america-redefining-u-s-brazil-relations/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

BOLLE, Monica de; TALVI, Ernesto. **IMF Therapy for Brazil**. Washington, DC, 15 dez. 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/imf-therapy-for-brazil/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

BRADFORD, Colin I.; LINN, Johannes F. **The Irrelevant G8 Summit in St. Petersburg**. Washington, DC, 25 jul. 2006. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/the-irrelevant-g8-summit-in-st-petersburg/>>. Acesso em: 22 de abri. 2016.

BRAINARD, Lael; MARTINEZ DIAZ, Leonardo. **Brazil as an economic superpower?** Understanding Brazil's Changing Role in the Global Economy. Washington, DC, Brookings Institution Press, 2009.

BROOKINGS INSTITUTION. **An arms race in our hemisphere?** discussing the trends and implications of military expenditures in south america. Transcript event. June, 2010. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/events/an-arms-race-in-our-hemisphere-discussing-the-trends-and-implications-of-military-expenditures-in-south-america/>>. Acesso em: 20 abri. 2016.a

BROOKINGS INSTITUTION. **Brazil and the Shaping of a Cooperative Multipolar Order**. Event transcription, Washington, DC, 9 fev. 2015, 41 p. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/events/brazil-and-the-shaping-of-a-cooperative-multipolar-order/>>. Acesso em: 22 de abri. 2016.a

BROOKINGS INSTITUTION. **Five rising democracies and the fate of the international liberal order.** Event Transcription, Washington, DC, 18 fev. 2016. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/events/five-rising-democracies-and-the-fate-of-the-international-liberal-order/>>. Acesso em: 20 abri. 2016.

BROOKINGS INSTITUTION. **Intertwined economic and political fortunes in the southern cone:** The future of Brazil and Argentina. Transcription. Washington, DC, 20 abril 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/events/intertwined-economic-and-political-fortunes-in-the-southern-cone-the-future-of-brazil-and-argentina/>>. Acesso em: 22 abril 2016.b

BROOKINGS INSTITUTION. **Latin America and the Obama Administration:** a new partnership. Washington, DC, 2010. Jun. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/events/latin-america-and-the-obama-administration-a-new-partnership/>>. Acesso em: 20 abri. 2016.b

BROOKINGS INSTITUTION. Partnership for the Americas Comission. **Re-Thinking U.S.-Latin American Relations:** A Hemispheric Partnership for a Turbulent World. Washington, DC, 24 nov. 2008. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/research/re-thinking-u-s-latin-american-relations-a-hemispheric-partnership-for-a-turbulent-world/>> . Report. Acesso em: 22 abril 2016.

BROOKINGS INSTITUTION. **The Foreign Policies of Emerging:** Market Democracies- What Role for Human Rights and Democracy. Report. Washington, DC, abril 2011. Disponível em: <https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/06_human_rights_piccone.pdf>. Acesso em: 22 abri. 2016.

BROOKINGS INSTITUTION. **The Summit of the Americas and prospects for inter-American relations.** Event transcription, Washington, DC, 3 abris 2015, 31 p. Disponível em: <https://www.brookings.edu/events/the-summit-of-the-americas-and-prospects-for-inter-american-relations/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.c

BROOKINGS INSTITUTIONS. **Brazil and the Shaping of a Cooperative Multipolar Order.** Event, Washington, DC, 3 abril 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/events/brazil-and-the-shaping-of-a-cooperative-multipolar-order/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.d

CÁRDENAS, Mauricio. **Brazil Relations:** A Fresh New Start? Up Front, Washington, DC, 8 fev. 2011. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/up-front/2011/02/08/u-s-brazil-relations-a-fresh-new-start/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

CARDÉNAS, Mauricio. **Can Latin American Economies Deflect the Financial Crisis?** Washington, DC, 22 set. 2008. Entrevista. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/on-the-record/can-latin-american-economies-deflect-the-financial-crisis/>>. Acesso em: e 22 abri. 2016.

CÁRDENAS, Mauricio. **Climate Change and Brazil:** Are Unilateral Actions More Effective? Washington, DC, 2 dez. 2009. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/climate-change-and-brazil-are-unilateral-actions-more-effective/>>. Acesso em: 24 abri. 2016.

CÁRDENAS, Mauricio. **It's Time for Obama to Deliver on Promises to Latin America.** Up Front, Washington, DC, 17 mar. 2011. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/up-front/2011/03/17/its-time-for-obama-to-deliver-on-promises-to-latin-america/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

CÁRDENAS, Mauricio. **President Obama's Latin American Visit is Important for Long Term U.S. Interests.** Washington, DC, 17 mar. 2011. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/president-obamas-latin-american-visit-is-important-for-long-term-u-s-interests/>>. Acesso em: 22 abri. 2016

CÁRDENAS, MAURICIO; CASTRO NEVES. **Brazil's Post-Lula Foreign Policy.** Washington, DC, 15 out. 2010. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/brazils-post-lula-foreign-policy/>>. Acesso em: 20 abri. 2016.

CÁRDENAS, Mauricio; NEVES, João Castro. **Brazil and the United States: A New Beginning?** UpFront, Washington, DC, 19 abri. 2010. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/up-front/2010/04/19/brazil-and-the-united-states-a-new-beginning/>>. Acesso em: 22 abri. 2016. a

CASASZAMORA, Kevin. **No Victory for Democracy in Honduras.** Washington, DC, op-ed, 1 dez. 2009. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/no-victory-for-democracy-in-honduras/>>. Acesso em: 24 abri. 2016.

CASASZAMORA, Kevin. **Poster Boy of Globalization Charts Own Course.** Washington, DC, 9 abri. 2010. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/poster-boy-of-globalization-charts-own-course/>>. Acesso em: 22 abril 2016.

CASASZAMORA, Kevin. **Should Obama Endorse Brazil for the Security Council?** Washington, DC, opinion, 18 mar. 2011. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/should-obama-endorse-brazil-for-the-security-council/>>. Acesso em: 22 d abri. 2016

DESAI, Raj M.; VREELAND, James. **What the New Bank of BRICS is All About.** Washington, DC, 17 jul. 2014. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/what-the-new-bank-of-brics-is-all-about/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

FEINBERG, Richard E; MILLER, Emily. TRINKUNAS, Harold. **Better Than You Think Reframing InterAmerican Relations.** Washington, DC, report, mar. 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/Better-Than-You-Think-Reframing-InterAmerican-Relations.pdf>>. Acesso em: 24 abri. 2016.

FELBAB-BROWN, Vanda. Partnership for the Americas Comission. **Re-Thinking U.S.-Latin American Relations. United States National Security Policy in Latin America: Threat Assessment and Policy Recommendations for the Next Administration.** Report., Washington, DC, 24 nov. 2008. Disponível em: <https://www.brookings.edu/wpcontent/uploads/2016/06/national_security_policy_felbabbrown.pdf>. Acesso em: 22 abri. 2016. 12 p.

FISHLOW, Albert. **Starting Over: Brazil Since 1985**. Washington: Brookings Institution Press, 2011.

GUY, Edwards; ROBERTS, Timmons. **Six key issues the US-Brazil climate change announcement could have addressed, but didn't**. Washington, DC, 30 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/planetpolicy/2015/06/30/six-key-issues-the-us-brazil-climate-change-announcement-could-have-addressed-but-didnt/>>. Acesso em: 23 abri. 2016.

INDYK, Martin S.; KAGAN, Robert. **Memorandum to the president: a Plastic Moment to Mold a Liberal Global Order**. Brookings Institution, Policy Recommendations for President Obama's Second Term by the Foreign Policy Scholars at Brookings, Washington, DC, 17 jan. 2013, p123. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/big-bets-and-black-swans-a-presidential-briefing-book-20.pdf>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

JONES, Bruce. **The rising powers: A mixed bag for the international order**. Washington, DC, Ordem from Chaos, 19 fev. 2016. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2016/02/19/the-rising-powers-a-mixed-bag-for-the-international-order/>>. Acesso em: 24 abri. 2016.

LEVI, Michael A. Nuclear Reactor: **Botching Brazilian Diplomacy**. Washington, DC, 13 abri. 2004. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/nuclear-reactor-botching-brazilian-diplomacy/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

LINN, Johannes F. **Realizing the Potential of the Multilateral Development Banks**. Washington, DC, 5 set. 2013. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/articles/realizing-the-potential-of-the-multilateral-development-banks/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

LOWENTHAL, Abraham F. **A Latin America Game Plan**. Washington, DC, 6 abril 2009. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/a-latin-america-game-plan/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.a

LOWENTHAL, Abraham F. **Obama off to Good Start in Latin America** 4 maio 2009. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/obama-off-to-good-start-in-latin-america/>>. Acesso em: 22 abril 2016.b

LOWENTHAL, Abraham F. **President Obama and the Summit of the Americas**. Washington, DC, 16 abri. 2009. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/president-obama-and-the-summit-of-the-americas/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.c

LOWENTHAL, Abraham F. **United States Brazil Relations are Critical**. Washington, DC, 5 mar. 2010. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/united-states-brazil-relations-are-critical/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

MARES, DAVID; TRINKUNAS, HAROLD. **Aspirational power: Brazil on the long road to global influence**. Washington, DC: Brookings Institution Press, 2016.

MCKIBBIN, Warwick. **The Global Financial Crisis: Causes and Consequences.** Washington, DC, interview, 9 abri. 2009. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/on-the-record/the-global-financial-crisis-causes-and-consequences/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

MILLER, Emily. **U.S. priorities at the Seventh Summit of the Americas.** America and chaos, Washington, DC, 8 abri. 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2015/04/08/u-s-priorities-at-the-seventh-summit-of-the-americas/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

NEGROPONTE, Diana Villiers. **Brazilian Relations: Understanding President Rousseff's Visit to Washington and Secretary Clinton's Visit to Brasilia.** Washington, DC, op-ed, 20 abril 2012. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/u-s-brazilian-relations-understanding-president-rousseffs-visit-to-washington-and-secretary-clintons-visit-to-brasilia/>>. Acesso em: 24 abri. 2016.

NEGROPONTE, Diana Villiers. **Secretary Kerry's Brazil Visit: Energy, Education and Global Entry Compete with NSA Criticism.** Up Front, Washington, DC, 19 ago. 2013. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/up-front/2013/08/19/secretary-kerrys-brazil-visit-energy-education-and-global-entry-compete-with-nsa-criticism/>>. Acesso em: 24 abri. 2016.

NEVES, João Augusto Castro; PEREIRA, Carlos. **Assessing Obama's Visit to Brazil: A New Framework for Relations with Latin America?** Washington, DC, opinion, 25 mar. 2011. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/assessing-obamas-visit-to-brazil-a-new-framework-for-relations-with-latin-america/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

NEVES, João Augusto Castro; PEREIRA, Carlos. **Brazil and China- South-South: Partnership or North-South Competition.** Washington, DC, 26 mar. 2011, policy paper n 26. Disponível em: <https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/03_brazil_china_pereira.pdf>. Acesso em: 22 abri. 2016.

O'HANLON, Michael E.; SANDALOW, David B. **Iran: Regaining Energy Leverage.** Washington, DC, 32 jan. 2006. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/iran-regaining-energy-leverage/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

PICCONE, Ted. **Do New Democracies Support Democracy?** the multilateral dimension. Washington, DC, article, 26 out. 2011. 14 p. Disponível em: <https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/1026_democracy_piccone.pdf>. Acesso em: 22 abri. 2016.

PICCONE, Ted. **Five rising democracies.** Washington, DC, vídeo, 12 maio 2016. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/on-the-record/five-rising-democracies/>>. Acesso em: 24 abri. 2016.

PICCONE, Ted. **Is the international liberal order dying?** These five countries will decide. Washington, DC, Ordem from Chaos, 17 fev. 2016. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2016/02/17/is-the-international-liberal-order-dying-these-five-countries-will-decide/>>. Acesso em: em 24 abri. 2016.

PICCONI, Ted. **Obama, Rousseff, and the crucible of human Rights.** Ordem from Chaos, Washington, DC, 26 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2015/06/26/obama-rousseff-and-the-crucible-of-human-rights/>>. Acesso em: 23 abri. 2016.

PICCONI, Ted. **U.S. and Brazil: Together and Apart** U.S. and Brazil: Together and Apart. Washington, DC, 9 abri. 2012. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/u-s-and-brazil-together-and-apart/>>. Acesso em: 24 abri. 2016.

PICCONI, Ted. **Why five emerging powers may determine the future of democracy around the world.** Up Front, Washington, DC, 10 de fev. De 2016. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/up-front/2016/02/10/why-five-emerging-powers-may-determine-the-future-of-democracy-around-the-world/>>. Acesso em: 24 abril 2016.

ROGOFF, Kenneth. **Who Needs the IMF?** Washington, DC, 25 set. 2006. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/who-needs-the-imf/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

SANDALOW, David B. **Ethanol: Lessons from Brazil.** Washington, DC, artigo, maio de 2006. Disponível em: <https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/sandalow_20060522.pdf>. Acesso em: em 24 de abril de 2016.

SHAIKHP, Salman. **Libya's Test of the New International Order.** Washington, DC, 26 fev. 2011. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/opinions/libyas-test-of-the-new-international-order/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

TRINKUNAS, Harold. **Brazil's Global Ambitions.** Washington, DC, 4 fev. 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/articles/brazils-global-ambitions/>>. Acesso em: 23 abri. 2016.a

TRINKUNAS, Harold. **Brazil's prescription:** Collaborative diplomacy for a more stable global order. Ordem from Chaos, Washington, DC, 23 fev. 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2015/02/23/brazils-prescription-collaborative-diplomacy-for-a-more-stable-global-order/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.b

TRINKUNAS, Harold. **Brazil's Rise: Seeking Influence on Global Governance** Washington, DC, report, abri. 2014, 31 p. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/Trinkunas-Brazils-Rise.pdf>>. Acesso em: 22 abri. 2016.a

TRINKUNAS, HAROLD. **For steps Brazil can take to influence global governance more effectively.** UP Front, Washington, DC, abri. 2014. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/up-front/2014/04/28/four-steps-brazil-can-take-to-influence-global-governance-more-effectively/>>. Acesso em: 20 abri. 2016.

TRINKUNAS, Harold. **Moving beyond dispensable:** Strengthening U.S.Brazil Relations. Ordem from Chaos, Washington, DC, 26 jun. 2015. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2015/06/26/moving-beyond-dispensable-strengthening-u-s-brazil-relations/>>. Acesso em: 23 abri. 2016.c

TRINKUNAS, Harold. **Seeking Common Ground in the U.S.-Brazil Relationship.** Up Front, Washington, DC, 29 abri. 2014. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/up-front/2014/04/29/seeking-common-ground-in-the-u-s-brazil-relationship/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.b

TRINKUNAS, Harold. **U.S. Brazil Relations and NSA Electronic Surveillance.** Up Front, Washington, DC, 18 set. 2013. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/up-front/2013/09/18/u-s-brazil-relations-and-nsa-electronic-surveillance/>>. Acesso em: 22 abri. 2016.

TRINKUNAS, Harold. **What Brazil contributes to the international liberal order.** Ordem from Chaos, Washington, DC, 18 fev. 2016. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2016/02/18/what-brazil-contributes-to-the-international-liberal-order/>>. Acesso em: 24 abri. 2016.

TRINKUNAS, Harold; WALLACE, Ian. **Converging on the future of global Internet governance: The United States and Brazil.** Washington, DC, report, jul. 2015, p. 45. Disponível em: <<https://www.brookings.edu/wp-content/uploads/2016/06/USBrazil-Global-Internet-Governance-web-final.pdf>>. Acesso em: em 23 abri. 2016.d

Carnegie Endowment International for Peace

ACTION, James M. **Progress or Setback—Brazil and Turkey’s Engagement on Iran.** Washington, DC, Q&A, 17 maio 2010. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2010/05/17/progress-or-setback-brazil-and-turkey-s-engagement-on-iran-pub-40813>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

ARGÜELLO, Irma. **Brazil and Argentina's Nuclear Cooperation.** Washington, DC, proliferation analysis, 8 jan. 2009. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2009/01/08/brazil-and-argentina-s-nuclear-cooperation-pub-22597>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

DADUSH, Uri. **Brazil’s Economic Future.** Washington, DC, 26 set. 2014. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2014/09/26/brazil-s-economic-future-pub-56786>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

DADUSH, Uri. **Emerging Markets Unite!** Washington, DC, audio (15min44s) 29 mar. 2013. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2013/03/29/emerging-markets-unite-pub-51363>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

EIDELMAN, Vera. **Two Cheers for Latin America.** Washington, DC, 2010. 18 mar. 2010. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2010/03/18/two-cheers-for-latin-america-pub-40375>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

FERCHEN, Matt. **China’s Latin American Interests** Washington, DC, Tsinghua Center, Q&A, 6 abri. 2012. Disponível em:

<<http://carnegietsinghua.org/2012/04/06/china-s-latin-american-interests-pub-47759>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

FOXLEY, Alejandro. **Market Versus State: Postcrisis Economics in Latin America**. Washington, DC, report, 10 nov. 2009. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2009/11/10/market-versus-state-postcrisis-economics-in-latin-america-pub-24133>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

GOLDEMBERG, José. **Is Brazil Setting a Bad Example in Enriching Uranium ?** Washington, DC, proliferation analysis, 16 jul. 2007. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2007/07/16/is-brazil-setting-bad-example-in-enriching-uranium-pub-19437>> . Acesso em: 13 mar. 2016.

GREENE, Sam et al. **New Opportunities in the Post-Crisis World?** Washington, DC, Moscow, 24 mar. 2011. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2011/03/24/bric-new-opportunities-in-post-crisis-world-event-3268>> . Acesso em: 14 mar. 2016.

JAFFRELOT, Christophe. **Under a Southern Sun**. Washington, DC, abri. 2013. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2013/04/01/under-southern-sun-pub-51365>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

JOSHUA, Williams; WOLFSTHAL, Jon. **Brazil Tests Bush Policies on Proliferation**. Washington, DC, proliferation analysis, 12 out. 2004. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2004/10/12/brazil-tests-bush-policies-on-proliferation-pub-15954>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

KASSENOVA, Togzhan. **Brazil's Nuclear Kaleidoscope: An Evolving Identity**. Washington, DC: Washington, DC, mar. 2014. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2014/03/12/brazil-s-nuclear-kaleidoscope-evolving-identity-pub-54832>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

KASSENOVA, Togzhan. **Brazil and the Global Nuclear Order**. Carnegie Endowment for International Peace, Palgrave Macmillan, 16 abri. 2015. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2015/04/16/brazil-and-global-nuclear-order-pub-61940>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

KASSENOVA, Togzhan. **Turbulent Times for Brazil's Nuclear Projects**. Washington, DC, report, 124 p., 6 de jun. de 2016. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2016/06/06/perspectives-on-evolving-nuclear-order-pub-63711>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

KEJIN, Zhao. **The Limits of Cooperation Among BRICS countries**. Washington, DC, and Beijing, 1 dez. 2014. Disponível em: <<http://carnegietsinghua.org/2014/12/01/limits-of-cooperation-among-brics-countries-pub-57341>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

LEFFLER, Christian; SHIFTER, Michael; ADEBAHR, Cornelius. **EU Priorities in Latin America: What Relationship to U.S. Policy**. Washington, DC, 2014. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2014/02/05/eu-priorities-in-latin-america-what-relationship-to-u.s.-policy-event-4389>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

NAÍM, MOISES. **Dealing with Latin America's Tragic Normalcy**. Washington, DC, op Ed, 12 jan. 2004. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2004/01/12/dealing-with-latin-america-s-tragic-normalcy-pub-1440>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

NAÍM, Moisés. **End the Party Before Brazil's Bubble Bursts**. Carnegie Endowment International for Peace, 1 jun. 2011. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2011/06/01/end-party-before-brazil-s-bubble-bursts-pub-44299>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

NAÍM, Moises. **In Brazil, Turkey, and Chile, Protests Follow Economic Success**. Washington, DC, 27 jun. 2013. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2013/06/27/in-brazil-turkey-and-chile-protests-follow-economic-success-pub-52230>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

NAÍM, Moises. **Rousseff Should Leave U.S. with a Trade Deal**. Washington, DC, 8 abri. 2012. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2012/04/08/rousseff-should-leave-u.s.-with-trade-deal/a784>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

NAÍM, Moises. **The Coming Turmoil in Latin America**. Washington, DC, 8 out. 2015. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2015/10/08/coming-turmoil-in-latin-america-pub-61554>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

NAÍM, Moises. **While Washington Sleeps...** Washington, DC, 23 mar. 2011. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2011/03/23/while-washington-sleeps-pub-43430>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

PETTIS, Michael. **It Would Be Foolish for the BRICs to Save Europe**. Washington, DC, 6 out. 2011. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2011/10/06/it-would-be-foolish-for-brics-to-save-europe-pub-45690>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

ROTHKOPF, David. **Brazil's New Swagger**. Washington, DC, 28 fev. 2012. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2012/02/28/brazil-s-new-swagger-pub-47362>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

SPEKTOR, Matias; KASSANOVA, Togzhan; ULGEN, Sinan. **Is there na 'emerging power agenda?** Washington, DC, event, 9 abri. 2013. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2013/04/09/is-there-emerging-power-agenda-pub-51401>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

STUNKEL, Oliver. **Uncertain Future of IBSA**. Washington, DC, 18 fev. d2015. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2015/02/18/uncertain-future-of-ibsa-pub-59108>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

TOPYCHKANOV, Petr. **The BRICS and the West: Partners or Rivals?** Washington, DC, Moscow, 8 jul. 2015. Disponível em: <<http://carnegie.ru/2015/07/08/brics-and-west-partners-or-rivals-pub-60641>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

VASILIEV, Sergei et al. **Why Do Brazil, Russia, India, and China Need BRICS.** Washington, DC, 8 jul. 2015. Disponível em: <<http://carnegie.ru/commentary/60636>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

XUN, Pang. **Are the BRICS Irrelevant?** Washington, DC, Beijing, 8 abri. 2014. Disponível em: <<http://carnegietsinghua.org/2014/04/08/are-brics-irrelevant-pub-55206>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

CENTER FOR A NEW AMERICAN

KLIMAN, Daniel M.; FONTAINE, Richard. **Global Swing States: Brazil, India, Indonesia, Turkey and the Future of International Order.** 2012. Disponível em: <www.cnas.org/files/.../CNAS_GlobalSwingStates_KlimanFontaine.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2015.

COUNCIL ON FOREIGN REALTIONS

CENTER FOR LATIN AMERICAN STUDIES DA UNIVERSITY OF CALIFORNIA. **The practical power: Brazil's far-flung global agenda.** 12 out. 2012 (49min18s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uuj2eqCZos8&t=1467s>>. Acesso em: 15 maio 2016.

CAMPBELL, John. 2013. **Brazil in Africa.** Washington, DC, 1 maio 2013. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/brazil-africa-0>>. Acesso em: 15 maio 2016.

CASTANHEDA, Jorge. **Latin America's Left Turn** . Foreign Affairs, Washington, DC, maio/ jun. 2006. Disponível em <<https://www.foreignaffairs.com/articles/south-america/2006-05-01/latin-americas-left-turn>>. Acesso em: 15 maio 2016.

COLEMAN, Isabel. **Foreign Aid III: BRICS as Donors.** Washington, DC, 20 abri. 2012. Disponível em: <<https://www.cfr.org/coleman/category/topics/economic-development/page/7/>> Acesso em: 15 maio 2016.

COLEMAN, Isabel. **Questions About the BRICS Development Bank.** Washington, DC, 30 abri. 2013. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/democracy-development-brics-development-bank>>. Acesso em: 15 maio 2016.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. **New From CFR: John Campbell on Brazil's Role in Africa.** Washington, DC, 2 mar. 2013. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/new-cfr-john-campbell-brazils-role-africa>>. Acesso em: 15 maio 2016.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. **Where do you see Brazil in 2020?** As a country with the lowest growth rates among the BRICS, is the dream over for Brazil? Washington, DC, mar. 2013. Disponível em: <<http://dev-www.cfr.org/brazil/do-you-see-brazil-2020-country-lowest-growth-rates-among-brics-dream-over-brazil/p30337>>. Acesso em: 15 maio 2016.

HAKIM, Peter. **Is Washington Losing Latin America?** Foreign Affairs, Washington, DC, jan/fev. 2006. Disponível em < <https://www.foreignaffairs.com/articles/south-america/2006-01-01/washington-losing-latin-america>>. Acesso em: 15 maio 2016.

HANSON, Stephanie. **Brazil on the International Stage.** Washington, DC, backgrounder, 2 jul. 2012. Disponível em: <<https://www.cfr.org/backgrounder/brazil-international-stage>>. Acesso em: 15 maio 2016.

HANSON, Stephanie. **Brazil's Energy Windfall.** Washington, DC, brief analysis, 2008. Acesso em: 18 maio 2016. Acesso em: 15 maio 2016.

JAEGER, Markus. **Brazil: o país do futuro** Washington, DC, Economic scenarios for the next 15 years, maio 2006. Acesso em: 18 maio 2016.

KAHN, Robert. **BRICS and Mortals.** Washington, DC, 15 jul 2014. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/brics-and-mortals>>. Acesso em: 18 maio 2016.

KINGSTONE, Peter. **Brazil: The Sleeping Giant Awakens.** Washington, DC, policy brief, 12 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.worldpoliticsreview.com/articles/3145/brazil-the-sleeping-giant-awakens>>. Acesso em: 18 maio 2016.

KOZLOFF, Nikolas. **Is Brazil the Next Cop on the Beat in Africa?** The Pentagon Seems to Hope So. Washington, DC, 10 jun. 2012. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2012/06/201263144317166915.html>>. Acesso em: 18 maio 2016.

KURLANTZICK, Joshua. **Don't Bet on the BRICs.** Washington, DC, 7 nov. 2011. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/dont-bet-brics>>. Acesso em: 18 maio 2016.

LEMMON, Gayle Tzemach. **Investing in (and from) the BRICS.** Washington, DC, 1 abri. 2013. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/investing-and-brics>>. Acesso em: 18 maio 2016.

MALLABY, Sebastian; VOLKER, Paul A. **Brazil's China Headache.** Washington, DC, 14 dez. 2009. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wpdyn/content/article/2009/12/13/AR2009121302447_pf.html>. Acesso em: 16 maio 2016.

MEAD, Walter Russel. **Brazil Drops Out.** Washington, DC, 21 jun. 2006. Disponível em <<https://www.the-american-interest.com/2010/06/21/brazil-drops-out/>>. Acesso em: 18 maio 2016.

O'NEIL, Shannon et al. **U.S.-Latin America Relations a New Direction for a New Reality.** Washington, DC, task force, maio de 2008. Disponível em: < <https://www.cfr.org/blog/us-latin-america-relations-new-direction-new-reality> >. Acesso em: 16 maio 2016.

O'NEIL, Shannon K. **The Limited Integration of Latin American Governance.** Washington, DC, 24 jul. 2012. Disponível em: <https://www.cfr.org/blog/limited-integration-latin-american-governance>. Acesso em: 16 maio 2016.

O'NEIL, Shannon. **Brazil as an Emerging Power: The View from the United States.** Washington, DC, 1 mar. 2010. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/brazil-emerging-power-view-united-states>>. Acesso em: 16 maio 2016.

O'NEIL, Shannon. **Bush Looking for Foreign Policy Success on Latin American Trip.** Council on Foreign Relations, interview, 5 mar. 2007. Disponível em: <<https://www.cfr.org/interview/oneil-bush-looking-foreign-policy-success-latin-american-trip>>. Acesso em: 11 maio 2016.

O'NEIL, Shannon. **Obama's Trip to Latin America.** Washington, DC, 10 de mar. de 2011. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/obamas-trip-latin-america>>. Acesso em: 11 maio 2016.

O'NEIL, Shannon. **The Presidential Inbox Series: Latin America.** Council on Foreign Relations, evento, Washington, DC, 29 maio 2013. Disponível em: <<https://www.cfr.org/event/presidential-inbox-series-latin-america>>. Acesso em: 17 maio 2016.

ONIS, Juan de. **Brazil's Big Moment A South American Giant Wakes Up.** Foreign Affairs, Washington, DC, Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/south-america/2008-11-01/brazils-big-moment>>.

PATRICK, Stewart M. **Brazil Seeking Security.** Washington, DC, 7 jul. 2010. Disponível em: <<http://nationalinterest.org/commentary/brazil-seeking-security-3622>>. Acesso em: 18 maio 2016.

PATRICK, Stewart M. **The BRICS India Summit: Beyond Bricolage?** Washington, DC, 28 mar. 2012. Disponível em: <<https://www.cfr.org/blog/brics-india-summit-beyond-bricolage>>. Acesso em: 18 maio 2016.

PICCONE, Ted. **U.S and Brazil: together and apart.** Washington, DC, 9 abril. 2012. Disponível em <<http://nationalinterest.org/commentary/us-brazil-together-apart-6746>>. Acesso em: 18 maio 2016.

SABATINI, Christopher Sabatini. **Rethinking Latin America: Foreign Policy Is More Than Development.** Foreign Affairs, Washington, DC, mar/ abril de 2012. Disponível em: < <https://www.foreignaffairs.com/articles/central-america-caribbean/2012-02-12/rethinking-latin-america>>. Acesso em: 18 maio 2016.

SHARMA, Ruchier. **Broken BRICs: Why the Rest Stopped Rising.** Foreign Affairs, Washington, DC, nov./ dez. 2012. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/brazil/2012-10-22/broken-brics>>. Acesso em: 18 maio 2016.

SPEKTOR, Matias. **How to Read Brazil's Stance on Iran.** Washington, DC, 16 mar. 2010. Disponível em: <<http://yaleglobal.yale.edu/content/how-read-brazils-stance-iran>>. Acesso em: 18 maio 2016.

SPEKTOR, Matias. **Toward New Ties with Brazil**. Washington, DC, interview, 18 mar. 2011. Disponível em: <<https://www.cfr.org/interview/toward-new-ties-brazil>>. Acesso em: 18 maio 2016.

SPEKTOR, Matias. **Why Brazil is a Broker with Iran**. New York Times, maio 2010. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2010/05/17/world/middleeast/17iran.html>>. Acesso em: 17 maio 2016. O ARTIGO NÃO É DO MATIAS, ELE É ENTREVISTADOS POR JORNALISTAS DO NY.

SPEKTOR, Matias; SWEIG, Julia. **Mr. Obama, meet the new Brazil**. New York Times, 18 mar. 2011. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2011/03/19/opinion/19iht-edsweig19.html>>. Acesso em: 17 maio 2016.

SWEIG, Julia E. **An American in Brazil**. New York Times, 2 de mar. de 2010. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2010/03/03/opinion/03iht-edsweig.html>>. Acesso em: 17 de maio de 2016.a

SWEIG, Julia E. **Can Brazil Have It All in South America?** Folha de São Paulo, São Paulo, 4 jul. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/juliasweig/1114770-o-brasil-pode-ter-tudo.shtml>>. Acesso em: 18 maio 2016.

SWEIG, Julia E. **Clinton's Challenge in Brazil**. Washington, DC, interview, 1 mar. 2010. Disponível em: <<https://brazilportal.wordpress.com/2010/03/02/interview-with-julia-sweig-clintons-challenge-in-brazil/>>. Acesso em: 17 maio 2016.b

SWEIG, Julia E. **Dilma in Cuba**. Washington, DC, 29 jan. 2012. Disponível em: <<https://www.cfr.org/node/160396>>. Acesso em: 17 maio 2016.a

SWEIG, Julia E. et al. **Global Brazil and U.S.- Brazil Relations**. Washington, DC, task force, 12 jul. 2011. Disponível em: <<https://www.cfr.org/report/global-brazil-and-us-brazil-relations>>. Acesso em: 18 maio 2016.

SWEIG, Julia E. **Obama's Important Strides in Brazil**. Washington, DC, 21 mar. 2011. Disponível em: <www.cfr.org/brazil/obamas-important-strides-brazil/p24445>. Acesso em: 18 maio 2016.

SWEIG, Julia. **Desconsiderar os Brics ou não?** Folha de São Paulo, 16 jul. 2014. Disponível em: <<http://m.folha.uol.com.br/colunas/juliasweig/2014/07/1486590-desconsiderar-os-brics-ou-nao.shtml?mobile>>. Acesso em: 18 maio 2016.a

SWEIG, Julia. **Measuring Dilma's Visit to the United States**. Folha de São Paulo, 11 abri. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/36394-como-medir-a-viagem-de-dilma.shtml>>. Acesso em: 18 maio 2016.b

SWEIG, Julia. **Obama's Disappointing Year in Latin America**. Council on Foreign Relations, interview, 12 jan. 2010. Disponível em: <<https://www.cfr.org/interview/obamas-disappointing-year-latin-america>>. Acesso em: 18 maio 2016.c

SWEIG, Julia. **The View Toward Closer U.S- brazil relations**. Council on Foreign Relations, 22 maio 2013. Disponível em: <<https://www.cfr.org/node/161336>>. Acesso em: 18 maio 2016.a

SWEIG, Julia. **A New Global Player**. Foreign Affairs, nov./dez. 2010. Disponível em:<<https://www.foreignaffairs.com/articles/brazil/2010-11-01/new-global-player>>. Acesso em: 18 maio 2016.d

SWEIG, Julia. **A Unasul e a soberania**. Folha de São Paulo, 12 mar. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/juliasweig/2014/03/1424052-a-unasul-e-a-soberania.shtml>>. Acesso em: 18 maio 2016.c

SWEIG, Julia. **Concorrência em Cuba**. Folha de São Paulo, 29 jan. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/juliasweig/2014/01/1404280-concorrencia-em-cuba.shtml?cmpid=menupe>>. Acesso em: 18 maio 2016.b

SWEIG, Julia. **Depois do Irã, por que não Cuba?** Folha de São Paulo, 4 dez. 2013. Disponível em: <<http://m.folha.uol.com.br/colunas/juliasweig/2013/12/1380425-depois-do-ira-por-que-nao-cuba.shtml>>. Acesso em: 18 maio 2016.b

SWEIG, Julia. **NSA, Sivam, Dilma e Obama**. Folha de São Paulo, 17 jul. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/juliasweig/2013/07/1312148-nsa-sivam-dilma-e-obama.shtml>>. Acesso em: 18 maio 2016.c

SWEIG, Julia. **Sobre o Brasil nos Estados Unidos**. Folha de São Paulo, 11 mar. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/juliasweig/2015/03/1601114-sobre-brasil-e-eua.shtml?cmpid=menupe>>. Acesso em: 18 maio 2016.

WOLF, Martin. **Does the BRICS Group Matter**. Council on Foreign Relations, interview, 30 mar. 2012. Disponível em: <<https://www.cfr.org/interview/does-brics-group-matter>>. Acesso em: 18 maio 2016.

HERITAGE INSTITUTE

BAKST, Daren. **Why Are We Paying \$300 Million to Help the Brazilian Cotton Industry?** The Daily Signal, Washington, DC, 29 out. 2014. Disponível em: <<http://dailysignal.com/2014/10/09/300-million-help-brazilian-cotton-industry/>>. Acesso em: 25 maio 2016.

BROMUND, Ted. **Problems Brewing for the BRICs**. Washington, DC, 2 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.heritage.org/trade/commentary/problems-brewing-the-brics>>. Acesso em: 25 maio 2016.

GARDINER, Nile; SCHAEFER, Brett. **The United States Should Oppose Expansion of the U.N. Security Council**. Washington, DC, 11 ago. 2005. Disponível em: <<http://www.heritage.org/report/the-united-states-should-oppose-expansion-the-un-security-council>>. Acesso em: 23 maio 2016.a

GARDINER, Nile; SCHAEFER, Brett. **U.N. Security Council Expansion Is Not in the U.S. Interest.** Washington, DC, 18 ago. 2005. Disponível em: <<http://www.heritage.org/report/un-security-council-expansion-not-the-us-interest>>. Acesso em: 23 maio 2016.

GAYOU, Gerard. **BRICS Bank: More Problems Than Potential.** The Daily Signal, Washington, DC, 22 jul 2014. Disponível em: <<http://dailysignal.com/2014/07/22/brics-bank-problems-potential/>>. Acesso em: 25 maio 2016.

LORIS, Nicolas. **Brazil to Fight Ethanol Tariffs.** The Daily Signal, Washington, DC, 6 ago. 2008. Disponível em: <<http://dailysignal.com/2008/08/06/brazil-to-fight-ethanol-tariffs/>>. Acesso em: 23 maio 2016.

LORIS, Nicolas. **Presidents Obama and Rouseff Meet: Power Talk, but Little Purpose.** The Daily Signal, Washington, DC, 10 abri. 2012. Disponível em: <<http://dailysignal.com/2012/04/10/presidents-obama-and-rousseff-meet-power-talk-but-little-purpose/>>. Acesso em: 23 maio 2016.

LORIS, Nicolas. **Brazil's Lula Runs Interference for Iran's Nuclear Ambitions.** The Daily Signal, Washington, DC, 13 maio 2010. Disponível em: <<http://dailysignal.com/2010/05/13/brazil%E2%80%99s-lula-runs-interference-for-iran%E2%80%99s-nuclear-ambitions/>>. Acesso em: 23 maio 2016.

MARKHEIM, Daniella. **Brazilian Retaliation Against U.S. Trade Violations: A Signal for Reform.** Washington, DC, 24 fev. 2010. Disponível em: <<http://www.heritage.org/trade/report/brazilian-retaliation-against-us-trade-violations-signal-reform>>. Acesso em: 24 maio 2016.

MONTANER, Carlos Albert. **Latin America: Fragmentation and Forecasts.** Washington, DC, 2 jun. 2005. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/report/latin-america-fragmentation-and-forecasts>>. Acesso em: 23 maio 2016.

OLSON, Ryan; WOES, Amid. **Emerging Markets Need More Economic Freedom.** The Daily Signal, Washington, DC, 28 jan. 2014. Disponível em: <<http://dailysignal.com/2014/01/28/amid-woes-emerging-markets-need-economic-freedom/>>. Acesso em: 25 maio 2016.

PHILLIPS, James. **Iran's Nuclear Diplomacy Helps to Pull Teeth from U.N. Sanctions.** The Daily Signal, Washington, DC, 20 maio 2010. Disponível em: <<http://www.heritage.org/middle-east/commentary/irans-nuclear-diplomacy-helps-pull-teeth-un-sanctions>>. Acesso em: 25 maio 2016.

QUINTANA, Ana. **Crisis in Venezuela: UNASUR and U.S. Foreign Policy.** Washington, DC, 23 abri. 2014. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/report/crisis-venezuela-unasur-and-us-foreign-policy>>. Acesso em: 25 maio 2016.

ROBERTS, James M. **Rethinking the Summit of the Americas and Advancing Free Trade in Latin America.** Washington, DC, 8 ago. 2008. Disponível em:

<<http://www.heritage.org/trade/report/rethinking-the-summit-the-americas-and-advancing-free-trade-latin-america>>. Acesso em: 23 maio 2016.

ROBERTS, James. **Declining Economic Freedom and Growing Statism: The BRICs Are Hitting the Wall.** The Daily Signal, Washington, DC, 3 de fev. de 2013. Disponível em: <<http://dailysignal.com/2013/02/15/declining-economic-freedom-and-growing-statism-the-brics-are-hitting-the-wall/>>. Acesso em: 25 maio 2016.

ROBERTS, James; SCHREIBER, Mark. **Brazil: Restoring Economic Growth Through Economic Freedom.** Washington, DC, Special Report, 20 set. 2012. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/report/brazil-restoring-economic-growth-through-economic-freedom>>. Acesso em: 24 maio 2016.

ROBERTS, James; WALSER, Ray. **America and the Caribbean: A Wish List for 2013.** Washington, DC, 7 de jan. de 2013. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/report/latin-america-and-the-caribbean-wish-list-2013>>. Acesso em: 25 maio 2016.

STEPHEN, Johnson. **A Partnership for Prosperity in Latin America.** Washington, DC, 3 set. 2004. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/report/partnership-prosperity-latin-america>>. Acesso em: 23 maio 2016.

STEPHEN, Johnson. **Executive Summary: Why the U.S. Must Re-Engage in Latin America.** Washington, DC, 4 de out. de 2003. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/report/executive-summary-why-the-us-must-re-engage-latin-america>>. Acesso em: 23 de maio de 2016.a

STEPHEN, Johnson. **Not Yet the Century of the Americas.** Washington, DC, comentário, 19 ago. 2003. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/commentary/not-yet-the-century-the-americas>>. Acesso em: 23 maio 2016.b

STEPHEN, Johnson. **The Keys to a Successful Americas Summit.** Washington, DC, 2 nov. 2005. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/report/the-keys-successful-americas-summit>>. Acesso em: 23 maio 2016.

WALSER, Ray et al. **Brazil/Russia/India/China (BRIC) Myth of Challenging U.S. Global Leadership.** Washington, DC, 10 abri. 2010. Disponível em: <<http://www.heritage.org/global-politics/report/busting-the-brazilrussiaindiachina-bric-myth-challenging-us-global>>. Acesso em: 24 maio 2016.a

WALSER, Ray. **Presidents Obama and Rouseff Meet: Power Talk, but Little Purpose.** The The Daily Signal, Washington, DC, 3 abri. 2012. Disponível em: <<http://www.heritage.org/report/us-brazil-summit-must-address-differences-democracy-human-rights-and-iran>>. Acesso em: 25 maio 2016.a

WALSER, Ray. **Brazil Summit Must Address Differences on Democracy, Human Rights, and Iran.** Washington, DC, report, 3 abril 2012. Disponível em: <<http://www.heritage.org/report/us-brazil-summit-must-address-differences-democracy-human-rights-and-iran>>. Acesso em: 25 maio 2016.b

WALSER, Ray. **Brazil's Lula Runs Interference for Iran's Nuclear Ambitions.** The Daily Signal, Washington, DC, 13 maio 2010. Disponível em: <<http://dailysignal.com/2010/05/13/brazil%E2%80%99s-lula-runs-interference-for-iran%E2%80%99s-nuclear-ambitions>>. Acesso em: 25 maio 2016.b

WALSER, Ray. **Brazil's New President: U.S. Ally or Rival?** The Daily Signal, Washington, DC, 1 nov. 2010. Disponível em: <<http://dailysignal.com/2010/11/01/brazil%E2%80%99s-new-president-u-s-ally-or-rival/>>. Acesso em: 25 maio 2016.c

WALSER, Ray. **Iran Looms Large at Lula-Clinton Meeting.** The Daily Signal, Washington, DC, 3 mar. 2010. Disponível em: <<http://dailysignal.com/2010/03/03/iran-looms-large-at-lula-clinton-meeting/>>. Acesso em: 25 maio 2016.d

WALSER, Ray. **Iran, Democracy, and Trade Keys to Successful Clinton Visit to Latin America.** The Heritage Foundation, 1 mar. 2010. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/report/iran-democracy-and-trade-keys-successful-clinton-visit-latin-america>>. Acesso em: 25 maio 2016. e

WALSER, Ray. **Is Brazil's Leadership Helping Our Security?** The Daily Signal, Washington, DC, 10 de jun. de 2010. Disponível em: <<http://dailysignal.com/2010/06/10/is-brazil%E2%80%99s-leadership-helping-our-security/>>. Acesso em: 24 de maio de 2016.f

WALSER, Ray. **Latin America and the U.S.:** Building a Partnership for the Western Hemisphere. Washington, DC, 5 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/report/latin-america-and-the-us-building-partnership-the-western-hemisphere>>. Acesso em: 24 maio 2016.a

WALSER, Ray. **The Summit of the Americas:** A Chance to Make the Americas More Secure. Washington, DC, 15 abri. 2009. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/report/the-summit-the-americas-chance-make-the-americas-more-secure>>. Acesso em: 24 maio 2016.b

WALSER, Ray; ROBERTS, James. **10 Points for President-Elect Obama's Latin America Strategy.** Washington, DC, 8 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/report/10-points-president-elect-obamas-latin-america-strategy>>. Acesso em: 24 maio 2016.c

WALSER, Ray; ROBERTS, James. **Latin America:** A Wish List for 2008. Washington, DC, 2007. Disponível em: <<http://www.heritage.org/americas/report/latin-america-wish-list-2008>>. Acesso em: 23 maio 2016.

WALSER, Ray. **U.S.–Brazil Summit:** Time for a Bold Policy Vision. Washington, DC, Washington, DC, Issue Brief, 6 abri. 2012. Disponível em: <http://thf_media.s3.amazonaws.com/2012/pdf/ib3562.pdf>. Acesso em: 23 maio 2016.c

ALVES, André Gustavo de Miranda Pineli (ORG.). **Os BRICS e seus vizinhos: investimento direto estrangeiro.** Brasília: Ipea, 2014. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/livro_brics_investim ento.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2017.

ARNSON, Cynthia. **Regional Security, Not Iran, a primary focus in South America.** Washington, DC, 17 abri. 2012. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/article/latin-american-program-the-news-regional-security-not-iran-primary-focus-south-america>>. Acesso em: 24 jan. 2017.

BETHELL, Leslie. **Brazil and Latin America.** Washington, DC, aug. 2010. Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/Bethell_Article.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2017.

BITENCOURT, Luis. 2006. **Defining Brazil's Security Agenda: From Favelas to the United Nations.** Wilson Center Update on the Americas, Washington, DC, n 23, aug. 2006.

BRAZIL'S POPULARITY PROBLEM. **The Wilson Quarterly**, winter 2012. Disponível em: <<https://wilsonquarterly.com/quarterly/winter-2012-lessons-of-the-great-depression/brazils-popularity-problem/>>. Acesso em: 24 jan. 2017.

CAMARANO, Erik. **Competitiveness in the Brazilian economy: challenges & opportunities.** Washington, DC, article, 6 jun. 2013. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/Erik%20Camarano.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2017.

COSTA, Thomaz Guedes. **Brazil's SIVAM: As it monitors the Amazon, will it fulfill its human security promise.** Washington, DC, article, 7 jul. 2011. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/publication/brazils-sivam-it-monitors-the-amazon-will-it-fulfill-its-human-security-promise>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

DARDEN, Michael. **Brazilian Innovation Takes a Leap Forward.** Washington, DC, article, 15 fev. 2011. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/article/brazilian-innovation-takes-leap-foward>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

DE BOLE, Monica. **Brazil-US Relations: Common Ideas, Little Dialogue.** **Huffingtonpost**, 22 abri. 2015. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/monica-de-bolle/brazil-us-relations-commo_b_6720664.html>. Acesso em: 25 jan. 2017.

DE BOLLE, Monica. 'É um alívio ver o governo empenhado em consertar os erros'. **O Estado de S. Paulo**, 10 abri. 2015. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,e-um-alivio-ver-o-governo-empenhado-em-consertar-os-erros,1667497>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

GREENBLATT, Alan. **Brazil Hopes To Add Oil Wealth To Booming Economy.** **NPR**, 7 set. 2011. Disponível em: <<http://www.npr.org/2011/09/07/140213865/brazil-hopes-to-add-oil-wealth-to-a-booming-economy>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

GRUDGINGS, Stuart. New era beckons for U.S.-Latin America ties. **Reuters**, 13 jul. de 2009. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/us-latinamerica-usa-analysis/new-era-beckons-for-u-s-latin-america-ties-idUSTRE56C58620090713?sp=true>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

KECK, Margaret E. **Dilemmas for Conservation in the Brazilian Amazon**. Washington, DC, article, 7 jul. 2011. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/publication/dilemmas-for-conservation-the-brazilian-amazon>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

LINS DA SILVA, Carlos eduardo. **The New Development Bank adds substance to the BRICS**. Washington, DC, 21 jul., 2014. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/article/the-new-development-bank-adds-substance-to-the-brics>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

LÓPES, Alexandre. **Environmental Change, Security, and Social Conflicts in the Brazilian Amazon**. Woodrow Wilson Center for Scholars, article, 7 jul. 2011. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/feature3.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2017. Acesso em: 22 jan. 2017.

LORENZO, Fernando; VAILLANT, Marcel (org.). **Mercosur and the Creation of the Free Trade Area of the Americas**. Washington, DC, report, sept. 2003. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/publication/mercosur-and-the-creation-the-free-trade-area-the-americas>>. Acesso em 18 jan. 2017.

SOTERO, Paulo. **Shaping U.S.- Brazil relationship after the Snowden affair A conversation with ambassador thomas a. shannon**. Washington, DC, resumo de evento expandido, special report, fev. 2014. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/publication/shaping-us-brazil-relationship-after-the-snowden-affair-conversation-ambassador-thomas>>. Acesso em: 25 jan. 2017. a

SOTERO, Paulo. A Rio+20 e o mundo de Clarice. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 20 jun. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,a-rio-20-e-o-mundo-de-clarice-imp-,888646>>. Acesso em: 15 jan. 2017.a

SOTERO, Paulo. **A summary of testimony given by Paulo Sotero, director of the Brazil Institute of the Woodrow Wilson International Center for Scholars, in Washington, D.C., at a public hearing on Directions for Brazil-United States Relations Committee on Foreign Relations and National Defense of the Federal Senate Plenary 7 - Senator Alexandre Costa Wing, April 3, 2014**. Washington, DC, Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/article/directions-for-brazil-united-states-relations>>. Acesso em: 25 jan. 2017.a

SOTERO, Paulo. Brasil e EUA, de novo nos eixos. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 6 abri. 2015. Disponível em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-e-eua-de-novo-nos-eixos-imp-,1664220>>. Acesso em: 16 jan. 2017.a

SOTERO, Paulo. Brasil e Turquia devem mediar novo acordo. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 28 nov. 2011. Disponível em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-e-turquia-devem-mediare-novo-acordo-imp-,803903>>. Acesso em: 15 jan. 2017.a

SOTERO, Paulo. Brazil sees BRIC limitations. Woodrow Wilson Center for Scholars, Global Public Square - CNN.com Blogs, 5 set. 2013. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/article/brazil-sees-bric-limitations>>. Acesso em: 24 jan. 2017.a

SOTERO, Paulo. Dilma vai a Washington. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 27 ago. 2013. Disponível em: <<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,dilma-vai-a-washington-imp-,1068233>>. Acesso em: 15 jan. 2017.b

SOTERO, Paulo. Diplomacia do encontro. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 20 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.estado.com.br/noticias/geral,diplomacia-do-encontro-imp-,694553>>. Acesso em: 15 jan. 2017.c

SOTERO, Paulo. Diplomacia do encontro. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 20 mar. 2011. Disponível em: <<http://www.estado.com.br/noticias/geral,diplomacia-do-encontro-imp-,694553>>. Acesso em: 15 jan. 2017.d

SOTERO, Paulo. El desafío brasileño: cómo gestionar las relaciones regionales asimétricas más allá de la OEA. **Revista CIDOB d'afers internacionals**, n.º 97-98, (abril 2012), p. 101-116.b

SOTERO, Paulo. Levy na Fazenda ajudará relação com EUA. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 2 dez. 2014. Disponível em: <<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,levy-na-fazenda-ajudara-relacao-com-eua-imp-,1600889>>. Acesso em: 16 jan. 2017.c

SOTERO, Paulo. Missão impossível em Moscou. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 18 set. 2013. Disponível em: <<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,missao-impossivel-em-moscou-imp-,1075984>>. Acesso em: 16 jan. 2017.c

SOTERO, Paulo. 'Novo capítulo' entre Brasília e Washington. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 29 jun. 2015. Disponível em: <<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,novo-capitulo-entre-brasilia-e-washington,1715243>>. Acesso em: 16 jan. 2017.b

SOTERO, Paulo. O que é novo e relevante na vinda de Obama. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 19 mar. 2011. Disponível em: <<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,o-que-e-novo-e-relevante-na-vinda-de-obama-imp-,694027>>. Acesso em: 15 jan. 2017.e

SOTERO, Paulo. Reaproximação com os EUA. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 11 nov. 2014. Disponível em: <<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,reaproximacao-com-os-eua-imp-,1591028>>. Acesso em: 16 jan. 2017.d

SOTERO, Paulo. Recomeço das relações malparadas com os EUA. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 19 mar. 2014. Disponível em: <<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,recomeco-das-relacoes-malparadas-com-os-eua-imp-,1142517>>. Acesso em: 16 jan. 2017.e

SOTERO, Paulo. Se for só adiamento, Dilma poderá faturar duas vezes. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 18 set. 2013. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,se-for-so-adiamento-dilma-podera-faturar-duas-vezes-imp-,1075908>>. Acesso em: 15 jan. 2017.d

SOTERO, Paulo. The Brazilian President's Uncertain Future Clouds Progress With America. *The World Post*, 10 jul. 2015. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/paulo-sotero/brazil-president_b_7771960.html>. Acesso em: 25 jan. 2017.c

SOTERO, Paulo. Um novo contexto na relação Brasil-EUA. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 30 dez. 2014. Disponível em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,um-novo-contexto-na-relacao-brasil-eua-imp-,1613489>>. Acesso em: 16 jan. 2017.f

SOTERO, Paulo. Visita é chance de País ser proativo na área ambiental, avaliam EUA. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 30 jun. 2015. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,visita-e-chance-de-pais-ser-proativo-na-area--ambiental--avaliam-eua---imp-,1716017>>. Acesso em: 15 jan. 2017.d

SOTERO, Paulo. Visita é chance de País ser proativo na área ambiental, avaliam EUA. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 30 jun. 2015. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,visita-e-chance-de-pais-ser-proativo-na-area--ambiental--avaliam-eua---imp-,1716017>>. Acesso em: 16 jan. 2017.e

SOTERO, Paulo; ARNSON, Cynthia. **Brazil as a regional Power: Views from the Hemisphere**. Washington, DC, Report event, dez. 2010. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/brazil-regional-power-views-the-hemisphere>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

SOTERO, Paulo; BUDNY, Daniel. **Brazilian Perspectives on the united states Advancing U.S. Studies in Brazil**. Washington, DC, Report, 96 p., jan. 2007. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/publication/brazilian-perspectives-the-united-states-advancing-us-studies-brazil>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

SPEKTOR, Matias; MALLEA, Rodrigo; WHEELER, Nicholas. **The Origins of Nuclear Cooperation: a Critical Oral History of Argentina and Brazil** (livro, 2014). Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/17507/The_Origins_of_Nuclear_Cooperation_A_Critical_Oral_History_between_Brazil_and_Argentina_%28Ingl%C3%AAs%29.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 25 jan. 2017.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 5, abri. 2003.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 9, fev. 2004.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 10, mar. 2004.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 11, ago. 2004.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 12, dec. 2004.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 14, dec. 2004.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 15, mar. 2005.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 16, mar. 2005.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 15, abri. 2005.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 24, nov. 2006.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 25, fev. 2007.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 20, Abri. 2006.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 23, jul. 2006.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 22, jun. 2006.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 18, mar. 2006.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 19, mar. 2006.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 21, maio 2006.

THINKING.BRAZIL. Washington: Woodrow Wilson Center for Scholars, n 8, ago. 2003.

TULCHIN, Joseph S.; ESPACH, Ralph H.; GOLDING, Heather A. (org.). **Paths to Regional Integration: The Case of MERCOSUR** (No. 5). Washington, DC, report, 7 jul. 2011. 226 pgs. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/publication/paths-to-regional-integration-the-case-mercosur-no-5>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

VOZ DE AMÉRICA. OEA entrega conclusiones sobre Cumbre de las Américas. Voz de América – Redacción, 24 abri. 2012. Disponível em: <https://www.voanoticias.com/a/cartagena_cumbre_americas_oea_insulza_cuba_malvinas_lucha_antidrogas/181486.html>. Acesso em: 24 jan. 2017.

WILSON CENTER. **Brazil's Other Forest:** The Fight to Preserve and Restore the Mata Atlantic. Event summary, mar. 2011. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/brazils-other-forest-the-fight-to-preserve-and-restore-the-mata-atlantica>>. Acesso em: 23 jan. 2017.a

WILSON CENTER. **Emerging Powers:** India, Brazil and South Africa (IBSA) and the future of South-South Cooperation. Special report, aug. 2009. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/IBSA%20Publication.pdf>>. Acesso em 20 jan. 2017.a

WILSON CENTER. **Forum Brasil Luncheon with Ambassador Antonio Aguiar Patriota.** Event document, maio 2009. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/forum-brasil-luncheon-ambassador-antonio-aguiar-patriota>>. Acesso em: 20 jan. 2017b

WILSON CENTER. **Innovation in Brazil:** Public Policy Challenges and Business Opportunities. 31 jul. 2008 (1h22min24s). Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/innovation-brazil-public-policy-challenges-and-business-opportunities>>. Acesso em 20 jan. 2017. a

WILSON CENTER. **Latin America Rising.** Washington, DC, summer 2011. Disponível em: <<https://wilsonquarterly.com/quarterly/summer-2011-a-changing-middle-east/latin-america-rising/>>. Acesso em: 23 jan. 2017.b

WILSON CENTER. **What Should We Do About Beef From The Amazon.** Woodrow Wilson Center for Scholars, 20 jul. 2009. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/article/what-should-we-do-about-beef-the-amazon>>. Acesso em: 20 jan. 2017.c

WILSON CENTER. **Novos rumos das relações exteriores brasileiras.** Report event, 96 p., 28 set. 2007. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/publication/brazilian-perspectives-the-united-states-advancing-us-studies-brazil>>. Acesso em: 19 jan. 2017.a

WILSON CENTER. 2013 **Brazil Economic Conference.** event schedule, 11 out. 2013. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/2013-brazil-economic-conference>>. Acesso em: 24 jan. 2017.a

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **A Press Roundtable on President Dilma Rousseff's Visit to Washington.** Washington, DC, event summary, 4 abri. 2012. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/press-roundtable-president-dilma-rousseffs-visit-to-washington>>. Acesso em: 24 jan. 2017.a

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Banks for the World:** Funding Global Growth and Meeting Private Sector Challenges. Cronograma e resumo de evento, 7 oct. 2015. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/banks-for-the>>

world-funding-global-growth-and-meeting-private-sector-challenges>. Acesso em: 25 jan. 2017.

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil and Africa: Cooperation for Innovation in Agriculture and What the U.S. Can Do.** Event Summary, 16 maio 2011. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/brazil-and-africa-cooperation-for-innovation-agriculture-and-what-the-us-can-do>>. Acesso em: 22 jan. 2017.c

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil and the U S: Trade Agendas and Challenges of the Bilateral Relationship.** Special Report, 7. p., abri. 2008. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/publication/brazil-and-the-united-states-trade-agendas-and-challenges-the-bilateral-relationship>>. Acesso em: 19 jan. 2017.b

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil as a Regional Power: Views from the Hemisphere.** Event Summary, 7 jan. 2009. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/publication/brazil-regional-power-views-the-hemisphere>>. Acesso em: 20 jan. 2017.d

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil Forum Luncheon Featuring Senator Richard D. Lugar.** Event Launch, 2 dez. 2011. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/brazil-forum-luncheon-featuring-senator-richard-d-lugar>>. Acesso em: 22 jan. 2017.d

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil Institute Seeks Spring Interns.** Nota de anúncio, 14 out. 2010. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/article/brazil-institute-seeks-spring-interns>>. Acesso em: 21 jan. 2017.a

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil and 'Latin America' in Historical Perspective** Documents, 2 mar. 2010. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/brazils-foreign-policy-today-and-tomorrow-critical-appraisal>>. Acesso em: 21 jan. 2017. b

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil.** Breve comentário evento, 8 jul. 2011. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/dialogue-program/brazil>>. Acesso em: 22 jan. 2017.f

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil: A New World Role.** Breve comentário evento, 8 jul. 2011. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/dialogue-program/brazil-new-world-role-0>> Acesso em: 22 jan. 2017.

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil's Presidential Election: An Early Assessment of the Outcome and its Political, Economic and Foreign Policy Implication.** Vídeo, 27 out. 2014. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/brazils-presidential-election-early-assessment-the-outcome-and-its-political-economic-and>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazilian Congressional Study Mission on Innovation.** Report, 16 abri. 2011. Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/Report%20-%20PORTUGUESE_0.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2017.g

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil's Emergence on the Global Scene Brings Challenges.** Wilson Center, 1 maio de 2008. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/article/brazilsemergencetheglobalscenebringschallenges>>. Acesso em: 20 jan. 2017.c

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil's Emerging Economic Power: now investment grade and why it matters.** Resumo de evento, 20 jun. de 2008. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/brazilsemergingeconomicpowernowinvestmentgradeandwhyitmatters0>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil's Foreign Relations with South America.** Resumo evento, Washington, DC, 24 out. 2006. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/brazilsforeignrelationsouthamerica>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Brazil's Minister of Foreign Affairs, Ambassador Antonio de Aguiar Patriota.** Video Transcript, 31 maio 2011. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/brazils-minister-foreign-affairs-ambassador-antonio-de-aguiar-patriota>>. Acesso em: 23 jan. 2017.h

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **BRICS: Shaping the New Global Architecture.** (1h16min17s) 28 jun. 2011. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/brics-shaping-the-new-global-architecture>>. Acesso em: 22 jan. 2017.i

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Building BRICS: Human Rights in Today's Emerging Economic Powers.** Resumo evento, fev. 2013. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/blog-post/building-brics-human-rights-todays-emerging-economic-powers>>. Acesso em: 24 jan. 2017.b

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Embraer: Building a Globally Competitive Company.** Event Summary, Washington, DC, 4 may 2004. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/embraerbuiltgloballycompetitivecompany>>. Acesso em 18 jan. 2017.a

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Forum Brasil Luncheon with Ambassador Antonio Aguiar Patriota.** Divulgação de evento, 5 fev. 2009. Disponível: <<https://www.wilsoncenter.org/event/forum-brasil-luncheon-ambassador-antonio-aguiar-patriota>>. Acesso em 18 jan. 2017.e

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Is Brazil's New Industrial Policy Working?** (1h59min48s) 29 mar. 2012. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/brazils-new-industrial-policy-working>>. Acesso em: 24 jan. 2017.b

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **New Directions in Brazil's Innovation System: Lessons for the Global Economy?** Chamada de evento, 16 maio 2012. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/new-directions-brazils-innovation-system-lessons-for-the-global-economy>>. Acesso em: 24 jan. 2017.c

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **President Lula to Receive Woodrow Wilson Public Service Award.** Event summary, 21 set. 2009. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/article/president-lula-to-receive-woodrow-wilson-public-service-award>>. Acesso em: 21 jan. 2017.f

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Prospects for Brazilian American Relations on the Eve of President Obama's Visit to Brazil** (2h32min59s), 28 fev. 2011. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/prospects-for-brazilian-american-relations-the-eve-president-obamas-visit-to-brazil>>. Acesso em: 22 jan. 2017.j

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Prospects for Brazil-US Relations in the New American Administration.** (2h32min59s) 5 dez. 2008. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/prospectsforbrazilusrelationsthenewamericanadministration>>. Acesso em: 19 jan. 2017.e

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Regional Infrastructure Plan Could Threaten Amazon, Finds Brazil Institute Report**, resumo evento, 21 maio de 2009. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/article/regional-infrastructure-plan-could-threaten-amazon-finds-brazil-institute-report>>. Acesso em: 21 jan. 2017.g

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Regional Integration in the Americas: The Impact of the Global Economic Crisis.** 23 nov. 2009. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/regional-integration-the-americas-the-impact-the-global-economic-crisis>>. Acesso em: 21 jan. 2017.h

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Second Brazilian Congressional Study Mission on Innovation.** Report event, 2 abri. 2012. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/second-congressional-study-mission-innovation-united-kingdom>>. Acesso em: 24 jan. 2017.d

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Strategic Scenarios and Interstate Relations in Mercosur.** Resumo evento, Washington, DC, 15 maio 2007. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/strategicscenariosandinterstaterelationsmercosur>>. Acesso em: 19 jan. 2017.b

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **The Future of U.S. Brazilian Relations.** Resumo evento, Washington, DC, 24. Jan. 2007. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/thefutureusbrazilianrelations>>. Acesso em: 18 jan. 2017.c

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **The Road to Copenhagen: a Brazilian perspective.** Evento, 27 de out. de 2009. Disponível em:

<<https://www.wilsoncenter.org/event/the-road-to-copenhagen-brazilian-perspective>>.
Acesso em: 21 jan. 2017.i

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **The Summit of the Americas: A Post-Summit Assessment.** 24 abri. 2012. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/the-summit-the-americas-post-summit-assessment>> Acesso em: 24 jan. 2017.e

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Third Brazilian Congressional Study Mission on Innovation,** Cronograma e participantes, 24 mar. 2013. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/third-brazilian-congressional-study-mission-innovation>>. Acesso em: 24 jan. 2017.c

WOODROW WILSON CENTER FOR SCHOLARS. **Will the Ongoing Nuclear Talks with Iran Yield Better Results than Past Efforts?** Event summary, 7 set. 2012. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/event/will-the-ongoing-nuclear-talks-iran-yield-better-results-past-efforts>>. Acesso em: 24 jan. 2017.f

WOODROW WILSON CENTER. **Brazil's Ambassador Discusses Nonproliferation.** Event, Washington, DC, 1 jun. 2004. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/article/brazilsambassadordiscussesnonproliferation>>. Acesso em 18 jan. 2017.b

WOODROW WILSON CENTER. **Brazil-Africa Leadership Forum 2013.** Washington, DC, no. 2013. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/article/brazil-africa-leadership-forum-2013>>. Acesso em 18 jan. 2017.d

APENDICE II - LISTA POR *THINK TANK* DE DOCUMENTOS SELECIONADOS QUE FORAM PUBLICADOS NA MÍDIA NACIONAL E INTERNACIONAL

AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE

BARFIELD, Claude. **The G8: abolish or transform it.** American Enterprise Institute, Central station Tech Central Station, 9 jun. 2004.

BATE, Roger. **Promoting Prosperity in Latin America.** American Enterprise Institute, Agencia Interamericana de Prensa Económica, 9 out. 2009.

BATE, Roger. **Brazil's Dangerous Denial.** American Enterprise Institute, Central station Tech Central Station, 27 jun. 2005.

DAREMBLUM, Jaime. **Latin America Needs Free Trade.** American Enterprise Institute, The American, 6 fev. 2009.

GRINFRICH, Newt. **An Undemocratic Tide in the Americas.** American Enterprise Institute, Washington Examiner, 25 set. 2009..

HASSETT, Kevin A. **Even Brazil's Lula Doesn't Have Bush's Troubles.** American Enterprise Institute, Bloomberg.com, 19 set. 2005.

LACHMAN, Desmond. **Brazil Should Stay with the IMF.** American Enterprise Institute, Central station Tech Central Station, 15 nov. 2004..

LACHMAN, Desmond. **Brazil's Moment in the Sun.** American Enterprise Institute, Latin Business Chronicle, 24 mar. 2008.

LACHMAN, Desmond. **Cry for Latin America:** those narrow sovereign debt spreads and booming stock markets have been a mirage. American Enterprise Institute, International Economy, 1 de nov. de 2007.

LACHMAN, Desmond. **In Brazil an economic threat closer to home.** American Enterprise Institute, The Hill, 16 mar. 2016.

NORIEGA, Roger **Opposition to or Engagement with Latin American Leftists?** American Enterprise Institute, National Journal, 13 jul. 2009.

NORIEGA, Roger, FOGASSA, Marc. **Brazil Is in a Class By Itself.** American Enterprise Institute, FoxNews, 19 mar. 2011.

NORIEGA, Roger. **Ignoring Latin America.** American Enterprise Institute, National Security Policy Proceedings, 16 de nov. de 2011.

NORIEGA, Roger. **Legado ou Complacência?** O trabalho inacabado de Lula no Brasil. American Enterprise Institute, Panorama Latino Americano, 25 ago. 2008.

NORIEGA, Roger. **Lula Can Make 2008 a Very Good Year.** American Enterprise Institute, Folha de São Paulo, 30 dez. 2007.

NORIEGA, Roger. **O estímulo de que o Brasil realmente necessita.** American Enterprise Institute, O Estadão, 9 jan. 2009.

NORIEGA, Roger. **President Obama-** South America's New Partner. American Enterprise Institute, A Folha de São Paulo, 18 jan. 2009.

NORIEGA, Roger. **What Obama Must Do On His First Trip to Latin America.** American Enterprise Institute, Fox News, 18 mar. 2011.

NORIEGA, Roger. **World Cup:** Sure, Brazil can score at soccer but can it win on the economic stage? American Enterprise Institute, FoxNews, 16 jun. 2014.

ROHAC, Dalibor; SCHMITT, Gary J..**Laying BRICS:** A not-so-happy future. American Enterprise Institute, The Financial Times, 5 jan. 2016.

BROOKINGS:

AMR, Hady. **Iran's Nuclear Deal and the New Global Power Brokers.** Brookings Institution, Egypt Daily News, 21 mar. 2010.

BOLLE, Monica de; TALVI, Ernesto. **IMF Therapy for Brazil.** Syndicate Opinion, Washington, DC, 15 dez. 2015.

CASASZAMORA, Kevin. **Poster Boy of Globalization Charts Own Course.** Brookings Institution, Yale Global Online, 9 abri. 2010.

DESAI, Raj M.; VREELAND, James. **What the New Bank of BRICS is All About.** Brookings Institution, Washington Post, 17 jul. 2014.

LEVI, Michael A. **Nuclear Reactor: Botching Brazilian Diplomacy.** Brookings Institution, The New Republic Opinion, 13 abri. 2004.

LINN, Johannes F. **Realizing the Potential of the Multilateral Development Banks.** Brookings Institution, Financing for Investment Article, 5 set. 2013.

LOWENTHAL, Abraham F. **Obama off to Good Start in Latin America.** Brookings Institution, The Miami Herald Opinion, 4 maio 2009.

LOWENTHAL, Abraham F. **President Obama and the Summit of the Americas.** Brookings Institution, The Huffington Post Opinion, 16 abri. 2009.

LOWENTHAL, Abraham F. **United States Brazil Relations are Critical.** Brookings Institutions, The San Diego Union Tribune, 5 mar. 2010.

LOWENTHAL, Abraham F. **A Latin America Game Plan.** Washington, DC, The Boston Globe, 6 abril 2009.

O'HANLON, Michael E.; SANDALOW, David B. **Iran: Regaining Energy Leverage.** Washington, DC, The Washington Times Opinion, 32 jan. 2006.

ROGOFF, Kenneth. **Who Needs the IMF?** Brookings Institution, Newsweek International, 25 set. 2006.

MCKIBBIN, Warwick. **The Global Financial Crisis: Causes and Consequences.** Brookings Institution, Australian Broadcasting Corporation, entrevista, 9 abri. 2009.

PICCONI, Ted. **U.S. and Brazil: Together and Apart** U.S. and Brazil: Together and Apart. Brookings Institution, The National Interest, 9 abri. 2012.

TRINKUNAS, Harold. **Brazil's Global Ambitions.** Brookings Institution, Americas Quarterly Article, 4 fev. 2015.

CARNEGIE

DADUSH, Uri. **Brazil's Economic Future.** Carnegie Endowment International for Peace, Huffington Post, 26 set. 2014.

DADUSH, Uri. **Emerging Markets Unite!** -Carnegie Endowment for International Peace, Beian Leher Show, audio, 29 mar. 2013.

JAFFRELOT, Christophe. **Under a Southern Sun.** Carnegie Endowment International for Peace, Indian Express, 1 abri. 2013.

NAÍM, MOISES. **Dealing with Latin America's Tragic Normalcy.** Carnegie Endowment International, Financial Times, for Peace, op Ed, 12 jan. 2004.

NAÍM, Moisés. **End the Party Before Brazil's Bubble Bursts.** Carnegie Endowment International for Peace, Financial Times, 1 jun. 2011.

NAÍM, Moises. **In Brazil, Turkey, and Chile, Protests Follow Economic Success.** Carnegie Endowment International for Peace, Bloomberg, 27 jun. 2013.

NAÍM, Moises. **Rousseff Should Leave U.S. with a Trade Deal.** Carnegie Endowment International for Peace, Financial Times, 8 abri. 2012.

NAÍM, Moises. **The Coming Turmoil in Latin America.** Carnegie Endowment International for Peace, Atlantic, 8 out. 2015.

PETTIS, Michael. **It Would Be Foolish for the BRICs to Save Europe.** Carnegie Endowment International for Peace, Business Insider, 6 out. 2011.

TOPYCHKANOV, Petr. **The BRICS and the West: Partners or Rivals?** Carnegie Endowment International for Peace and Carnegie Moscow Center, Russia Direct, 8 jul. 2015.

NAÍM, Moises. **The Coming Turmoil in Latin America.** Carnegie Endowment International for Peace, Atlantic, 8 out. 2015. Disponível em:

NAÍM, Moises. **While Washington Sleeps...** Carnegie Endowment International for Peace, El País, 23 mar. 2011.

COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS

KINGSTONE, Peter. **Brazil: The Sleeping Giant Awakens.** Council on Foreign Relations, policy brief, World Politic Review, 12 jan. 2009.

KOZLOFF, Nikolas. **Is Brazil the Next Cop on the Beat in Africa?** The Pentagon Seems to Hope So. Council on Foreign Relations, Aljazeera, 10 jun. 2012.

KURLANTZICK, Joshua. **Don't Bet on the BRICs.** Council on Foreign Relations, Bloomberg, 7 nov. 2011.

MALLABY, Sebastian; VOLKER, Paul A. **Brazil's China Headache.** Council on Foreign Relations, The Washington Post, 14 dez. 2009.

MEAD, Walter Russel. **Brazil Drops Out.** Council on Foreign Relations, The National Interest, 21 jun. 2006.

PATRICK, Stewart M. **Brazil Seeking Security.** Council on Foreign Relations, The National Interest, 7 jul. 2010.

PICCONE, Ted. **U.S and Brazil: together and apart.** Council on Foreign Relations, The National Interest, 9 abri. 2012.

SPEKTOR, Matias. **How to Read Brazil's Stance on Iran.** - Council on Foreign Relations, Yale Global, 16 mar. 2010.

SWEIG, Julia E. **Dilma in Cuba.** Council on Foreign Relations, Folha de São Paulo, 29 jan. 2012.

SWEIG, Julia. **Desconsiderar os Brics ou não?** Folha de São Paulo, 16 jul. 2014.

SWEIG, Julia. **Measuring Dilma's Visit to the United States.** Folha de São Paulo, 11 abri. 2012.

SPEKTOR, Matias. **Why Brazil is a Broker with Iran.** Council on Foreign Relations, interview, New York Times, maio 2010.

SPEKTOR, Matias; SWEIG, Julia. **Mr. Obama, meet the new Brazil.** New York Times, 18 mar. 2011.

SPEKTOR, Matias. **Toward New Ties with Brazil.** Council on Foreign Relations, interview, 18 mar. 2011.

SWEIG, Julia. **The View Toward Closer U.S- brazil relations.** Council on Foreign Relations, Folha de São Paulo, 22 maio 2013.

SWEIG, Julia. **Concorrência em Cuba**. Council on Foreign Relations, Folha de São Paulo, 29 jan. 2014.

SWEIG, Julia. **Depois do Irã, por que não Cuba?** Council on Foreign Relations, Folha de São Paulo, 4 dez. 2013.

SWEIG, Julia. **NSA, Sivam, Dilma e Obama**. Council on Foreign Relations, Folha de São Paulo, 17 jul. 2013.

SWEIG, Julia. **Sobre o Brasil nos Estados Unidos**. Council on Foreign Relations, Folha de São Paulo, 11 mar. 2015.

SWEIG, Julia. **A Unasul e a soberania**. Council on Foreign Relations, Folha de São Paulo, 12 mar. 2014.

HAKIM, Peter. **Is Washington Losing Latin America?** Council on Foreign Relations, jan/fev. 2006.

SPEKTOR, Matias. **Why Brazil is a Broker with Iran**. Council on Foreign Relations, interview, New York Times, maio 2010. O ARTIGO NÃO É DO MATIAS, ELE É ENTREVISTADOS POR JORNALISTAS DO NY.

SPEKTOR, Matias; SWEIG, Julia. **Mr. Obama, meet the new Brazil**. New York Times, 18 mar. 2011. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2011/03/19/opinion/19iht-edsweig19.html>>. Acesso em: 17 maio 2016.

SWEIG, Julia E. **Can Brazil Have It All in South America?** Folha de São Paulo, São Paulo, 4 jul. 2012.

WILSON CENTER

ARNSON, Cynthia. **Regional Security, Not Iran, a primary focus in South America**. Wilson Center, US News, 17 abri. 2012.

DE BOLE, Monica. **Brazil-US Relations: Common Ideas, Little Dialogue**. **Huffingtonpost**, 22 abri. 2015.

DE BOLLE, Monica. 'É um alívio ver o governo empenhado em consertar os erros'. **O Estado de S. Paulo**, 10 abri. 2015.

GREENBLATT, Alan. **Brazil Hopes To Add Oil Wealth To Booming Economy**. **NPR**, 7 set. 2011

GRUDGINGS, Stuart. **New era beckons for U.S.-Latin America ties**. **Reuters**, 13 jul. de 2009.

LINS DA SILVA, Carlos eduardo. **The New Development Bank adds substance to the BRICS**. Wilson Center, Epoca magazine, 21 jul., 2014.

VOZ DE AMÉRICA. OEA entrega conclusiones sobre Cumbre de las Américas. Woodrow Wilson Center for Scholars, Voz de América – Redacción, 24 abri. 2012.

SOTERO, Paulo. Brasil e EUA, de novo nos eixos. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 6 abri. 2015. Disponível em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-e-eua-de-novo-nos-eixos-imp-,1664220>>. Acesso em: 16 jan. 2017.a

SOTERO, Paulo. Brasil e Turquia devem mediar novo acordo. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 28 nov. 2011.

SOTERO, Paulo. Brasil e Turquia devem mediar novo acordo. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 28 nov. 2011.

SOTERO, Paulo. Brazil sees BRIC limitations. Woodrow Wilson Center for Scholars, Global Public Square - CNN.com Blogs, 5 set. 2013. Disponível em: <<https://www.wilsoncenter.org/article/brazil-sees-bric-limitations>>. Acesso em: 24 jan. 2017.a

SOTERO, Paulo. Dilma vai a Washington. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 27 ago. 2013.

SOTERO, Paulo. Diplomacia do encontrão. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 20 mar. 2011.

SOTERO, Paulo. Diplomacia do encontrão. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 20 mar. 2011.

SOTERO, Paulo. Levy na Fazenda ajudará relação com EUA. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 2 dez. 2014.

SOTERO, Paulo. Missão impossível em Moscou. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 18 set. 2013.

SOTERO, Paulo. 'Novo capítulo' entre Brasília e Washington. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 29 jun. 2015.

SOTERO, Paulo. O que é novo e relevante na vinda de Obama. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 19 mar. 2011.

SOTERO, Paulo. Reaproximação com os EUA. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 11 nov. 2014.

SOTERO, Paulo. Recomeço das relações malparadas com os EUA. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 19 mar. 2014.

SOTERO, Paulo. Se for só adiamento, Dilma poderá faturar duas vezes. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 18 set. 2013.

SOTERO, Paulo. The Brazilian President's Uncertain Future Clouds Progress With America. The World Post, 10 jul. 2015.

SOTERO, Paulo. Um novo contexto na relação Brasil-EUA. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 30 dez. 2014.

SOTERO, Paulo. Visita é chance de País ser proativo na área ambiental, avaliam EUA. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 30 jun. 2015.

SOTERO, Paulo. Visita é chance de País ser proativo na área ambiental, avaliam EUA. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 30 jun. 2015.

APENDICE III - LISTA DE DOCUMENTOS COM PÚBLICAÇÃO NA *FOREIGN AFFAIRS E FOREIGN POLICY*

FOREIGN POLICY

HAKIM, Peter. Is Washington Losing Latin America? **Council on Foreign Relations, Foreign Affairs, jan/fev. 2006. Disponível em**

ONIS, Juan de. **Brazil's Big Moment A South American Giant Wakes Up.** Council on Foreign Relations, Foreign Affairs, nov./dez., 2008, A Folha de São Paulo, Acesso em: 16 maio 2016.

SABATINI, Christopher Sabatini. **Rethinking Latin America: Foreign Policy Is More Than Development.** Council on Foreign Relations, Foreign Affairs, mar/ abril de 2012.

SHARMA, Ruchier. **Broken BRICs: Why the Rest Stopped Rising** Council on Foreign Relations, Foreign Affairs, nov./ dez. 2012.

SWEIG, Julia. **A New Global Player** Council on Foreign Relations, Foreign Affairs, nov./dez. 2010.

CASTANHEDA, Jorge. **Latin America's Left Turn** . Council on Foreign Relations, Foreign Affairs, maio/ jun. 2006.

ONIS, Juan de. **Brazil's Big Moment A South American Giant Wakes Up.** Foreign Affairs, Washington, DC,

SABATINI, Christopher Sabatini. **Rethinking Latin America: Foreign Policy Is More Than Development.** Foreign Affairs, Washington, DC, mar/ abril de 2012.

SHARMA, Ruchier. **Broken BRICs: Why the Rest Stopped Rising.** Foreign Affairs, Washington, DC, nov./ dez. 2012.

FOREIGN POLICY

BARONE, Michael. **Back to the Future: Obama's Foreign Policy.** American Enterprise Institute, Washington Examiner, 20 abri. 2009.

CÁRDENAS, Mauricio. **President Obama's Latin American Visit is Important for Long Term U.S. Interests.** Brookings Institution, Foreign Policy, 17 mar. 2011.

SHAIKHP, Salman. **Libya's Test of the New International Order.** Brookings Institution, Foreign Policy, 26 fev. 2011.

ROTHKOPF, David. **Brazil's New Swagger.** Washington, DC, 28 fev. 2012. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/2012/02/28/brazil-s-new-swagger-pub-47362>>. Acesso em: 14 mar. 2016.